



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DOUTORADO EM GEOGRAFIA**

Thalyta de Cássia da Silva Feitosa Musskoff

**A FESTA DO CRISTO NEGRO COMO POTENCIAL DE PRESERVAÇÃO DO
FORTE DE SAN JERÓNIMO EM PORTOBELLO, PANAMÁ**

BRASÍLIA - DF

2023

THALYTA DE CÁSSIA DA SILVA FEITOSA MUSSKOFF

**A FESTA DO CRISTO NEGRO COMO POTENCIAL DE PRESERVAÇÃO DO
FORTE DE SAN JERÓNIMO EM PORTOBELO, PANAMÁ**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília (UnB), Campus Universitário Darcy Ribeiro, como requisito para obtenção do título de Doutora em Geografia.

Linha de pesquisa: Produção do Espaço Urbano, Rural e Regional

Orientadora: Dra. Marília Luiza Peluso

BRASÍLIA - DF

2023

THALYTA DE CÁSSIA DA SILVA FEITOSA MUSSKOFF

**A FESTA DO CRISTO NEGRO COMO POTENCIAL DE PRESERVAÇÃO DO
FORTE DE SAN JERÓNIMO EM PORTOBELO, PANAMÁ**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília (UnB), como requisito para obtenção do título de Doutora em Geografia.

Banca examinadora:

Profª. Dra. Marília Luiza Peluso (Orientadora)
Universidade de Brasília (UnB)

Profª. Dra. Rosane Balsan (Examinadora externa)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Profª. Dra. Regina de Souza Maniçoba (Examinadora externa)
Centro Universitário de Brasília (UniCEUB)

Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho (Examinador interno)
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr. Rafael Sanzio Araújo dos Anjos (Examinador interno)
Universidade de Brasília (UnB)

Brasília, 03 de outubro de 2023

Dedico o resultado deste trabalho aos moradores da cidade de Portobelo, Panamá, que generosamente abriram suas portas e corações para me acolher durante a pesquisa de campo, e a todos aqueles que me apoiaram e me ajudaram a chegar até aqui, em particular, minha família que ocupou um papel fundamental nessa trajetória, oferecendo um apoio incansável.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me permitido chegar até este momento, e por sempre me mostrar que ao longo desta jornada eu não estava sozinha. Agradeço por me mostrar que persistência e fé são elementos fundamentais para conquistar o objetivo almejado.

À minha orientadora, Dra. Marília Luiza Peluso que em meio à Pandemia da COVID-19, neste período de dificuldade, aceitou me orientar. Obrigada pela orientação, dedicação, experiência, paciência e comprometimento para com este trabalho e por me ajudar a encontrar caminho em momentos de indecisão.

Ao professor Dr. Everaldo Batista Costa pela orientação inicial deste trabalho e palavras que marcaram minha jornada no doutorado. Lembro-me vividamente do momento que você disse: “Thalyta, agora você vai estudar outro Porto, que não é o Nacional, é um Belo”. Essa frase não apenas despertou minha curiosidade, mas também se tornou um norte constante ao longo desta jornada.

Aos secretários do Programa de Pós-Graduação em Geografia (POSGEA/UnB), Jorge e Agnelo, pelo profissionalismo demonstrado às questões pertinentes ao doutorado (matrícula, prazos e outros assuntos correlatos).

Aos companheiros de luta que compartilharam a jornada acadêmica comigo, Maria Jozeane Nogueira e Roosevelt Moldes, pela amizade que cultivamos e solidificamos ao longo do período de doutorado. Nossas inúmeras trocas de ideias sobre nossas pesquisas e a presença constante nos momentos de desafios foram essenciais durante essa jornada.

À professora Rosane Balsan, por ter sido uma fonte de inspiração e apoio ao me incentivar a seguir a carreira acadêmica. Suas palavras ao longo deste percurso, que se iniciou na graduação, desempenharam um papel fundamental na minha decisão de seguir este caminho.

À Cecília por toda ajuda e apoio que me proporcionou ao longo das nossas sessões de terapia. Sua orientação e profissionalismo foram fundamentais durante essa jornada para eu superar desafios, crescer pessoalmente e encontrar clareza em momentos de incerteza.

As professoras Maria Adamés, Olga, Vielka e Yasmin da Universidade do Panamá, pela receptividade durante a minha estadia no Panamá durante visita de campo no ano de 2019. Agradeço imensamente por não apenas me proporcionar uma estadia acolhedora, mas também por compartilhar seu tempo para me mostrar os encantos do Panamá. Obrigada pela disposição em compartilhar suas culturas e conhecimentos que fizeram da minha estadia uma experiência enriquecedora.

Ao Rodolfo Suñé, arquiteto do Patronato Portobelo e San Lorenzo, pela disposição em compartilhar seu conhecimento sobre Portobelo.

Ao Abel Díaz, funcionário do Centro de Interpretación y Facilidades Turísticas de Portobelo (CEFATI), pelas informações compartilhadas e sua disposição em me guiar em alguns momentos durante minha visita de campo a cidade de Portobelo.

Ao Daniel, estagiário da Casa de Cultura Congo, pelo auxílio na coleta de dados durante a festa do Cristo Negro, bem como nas entrevistas com os moradores da cidade de Portobelo.

Ao meu esposo, Alex Musskoff, pela parceria constante, pelo cuidado, amor, compreensão, companheirismo e, principalmente, pelas trocas construtivas e encorajadoras nos momentos desafiadores deste percurso. Você faz parte desse sonho!

Aos meus pais, Jaquelina da Silva Feitosa e José Alves Feitosa, pelo cuidado, paciência, encorajamento, compreensão e apoio incansável em cada etapa desafiadora dessa jornada. Mãe, Pai, vocês sempre foram a força motriz por trás dessa conquista.

Aos meus irmãos, Thaynan Feitosa e Thayane Feitosa, pelas conversas compartilhadas e gestos de incentivo que contribuíram significativamente para que eu pudesse alcançar este marco importante na minha vida acadêmica. Aos meus cunhados, Eliane Belém, Aiander Barros, Anna Júlia Musskoff e Rafael Musskoff, pelos momentos de escuta, palavras de encorajamento e gestos de carinho durante essa jornada. Aos meus sogros, Sueli Musskoff e André Musskoff pelas palavras de apoio.

Ao meu primo Juarez Mesquita, pelas conversas enriquecedoras que tivemos ao longo deste percurso. As leituras, críticas e discussões foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

À minha avó, Maria Rosa, pelo apoio incondicional e as comemorações a cada etapa vencida dessa jornada.

As minhas amigas Roberta Dias e Débora Freitas que mesmo nos momentos de descontração se mostravam preocupadas e perguntavam sobre o desenvolvimento deste trabalho.

À Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelo período de bolsa concedido, mesmo que breve, para o desenvolvimento desta pesquisa.

À cidade de Portobelo, por ter sido o cenário de uma das fases mais significativas da minha jornada acadêmica, o doutorado.

Hinno a Jesus Nazareno

*Cristo del gran dolor,
oye a este tu Pueblo que te suplica gracia y perdón.
Cristo el Nazareno, Cristo el Salvador,
mira a estos tus hijos que te consagran todo su amor.*

*Nuestro Padre Jesus Nazareno.
Tú que llevas a cuesta tu gran cruz,
vem y ayúdamos a llevar la nuestra
y hallaremos consuelo, paz y luz.*

*Que tu llanto enjague nuestras lágrimas,
que lloramos por ser pecadores,
las espinhas que hieren tu frente
nuestro amor las trocará en bellas flores.*

*Jesus Nazareno, el portobeleño,
protege a esta plaza amurallada
y a todos los fieles peregrinos,
para que su fe se vea aumentada.*

*Estos descendientes de los esclavos,
liberados de los mercedarios,
curados por los hermanos de Juan de Dios,
te defienden de tus adversários.*

Tomás L. Pujadas

RESUMO

O tema desta pesquisa é a festa do Cristo Negro como potencial de preservação do forte de San Jerónimo, declarado patrimônio mundial, na cidade de Portobelo, localizada na Província de Colón, Panamá. Tal escolha se dá pela necessidade de se pensar a preservação não apenas por medidas institucionais, mas também pela inclusão do sujeito em atividades que possam cooperar com a proteção dos bens culturais. Nesse contexto, a pesquisa propôs uma ação metodológica que visa integrar a festa do Cristo Negro ao patrimônio mundial em risco na cidade de Portobelo através de uma *conexão territorial afetiva*, reconhecendo o papel central do sujeito como o real responsável pelo poder da mudança, trazendo a si a responsabilidade de lutar pela preservação e conservação dos bens culturais. Assim, este trabalho teve como objetivo principal analisar a dinâmica territorial produzida pela festa do Cristo Negro para verificar seu potencial formulador de práxis popular na preservação do forte de San Jerónimo, patrimônio mundial declarado em perigo pela Unesco em Portobelo. A base teórica-metodológica que serviu de alicerce para a elaboração da proposta e desenvolvimento deste estudo foram os trabalhos desenvolvidos por Costa, especificamente nos anos de 2011, 2017 e 2018. Desta forma, a pesquisa foi realizada através da abordagem qualitativa utilizando-se como técnicas de pesquisa: a bibliográfica, documental e de campo. A pesquisa *in loco* para coleta de dados, foi executada entre os dias 19 e 31 de outubro de 2019, onde utilizamos de técnicas/instrumentos como: observação sistemática, diário de campo, entrevistas com os agentes públicos e privados responsáveis pela preservação do forte, moradores da cidade, organizadores da festa e professores das instituições de ensino da cidade, questionários e história oral. Os resultados mostram que o sujeito, quando conscientizado, desperta a necessidade particular de proteger os lugares de afetividade, porque ali jaz a história de seus ancestrais, uma representação da ligação entre o passado e o presente. A conscientização da sociedade sobre sua força de mudança desencadeia a ação de agir em prol da preservação patrimonial, fortalecendo assim sua identidade espacial, um elo compartilhado entre as raízes de sua origem, a manutenção do agora e a permanência do futuro.

Palavras-chave: Patrimônio Mundial em Perigo; preservação; conscientização; festa do Cristo Negro; forte de San Jerónimo.

ABSTRACT

The theme of this research is the potential of the Black Christ festival to preserve the San Jerónimo Fort, a World Heritage Site located in the city of Portobelo, in the province of Colón, Panama. This choice is based on the need to consider preservation not only through institutional measures, but also through the inclusion of the subject in activities that can cooperate with the protection of cultural assets. In this context, the research proposed a methodological action that aims to integrate the Black Christ festival into the world heritage site at risk in the city of Portobelo through an affective territorial connection, recognizing the central role of the subject as the real responsible for the power of change, bringing to themselves the responsibility to fight for the preservation and conservation of cultural assets. Thus, the main objective of this work was to analyze the territorial dynamics produced by the Black Christ festival to verify its potential to formulate popular practice in the preservation of the San Jerónimo Fort, a World Heritage Site declared at risk by Unesco in Portobelo. The theoretical-methodological basis that served as the foundation for the elaboration of the proposal and development of this study were the works developed by Costa, specifically in the years 2011, 2017 and 2018. In this way, the research was carried out through a qualitative approach using the following research techniques: bibliographic, documentary and field. The field research for data collection was carried out between October 19 and 31, 2019, where we used techniques/instruments such as: systematic observation, field diary, interviews with public and private agents responsible for the preservation of the fort, residents of the city, organizers of the festival and teachers of the city's educational institutions, questionnaires and oral history. The results show that the subject, when aware, awakens the particular need to protect places of affectivity, because there lies the history of their ancestors, a representation of the link between the past and the present. The awareness of society about its power of change triggers the action of acting in favor of heritage preservation, thus strengthening its spatial identity, a shared link between the roots of its origin, the maintenance of the now and the permanence of the future.

Keywords: World Heritage in Danger; Preservation; Awareness; Black Christ festival; San Jerónimo fort.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Conceitos principais para fundamentação da pesquisa.....	29
Figura 2. Planta de Portobelo e aspectos naturais (relevo e hidrografia).....	46
Figura 3. Aduana.....	48
Figura 4. Igreja de San Felipe de Portobelo.....	49
Figura 5. Planta da baía de Portobelo no ano de 1779.....	50
Figura 6. A cidade de Portobelo atualmente (2022).....	51
Figura 7. A cidade entre o mar do Caribe e morros.....	54
Figura 8. Deslizamento de encosta, Portobelo (2010).....	55
Figura 9. Local onde ocorreu o deslizamento na cidade de Portobelo em 2010, atualmente.....	56
Figura 10. Plano da bateria de San Jerónimo na cidade de Portobelo, 1760.....	57
Figura 11. Forte de San Jerónimo.....	58
Figura 12. Imagem aérea da cidade de Portobelo.....	66
Figura 13. Parte da água da Baía de Portobelo contaminada.....	71
Figura 14. Casas com encanação improvisada.....	73
Figura 15. Mercaria em bairro periférico na cidade de Portobelo, Panamá.....	75
Figura 16. Esquema/resumo sobre o procedimento metodológico da pesquisa.....	85
Figura 17. Ocupações habitacionais nas margens do Corredor Norte, Cidade do Panamá.....	89
Figura 18. Terminal Nacional de Transporte da Cidade do Panamá.....	89
Figura 19. Diablo rojo.....	90
Figura 20. Casas construídas próximas as encostas na cidade de Portobelo.....	91
Figura 21. Barracas com venda de artigos religiosos.....	92
Figura 22. Banheiros químicos instalados na entrada do forte de San Jerónimo.....	94
Figura 23. Banheiros químicos e a utilização da entrada do forte de Santiago como estacionamento.....	96
Figura 24. Forte de Santiago e o processo de deterioração pelo clima e uso turístico.....	97
Figura 25. Senhora chegando na Igreja de joelhos.....	98
Figura 26. A fé por “El Nazareno”.....	98
Figura 27. Igreja de San Felipe no momento da festa do Cristo Negro.....	101
Figura 28. Lixo gerado durante a festa.....	103
Figura 29. A imagem do Cristo Negro um dia após a festa.....	104
Figura 30. Caminho de acesso ao sítio arqueológico.....	106
Figura 31. Estruturas de uma fortificação não concretizada no período colonial.....	107

Figura 32. Casas construídas próximo ao sítio arqueológico.....	107
Figura 33. Alunos do Centro Educacional de Torti visitando o forte de San Jerónimo.....	110
Figura 34. Alunos em cima das paredes do forte de San Jerónimo.....	111
Figura 35. Prédio da Antiga Aduana da cidade de Portobelo.....	114
Figura 36. Peças expostas no Museu do Cristo Negro.....	115
Figura 37. Turma de alunos da Universidade do Panamá visitando o forte de San Jerónimo..	116
Figura 38. Mapeamento manual do uso e ocupação do solo em torno da fortificação.....	118
Figura 39. Presença de visitantes no forte de San Jerónimo.....	119
Figura 40. Estrutura montada na parede da fortificação.....	120
Figura 41. Estacionamento subterrâneo no Casco Antiguo, Panamá.....	126
Figura 42. Paisagem vista de uma das ruas do centro histórico. Contraste entre o “velho” e o “novo”.....	127
Figura 43. Distribuição dos bens inseridos na Lista do Patrimônio Mundial.....	139
Figura 44. Imagem do Cristo Negro.....	158
Figura 45. Detalhes da túnica que veste a Imagem do Cristo Negro.....	158
Figura 46. Base de madeira sendo preparada para apoiar a imagem do Cristo Negro.....	159
Figura 47. Imagem do Cristo Negro posicionada para o dia da festa com a vestimenta de cor vinho.....	160
Figura 48. Programação da festa do Cristo Negro, 2019.....	161
Figura 49. Peregrino seguindo para a cidade de Portobelo.....	163
Figura 50. Peregrinos a caminho da cidade de Portobelo para participação da festa do Cristo Negro.....	164
Figura 51. Serviços de apoio aos peregrinos as margens da estrada.....	164
Figura 54. Acampamento próximo a Igreja de San Felipe.....	166
Figura 55. Peregrinos chegando no início e ao final da procissão.....	167
Figura 56. A saída de Cristo (A Procissão).....	167
Figura 57. Fiéis seguindo a Procissão.....	168
Figura 58. Percurso da Procissão.....	169
Figura 59. Igreja lotada de fiéis aguardando a Missa Afro.....	170
Figura 60. Mulheres do Coral usando vestidos coloridos que representam a mulher escrava no período colonial.....	171
Figura 61. Mesa de com frutas e elementos típicos da cidade.....	171
Figura 62. Entrada dos Padres acompanhados de fiéis dançando ao som de cânticos e tambores, característicos da cultura afro.....	172

Figura 63. Formação de lodo na estrutura da Fortificação.....	182
Figura 64. Canal passando ao lado do forte de San Jerónimo.....	184
Figura 65. Casas construídas nas mediações do forte de San Jerónimo.....	185
Figura 66. Imagem aérea da cidade de Portobelo, ano 1923.....	185
Figura 67. Imagem aérea da cidade de Portobelo, ano 2019.....	185
Figura 68. limites do forte de San Jerónimo.....	189
Figura 69. Lixo jogado pelos visitantes e/ou turistas no forte de San Jerónimo.....	219
Figura 70. Embalagens deixadas no forte de San Jerónimo no dia da festa do Cristo Negro...	220
Figura 71. Fluxo intenso de pessoas que participam da festa do Cristo Negro e visitam o forte.....	227
Figura 72. Movimentação de pessoas no final da tarde, poucas horas antes do momento mais aguardado da festividade (A Procissão).....	228
Figura 73. Conexão entre o forte de San Jerónimo, participante e festa do Cristo Negro.....	229
Figura 74. Atores sociais envolvidos na ativação do potencial de preservação da festa do Cristo Negro.....	232

LISTA DE MAPAS

Mapa 1. Localização da cidade de Portobelo, Panamá.....	24
Mapa 2. Temporada chuvosa e seca, República do Panamá, ano 2020.....	52
Mapa 3. Tipos de clima, segundo McKay, ano 2000.....	53
Mapa 4. Divisão Político-Administrativa da República do Panamá, por Província, Comarca Indígena e Distrito.....	63
Mapa 5. Corregimentos que fazem divisa com a cidade de Portobelo.....	65
Mapa 6. Conjunto Monumental Histórico da cidade de Portobelo, Panamá.....	132

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Síntese das seções que compõe a tese.....	28
Quadro 2. Evolução histórica do conceito de patrimônio.....	32
Quadro 3. Períodos históricos da República do Panamá.....	39
Quadro 4. Principais ataques a Portobelo.....	44
Quadro 5. Roteiro de Campo.....	86
Quadro 6. Fatores com seus respectivos motivos que contribuem e/ou podem contribuir com a deterioração do forte de San Jerónimo.....	117
Quadro 7. Órgãos Consultivos do Comitê do Patrimônio Mundial.....	135

Quadro 8. Critérios estabelecidos pela Unesco para inclusão dos bens culturais na Lista do Patrimônio Mundial.....	136
Quadro 9. Bens inscritos na Lista do Patrimônio Mundial por região geográfica pela Unesco (2009).....	138
Quadro 10. Bens inscritos na Lista do Patrimônio Mundial por região geográfica pela Unesco (2023).....	138
Quadro 11. Critérios para inscrição de bens na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo.....	142
Quadro 12. Requisitos para retirada das Fortificações do lado caribenho do Panamá: Portobelo e San Lorenzo da Lista do Patrimônio Mundial em Perigo.....	147
Quadro 13: Medidas corretivas propostas pelo Comitê para retirada das fortificações do lado caribenho do Panamá da Lista do Patrimônio Mundial em Perigo.....	147
Quadro 14. Objetivos do Patronato Portobelo e San Lorenzo.....	175
Quadro 15. Fotografias do forte de San Jerónimo entre os anos de 1911-1913, 1934, 1950-1954 e 1970.....	177
Quadro 16. Fatores que afetaram o estado de conservação das fortificações do lado caribenho entre 1993-2021.....	179
Quadro 17. Fatores com seus respectivos motivos que contribuem e/ou podem contribuir com a deterioração do forte de San Jerónimo.....	181
Quadro 18. Usos, atividades, restrições e aspectos técnicos das construções na zona de patrimônio monumental histórico de Portobelo e San Lorenzo.....	187
Quadro 19: Alternativas apresentadas pelo Moviot para o reassentamento para a população que reside no Complexo Histórico Monumental de Portobelo.....	188
Quadro 20. Objetivos do projeto de intervenção do forte de San Jerónimo.....	198
Quadro 21. Significado da festa do Cristo Negro para os participantes que residem da cidade de Portobelo.....	212
Quadro 22. Percepção dos participantes da festa do Cristo Negro sobre a importância do forte de San Jerónimo para a população da cidade de Portobelo.....	217
Quadro 23. Significado do forte de San Jerónimo para os participantes da festa do Cristo Negro na cidade do Panamá.....	221
Quadro 24. Ações realizadas pelos participantes da festa para preservar o forte de San Jerónimo.....	224

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. População da República do Panamá, por Província e Comarca Indígena: Censo de 2010.....	64
Tabela 2. Superfície, população e densidade da população do corregimento de Portobelo, Panamá: Censo de 2010.....	65
Tabela 3. População Afrodescendente no Distrito de Portobelo: Censo de 2010.....	67
Tabela 4. População Afrodescendente no corregimento de Portobelo, por grupos de autoidentificação: Censo de 2010.....	68
Tabela 5. Grupos indígenas na cidade de Portobelo, Panamá: Censo de 2010.....	68
Tabela 6. Religião da população da República do Panamá.....	69
Tabela 7. Algumas características importantes das casas particulares ocupadas dos Corregimentos do Distrito de Portobelo: Censo de 2010.....	69
Tabela 8. Formas de abastecimento de água na cidade de Portobelo: Censo de 2010.....	71
Tabela 9. Perfil da população com 10 anos ou mais: Censo de 2010.....	73
Tabela 10. Nível de escolaridade da população da cidade de Portobelo, Panamá: Censo de 2010.....	75
Tabela 11. População de 10 anos ou mais empregada no corregimento de Portobelo, segundo atividade econômica: Censo de 2010.....	76
Tabela 12. Renda da população do corregimento de Portobelo: Censo de 2010.....	77
Tabela 13. Produto Interno Bruto na República do Panamá, segundo Província: anos 2014-2017.....	78
Tabela 14. Composição do percentual anual do PIB na Província de Colón, segundo categoria de atividade econômica: anos 2014-2017.....	79

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Lista do Patrimônio Mundial em Perigo, ano 2009.....	145
Gráfico 2: Lista do Patrimônio Mundial em Perigo, ano 2023.....	145
Gráfico 3. Opinião dos participantes sobre a festa do Cristo Negro ser ou não símbolo da história e memória da cidade de Portobelo.....	213
Gráfico 4. Participantes que costumam visitar o forte de San Jerónimo no momento da festa do Cristo Negro.....	217
Gráfico 5. Participantes que tem conhecimento sobre o forte de San Jerónimo ser considerado Patrimônio Mundial pela Unesco.....	222

Gráfico 6. Participantes que tem conhecimento do forte de San Jerónimo estar inserido desde o ano de 2012 na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo pela Unesco.....	223
Gráfico 7. Você considera o forte de San Jerónimo um símbolo da história e memória da cidade de Portobelo.....	225
Gráfico 8. Viabilidade de fazer uma conexão prática entre a festa do Cristo Negro e o forte de San Jerónimo.....	231

LISTA DE SIGLAS

BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
CEFATI	Centro de Interpretación y Facilidades Turísticas
DNPH	Direção Nacional do Patrimônio Histórico
ICCROM	Centro Internacional para Estudo da Preservação e Restauro de Bens Culturais
ICOMOS	Conselho Internacional de Monumentos e Sítios
IDAAN	Instituto de Acueductos y Alcantarillados Nacionales
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IMHPA	Instituto de Meteorología e Hidrología de Panamá
INAC	Instituto Nacional de Cultura
INEC	Instituto Nacional de Estadística y Censo
MEDUCA	Ministério da Educação
ONG	Organização Não Governamental
PIB	Produto Interno Bruto
UICN	União Internacional para Conservação da Natureza
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
SEÇÃO 1. ENTRELAÇANDO OS CONCEITOS DA TESE.....	29
SEÇÃO 2. A GÊNESE DO PATRIMÔNIO E O CONTEXTO GEO-HISTÓRICO DA REPÚBLICA DO PANAMÁ E DA CIDADE DE PORTOBELLO.....	38
2.1. A República do Panamá: da colonização à independência e a construção do Canal....	38
2.2. Já foi um <i>porto</i> e hoje é <i>belo</i>: a história de Portobello.....	43
2.2.1. Aspectos do Clima.....	51
2.2.2. Aspectos do Relevo.....	54
2.3. A origem das fortificações do lado caribenho do Panamá: o forte de San Jerónimo....	56
2.4. El Nazareno: “O Cristo Negro”.....	59
2.5. Caracterização socioeconômica da cidade de Portobello.....	62
SEÇÃO 3. METODOLOGIA: ABORDAGENS, PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DE DADOS.....	81
3.1. Procedimentos metodológicos.....	81
3.2. Sistematização da Pesquisa de Campo.....	86
3.3. Diário de Campo.....	88
SEÇÃO 4. A PATRIMONIALIZAÇÃO NA CIDADE DE PORTOBELLO: DO LOCAL AO GLOBAL.....	129
4.1. O processo de patrimonialização local na cidade de Portobello.....	129
4.2. A patrimonialização global na cidade de Portobello.....	133
4.2.1. A inserção do forte de San Jerónimo na lista do patrimônio mundial.....	140
4.2.2. A inserção do forte de San Jerónimo na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo.....	143
4.3. A patrimonialização <i>versus</i> a atual conjuntura de Portobello.....	150
SEÇÃO 5. A FESTA DO CRISTO NEGRO NA CIDADE DE PORTOBELLO: UMA PRÁTICA SOCIOCULTURAL.....	154
5.1. O território simbólico da festa do Cristo Negro.....	154

5.2. Organização da festa do Cristo Negro.....	155
5.3. Caracterização da festa do Cristo Negro.....	161
5.3.1. Os peregrinos.....	161
5.3.1. A procissão.....	167
5.4. A Missa Afro.....	170

SEÇÃO 6. POLÍTICAS E PROJETOS DE PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL EM PORTOBELO.....173

6.1. As instituições públicas e privadas responsáveis pela preservação do patrimônio na cidade de Portobelo.....	173
6.1.1. Ministério da Cultura, antigo Instituto Nacional de Cultura (INAC).....	173
6.1.2. Patronato Portobelo e San Lorenzo.....	174
6.2. O estado de conservação do forte de San Jerónimo.....	176
6.3. Políticas de preservação patrimonial na cidade de Portobelo.....	193
6.3.1. Planos/Projetos de preservação patrimonial do forte de San Jerónimo: existência ou inexistência?.....	196
6.4. O papel das instituições de ensino na preservação do patrimônio da cidade de Portobelo.....	200

SEÇÃO 7. PROPOSTA METODOLÓGICA DE ATIVAÇÃO DO POTENCIAL DE PRESERVAÇÃO DA FESTA DO CRISTO NEGRO.....208

7.1. A representação social da festa do Cristo Negro.....	208
7.2. O forte de San Jerónimo: potencial geossímbolo.....	213
7.3. A percepção dos participantes da festa do Cristo Negro sobre o forte de San Jerónimo.....	215
7.4. <i>Conexão territorial afetiva</i> entre a festa do Cristo Negro e o forte de San Jerónimo.....	226
7.5. Metodologia geográfica de ativação do potencial de preservação da festa do Cristo Negro através de uma <i>conexão territorial afetiva</i> com o forte de San Jerónimo.....	231

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....236

REFERÊNCIAS.....240

ANEXOS.....248

Anexo A - Ilustração da capa.....	248
APÊNDICE.....	249
Apêndice A - Roteiro de entrevista com os agentes públicos responsáveis pela manutenção e preservação do forte de San Jerónimo.....	249
Apêndice B - Roteiro de entrevista com os moradores da cidade de Portobelo, Panamá.....	250
Apêndice C - Roteiro de entrevista com os organizadores da festa do Cristo Negro da cidade de Portobelo, Panamá.....	252
Apêndice D - Roteiro de entrevista com as instituições de ensino da cidade de Portobelo, Panamá.....	253
Apêndice E - Questionário aplicado aos participantes da festa do Cristo Negro em Portobelo, Panamá.....	254
Apêndice F - Termo de autorização para utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa.....	256

INTRODUÇÃO

O processo civilizatório europeu traduziu-se em um conjunto de ações expansionistas com vistas à exploração e dominação histórico-social europeia perante os lugares colonizados, trazendo consigo uma onda de desconstrução sociocultural, conceitual e de empobrecimento aos povos colonizados (Ribeiro, 1983).

Embora a essência dos povos de diferentes lugares colonizados tenha suas especificidades, as ações voltadas ao processo supramencionado eram feitas sob o mesmo escopo na América Latina: glorificar-se ao mesmo tempo em que os subjuga. Desta forma, os europeus conseguiram plantar, nos povos originários, uma suposta relação de dependência, na medida em que aqueles eram inferiorizados.

Neste sentido, a lógica eurocêntrica imposta sob a América Latina desde o período dito como “descoberta” fez com que a cultura europeia fosse vista como modelo ideal de civilização evidenciado ainda hoje em nossa sociedade. O modelo eurocêntrico exime a culpa do colonizador perante os povos subjugados e desvia o foco, limitando a sociedade e padronizando o pensamento, o que resulta na minimização das soluções e na maximização do impacto dos problemas socioculturais.

Exemplo do que foi exposto é o atual “processo de universalização dos lugares” consagrados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como Patrimônio da Humanidade, definido por Costa (2011; 2014; 2015) como *patrimonialização global*, assinalado pelo autor como:

[...] sendo o brusco movimento universal de espetacularização e banalização pela cenarização progressiva dos lugares promovido pela dialética Estado-mercado sobre a base das técnicas, da ciência e da informação; em síntese, é um processo de ressignificação dos lugares da cultura e da natureza em escala planetária (Costa, 2015, p.35)

Para o autor, este processo é de total interesse de agentes dominantes do mercado global que, por intermédio do poderio do Estado e das instituições de preservação e conservação patrimonial global, especialmente a Unesco, ressignifica os bens patrimonializados com pauta sobre a preservação e conservação (Costa, 2015). Entretanto o que está por trás deste intermédio é a constante valorização e alegorização com foco no embelezamento turístico, contrapondo o real objetivo, submetendo a lógica do capital e priorizando a ideia mercantil da concessão em prol do interesse financeiro dos agentes globais capitalistas.

Desta forma, Costa (2016, p.12) afirma que o processo de *patrimonialização global* “traz resquícios da colonialidade do poder e do saber, ao criar, no lugar, grupos que se impõem a outros, mal agregando comunidades heterogêneas para uma ordem espacial duradoura e por fazer uma dimensão de totalidade eurocêntrica”. Assim, para o autor, a integração dos bens culturais latinos ao contexto eurocêntrico encobre a sua real importância, que devem ser apresentados com uma dimensão totalizadora que, ao invés de negar, amplifica o acervo periférico (cultura e memória) e traz à tona o resultado da implicação eurocêntrica inserida na sociedade, que objetifica o patrimônio como produto mercadológico de interesse capitalista:

Na dimensão da modernidade e da colonialidade, a América Latina obscureceu-se enquanto totalidade concreta, dada a concepção eurocêntrico-parcial de totalidade e universalidade [o que se operou por meio da negação política, do apagamento simbólico e da reclusão econômico-territorial de indígenas e negros]. Totalidade envolve a dimensão de todas as relações possíveis de serem apreendidas e que estão para além de qualquer fato dado e isolado (Costa, 2016, p.21).

Neste sentido, procuramos construir na tese uma visão totalizada sobre os bens culturais latinos, que envolva não só o patrimônio institucionalizado (forte de San Jerónimo), mas também a cultura e memória não declarada (festa do Cristo Negro), atrelada ao que Costa (2016) chama de *preservação sinérgica do patrimônio*.

Assim, o tema dessa pesquisa é a festa do Cristo Negro como potencial de preservação do forte de San Jerónimo, declarado patrimônio mundial, na cidade de Portobelo, localizada na Província de Cólón, Panamá (Mapa 1).

A escolha pela temática em questão se dá pela necessidade de se pensar a preservação dos bens não só através de sua institucionalização, mas também com a centralização do sujeito, inserindo a esse processo ações participativas que envolvam a comunidade. Assim, a festa do Cristo Negro entra como elemento fundamental para se pensar essas ações, pois, além de pertencer ao mesmo território e despertar um sentimento de pertencimento nos participantes, por meio dela é possível pensar ações que despertem o interesse por cuidar e por preservar o patrimônio.

Ressalta-se que a cultura e a religião em Portobelo são marcas que representam o povo local, levando em consideração a importância da festa do Cristo Negro para todo o país e a história que o cerca, assim como a imagem do forte de San Jerónimo, que, apesar do tempo e de toda a influência humana, ainda se destaca com imponência em meio às construções locais. No entanto, todas essas marcas históricas só existem por direta influência da cultura europeia

que, de certa forma, foi aglutinada aos costumes dos povos originários daquela terra, seja de forma forçada ou mesmo até por aceitação.

Faz parte da história de origem da nação panamenha e de vários outros povos latinos a sina da exploração vinda de outro continente, mas isso não descredibiliza o que foi construído durante os séculos subsequentes. Por mais que pareça contraditório o cristianismo, religião de origem europeia, ser o berço do que é visto em Portobelo, a representação da imagem de Cristo reflete ainda mais a resistência do povo local perante seus exploradores em contraste com as ruínas do forte de San Jerónimo, que há muito fora construído por mãos escravas, mas hoje representa um passado de luta e ressignificação do que antes era a guerra, representando a liberdade atualmente.

Neste sentido, escolhemos como recorte espacial a cidade de Portobelo, que, segundo Newbill (2016), tem sua população formada principalmente por afrodescendentes, resultante da presença de africanos no século XVI, especificamente no ano de 1510, advindos do comércio de escravos na rota transatlântica, que, anos mais tarde, foram libertos pelos colonos espanhóis.

No que diz respeito às manifestações populares consideradas tradições e referência cultural na cidade de Portobelo, destaca-se a festa do Cristo Negro, que possui uma vasta dimensão cultural que resiste no tempo e no espaço, mesmo com as tensões do mundo contemporâneo e a constante ameaça colonial, que foi enraizada na sociedade.

Relacionadas às questões identitárias, conectadas ao ser, viver e ao pertencer, as festas são elementos presentes na vida social e cultural de uma sociedade, em que os sentimentos e afetos a uma determinada cultura se afloram. De acordo com Almeida (2010), é nelas que são construídas e fortalecidas as relações sociais entre os indivíduos que dela participam e os territórios aos quais estão inseridos, pois é um ato coletivo que, ao mesmo tempo em que ocorre, adquire um significado, um sentimento mútuo.

Ainda, a cidade de Portobelo possui um conjunto de fortificações, declaradas patrimônios mundiais pela Unesco, desde o ano de 1980. No ano de 2012, pela mesma instituição, estas fortificações foram inscritas na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo. Segundo a Unesco (2012), três motivos justificam tal ação: os fatores ambientais, a falta de manutenção e o desenvolvimento urbano incontrolável. O forte de San Jerónimo integra o Conjunto Monumental Histórico da cidade, definido pelo Instituto Nacional de Cultura do Panamá (INAC), instituído pela lei nº. 91 de 22 de dezembro de 1976.

Mapa 1. Localização da cidade de Portobelo, Panamá.



Fonte: Base de dados - OpenStreetMap. Nota: Elaborado pela autora, 2022.

As ruínas do forte de San Jerónimo, próximas a Igreja de San Felipe, que se encontram em um estado de degradação crescente, privadas de ações de melhorias e cuidados técnicos, são um dos pontos diretamente afetados pela herança colonial europeia, que priva de interesse público as marcas históricas da nação.

A pesquisa partiu da proposta assinalada por Costa (2018), em pesquisa de campo realizada para seu estudo sobre “*Riscos y potenciales de preservación patrimonial en América Latina y el Caribe*” onde afirmou ser “[...] urgente a conexão dessa importante festividade com o patrimônio declarado” (Costa, 2018, p.21, tradução nossa).

Tal afirmação parte de sua análise a respeito das práticas eurocêntricas sobre o patrimônio latino-americano, que, em sua visão, contribuem para uma gestão direcionada à racionalidade instrumental, referente ao agir em prol de uma finalidade mercantil, ou seja, lógica na qual as coisas devem possuir uma utilidade para ter importância política, trazendo assim sérios riscos para o utópico patrimônio da humanidade (Costa, 2018). Desta forma, Costa (2018) considera importante a análise dos riscos e dos potenciais de preservação do patrimônio catalogados como *mundial*.

Sobre os riscos ao patrimônio declarado da cidade de Portobelo (forte de San Jerónimo), Costa (2018) identificou como evidentemente elevados: o desenvolvimento de infraestrutura e problemas de propriedade (afetivos, jurídicos e gestão). Em sua análise:

Portobelo[...] congrega, paradójicamente, dos dimensiones de abandono: una causada por la ideología del desarrollo nacional panameño, que le da poca importancia al valor histórico y al potencial de gerención de renta de las fortificaciones del Caribe, cuando la dimensión patrimonial y de la economía nacional se concentra en la Ciudad de Panamá [...] (Costa, 2018, p.19).

A respeito dos potenciais de preservação, aparecem como claramente ativos: o espaço público e as festas populares. Sendo este último (festa do Cristo Negro), em conjunto com patrimônio mundial declarado (forte de San Jerónimo) da cidade de Portobelo, objeto de análise deste trabalho. De acordo com Costa (2018, p.21, tradução nossa):

As festas populares tradicionais locais (sagradas ou profanas), com calendario establecido e que contribuem com os saberes e buscam exaltar a cultura histórica do lugar, seja a nível da cultura popular regional ou do país, constituem na América Latina e no Caribe potencial de preservação relevante.

Conforme o autor, na cidade de Portobelo, destaca-se como potencial de preservação do patrimônio mundial declarado a festa do Cristo Negro, pois “[...] estimulam as maiores peregrinações nacionais favoráveis para mitigação de riscos através de conexões estratégicas afetivas com o território” (Costa, 2018, p.21, tradução nossa).

Desta forma, tem-se o seguinte questionamento: **Como a realização popular da festa do Cristo Negro pode contribuir para a recuperação e preservação das ruínas do forte de San Jerónimo (geossímbolo, patrimônio mundial declarado em perigo pela Unesco)?**

As práticas eurocentradas e o pensamento elitizado, que estão enraizados e encobertos nas políticas atuais de preservação dos bens patrimonializados, negligenciam sua manutenção e afetam os ideais de preservação dos organismos responsáveis, paradoxalmente, substituindo a real importância do lugar pela ideia de alegorização e produto mercantil.

Essa dinâmica deteriora o patrimônio cada vez mais, o que exige entender que as políticas de preservação precisam ser repensadas a partir da centralização dos sujeitos enquanto detentores dos bens pertencentes a sua cultura, história, memória e identidade. Scifoni (2016, p.56), destaca que:

Antes de se tornarem patrimônio oficial, os bens, objetos e práticas culturais fazem parte da vida cotidiana dos moradores dos lugares, estão incorporados ao imaginário, à identidade e à existência social. [...] o patrimônio é, portanto, composto de histórias cotidianas que dão vida e garantem a presença nos lugares.

Neste sentido, a proposta de pesquisa propositiva, ou seja, a ação metodológica para integrar a festa do Cristo Negro ao patrimônio mundial declarado na cidade de Portobelo, Panamá (em risco), justifica-se pela importância e necessidade de reforçar a identidade espacial dos povos latinos, principalmente a preservação e conservação dos bens culturais e a inserção do sujeito enquanto detentor do poder da mudança e da luta pela preservação patrimonial.

É importante considerar que, quando consciente de suas responsabilidades, emergem nesse contexto *sujeitos-patrimônio* ou aqueles que preservam a cultura, a identidade, a memória e as tradições do sítio de pertencimento (Costa, 2016).

Em suma, se existem políticas públicas voltadas à preservação e manutenção do forte, na prática, não estão sendo tomadas ações coletivas de preservação, tampouco de conscientização; é imprescindível que a população tenha ciência da importância de seus marcos passados, assim como é de responsabilidade pública a atitude de realizar projetos e campanhas em prol da proteção daquele meio. Ações conjuntas são necessárias, pois o forte é o resquício de um passado de luta e superação do povo do Panamá.

Deste modo, o trabalho proposto partiu da **hipótese** de que a realização popular da festa do Cristo Negro através da *conexão territorial afetiva*¹ com o patrimônio mundial declarado pela Unesco (ruínas do forte de San Jerónimo) contribui para sua preservação, pois o sujeito local participante da festa, conscientizado e mobilizado, é o principal detentor do poder da mudança das práticas de conservação patrimonial.

A partir da integração entre o sujeito subalternizado e o político, responsáveis pela manutenção do patrimônio, é possível alcançar um ideal de preservação, pois, não só o pensamento de um trabalhará individualmente, mas a união de ideias trará idealizações de melhores maneiras de se manter e garantir que a memória do passado se mantenha preservada aos olhos do coletivo (Costa, 2016).

A conscientização transforma e desencadeia a necessidade de se preservar os lugares aos quais o sujeito sente ligação, pois sua história e memória se mantém viva e a ancestralidade dos povos latinos representados preservada. Uma população ciente de suas origens está mais bem preparada para preservar não só o patrimônio da Unesco em perigo, mas também o patrimônio não declarado e, conseqüentemente, reforçar a sua identidade espacial.

Assim, a pesquisa tem como objetivo principal analisar a dinâmica territorial produzida pela festa do Cristo Negro para verificar seu potencial formulador de práxis popular na preservação do forte de San Jerónimo, patrimônio mundial declarado em perigo pela Unesco em Portobelo. E como objetivos específicos:

- a) Abordar o contexto geo-histórico da República do Panamá, bem como os processos que engendraram a cidade de Portobelo, suas fortificações e a festa do Cristo Negro (gênese do patrimônio);
- b) Compreender os mecanismos da *patrimonialização global*, através da lista do patrimônio mundial e do patrimônio mundial em perigo, e problematizar este processo em Portobelo, Panamá;
- c) Reconhecer o potencial da festa do Cristo Negro como prática sociocultural fortalecedora das relações socioespaciais;
- d) Identificar e problematizar as principais políticas e projetos de preservação patrimonial em vigor em Portobelo;
- e) Propor uma metodologia geográfica de ativação do potencial de preservação da festa do Cristo Negro através de uma *conexão territorial afetiva* com o forte de San Jerónimo.

¹ Segundo Costa (2018, p.17) “[...] as conexões territoriais afetivas levam a conscientização da apropriação e usos do patrimônio como fonte de cidadania para mitigar os danos e manter a vida”.

Deste modo, a tese se encontra estruturada em sete seções, conforme o quadro a seguir (Quadro 1).

Quadro 1. Síntese das seções que compõe a tese

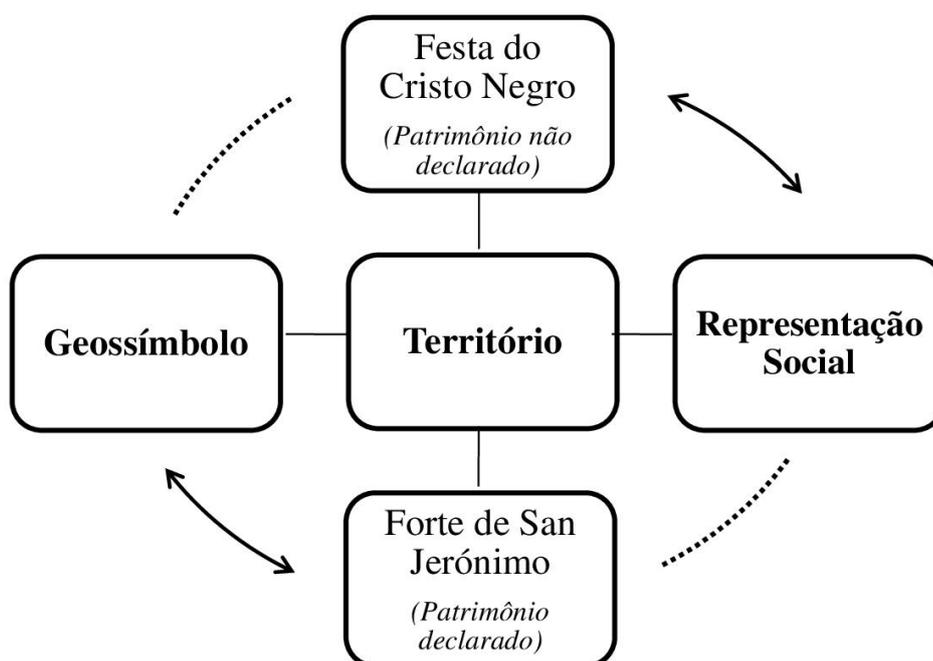
Seção	Breve descrição
1	Refere-se à fundamentação teórica, com ênfase nos conceitos primordiais para a tese, tais como: território, patrimônio, geossímbolo e representação social.
2	Traz uma abordagem geo-histórica sobre a República do Panamá e a cidade de Portobelo, destacando a gênese do patrimônio.
3	Descreve os procedimentos metodológicos, ou seja, as etapas e técnicas que foram fundamentais para garantir o resultado desta pesquisa.
4	Traz a uma compreensão e problematização da patrimonialização a nível local e global na cidade de Portobelo, tendo como aportes teóricos os autores Costa (2010, 2011 e 2015) e Scifoni (2006), ambos como base para a crítica ao processo de patrimonialização contemporânea.
5	Esta seção apresenta a festa do Cristo Negro como prática sociocultural, descrevendo as relações socioespaciais a partir do entendimento da construção do território simbólico, sua organização e características. Além disso, ressalta sua importância na formação da identidade cultural do povo portobelenho.
6	Diz respeito às políticas e projetos de preservação patrimonial em Portobelo, assim, retrata sobre as instituições públicas e privadas responsáveis pela preservação do patrimônio, o estado de conservação do forte de San Jerónimo e as políticas e projetos que visam a preservação patrimonial na cidade.
7	Detalha a proposta metodológica de ativação do potencial de preservação da festa do Cristo Negro através de uma <i>conexão territorial afetiva</i> com o forte de San Jerónimo. Assim, buscamos destacar a representação social da festa, a fortificação enquanto geossímbolo, a percepção dos participantes da festa sobre o forte, enaltecendo a opinião dos sujeitos envolvidos: organizadores e participantes da festa e moradores da cidade de Portobelo.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2023. Nota: Organizado pela autora, 2023.

SEÇÃO 1. ENTRELACANDO OS CONCEITOS DA TESE

A pesquisa proposta terá como conceitos fundamentais: *território*, *patrimônio*, *geossímbolo* e *representação social*. A Figura 1 traz um esquema de como os conceitos citados serão utilizados para fundamentação da pesquisa.

Figura 1. Conceitos principais para fundamentação da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Conforme podemos observar na Figura 1, o conceito central desta pesquisa é o de *território*. Durante décadas, sua concepção tem sido discutida na ciência geográfica por diversos autores, dentre eles Haersbaert (2004), que descreve em um de seus estudos a respeito das diversas noções criadas para este conceito. O autor divide esta concepção em três vertentes:

Política (referida às relações espaço-poder em geral) ou jurídico-política (relativa também a todas as relações espaço-poder institucionalizadas): a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes - mas não exclusivamente - relacionado ao poder político do Estado. *Cultural* (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido. *Econômica* (muitas vezes economicista): menos difundida enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes

sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho, por exemplo (Haersbaert, 2004, p.40).

Entre as dimensões nas quais o *território* encontra-se inserido, observa-se que, além do caráter político (relações de poder) e econômico (relações econômicas), também possui um caráter cultural (simbólico-cultural), especialmente quando os agentes sociais são grupos étnicos, religiosos ou de outras identidades (Rosendahl, 2005).

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, adotaremos a concepção cultural ou, como afirmam os geógrafos pertencentes à nova abordagem cultural da geografia, *a dimensão simbólica do território* (BONNEMAISON, 2012; PAUL CLAVAL, 1999). Tal escolha se deve ao fato de que o *território*, além de ser palco dos principais acontecimentos de uma determinada sociedade, carrega consigo uma série de elementos culturais e históricos que determinam uma cultura e a identidade de um povo. São eles, em conjunto com os valores construídos, que revelam sua organização social.

Conforme observado em pesquisa de campo realizada na cidade de Portobelo, *a dimensão territorial* alcançada pela festa do Cristo Negro, durante o período de acontecimento, ultrapassa as portas da Igreja de San Felipe onde é celebrada. Elementos simbólicos disseminados pela cidade, pertencentes a história, cultura e identidade dos portobelenhos, ganham visibilidade e são tomados pelos participantes da festa em meio à comemoração, a exemplo o forte de San Jerónimo.

De acordo com BRUNET, et. al. (1992, p.436, *apud* Claval, 1999, p.11) o *território* “[...] contribui para fortalecer o sentimento de pertencimento, ajuda na cristalização de representações coletivas, dos símbolos que se encarnam em lugares memoráveis [...]”. Desta forma, ele fortalece não só as experiências individuais, mas também as coletivas (Rosendahl, 2005). Segundo Rosendahl (2005, p. 12933), o território é “[...] impregnado de significados, símbolos e imagens, constitui-se em um dado segmento do espaço, via de regra delimitado, que resulta da apropriação e controle por parte de um determinado agente social, um grupo humano [...]”.

Ressalta-se que o *território* possui uma forte relação com a cultura, isso porque, se tratando da dimensão simbólica, ele é essencial para a intercomunicação e possuidor de fortes referências simbólicas para um grupo social (Claval, 1999). Conforme Bonnemaïson (2012), a cultura é responsável pela criação de um *território*, pois é através dela que os seres humanos são capazes de criar laços afetivos e enraizar-se nele.

Bonnemaison (2012) destaca que, em uma análise cultural, não podemos descuidar de dois aspectos presentes no conceito de *território*: o social e o cultural. De acordo com o autor:

O território é, ao mesmo tempo, “espaço social” e “espaço cultural”: ele está associado tanto à função social quanto à simbólica [...]. O primeiro é concebido em termos de organização e de produção; o segundo, em termos de significação e relação simbólica. Um enquadra; o outro é portador de sentido (Bonnemaison, 2012, p.289).

É no *território*, construído através das relações sociais e simbólicas, que se encontra inserido o *patrimônio* declarado (forte de San Jerónimo) e não declarado (a festa do Cristo Negro). Ao falarmos de *patrimônio*, muitas vezes este conceito nos remete à herança ou a algo que o indivíduo ou grupo social considera como importante para si, no qual envolve o sentimento de pertencimento, a ponto de dizer “este é o meu e/ou nosso patrimônio”.

Segundo Nigro (2010), na geografia o *patrimônio* é considerado um fenômeno inerentemente espacial, ou seja, ele está contido no espaço e só existe porque há uma relação entre ele e o indivíduo ou grupo social e, mesmo sendo imaterial, pertence a algum lugar e é patrimônio de alguém. Ainda de acordo com a autora:

[...] o patrimônio é de fundamental importância para o interesse da geografia cultural e histórica contemporânea porque atenta para questões cruciais como a da significação, representação e identidade. O patrimônio torna-se um atributo que contribui para a afirmação de processos de identificação individuais e coletivos. E à geografia interessa considerar o patrimônio como campo de tensões sociais e assim revelar como o passado é lembrado e representado e as implicações que isso tem no presente e na construção de relações de “pertencimento” [para o lugar]. (Nigro, 2010, p.69).

Mas qual é a origem do conceito de *patrimônio*? De acordo com Dias (2006, p.69), “a palavra patrimônio tem origem latina, *patrimonium*, e, primordialmente, estava relacionada com bens de família, herança e posses”. Nessa mesma perspectiva, Choay (2001, p.11) afirma que essa palavra em sua origem “estava ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo”. Castriota (2009, p.83) por sua vez destaca que “originalmente herança do pai no direito romano antigo, entendia-se como patrimônio de um particular o complexo de bens que tinham algum valor econômico, que podiam ser objeto de apropriação privada”. Como podemos observar, em sua origem, o termo *patrimônio* remetia à herança e à apropriação de bens que tinham valor econômico, porém seu conceito foi evoluindo e, hoje, o patrimônio vai além de sua concepção de origem.

Conforme o quadro a seguir (Quadro 2), a evolução histórica do conceito de *patrimônio*

inicia-se no período entre a Idade Antiga e a Idade Média, quando sua concepção deixou de estar ligada apenas à coleção de riquezas (troféus, propriedade privada, etc.), passando a ser associada à valorização estética e herança cultural, e vai até os dias atuais, com seu conceito direcionado a cultura, sendo considerado uma riqueza coletiva (Dias, 2006).

Quadro 2. Evolução histórica do conceito de patrimônio

Idade Antiga	Coleção de riquezas, raridades e antiguidades de caráter extraordinário ou de grande valor material, indicadores de poder, de luxo e de prestígio. Portanto, estava relacionado a troféus, tesouros, propriedade privada etc.
Grécia, Roma e Idade Média	Valorização estética e herança cultural de interesse pedagógico. Neste sentido, estava relacionado a escavações arqueológicas, tráfico de obras-de-arte, exposição pública de alguns elementos como intenção de propaganda etc.
Renascimento e séculos XVI - XVIII	Objetos artísticos especialmente belos ou meritórios, também valorizados por sua dimensão histórica e rememorativa. A obra-de-arte pode ser um documento para conhecer o passado. Estava relacionado aos primeiros estudos rigorosos de história da arte, ao colecionismo artístico e científico etc.
Século XIX e início do século XX	Conjunto de expressões materiais ou não materiais que explicam, historicamente, a identidade sociocultural de uma nação e, por sua condição de símbolos, devem ser conservadas e restauradas. Suas ideias estavam relacionadas à legislação protetora, à conservação seletiva, à restauração monumental, a Museus etc.
1945 - 1980	Elemento essencial para a emancipação intelectual, para o desenvolvimento cultural e para a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Começa-se a considerar seu potencial socioeducativo e econômico, além de seu valor cultural. Deste modo, estava relacionado à reconstrução do patrimônio destruído, exposições e ciclos de atos culturais para que toda a população conheça o patrimônio, difusão de bens culturais, consumo superficial etc.
Atualidade	Riqueza coletiva de importância crucial para a democracia cultural. Exige-se o compromisso ético e a cooperação de toda a população para garantir tanto sua conservação como sua exploração adequada. Está relacionado com ideias de restauração, legislação, plena acessibilidade e novos usos, envolvimento da sociedade civil etc.

Fonte: LLULL (2005, citado por DIAS, 2006, p. 74-75). Adaptado pela autora, 2021.

Atualmente, o termo *patrimônio* passou por uma ampliação, sendo utilizado a partir de uma série de expressões, tais como: patrimônio cultural, patrimônio natural etc., que fez com que passasse a abranger vários fenômenos, tornando-se, assim, mais amplo que o conceito inicial (Castriota, 2009).

De acordo com Londres (2002, *apud* Londres 2004, p.21) “patrimônio é tudo que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e obras de arte, e também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares. Tudo que produzimos com as mãos, as ideias e fantasia”.

Neste sentido, o *patrimônio*, na atualidade, de acordo com Assunção (2003, p.87): “refere-se a um bem ou ao conjunto de bens culturais (materiais e imateriais) e naturais que

tenham valor reconhecido para uma cidade, região, estado, país ou humanidade, sendo propriedade de todos os cidadãos”.

O *patrimônio*, associado a esse conjunto de bens culturais (materiais, imateriais e naturais), vem sendo alvo de debates em diversas áreas do conhecimento, tais como: a sociologia, a geografia, a antropologia, a história etc., principalmente no que diz respeito à sua preservação e/ou conservação e reconhecimento.

No caso do *patrimônio* de natureza material e natural, os bens passam por um processo chamado “tombamento” que “é o instrumento jurídico [...] que tem por objetivo [...] a preservação de bens materiais, públicos ou privados, aos quais se atribui valor cultural para a comunidade na qual estão inseridos”, podendo ser realizado a nível global, nacional, estadual e municipal (Rabello, 2015, p.2-3).

Porém, muitas vezes, “o processo de tombamento ignora as dimensões de significação derivadas da experiência e dos valores socioculturais” (WELLS, 2016, p.5). Neste sentido, por ser um processo político, as instituições responsáveis pelo tombamento muitas vezes têm o poder de impor o que será ou não tombado, criando uma espécie de seletividade dos bens culturais, ignorando o que os moradores de uma determinada cidade, por exemplo, consideram realmente como *patrimônio*.

Conforme Wells (2016, p.5): “[...] nenhum destes processos regulatórios importa-se com as maneiras subjetivas pelas quais o público valoriza [seu patrimônio]; importam apenas os valores objetivos dos peritos”. Ainda de acordo com o autor:

Enquanto os profissionais da conservação do patrimônio, a legislação patrimonial e a doutrina ortodoxa da conservação fazem cumprir a agenda da objetividade, da racionalidade e do cientificismo, na prática, para o leigo, a significância histórica inevitavelmente se relaciona a um apego emocional pelo [patrimônio] (Wells, 2016, p.5-6)

Neste sentido, partimos da ideia de que o sentido de *patrimônio* não é definido e sim construído, não no sentido material da palavra, e sim a partir da importância, dos significados, dos valores e dos sentimentos. Assim:

Não é uma tipologia de bens que determina a priori o que deve ser considerado patrimônio, e sim uma atribuição de valor e o desejo de investir na preservação, [...] é preciso abrir a noção de patrimônio de modo que possa englobar as tradições mais diversas, tudo enfim que os diferentes grupos sociais considerem como uma herança significativa, a ser transmitida para as futuras gerações (Londres, 2004, p.21).

Para Wells (2016, p.14) “os valores do patrimônio derivam do mundo-da-vida, portanto são manufacturados por meio da experiência e não são, como dita a doutrina da conservação patrimonial, baseadas em uma realidade de fatos históricos”. Concordamos com Castro (2012, p.44) e partimos da ideia de que:

[...] as propostas de preservação e destinação dos bens culturais, materiais e imateriais, devem levar em conta o contexto histórico e social no qual esses bens estão inseridos [...] o patrimônio como conhecimento e posse das populações locais sobre seu legado cultural é dotado de sentidos e sentimentos, como o de pertencimento, por exemplo, o que permite que os depositários desse patrimônio possam ativá-lo como instrumento para o empoderamento [...].

Ressalta-se que a temática da pesquisa em desenvolvimento está entrelaçada à crítica ao atual processo de universalização dos lugares, em que os critérios de introdução de um patrimônio mundial objetificam o lugar, subtraindo os valores dos povos subalternizados e predominando o pensamento eurocêntrico nas normativas de preservação do patrimônio mundial, conforme discutido por Costa (2011;2015; 2017). Em Portobelo, o descaso do poder público, tanto no âmbito das políticas públicas, quanto no incentivo à preservação e conscientização da população, confirma que o foco atual não remete à preservação por interesse sociocultural e muito menos os valores, significados e sentimentos, e é por isso que chegamos na situação atual com tamanho abandono.

Assim, considera-se necessário um empenho conjunto para alcançar o ideal de preservação do forte de San Jerónimo, levando em consideração todas as vertentes da patrimonialização (social, cultural e política). Por isso, acreditamos que, a partir da realização da festa do Cristo Negro, é possível despertar o sentimento de afetividade mútua, não só pela festividade em si, como também pelo forte, pois ambos possuem um significado histórico e cultural que se entrelaça ao desenvolvimento e construção da identidade portobelense. Desta forma, concordamos com Costa (2018, p. 17, tradução nossa) que afirma a *conexão territorial afetiva* entre o *patrimônio* declarado e o não declarado “[...] leva a conscientização da apropriação e usos do patrimônio como fonte de cidadania para mitigar danos e manter a vida”.

Não devemos deixar de destacar que o *território* é repleto de elementos simbólicos, designados por Bonnemaïson (2012, p.290) como *geossímbolos*, assinalado como “[...] um lugar, um itinerário, uma extensão, que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos, assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade”.

Na pesquisa em questão, o forte de San Jerónimo, potencial *geossímbolo*, trata-se de uma representação simbólica carregada de significações para o povo portobelenho, onde seu passado resiste ao tempo e às tensões que ocorreram durante todos estes séculos. Durante o período em que acontece a festa do Cristo Negro, o forte ganha visibilidade pelos participantes. Aquela imensa estrutura militar ultrapassa o sentido arquitetônico, tornando-se um itinerário simbólico onde as pessoas, ao chegarem na cidade e/ou saírem da Igreja, se deslocam para visitá-lo.

Se é no *território* que estão inseridos o *patrimônio* e o *geossímbolo*, conforme destacado anteriormente, não devemos deixar de ressaltar que é nele onde as festas (sagradas ou profanas) acontecem. Almeida (2015, p.115) enfatiza que, durante o acontecimento de uma festa, “[...] há uma apropriação simbólica do espaço por uma coletividade. E é essa apropriação que produz o território [...]”. Repleta de significados, valores e tradições, ela é capaz de despertar no indivíduo e/ou grupo social o sentimento de pertencimento pelo *território*.

Di Méo (2012, p.29) define a festa como “[...] um fenômeno social presente no tempo e no espaço de todo grupo identificado, ela impregna os valores culturais mais profundos das sociedades”. Segundo o autor, a festa é fundamental para que possamos entender como se dá o laço entre o indivíduo e o *território*, além de revelar os elementos simbólicos presentes e pertencentes a ele:

[...] a festa constitui, do ponto de vista da geografia, uma oportunidade de primeira ordem para compreender a natureza do laço territorial. Ela permite orientar os signos espaciais pelos quais os grupos sociais se identificam aos contextos geográficos específicos que fortificam sua singularidade. A festa possui, com efeito, a capacidade de produzir os símbolos territoriais cujo uso social se prolonga muito além de seu desenvolvimento. Essa simbólica festiva qualifica e casa com os lugares, os sítios e as paisagens, os monumentos ou simples edifícios. Ela os associa em um mesmo esquema de significações identitárias. Dessa combinação geográfica de elementos simbólicos emana um sentido coletivo profundo. (Di Méo, 2012, p.27).

Desta forma, mais que uma comemoração e/ou celebração efêmera presente no espaço, a festa é uma manifestação cultural capaz de aflorar, em um determinado grupo social, o sentido de coletividade. Tratando-se das festas sagradas, durante seu acontecimento, a coletividade se desperta através do sentido de pertencimento e da valorização dos símbolos, sentimentos e significados. De acordo com Almeida (2015, p. 107), no caso das festas sagradas, elas “[...] testemunham as crenças coletivas e as representações do sagrado, próprias de uma comunidade ou da maioria de seus membros”. Assim:

[...] a festa é um espaço social privilegiado de realização e representação - real e simbólica - das identidades locais que entram em cena durante a celebração. [...] é uma **construção social**, composta por objetivos, valores e manifestações culturais que têm força e potencial para referenciar simbolicamente uma identidade (Almeida, 2015, p.108-109, grifo nosso).

Tudo o que está ao nosso redor é uma construção social. A realidade é construída socialmente. Berger e Luckmann (1985, p.11) a define como “[...] a qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos terem um ser independente de nossa própria volição (não podemos desejar que não existam)”, sendo assim, a construção social existe, independente da vontade do indivíduo e independente de sua liberdade de decisão; esta construção não é imutável, mas as mudanças dependem de toda uma contextualização baseada em inúmeros aspectos, como o pensamento individual, comparação com o conceito na sociedade e a percepção do que de fato é ou não é factível, esta última, por sua vez, depende da incorporação e trabalho conjunto de todos os sentidos humanos.

A festa enquanto construção social da realidade faz parte de uma representação simbólica que também abrange o universo simbólico da religião, esta que, por sua vez, possui uma força de grande impacto social em qualquer grupo social. Sua relevância é significativa no meio cultural de um país, pois contém um conjunto simbólico que representa a identidade do indivíduo enquanto pertencente de um grupo social, no caso, da religião representada pela festa. Desta forma, ela também representa um movimento social religioso que é compartilhado por um grupo social, ou seja, se torna o que Serge Moscovici (1975) denomina de *representação social*.

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, delas estão impregnados. Sabemos que as representações sociais correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração e, por outro, à prática que produz a dita substância, tal como a ciência ou os mitos correspondem a uma prática científica e mítica (Moscovici, 1978, p.41).

Nós enquanto seres humanos enxergamos o mundo através das representações que construímos como sociedade. Segundo Moscovici (2015, p.40):

As representações sociais se tornam capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade. É dessa maneira que elas são criadas, internamente, mentalmente, pois é dessa maneira que o próprio processo coletivo penetra, como fator determinante dentro do pensamento individual.

Podemos observar que, nas *representações sociais*, a escala coletiva perpassa para a escala individual e se relacionam a partir das ações geradas pelos sujeitos. O senso comum torna-se uma cadeia que faz fluir a comunicação entre os sujeitos, é como se todos falassem a mesma língua sobre os significados atribuídos a determinados objetos. Assim, a *representação social* é a forma como o indivíduo enquanto pertencente à sociedade se relaciona com os objetos do universo cotidiano. Conforme Moscovici (2015, p.41) “[...] é um objeto coletivo e possui origem coletiva [...]”.

Embora a *representação social* seja uma ideia conceituada de um objeto a partir da percepção compartilhada com a sociedade, seu conceito leva em consideração o entendimento de algo em conjunto que, pela sua concepção, é entendido por todo um grupo de indivíduos de forma semelhante, no entanto não necessariamente é algo imutável, uma vez que as realidades e percepções podem ser individualizadas e compreendidas de inúmeras maneiras. Desta forma:

As representações sociais emergem, não apenas como um modo de compreender um objeto particular, mas também como uma forma em que o sujeito adquire uma capacidade de definição, uma função de identidade, que é uma das maneiras como as representações expressam um valor simbólico [...] são sempre produto da interação e comunicação e elas tomam sua forma e configuração específicas a qualquer momento, como uma consequência do equilíbrio específico desses processos de influência social (Moscovici, 2015, p.20-21).

Partindo desse contexto, a festa do Cristo Negro possui uma representação compartilhada por aqueles que a frequentam e a organizam, esta (representação) que, por sua vez, se diferencia para aqueles que convivem anualmente com o contexto religioso e os que visitam de forma turística, porém o entendimento de sua importância é o mesmo, mas a relevância na vida do indivíduo é o que diferencia.

A *representação social* da festa do Cristo Negro é, acima de tudo, o que traz identidade ao que ela é, não só no universo religioso como também no social, pois ela transforma a vida daqueles que a compõem, reforçando uma tradição centenária que representa a força de um povo com uma história de lutas e superações. Assim, ela “[...] é compartilhada por todos e reforçada pela tradição, ela constitui uma realidade social [...]” (Moscovici, 2015, p.41).

SEÇÃO 2. A GÊNESE DO PATRIMÔNIO E O CONTEXTO GEO-HISTÓRICO DA REPÚBLICA DO PANAMÁ E DA CIDADE DE PORTOBELLO



Nota: Vista do forte de San Jerónimo para a cidade de Portobello, Panamá.

Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

“As cidades são como os seres humanos, têm virtualidades próprias. Refletem personalidades que lhes conferem caracterização inconfundível. [...] Cada cidade tem na sua história algo que a simbolize [...]” (GODINHO, 1988, p.9).

2.1. A República do Panamá: da colonização à independência e a construção do Canal

A República do Panamá pertence à América Central. Situada no istmo, o país liga não só a América do Sul e a América do Norte, mas também o oceano Atlântico e o Pacífico através do seu Canal, que possui uma importância histórica e econômica para o território no qual pertence.

Segundo Sosa (1911), a origem do nome “Panamá” perpassa por diversas suposições, dentre elas está a ideia do nome pertencer a um cacique que vivia no território e tinha como significado “terra ou lugar das borboletas”; outra é a de que o nome correspondia a uma árvore predominante no istmo, especificamente no local onde está situada a antiga cidade do Panamá; a que mais foi aceita e prevaleceu foi a de que o nome Panamá pertencia a uma aldeia de índios pescadores, local que mais tarde foi escolhido para fundação da cidade.

A história do Panamá transcorre por diversos acontecimentos que aos poucos foram transformando uma sociedade, que, ao longo de séculos, teve que ressignificar seus hábitos e costumes. Desta forma, faz-se necessário uma breve periodização para entender os marcos históricos, políticos, econômicos e sociais pelos quais o país atravessou. Para Santos (1985, p.23-24) “[...] a periodização é capaz de explicar a história e as formas de colonização, a distribuição espacial dos colonizadores, a dispersão das raças e línguas, os sistemas

demográficos, as formas de organização e articulação do espaço, assim como os graus de desenvolvimento e dependência”. Neste sentido, a história da República do Panamá se divide em cinco períodos (Quadro 3).

Quadro 3. Períodos históricos da República do Panamá

Período	Início/Término
Período Antigo	Começa com a chegada de Cristóvão Colombo a América, em 1492.
Período do “descobrimento” e conquista	Começa com a chegada de Rodrigo Bastidas às margens do istmo, até a fundação da Corte Real do Panamá.
Período Colonial	Começa com o estabelecimento da Corte até a separação da Espanha, em 1821.
Período da união com a Colômbia	Começa no dia 28 de novembro de 1821, em que o território foi incorporado à nação colombiana, até 3 de novembro de 1903, quando se separa dela.
Período de nacionalidade Panamenha	A partir da separação da Colômbia até os dias atuais.

Fonte: Sosa (1911, p.4). Nota: Organizado pela autora, 2021.

A história da República do Panamá é marcada pela chegada dos europeus na América, especificamente no ano de 1492. No ano de 1501, Rodrigo Bastidas foi o primeiro europeu a navegar a costa atlântica do território panamenho, porém seu objetivo não era colonizar, mas encontrar novas terras que não haviam sido visitadas por Cristóvão Colombo, além de obter ouro, prata, e outras pedras preciosas (Arauz; Pizzurno, 1997).

No ano de 1502, Cristóvão Colombo, em sua quarta viagem, inserida na política de descoberta implementada por Rodriguez de Fonseca², tinha como objetivo principal encontrar a passagem para o Oriente (GRACIA, 2009). Conforme Arauz e Pizzurno (1997, p.22):

Em 11 de maio de 1502, Cristóvão Colombo partiu de Cádiz para o que seria sua quarta e última "alta viagem" para o Novo Mundo. O Almirante tinha três objetivos básicos em mente nesta ocasião, a saber: 1) descobrir um estreito ou passagem marítima que o levasse ao Oriente, 2) comerciar com as terras do Grande Khan, e 3) contribuir para a cristianização dos infiéis. Após desembarcar na Martinica, Colombo navegou da ilha de Guanaja (Honduras) ao longo de toda a costa atlântica centro-americana até o Porto de Retrete, no Istmo do Panamá.

Segundo Arauz e Pizzurno (1997), durante essa viagem, Colombo, navegando a costa centro-americana, se deparou com a parte da costa atlântica que viria a ser o Panamá. Os autores

² Eclesiástico e político espanhol responsável por organizar a política colonial castelhana das Índias.

afirmam que foi nessa ocasião que ele chegou à conclusão de que o território do Panamá se tratava de um istmo. Não podemos deixar de destacar que esse processo denominado de “descoberta e conquista” foi marcado pela violência e diversos conflitos com efeitos devastadores sobre a população nativa (Calvo, 2017).

Em suas primeiras expedições na costa do atual território panamenho, Rodrigo Bastidas e Cristovão Colombo não obtiveram êxito no que diz respeito às tentativas de povoar e realizar fundações permanentes nas terras exploradas que foram denominadas de Tierra Firme (Gracia, 2009).

Conforme Arauz e Pizzuno (1997), no ano de 1508, parte de Tierra Firme foi dividida em duas porções: Alonso de Ojeda foi nomeado governador da Província de Nueva Andalucía e Diego de Nicuesa foi nomeado governador da Província de Verágua Ojeda. Apesar de assumirem tal compromisso e responsabilidade, ambos eram subordinados ao novo governador de La Espanhola. Arauz e Pizzuno (1997) apontam que tanto Nicuesa quanto Ojeda foram autorizados pela Coroa Espanhola a explorar novas ilhas e continentes que não pertenciam a Portugal.

A primeira cidade de Tierra Firme, denominada de Santa Maria la Antigua del Darién, foi fundada em 1510 na parte continental das terras exploradas com o objetivo de iniciar o povoamento da área (Gracia, 2009). Não podemos deixar de destacar que, até mesmo na fundação de uma cidade, os europeus eram estrategistas e seletivos. Gracia (2009) aponta que eles decidiam se estabelecer sempre em lugares que lhes permitiam melhor controle do território, para isso se aproveitavam de grupos indígenas “fáceis de dominar”.

No ano de 1519, foi fundada a cidade do Panamá na costa sul, nesse mesmo ano os espanhóis viram a necessidade de povoar a parte norte e, assim começaram o povoamento em Nombre de Dios (fundada em 1510) no mesmo ano (Sosa, 1911).

Durante o período colonial, especificamente no ano de 1739, o Panamá havia sido incorporado ao vice-reinado de Nova Granada (uma organização político-administrativa), formada também pela Colômbia, Venezuela e Equador (Calvo, 2016). Calvo (2016) afirma que, desde o início dessa anexação, houve um ressentimento pelo fato de se tornar subordinado e dependente de Cartagena sobretudo de Bogotá, já que a economia do Panamá era ligada ao comércio e a navegação marítima. Ainda de acordo com Calvo (2016, p.142-143, tradução nossa):

[...] as autoridades panamenhas, chefiadas pela Câmara Municipal do Panamá, com o apoio do Governador e Comandante Geral e outras autoridades, não hesitaram em optar por uma saída independente. Mas enquanto reivindicavam

sua autonomia de Nova Granada, proclamavam sua irredutível fidelidade ao rei. Era algo muito parecido com o que havia sido feito em outras partes da América. Os anos seguintes foram agitados pelas tensões políticas.

O período colonial perdurou até o ano de 1821, quando o Panamá se tornou independente da Espanha. Segundo Calvo (2012), em cada região, a independência tinha características próprias, uns do lado da Coroa e outros contra. Ainda o autor destaca que, entre os motivos que podem ter motivado para que isso ocorresse, estão: o fato de que, nos anos de 1808 e 1818, houve uma intensa atividade comercial e circulação de prata no Panamá, que gerou riquezas para o país e o processo de amadurecimento político (Calvo, 2012).

Zuluaga (2015) aponta que, no ano de 1821, após a independência da Espanha, devido à instabilidade e fraqueza de suas forças militares, o Panamá decidiu anexar-se ao território da Grã-Colômbia, porém essa união nunca foi estável, jamais se uniram completamente, isso porque houve várias tentativas de separação ao longo do século XIX. A autora ainda complementa:

O vínculo entre Panamá e Colômbia sempre foi frágil; ciente dessa situação, as autoridades colombianas tentaram criar os mecanismos legais que garantissem sua permanência na República. Uma dessas tentativas foi a assinatura, em 1846, do Tratado Mallarino-Bidlack, que criou as condições para a construção de uma ferrovia que unisse o Oceano Atlântico ao Pacífico, permitindo o livre trânsito de cidadãos norte-americanos pelo istmo, bem como a defesa da soberania colombiana naquele território. Construída a ferrovia do Panamá (1850-1855), confirmou-se a importância estratégica do Panamá para as grandes potências da época, especialmente Estados Unidos e Inglaterra, e a construção de um Canal que ligava o Atlântico ao Pacífico, essencial projeto para a consolidação geoestratégica das referidas potências. A partir de 1850, a tensão pelo controle do istmo, bem como os planos consecutivos de construção de um Canal na América Central, foram um ponto substantivo nas relações internacionais da Colômbia, fundamentalmente com os Estados Unidos. (Zuluaga, 2015, p. 282-283, tradução nossa).

A anexação ao território da Grã-Colômbia trouxe grande insatisfação, já que não houve melhorias nas condições sociais e econômicas para o país (Calvo, 1961). Segundo Zuluaga (2015, p.283-284) “a única alternativa que os panamenhos encontraram de melhorar as condições do país estavam subordinadas à construção do Canal, que foi, no final do século XIX, um projeto colossal que a Colômbia não estava em condições de fazer, uma vez que exigia grande capital estrangeiro”.

O Canal do Panamá é o mais importante ponto que representa seu país em todo o mundo, principalmente pelo fato de ser um dos maiores e mais importantes centros comerciais marítimos.

Segundo historiadores, a primeira menção à construção de um Canal na região do atual Panamá data do século XVI, em que o rei Carlos V, realizou estudos da topografia no local, com o intuito de interligar o Atlântico e o Pacífico para que o comércio entre os dois pontos fosse facilitado em benefício ao império espanhol (Navarro, 2015).

Barbato e Fonseca (2022) asseguram que a ideia não foi para frente devido às limitações tecnológicas da época, no entanto, no século XVII, com a construção do Canal de Suez, a França organizou um estudo geográfico para dar início à futura construção e exploração do Canal do Panamá, que só foi iniciada em 1881. Devido a vários problemas de projeto e outras questões, a Companhia Universal do Canal Interoceânico do Panamá, responsável pelo início das obras, abandonou os trabalhos no Canal em 1889 (Barbato; Fonseca, 2022).

Os Estados Unidos se opuseram em relação ao projeto francês, uma vez que consideraram uma transgressão ao tratado comercial de Mallarino-Bidlack³, já imposto anteriormente (Barbato; Fonseca, 2022). Neste sentido, os Estados Unidos sugeriram à Colômbia um tratado para continuar a construção da obra do Canal, uma vez que o interesse mercadológico se aliou ao interesse do país em finalizar a obra (Barbato; Fonseca, 2022).

Segundo Zuluaga (2015), no ano de 1903 o processo de separação do istmo do Panamá foi iniciado após o desentendimento entre Colômbia e Estados Unidos. A Colômbia, contrapondo os ideais da população do istmo, negou a concessão para continuação das obras do Canal para os americanos, que estariam propondo ratificar o Tratado Herrán-Hay, este que trazia mais benefícios para os americanos e muito menos à Colômbia. No mesmo ano, com o apoio americano, os esforços para a independência do istmo do Panamá foram iniciados, após questionamentos da elite panamenha em relação à competência do Estado Colombiano para gestão do istmo (Zuluaga, 2015). Assim, em 3 de novembro de 1903, com total apoio dos Estados Unidos, o Panamá foi reconhecido como república independente.

Visando mitigar os impactos negativos e amenizar a relação entre Colômbia e Estados Unidos, os países definiram, em 1914, um Tratado que visava a indenização e reparação moral para com a perda imensurável do istmo do Panamá durante a separação (Zuluaga, 2015).

Ainda em 1914, o Canal do Panamá foi entregue e o controle permaneceu em mãos americanas até o final de 1979, quando, após décadas de protestos contra a soberania do Canal, desde manifestações pacíficas até represarias violentas vindas do exército americano, uma série de países se mostraram a favor da causa panamenha, culminando na assinatura do Tratado de

³ Acordo assinado em 12 de dezembro de 1846 entre os Estados Unidos e a Colômbia com objetivo de estabelecer relações comerciais e de navegação entre ambos.

Torrijos-Carter, que concedia o controle total ao povo panamenho, que assumiu toda a operação do Canal em definitivo no ano de 1999 (Navarro, 2015).

2.2. Já foi um *porto* e hoje é *belo*: a história de Portobelo

Toda cidade tem uma história, voltar ao tempo é essencial para entender os acontecimentos e o contexto atual em que ela vive. As cidades são construções históricas, como afirma Benevolo (2019), umas a cada período histórico são transformadas com o discurso de atenderem as necessidades de seus habitantes, mas, por vezes, pelo fato de acompanharem a evolução do tempo e se tornarem charmosas e inseridas na atual modernidade, outras simplesmente param no tempo. Santos (1986, p.59) destaca que:

Toda cidade resulta da agregação de trabalho humano e um suporte natural. Uma vez fundadas, as cidades vivem se refazendo, jamais estão prontas. Talvez esse enfrentamento do espaço e do tempo através de ações sociais se pudesse chamar com mais propriedade de história [...]. Há cidades que param. Deixam de se transformar através dos diálogos, nem sempre mansos, entre espaço e tempo.

Para descrever a história da cidade de Portobelo, é necessário problematizarmos o período colonial e analisar um passado marcado por um histórico de morte e subjugação dos povos subalternizados perante os povos colonizadores da Europa.

É importante destacar que o processo de dominação e exploração das riquezas locais aconteceu de forma rápida, levando em consideração a necessidade (ou a voracidade) dos europeus, principalmente espanhóis.

Toda a economia no período colonial era baseada em mão de obra escrava, tanto dos povos nativos, quanto de escravos mestiços e negros que eram comercializados como objetos entre os continentes; para os detentores do poder, o progresso não permitia restrições, o massacre e extinção dos povos locais não permitia compaixão ou humanização.

O passado é retratado de forma distorcida por diversos autores, que, em seus ideais, ignoram os fatos cruéis e implicam com o conceito de que a América foi conquistada ou, em seus devaneios fantasiosos, utilizam-se da expressão “descoberta”, que, infelizmente, acaba sendo passada para as novas gerações, distorcendo a realidade e o imaginário destes que são nosso futuro, repetindo o erro de tentar apagar da história um período sombrio da humanidade.

Quando tratamos da herança, por mais que a palavra seja exaustivamente utilizada como algo positivo, no tema em questão é retratada como uma marca que foi deixada pelos antepassados, que traz resquícios da luta dos povos nativos perante os exploradores, algo que

deveria ser representado hoje como um ato heroico destes povos, que fizeram de tudo para proteger suas terras e suas riquezas, mas que são retratados em mídias como primitivos, desrespeitando a verdade; povos que possuíam sua própria estrutura social e que trouxeram inúmeras descobertas. Descobertas que deveriam ser evidenciadas como a real herança de nosso passado, mas que, de várias formas, foram sendo perdidas durante a destruição de sua cultura e a dominação europeia.

Neste sentido, podemos destacar que a história da cidade de Portobelo apresenta marcas de um passado de exploração, invasão, ataques e conflitos (Quadro 4). Os dados históricos remetem ao período colonial, especificamente ao ano de 1502, quando Cristóvão Colombo chegou até a baía de Portobelo no dia 2 de novembro (LECUMBERRY, 2007).

Quadro 4. Principais ataques a Portobelo

Ano	Autores dos principais ataques a Portobelo
1602	Ataque de William Parker
1668	Ataque de Henry Morgan
1679	Ataque de John Coxon
1739	Ataque de Edward Vernon
1744	Ataque de Kingkills

Fonte: LECUMBERRY, 2007. Nota: Organizado pela autora, 2022.

Lecumberry (2007) aponta que, quando Cristóvão Colombo visualizou a baía de Portobelo, destacou-se sobre a paisagem um pequeno povoado indígena:

Poco a poco el resplandor se transforma em um claro, el día se está levantando. Se vislumbra uma costa, se desea um refugio. La lluvia y el viento tan rápido como cayeron sobre las grágiles carabelas, cesan. A babor, evitado por suerte, um arrecife muestra sus dientes para quebrar las olas coronadas de espumas. A estribor, segundo milagro uma bahía abre su refugio. La Capitana, la Vizcaína, la Bermuda, y la Gallega están acladas. **En el fondo de la bahía se vem las chozas de um pequeno Pueblo indígena;** los Cueva, quienes, de seguro sorprendidos por el tamaño de las embarcaciones, llegan com sus piraguas a proponer frutas y agua. (Lecumberry, 2007, p.4, grifo nosso).

A fundação da cidade de Portobelo aconteceu apenas 95 anos após a chegada de Cristóvão Colombo. Antes foi criada Nombre de Dios, no ano de 1510, com intuito de facilitar não só a comunicação com a Coroa Espanhola, mas também para tornar-se ponto de trocas comerciais e porta de entrada para as colônias da América do Sul (Alba, 2003). No entanto Nombre de Dios sofria com os transtornos relacionados à insalubridade, devido ao clima da região, e sua baía enfrentava problemas de sedimentação, além de ter sido considerada um ponto frágil no que diz respeito à defesa de ataques e invasões que eram comuns àquela época:

A insalubridade; a baía, que desde cedo sofreu problemas de sedimentação e a difícil defesa que tinha, sempre marcou o destino desta Cidade Terminal do Atlântico Panamá. Além disso, segundo o oidor Criado de Castilla ao descrever a baía de Nombre de Dios: “É um porto inseguro e muito perigoso quando sopram ventos de norte” (Martínez, 2019, p. 2, tradução nossa).

De acordo com Calvo (2016), devido aos problemas enfrentados por Nombre de Dios, principalmente os que estavam relacionados ao porto da cidade, na década de 1580, a Coroa já pensava em considerar sua transferência para Portobelo, pois seria uma alternativa, já que seu porto tinha as proporções necessárias para o bom funcionamento, além de o lugar apresentar um relevo bastante íngreme em torno da baía, o que era visto como ideal no que diz respeito a critérios defensivos da época para construção de fortificações. Martínez (2019) descreve que o engenheiro encarregado pelo Primeiro Plano de Defesa do Caribe, Juan Bautista Antonelli, ordenado pelo rei Felipe II, descreve as características de Portobelo que chamaram atenção:

O engenheiro militar Bautista Antonelli, encarregado do Primeiro Plano de Defesa do Caribe, visita Tierra Firme e escreve um relatório dirigido a Felipe II no qual elogia as qualidades ambientais e geográficas da Baía de Portobello, argumentando que: este era um magnífico porto, largo e profundo; com abundante água doce nos arredores; florestas madeiras potencialmente utilizáveis na reparação de galeões; pedra para construção e para lastro e, mais importante, considerou-a uma área adequada para estabelecer um sólido sistema de fortificações [...]. (Martínez, 2019, p. 3, tradução nossa).

Todavia, de acordo com Calvo (2016, p.46, tradução nossa), diversos acontecimentos atrasaram a mudança: “Os atrasos na habitação do porto, o traçado e seleção do local para a nova cidade, a construção das primeiras defesas, o incêndio de Nombre de Dios, o ataque de Drake⁴ a esta cidade e Portobelo, e a conclusão da estrada que ligaria a nova cidade ao Panamá, atrasaram a mudança até 1597”.

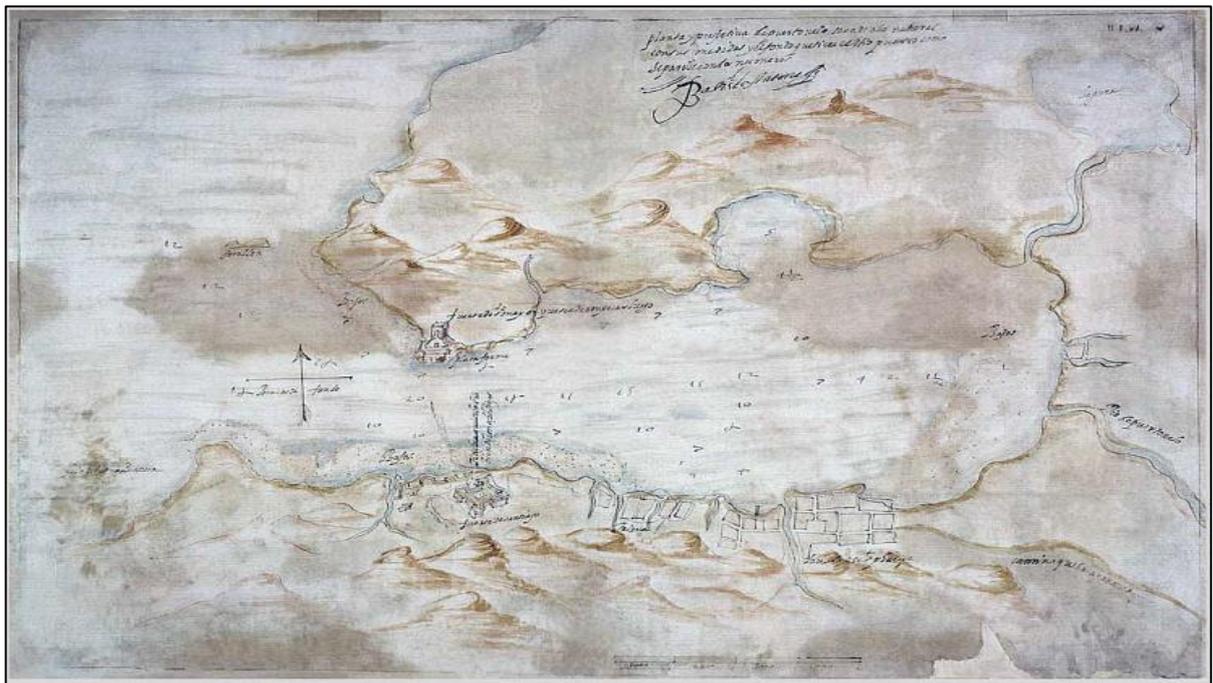
Lecumberry (2007, p.6) destaca que “[...] Nombre de Dios estava muito exposta e indefesa, o que fez com que fosse transferida para Portobelo, onde seriam instaladas as primeiras fortificações, sendo: um pequeno forte de 5 a 6 canhões na entrada da baía e outro de 8 canhões perto da cidade”. Observa-se que a cidade de Portobelo, desde o seu planejamento (Figura 2) até a sua concretização foi pensada através de estratégias de defesa pela Coroa Espanhola.

A primeira ordem para deixar Nombre de Dios ocorreu por decreto real no dia 21 de dezembro de 1593. Autoridades, atividades comerciais e a população deveriam todos seguir para Portobelo (Martínez, 2019).

⁴ Segundo Lecumberry (2007), Drake atacou Nombre de Dios em 1595.

No ano de 1595, a cidade de Nombre de Dios foi destruída pelo ataque de Francis Drake, dois anos após, Portobelo foi fundada por Francisco Valverde e Mercado, inicialmente chamada de San Felipe de Portobello, no dia 20 de março de 1597 (Calvo, 2016; Lecumberry, 2007; Martínez, 2019). Foi ordenado para que fossem construídas casas reais e estaleiros, seguindo as ordens do engenheiro militar Bautista Antonelli, além da construção das fortificações que iriam proteger a cidade e uma estrada (Calvo, 2016).

Figura 2. Planta de Portobelo e aspectos naturais (relevo e hidrografia)



Fonte: Calvo (2016, p.51).

Conforme Lecumberry (2007), após a sua fundação, Portobelo começou a ter uma reputação de cidade mais rica das Índias, o que despertou interesse dos ingleses e dos piratas. Fato que fez com que, em fevereiro de 1602 a cidade recém-constituída sofresse um ataque do Capitão William Parker:

Em fevereiro de 1602, o capitão William Parker, escondendo seu navio em Bastimentos (atual Isla Grande), contrata seis negros como guias e, com cento e vinte de seus homens em quatro navios leves, passa as defesas durante a

noite, captura a cidade sem destruir muito, rouba duas fragatas⁵ e sai debaixo de chuva de balas de canhões. Os comerciantes, logo após a remoção forçada de Nombre de Dios, arruinados novamente, pedem ao novo rei Felipe III para reforçar as defesas da cidade (Lecumberry, 2007, p.7, tradução nossa).

Nove anos após ser instituída como cidade, em 1606, Portobelo realizou sua primeira feira anual que, em conjunto com os galeões (que transportavam cargas de alto valor), tinham como objetivo assegurar o controle do comércio do continente americano. Nombre de Dios teve a sua importância por ser a primeira cidade da região onde seria implementado o sistema, logo depois foi Portobelo (Pellon, 2019). Assim, a cidade de Portobelo se destacou, no que diz respeito a comercialização de produtos importantes para aquele período, em que os colonizadores buscavam apenas riqueza e economia prospera, pouco se importando com a população. Sobre as feiras e galeões, Pellon (2019, p.36, tradução nossa) destaca que:

Alfredo Castellero Calvo [...] nos conta que “em 1637, em um só dia, foram contadas na feira de Portobelo duzentas mulas carregadas com barras de prata. Os tempos de esplendor duraram quarenta a cinquenta dias. Foi estimado que entre 1574 e 1702, ou seja, 128 anos, foram enviadas 45 frotas de galeões, nenhum dos quais transportavam menos de trinta milhões de pesos. Já em 1708, os galeões ainda transportavam cerca de 40 milhões de pesos. E na feira de 1724, um observador calculou que havia feito transações de trinta milhões de pesos”.

As feiras anuais eram bastante movimentadas. Lecumberry (2007, p.8, tradução nossa) descreve que os “[...] pavilhões viviam cheios de produtos e alimentos, porém não havia grande variedade de vacas, galinhas e peixes”. Ainda de acordo com o autor: “Milhares de pessoas eram servidas durante semanas, em tempo normal a população está entre setecentas e oitocentas pessoas. Para o comércio também é trazido da Espanha pó, armas, mercúrio (para refinar a prata) etc” (Lecumberry, 2007, p.8, tradução nossa).

Segundo Pellon (2019), com as feiras anuais atraindo cada vez mais comerciantes e consumidores, foi necessária a construção de um prédio, a Aduana⁶, onde manteria os registros fiscais e as mercadorias e ao mesmo tempo serviria de residência para o governador de Portobelo (Figura 3).

⁵ Tipo de navio de guerra.

⁶ A Aduana foi inaugurada no ano de 1638 (LECUMBERRY, 2007) e atualmente abriga o Museu com exposição de peças antigas que fizeram parte da história da cidade de Portobelo.

Figura 3. Aduana



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

A construção da Igreja de San Felipe de Portobelo começou ainda no ano de 1606, a mão de obra era constituída por escravos negros, porém a obra passou por diversos problemas relacionados a falta de verba (Lecumberry, 2007). A conclusão da igreja se deu apenas 23 anos depois, no ano de 1623, no entanto, em 1668, o pirata Henry Morgan atacou a cidade de Portobelo e saqueou a Igreja, destruindo-a completamente (Lecumberry, 2007).

De acordo com Lecumberry (2007), novos planos tiveram que ser traçados para a construção de uma nova Igreja, porém somente no ano de 1814 foi inaugurada, apesar da obra ainda inacabada. Desde então, a Igreja de San Felipe (Figura 4) abriga a imagem do Cristo Negro.

Figura 4. Igreja de San Felipe de Portobelo



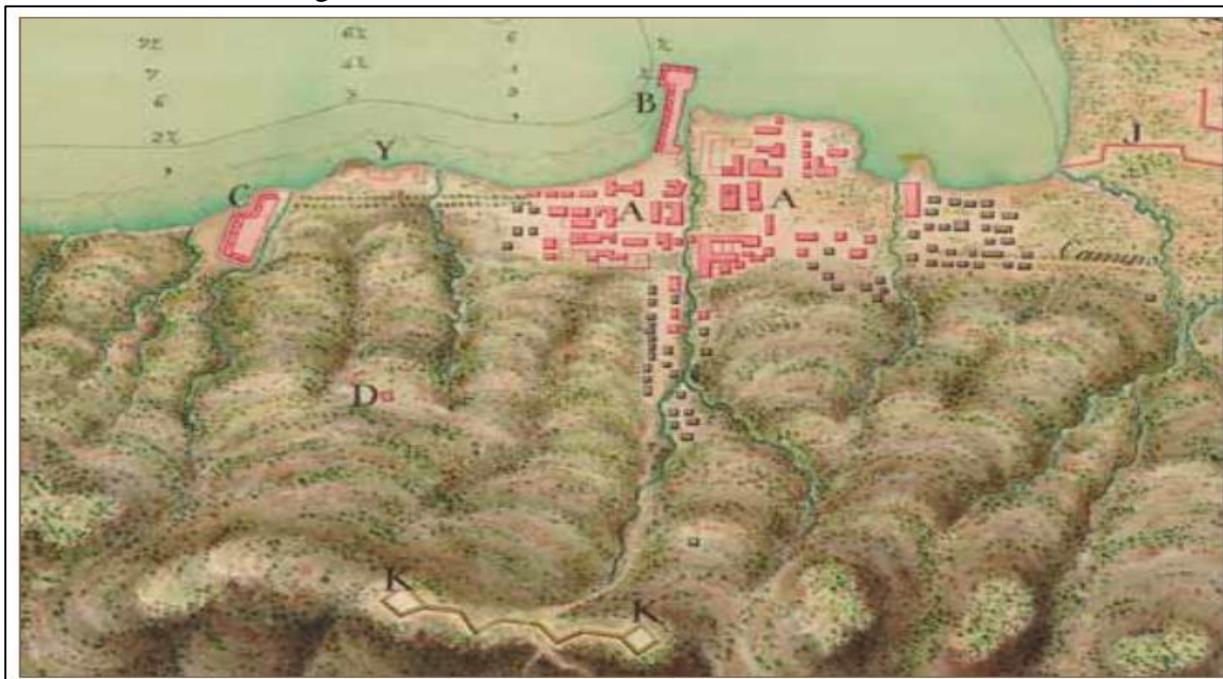
Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Sobre as características de Portobelo após o seu processo de fundação, entre os anos de 1606 e 1607, Calvo (2016) descreve que a cidade contava com a igreja matriz, um convento, um hospital, casas reais (Aduana), um Cabildo⁷, duas praças e 50 casas. A Figura 5 a seguir

⁷ Conselho municipal responsável pela administração geral da cidade.

mostra uma planta da baía de Portobelo no ano de 1779. No entanto, embora seja do século XVIII, a disposição das casas segue um padrão mantido até os dias atuais (Figura 6).

Figura 5. Planta da baía de Portobelo no ano de 1779



Fonte: Calvo (2016, p.83)

Figura 6. A cidade de Portobelo atualmente (2022)



Fonte: Google Earth, 2022.

Observa-se que a cidade de Portobelo foi fortemente influenciada pela exploração e interesses comerciais dos exploradores espanhóis. Sua história evidencia o sofrimento dos menos afortunados, a dependência da mão de obra escrava para todos os trabalhos braçais e os constantes conflitos que tiraram a vida de milhares de inocentes que eram obrigados a dar seu sangue por aqueles que só pretendiam explorar o local e expandir suas riquezas.

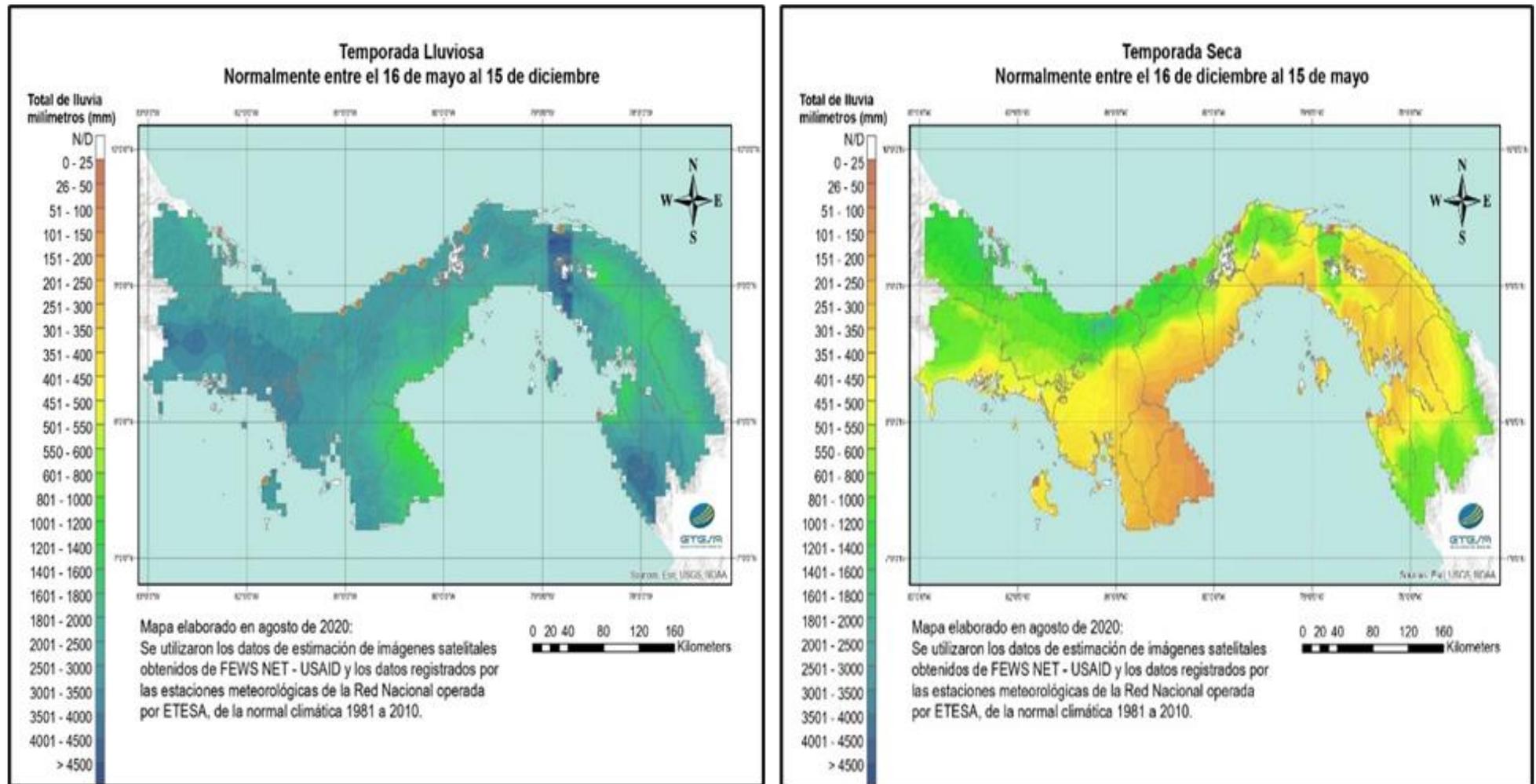
O passado, no entanto, construiu um presente com uma identidade única, que, mesmo com suas raízes tão conflitantes, mostra que o povo de Portobelo conseguiu transformar toda sua história em uma cultura rica e genuína.

2.2.1. Aspectos do Clima

O clima da cidade de Portobelo é influenciado pela posição geográfica do país. Segundo as descrições do Atlas Ambiental, a República do Panamá está localizada próximo à linha do Equador, isso faz com que, ao longo do ano, a temperatura e a precipitação de uma região e outra sejam semelhantes sem alterações significativas (Panamá, 2010). Ainda de acordo com o Atlas Ambiental, com temperaturas elevadas durante todo o ano, média de 27°C, o clima predominante no país é o tropical, caracterizado por ser quente e úmido com duas estações definidas: a chuvosa, que acontece entre maio e dezembro, e a seca que ocorre entre dezembro e maio. Conforme o Inec (2021), na costa do Caribe, as precipitações anuais chegam a ultrapassar 4000mm devido as contribuições de umidade advindas pelas águas quentes do Caribe, já no litoral do Pacífico fica em torno 1500mm e 3500mm (Mapa 2).

Assim como em outros países, a República do Panamá possui uma variedade climática em seu território. O geógrafo e historiador Alberto A. McKay publicou, no ano de 2000, uma nova classificação climática (Mapa 3), na qual descreve sete tipos de clima para o país: tropical oceânico, tropical oceânico com curta estação seca, subequatorial com estação seca, tropical com estação seca prolongada, oceânico de baixa montanha, tropical de baixa montanha e tropical de média e alta montanha (Panamá, 2010).

Mapa 2. Temporada chuvosa e seca, República do Panamá, ano 2020



Fonte: IMHPA, 2020. Disponível em: <<https://www.hidromet.com.pa/es/documentos/clima>>.

Levando em consideração a classificação climática determinada por McKay, conforme o mapa anterior, a cidade de Portobelo possui como clima predominante o tropical oceânico com curta estação seca. De acordo com o Atlas Ambiental publicado no ano de 2010, ele possui como principais características:

[...] maior pluviosidade anual e uma estação seca curta e ligeiramente acentuada. As temperaturas médias anuais são 26,5°C nas costas e 25.5°C no interior do continente. As precipitações são abundantes, aparecem em torno de 4.760 em Coclé del Norte. Este clima tem uma curta estação seca com duração de quatro a dez semanas, com chuvas entre 40 e 90mm entre fevereiro e março (Panamá, 2010, p. 27).

Conforme podemos observar, é um clima em que predomina a estação chuvosa. Guerra (2013) descreve que, na cidade de Portobelo, a média anual de precipitação é de 4800mm. Já no mês seco os registros marcam 60mm e a temperatura média varia entre 27°C na parte litorânea e planícies e 24°C nas áreas mais altas.

2.2.2. Aspectos do Relevo

A localização geográfica de Portobelo é um tanto peculiar, estando entre o mar do Caribe e encostas de morros, relevo predominante na cidade (Figura 7). Segundo Alba (2003), trata-se de uma área que apresenta uma topografia com características irregulares e declividades superiores a 45°.

Figura 7. A cidade entre o mar do Caribe e morros



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Para Guerra (2013), pode-se considerar um sistema de relevo abrupto, sendo o seu ponto mais alto o morro da Bruja com 979m de altitude. A autora afirma que também é possível encontrar relevos com altitudes mais baixas como, por exemplo, o morro Palma e Loma Trinchera, com 345 e 206 metros de altitude respectivamente.

Por se tratar de uma cidade que está situada em uma área de relevo irregular, com predominância de morros, existem riscos para a população; o fato de as casas terem sido construídas próximas à encosta, a alteração do solo e a alta incidência de chuvas fazem com que os deslizamentos sejam recorrentes e, levando em consideração a baixa qualidade das estruturas, o risco é ainda maior. O problema se estende por todo o território da cidade e, pelo fato de o relevo ser irregular para habitação, várias famílias acabam ocupando áreas próximas às fortificações, principalmente o forte de San Jerónimo, assunto que será abordado no capítulo 4 deste trabalho.

Segundo Parrinello (2011), no ano de 2010, na cidade de Portobelo, devido às fortes chuvas, ocorreu um deslizamento que culminou na destruição de uma parte do forte de Santiago (situado na entrada da cidade) e de casas, que conseqüentemente causou a morte de 4 pessoas da mesma família (Figura 8). A Figura 9 mostra como o local do deslizamento se encontra atualmente.

Figura 8. Deslizamento de encosta, Portobelo (2010)



Fonte: Perrinello (2011, p.7).

Figura 9. Local onde ocorreu o deslizamento na cidade de Portobelo em 2010, atualmente



Fonte: Abel Díaz, 2022.

O risco de deslizamentos poderia ser mitigado com a adoção de políticas de habitação, no entanto o problema já se alastrou de tal modo que é nítida a urgência de uma solução prática que auxiliaria efetivamente em toda a escala territorial de Portobelo, pois a população vive com o risco eminente da perda de seus bens e, ainda pior, de suas vidas, levando em consideração que não há um local para onde ir.

2.3. A origem das fortificações do lado caribenho do Panamá: o forte de San Jerónimo

Originalmente, as fortificações são construções militares com objetivo de proteger o local no qual foi construído. Durante o período colonial, essas fortalezas eram características dos colonizadores, pois, assim que invadiam lugares nos quais tinham interesse e que consideravam “prósperos”, logo planejavam a sua edificação para que se tornassem a defesa do território dominado.

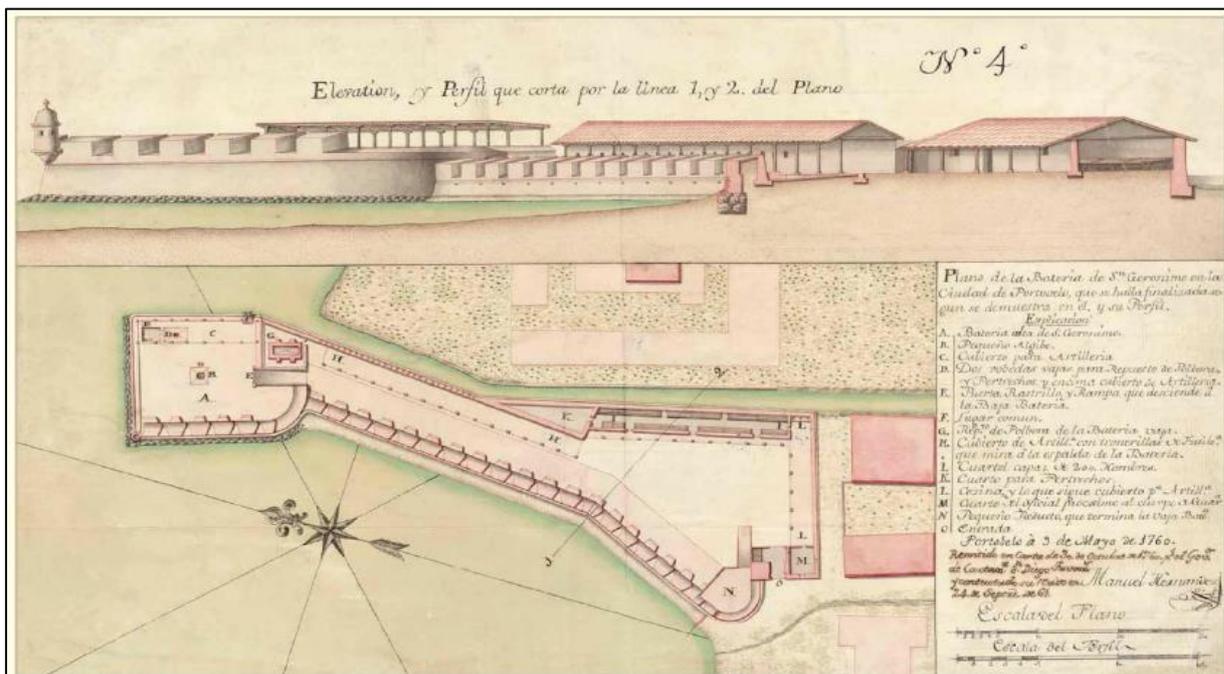
O forte de San Jerónimo foi construído no século XVII em Portobelo. Foi a terceira fortaleza a ser construída com a função de fortalecer a defesa da cidade (Calvo, 2016; Lecumberry, 2007). Essa fortificação foi construída numa localização estratégica, na costa da baía de Portobelo, para proteger o transporte de mercadorias da Coroa Espanhola, além de

estar cerca de 50 metros do edifício da Aduana, que abrigava o governador e servia como escritório fiscal da cidade (Lecumberry, 2007). Sobre a função e objetivo da construção do forte de San Jerónimo, Ardila (2017, p.2, tradução nossa) reforça que:

A bateria de San Jerónimo era um edifício originalmente destinado a conter peças de artilharia (canhões) com o objetivo de proteger a praça de Portobelo, este edifício é construído ligeiramente acima do nível do mar, o que nos tempos coloniais permitiu que a sua artilharia conseguisse disparos baixos contra os navios inimigos que chegavam à baía de Portobelo.

Calvo (2016) aponta, em suas descrições, que o engenheiro Cristóbal de Roda Antonelli destacou ser necessário para sua defesa apenas 100 homens e 23 peças de artilharia. A figura 10 mostra o plano da bateria do forte de San Jerónimo em 1760. A conclusão dessa fortificação se deu apenas no século XVIII (Ardila, 2017)

Figura 10. Plano da bateria de San Jerónimo na cidade de Portobelo, 1760



Fonte: Calvo (2016, p. 270).

Sobre o local em que o Forte de San Jerónimo foi escolhido para ser construído, Ardila (2017) detalha que está situado em uma área de corpos d'água, e apenas a parte localizada ao sul se encontra em terra firme. Sobre suas características, Ardila (2017, p.2, tradução nossa) descreve:

Este edifício está rodeado por dois corpos de água no seu perímetro, a leste a fortaleza faz fronteira com o riacho da Guiné e a norte e oeste com o Mar do Caribe. Apenas a extremidade sul da bateria está em terra seca. A bateria de San Jerónimo é composta por 5 peças de artilharia localizadas 2,50 metros acima do mar, e contém depósitos de pólvora e munição. A fortaleza tem uma bateria baixa construída sobre um rochedo ligeiramente elevado acima do mar, com espaço para 18 peças de artilharia, uma área destinada para o quartel com capacidade para 200 homens, os aposentos dos oficiais ou castelhanos estão situados perto da entrada da fortaleza, um pequeno reduto que protegia a entrada para a fortaleza e a área da cozinha. A bateria de San Jerónimo conta com duas guaritas, uma localizada junto à entrada do edifício e a segunda em cima da bateria alta. A bateria de San Jerónimo foi concluída em meados do século XVII pelo engenheiro militar Ignacio Sala.

Ainda conforme o autor, essa fortificação se encontra rodeada de muro que as protege, além de ter sido construída livre de outras estruturas (Ardila, 2007). A Figura 11 mostra o forte de San Jerónimo atualmente.

Figura 11. Forte de San Jerónimo



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

2.4. El Nazareno: “O Cristo Negro”

A história do Cristo Negro foi baseada em lendas contadas por seus ancestrais, alimentadas por gerações por aqueles que construíram toda a mitologia; começando com sua aparição, que, pelos contos, é datada do século XVII, sendo contada de diversas formas, todas elas com semelhanças entre umas e outras.

Uma das lendas mais conhecidas sugere que um navio tentava zarpar, mas, sempre que começavam os preparativos, surgia no mar uma tempestade, impedindo que o barco pudesse sair do local, até que decidiram deixar as cargas as margens da baía, fazendo com que, milagrosamente, a tempestade passasse. Os moradores, ao abrirem a carga, viram que se tratava de uma imagem de Cristo, que foi carregada para a igreja, logo, iniciando a devoção.

Barrera (1987) aponta que a imagem surgiu nos anos de 1670, quando um barco carregava dois santos, um branco e outro negro, a primeira com destino a Portobelo (Panamá) e outra para Cartagena (Colômbia):

Diz a lenda que por volta de 1670, um navio chegou a Portobelo com dois santos, um branco que devia ficar em Portobelo e um Nazareno negro com destino a Cartagena. Depois de deixarem o Cristo branco, tentaram zarpar, mas não conseguiram. Cada vez que o navio tentava sair de Portobelo para continuar a sua viagem, uma tempestade surgia. Por sugestão de um dos marinheiros do navio, eles fizeram uma mudança; deixaram o Cristo negro em Portobelo e decidiram seguir viagem com o Cristo branco. Para surpresa de todos, a tempestade se acalmou, os espanhóis desistiram e chegaram à conclusão de que era a vontade do Cristo negro permanecer em Portobelo, e assim, o Cristo negro tornou-se o santo padroeiro do povo de Portobelo. Este fato, considerado como um dos milagres mais importantes de Portobelo, deu origem a uma fé fervorosa no santo, que, mais tarde, se estendeu a outras regiões do país (BARRERA, 1987, p.49, tradução nossa).

Patinõ (1982) *apud* Vásquez e Barcia (2009) apresenta uma versão próxima a de Barreira (1987), porém a data de chegada da imagem do Cristo Negro à cidade, diferente da anterior, segundo o autor, aconteceu no dia 21 de outubro de 1658:

Conta a lenda que no dia 21 de outubro de 1658 chegou nas praias da comunidade panamenha de Portobelo, em Colón, a imagem do Cristo Negro. [...] o Cristo foi levado em um barco para Cartagena e o mau tempo forçou-o a desembarcar em Portobelo. A história acrescenta que, sempre que este barco tentava zarpar, era desencadeada uma tempestade que o impedia. Após várias tentativas, os espanhóis responsáveis pela imagem decidiram deixá-la em Portobelo, e, desde então, tem estado lá permanentemente (PATIÑO, 1982, p.25, *apud* VÁSQUEZ; BACIA, 2009, p. 7, tradução nossa).

Lecumberry (2007) também conta uma outra versão próxima das anteriores. O autor relata que a imagem chegou por volta de 1650, onde um galeão seguia para Cartagena das Índias

com vários objetos religiosos, porém, devido uma tempestade e a dificuldade de zarpar, foi necessário atirar uma caixa ao mar para seguir viagem:

[...] um galeão espanhol de Cartagena de Índias teria chegado ao longo de Portobelo, mas, devido a uma forte tempestade, teve de se refugiar na baía. Quando o vento acalmou, o navio voltou ao mar, mas a tempestade piorou e teve de regressar. A âncora foi colocada e o vento voltou a acalmar. Após várias tentativas, o cenário repetiu-se. O capitão decidiu aliviar o navio. Atirou ao mar uma caixa pesada de objetos religiosos destinados a Cartagena, que tinham sido deixados a bordo por engano. Depois zarpou, seguindo a sua rota num mar tranquilo. Os habitantes de Portobelo, surpreendidos com as manobras do navio, recuperam a caixa e encontram o nazareno no seu interior. Eles entendem que o cenário das mudanças do vento é na realidade um milagre. O Cristo queria ficar na aldeia, por isso colocaram o santo de boas-vindas no retábulo da sua igreja (LECUMBERRY, 2007, p.30, tradução nossa).

Além da lenda apresentada, outra sugere que a origem da imagem do Cristo Negro está relacionada a uma epidemia de cólera e varíola na cidade de Portobelo, que, ao surgir, as doenças quase que imediatamente cessaram, curando até mesmo os enfermos. Segundo Franco (1999, p.294, tradução nossa):

[...] esta celebração começou em 1658, quando os habitantes do lugar viram flutuar, na baía de Portobelo, uma caixa contendo a imagem de madeira de Jesus de Nazaré que, ao ser descoberta, curou milagrosamente os moradores da comunidade, que enfrentavam uma epidemia de cólera.

Vásquez e Bacia (2009) apontam que a chegada do Cristo Negro se deu na mesma época em que a cidade de Portobelo passava por uma epidemia de varíola:

[...] ao mesmo tempo que a chegada do Cristo Negro a Portobelo, eclodiu uma terrível epidemia de varíola, que dizimou fortemente a população e levou todos os cidadãos da cidade a implorar à imagem de joelhos para os proteger da doença. Milagrosamente, a epidemia cessou no dia seguinte, e desde esse dia, todos os 21 de outubro, realiza-se uma procissão multitudinária à Igreja de San Felipe em Portobelo (VÁSQUEZ; BACIA, 2009, p. 7, tradução nossa).

Os organizadores da festa do Cristo Negro entrevistados relatam versões de lendas semelhantes às que foram apresentadas. Dois dos organizadores entrevistados contam que a chegada da imagem a Portobelo está relacionada a uma tempestade em que foi necessário o barco que a carregava atirarem-na na água. Quando a cidade passava por uma epidemia, a imagem chegou à costa e alguns pescadores encontraram-na:

Bom a festa de Jesus Nazareno se remonta a 4 séculos, aproximadamente. Naquele tempo, uma embarcação deixou a imagem em uma das praias próximas à nossa comunidade. Nesse momento os tripulantes queriam zarpar, mas não podiam porque houve uma tempestade. Cada vez que queriam ir, a tempestade vinha, e eles se deram conta de que o Cristo queria ficar aqui e um senhor encontrou a milagrosa imagem de Jesus Nazareno, viu e deu o aviso, neste momento na comunidade de Portobelo havia uma terrível epidemia, praticamente todos estavam afetados eles aproveitaram a chegada da imagem e pediram a ela que cessasse a enfermidade, a enfermidade cessou e em 21 de outubro, a partir desse momento, de geração em geração se venera a milagrosa imagem de Jesus Nazareno [...] (ORGANIZADOR 1, 2019⁸).

[...] ele chegou, por engano, aqui no porto de Portobelo, dizem que houve uma tempestade e tiveram que desembarcar a imagem porque não podiam zarpar, no momento que atiraram a imagem à água, o tempo mudou e a imagem chegou à costa e os pescadores acharam, dizem que havia uma epidemia de... não me lembro se era varíola, uma doença que eles temiam muito debilitante e eles recorreram a Ele, então para o 21 de outubro prometeram que se fossem salvos da doença, que havia no povoado, eles iam levar em passeio pelo povoado. E como estavam tão doentes, eles não podiam com a imagem, mas a levaram ao passo 1 para a frente e 2 para trás, porque estavam tão debilitadas as pessoas que tinham a enfermidade e ele ficou com esse passo por isso que a procissão leva esse passo assim à frente e assim à trás (ORGANIZADOR 2, 2019⁹).

Outro entrevistado conta que a origem da imagem é uma controvérsia e que existem várias versões para sua explicação, porém ele relata uma em que aparece o Santo de Atalaya¹⁰, que até então não havia sido encontrada em referências históricas para realização desta pesquisa:

Bom, é que isso é uma controvérsia. Há várias versões com relação ao Cristo Negro porque uns dizem que vem em uma caixa e uns pescadores no meio da baía, que vinha um barco com duas imagens, supostamente, entre aspas, a imagem, uma negra era o Cristo Negro e a outra era o Santo de Atalaya, dizem os moradores antigos que uns pescadores estavam pescando na baía e de repente viram um barco e se fez um mau tempo, o mau tempo estava tão, tão forte, muitas ondas [...] e a embarcação e o capitão da embarcação ordenou atirar várias caixas à água, não atiraram a do Cristo Negro, o mau tempo seguia, uma vez jogado o Cristo Negro, o mau tempo se cessou, voltaram a pegar todas as que tinham e deixaram o Cristo Negro na água e continuaram sua viagem. Os pescadores ao verem isso se acercaram, viram a caixa, trouxeram à costa do povoado quando a abriram viram que era a imagem do Cristo Negro (ORGANIZADOR 3, 2019¹¹).

⁸ Organizador da festa do Cristo Negro. Entrevistado em 19 de outubro de 2019.

⁹ Organizador da festa do Cristo Negro. Entrevistado em 20 de outubro de 2019.

¹⁰ Imagem de Jesus Cristo encontrada em Atalaya na Província de Veraguas, Panamá.

¹¹ Organizador da festa do Cristo Negro. Entrevistado em 20 de outubro de 2019.

A lenda que retrata uma epidemia no momento da chegada da imagem ao povoado de Portobelo também foi narrada por um dos organizadores da festa do Cristo Negro:

[...] a festa do Nazareno é uma promessa que o povo fez, o povo de Portobelo faz ao Nazareno que os livrou de uma epidemia, que vão levar, todos saem em procissão e contam que 21 de outubro de 1674 cessou a peste que era a varíola e esse ano levaram o Nazareno pela primeira vez e desde então todos os anos é celebrado neste dia. A festa toda dura praticamente 1 mês, desde a última semana de setembro até a última semana de outubro, é feita a festa do Nazareno (Organizador 4, 2019¹²).

A referência do nome “Cristo Negro”, conforme Lecumberry (2007), advém do fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando o exército dos Estados Unidos decidiu enviar vários soldados para participar da procissão e agradecer pelo fim da guerra. O autor afirma que, durante o acontecimento e a efervescência da festa em comemoração ao “Nazareno”, os soldados gritaram “Viva Cristo Negro” e, desde então, o nome permaneceu, porém os fiéis do país ainda seguem o chamando de “Nazareno” (Lecumberry, 2007).

É notável que a mitologia que cerca o Cristo Negro é mantida na memória de seus seguidores, mesmo que os detalhes sejam apresentados de maneiras diferentes. É evidente o padrão nas falas apresentadas pelos organizadores da festa. O símbolo religioso local é um dos pontos chave do cotidiano da população, sendo a festa aguardada durante todo o ano, permanecendo como uma tradição que não cessou mesmo na passagem de gerações. Tudo traz evidências concretas do quão forte é a identidade cultural daquele lugar, que tomou para si a responsabilidade de manter viva a crença no “Nazareno”.

2.5. Caracterização socioeconômica da cidade de Portobelo

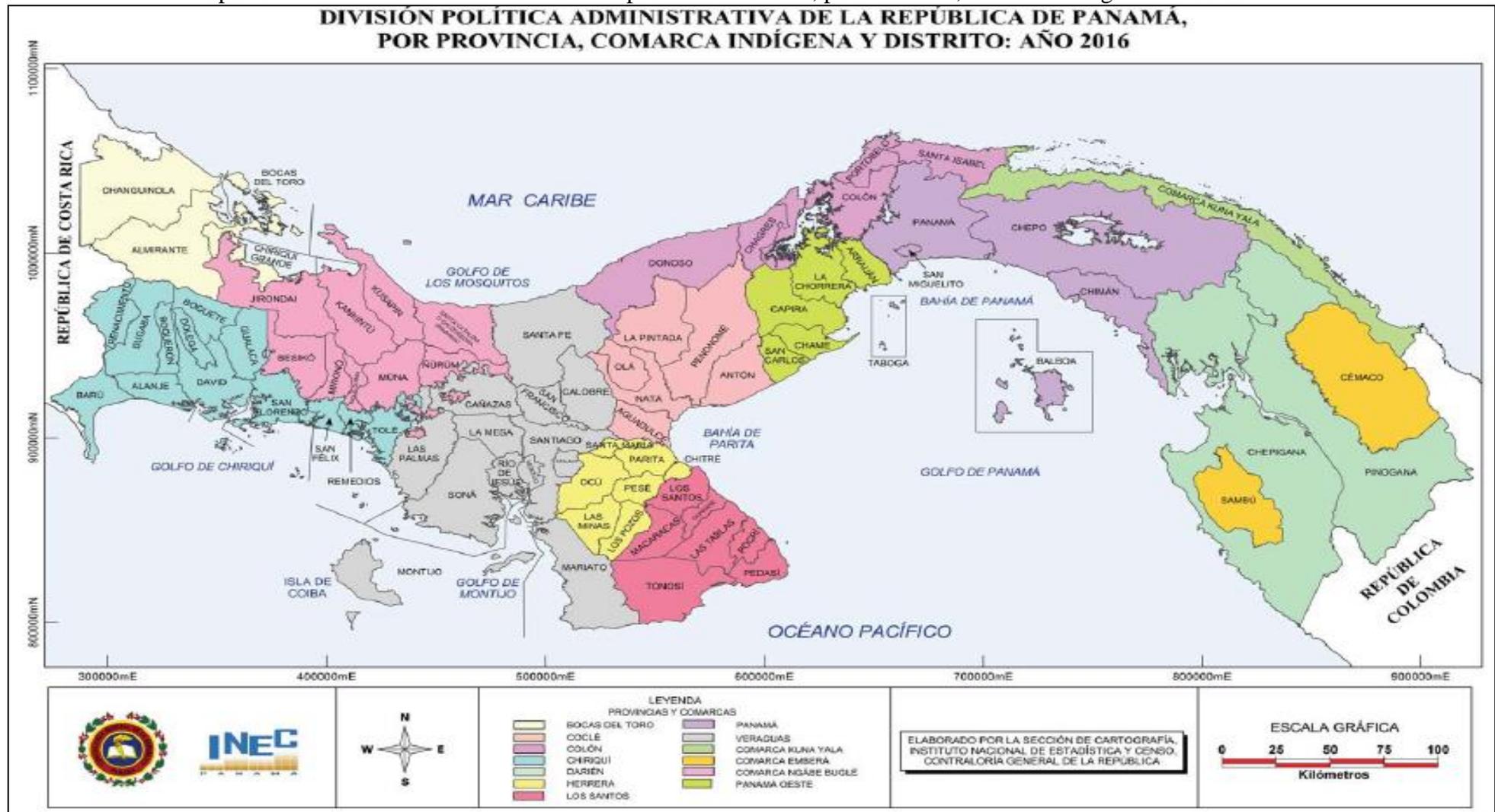
No contexto geográfico, compreender a divisão territorial de um país é essencial para entender as “relações espaço-poder institucionalizadas”, ou seja, como o Estado exerce o seu poder e administra o território. (Haersbaert, 2004, p.40).

A divisão territorial da República do Panamá é composta atualmente por 10 Províncias, 77 Distritos, 3 Comarcas Indígenas¹³ com categoria de Província (Mapa 4) e 655 corregimentos (Panamá, 2018).

¹² Organizador da festa do Cristo Negro. Entrevistado em 20 de outubro de 2019.

¹³ As comarcas indígenas Kuna Yala, Emberá e Ngäbe Buglé são consideradas Províncias, já as comarcas Kuna de Madungandí (Localizada na Província do Panamá, Distrito de Chepo) e Kuna de Wargandí (Localizada na Província de Daren, Distrito de Pinogana) são definidas como corregimentos (PANAMÁ, 2018).

Mapa 4. Divisão Político-Administrativa da República do Panamá, por Província, Comarca Indígena e Distrito



Fonte: Instituto Nacional de Estadística y Censo. Panamá en cifras: años 2012-16. Disponível em: <<https://www.inec.gob.pa/archivos/P8551PanamaCifrasCompleto.pdf>>. Acesso em: 29 de abr. 2021.

Sobre a contagem populacional, a República do Panamá, de acordo com o último Censo demográfico realizado no ano de 2010 pelo Instituto Nacional de Estatística e Censo (INEC), apresenta 3.405.813 habitantes.

É importante destacar que há uma disparidade com relação à distribuição da população do país, pois, conforme podemos observar na Tabela 1, pouco mais da metade está concentrada na Província do Panamá, que abriga no total 1.713.070 habitantes, seguida de Chiriquí com 416.874 e Colón, que possui um total de 241.928, onde a cidade de Portobelo se localiza. Apresentam o menor número de habitantes Darién e as Comarcas Indígenas Emberá e Kuna Yala (INEC, 2010).

Ressalta-se que é na Província do Panamá que a Capital do país está localizada, motivo pelo qual se pode explicar tal disparidade, pois fatores atrativos como: maior oferta de emprego, educação, saúde, infraestrutura e melhores condições de vida muitas vezes concentram-se nas principais cidades do país.

Tabela 1. População da República do Panamá, por Província e Comarca Indígena: Censo de 2010¹⁴

População da República, por Província e Comarca Indígena: Censo de 2010												
Bocas del Toro	Coclé	Colón	Chiriquí	Darién	Herrera	Los Santos	Panamá	Veraguas	Comarca Kuna Yala	Comarca Emberá	Comarca Ngöbe Buglé	Total
125.461	233.708	241.928	416.873	48.378	109.955	89.592	1.713.070	226.991	33.109	10.001	156.747	3.405.813

Fonte: Adaptada de INEC (2010). Disponível em: <https://www.inec.gob.pa/publicaciones/Default3.aspx?ID_PUBLICACION=356&ID_CATEGORIA=13&ID_SUBCATEGORIA=59>

A Província de Colón, terceira com maior número de habitantes, é dividida atualmente em 5 Distritos, dentre eles está o de Portobelo¹⁵, onde se encontra o corregimento de Portobelo, recorte espacial desta pesquisa. Definido como sua capital, também chamado “Cabecera”, a cidade possui 4.559 habitantes (Tabela 2). Em dez anos Portobelo teve um aumento de 692 habitantes. Com relação à distribuição da população, em 2010, eram 18,6 por km², densidade demográfica baixa. Sendo assim, o crescimento populacional foi lento ao longo dos anos de 1990 a 2010.

¹⁴ Até a data em que o censo foi realizado no ano de 2010, “[...]a divisão política da República do Panamá era composta por 9 e 3 comarcas indígenas com regime provincial (Kuna Yala, Emberá, Ngäbe-Buglé), 75 distritos e 631 municípios” (INEC, 2014, p.32 - tradução nossa).

¹⁵ Os demais Distritos são: Cacique, Puerto Lindo o Garrote, Isla Grande e María Chiquita.

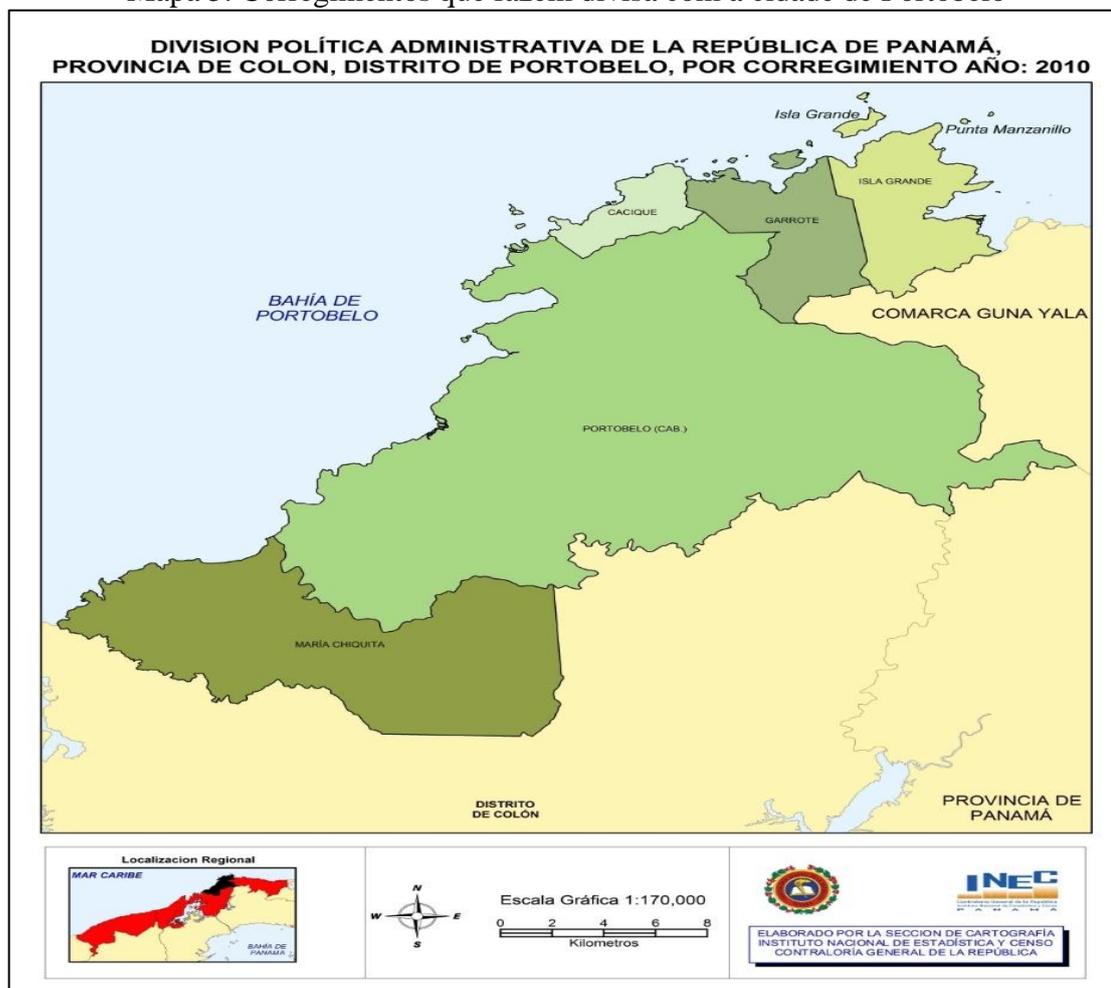
Tabela 2. Superfície, população e densidade da população do corregimento de Portobelo, Panamá: Censo de 2010

Corregimento	Superfície (km ²)	População			Densidade demográfica (habitantes por km ²)		
		1990	2000	2010	1990	2000	2010
Portobelo (Cabecera)	244,7	3.058	3.867	4.559	12,5	15,8	18,6

Fonte: Adaptada de INEC (2010). Disponível em: <https://www.inec.gob.pa/publicaciones/Default3.aspx?ID_PUBLICACION=556&ID_CATEGORIA=3&ID_SUCATEGORIA=10>.

Fundada no ano de 1597, a cidade de Portobelo está situada na Costa Atlântica do Panamá, fazendo divisa com os corregimentos de María Chiquita, Puerto Lindo o Garrote e Cacique (Mapa 5). A cidade está inserida no Parque Nacional Portobelo¹⁶, área protegida a nível nacional (Figura 12).

Mapa 5. Corregimentos que fazem divisa com a cidade de Portobelo



Fonte: INEC, 2016. Disponível em: <<https://www.inec.gob.pa/archivos/0.626042707Portobelo.pdf>>. Acesso: 29 de abr. 2021.

¹⁶ Criado através do Decreto Executivo 91 de 22 de dezembro de 1976. Diário Oficial 18.252 de 12 de janeiro de 1977.

Figura 12. Imagem aérea da cidade de Portobelo



Fonte: Onell Aneldo Duran Godo, 2019. Nota: As áreas com vegetação densa, são protegidas.

No tocante à população afrodescendente, o censo realizado no ano de 2010 define que “[...] afrodescendente se refere ao grupo social proveniente da África trazido inicialmente pelos Europeus para a América se dividindo em subetnias, de acordo com os períodos em que chegaram ao Istmo” (INEC, 2014, p.22, tradução nossa). Assim, foram consideradas como parte desse grupo social “todas as pessoas que se declararam ou se identificaram Afrodescendentes na lista de ocupantes da casa” (INEC, 2014, p.24, tradução nossa).

Antes de apresentarmos os dados a respeito da população afrodescendente do corregimento de Portobelo, é importante destacar que mais da metade (68,1%) reside na Província do Panamá. A segunda Província com maior número é Colón (22,4%). Ambas as províncias contabilizam juntas 84,2% do grupo afrodescendente no país, isso se deve à forte migração de trabalhadores antilhanos com a construção da Ferrovia e do Canal Interoceânico (INEC, 2014).

Na Província de Colón, se identificam afrodescendentes 70.073 habitantes. Dentre os Distritos com maior número estão Colón com 65.320 e Portobelo com 2.353 (Tabela 3).

Tabela 3. População Afrodescendente no Distrito de Portobelo: Censo de 2010

Província	Distrito	População Afrodescendente	População total do Distrito
Colón	Chagres	854	10.003
	Colón	65.320	206.553
	Donoso	426	12.810
	Portobelo	2.353	9.126
	Santa Isabel	1.120	3.436

Fonte: Adaptada de INEC (2010). Disponível em: <
https://www.inec.gob.pa/archivos/P6541Afrodescendiente_Integrados.pdf>

Chama atenção a metodologia utilizada pelo censo demográfico realizado em 2010, que detalha os dados da população afrodescendente por grupos de autoidentificação:

Negro(a) colonial: Descendente de escravos africanos trazidos para o istmo durante a Colonização espanhola. **Negro(a) antillano(a):** Descendente de trabalhadores antilhanos de língua francesa, inglesa ou outras línguas que chegaram ao Panamá, principalmente durante a construção da Ferrovia Transistmítico, Canal Francês no final do século XIX e Canal Norte-americano. **Negro (a):** Aquela pessoa com ancestrais descendentes de negros escravizados ou coloniais e/ou descendentes de antilhanos negros ou afroantilhanos que fala inglês, francês ou outras línguas, migrantes nos diferentes períodos do desenvolvimento nacional, que selecionou esta opção de auto-identificação. **Outro:** Algum outro grupo negro ou afrodescendente [moreno, mestiço, mulato, entre outros] não incluído nas categorias citadas, declarado pelo informante. **Não declarou:** Quando a pessoa declarou na Lista de Ocupantes da Casa, que não se considera negro ou afrodescendente. (INEC, 2014, p. 23, tradução nossa).

Com relação aos dados da população afrodescendente na área de pesquisa, o corregimento de Portobelo, observa-se na Tabela 4 que a maior parte (521 habitantes) se declarou negro, ou seja, aquela pessoa com ancestrais descendentes de negros escravizados ou coloniais e/ou descendentes de antilhanos negros ou afroantilhanos (INEC, 2014). Outro resultado considerável foi a quantidade de habitantes que se identificaram afrodescendentes de Negro Colonial (323 moradores), descendente de escravos africanos trazidos ainda no período da colonização espanhola (INEC, 2014).

Ambos os grupos ascendem um passado marcado pela escravidão, quando várias pessoas tiveram que sair à força de seus lugares de origem para serem escravizados em terras até então desconhecidas.

É importante destacar que acontece no corregimento de Portobelo, a cada dois anos, o Festival de Congos y Diablos, que representa a cultura Congo, e a festa do Cristo Negro, onde acontece em sua programação todos os anos a Missa Afro.

Tabela 4. População Afrodescendente no corregimento de Portobelo, por grupos de autoidentificação: Censo de 2010

Corregimento	População Total	Grupos de autoidentificação afrodescendente					Total
		Negro Colonial	Negro Antilhano	Negro	Outro	Não declarou	
Portobelo (Cabecera)	4.559	323	108	521	38	3	993

Fonte: Adaptada de INEC (2010).

Sobre os dados da população indígena, o censo de 2010 mostrou que há 7 grupos indígenas (Kuna, Ngäbe, Buglé, Teribe/Naso, Bokota, Emberá e Wounaan) no corregimento de Portobelo (Tabela 5). De todos os povos indígenas encontrados na cidade, 55 pessoas afirmaram pertencer ao grupo Emberá.

Conforme o INEC (2010, p.13), “a presença dos povos Kuna e Ngäbe - Buglé é registrada na época da conquista espanhola, enquanto que os Emberá-Wounaan entraram no país no final do século XVII e início do século XVIII, vindos de Chocó, Colombia. Por sua vez, os Teribe/Naso chegaram nos séculos XVIII e XIX procedentes da Costa Rica, [...] enquanto os Bokota foram identificados em 1927”.

Tabela 5. Grupos indígenas na cidade de Portobelo, Panamá: Censo de 2010

Grupo Indígena	Casos
Kuna	33
Ngäbe	23
Buglé	20
Teribe/Naso	2
Bokota	3
Emberá	55
Wounaan	2
Outro	2
Nenhum	4 416
Não declarado	3
Total	4 559

Fonte: Adaptada de INEC (2010). Disponível em:
<<https://www.inec.gob.pa/panbin/RpWebEngine.exe/Portal?BASE=LP2010>>

Uma das informações que chama atenção refere-se aos dados a respeito da religião da população da República do Panamá. Embora a importância de visualizarmos sua espacialização por províncias, distritos e corregimentos, foi informado pelo INEC (2021) que, em seu banco de dados, só teriam atualizações dos anos de 2009 e 2018, não abrangendo por divisão administrativa, apenas de todo o país. Na tabela 6 a seguir é possível visualizar as religiões identificadas em questão.

Tabela 6. Religião da população da República do Panamá

Religião	População			
	1998		2009	
	Total	Porcentagem (%)	Total	Porcentagem (%)
Católica	2.094.931	81,9	2.356.738	69,7
Evangélica	264.387	10,3	607.529	18,0
Adventista	45.138	1,8	50.460	1,5
Testemunha de Jeová	31.254	1,2	32.491	1,0
Mórmons	12.101	0,5	14.920	0,4
Budismo	5.731	0,2	9.148	0,3
Episcopal	2.442	0,1	1.927	0,1
Judaísmo	1.059	0,0	3.152	0,1
Islamismo	-	-	7.304	0,2
Nenhuma	80.749	3,2	286.005	8,5
Outra	21.087	0,8	9.677	0,3

Fonte: Adaptada de INEC (2021).

A tabela 6 mostra que, apesar da religião Católica predominar a maior parte da população, houve uma diminuição considerável do número de pessoas pertencentes entre 1998 e 2009 (12%), porém, houve um aumento principalmente na Evangélica de 7,7%. Chama atenção o crescimento de habitantes que não estão inseridos em nenhuma religião entre os anos de 1998 (3,2%) e 2009 (8,5%).

Além do conhecimento sobre a composição populacional, julgamos necessário entender algumas características das casas atualmente ocupadas no Distrito de Portobelo, especificamente na cidade de Portobelo. Essas informações mostram questões básicas e necessárias para a análise da qualidade de vida da população residente.

Observando a Tabela 7, nota-se que a cidade de Portobelo possui 1.148 casas para 4.559 habitantes. Dentre os dados que chamam atenção, a quantidade de casas que não possuem acesso a água potável (92 casas) e não tem serviço sanitário (47 casas).

Tabela 7. Algumas características importantes das casas particulares ocupadas dos Corregimentos do Distrito de Portobelo: Censo de 2010

Corregimentos	Algumas características das casas particulares ocupadas			
	Total	Sem água potável	Sem serviço sanitário	Sem luz elétrica
Portobelo (Cabecera)	1.148	92	47	98
Cacique	66	8	7	6
Puerto Lindo o Garrote	243	37	14	13
Isla Grande	290	56	39	28
María Chiquita	650	22	23	35

Fonte: Adaptada de INEC (2010). Disponível em: <

https://www.inec.gob.pa/publicaciones/Default3.aspx?ID_PUBLICACION=355&ID_CATEGORIA=13&ID_SUCATEGORIA=59>

Um dos dados que chama atenção é o acesso à água potável. Mas que acesso? Em visita de campo no ano de 2019, observou-se que a cidade não possui um Sistema de Tratamento de Água, assunto que também foi comentado por pessoas ligadas às entidades públicas de responsabilidade administrativa da cidade.

Em pesquisa de campo, uma das primeiras informações adquiridas foi que nem todos os moradores tinham acesso à água tratada, o que foi confirmado em entrevista com a Secretária Geral¹⁷ da cidade de Portobelo: “[...] *Lamentablemente no contamos con agua potable, pero contamos con agua pluvial en la cual viene del auge de la cuenca, donde tenemos una planta que es la que abastece a nivel general y a comunidades adyacentes a su vez [...]*” (Secretária Geral, 2019).

Recentemente, o Instituto de Acueductos y Alcantarillados Nacionales (IDAAN), informou que “*Actualmente los residentes de Portobelo reciben el servicio por medio de carros cisternas y a través del acueducto existente que opera de manera irregular [...]*”¹⁸ (IDAAN, 2020).

Em conversa com o arquiteto da prefeitura da cidade, além do grave problema de não possuir água potável, a contaminação da Baía de Portobelo. De acordo com ele, as lavouras utilizam muitos agrotóxicos e, como chove muito na região, toda água contaminada escoava diretamente para Baía. Nesse momento, ele mostra uma fotografia aérea tirada em julho deste ano. É possível ver claramente o estado atual em que a Baía de Portobelo se encontra (Figura 13).

¹⁷Entrevista realizada no dia 26 de outubro de 2019 em visita de Campo à cidade de Portobelo, Panamá.

¹⁸Disponível em: < <https://www.idaan.gob.pa/portobelo-y-costa-arriba-de-colon-contaran-con-nuevas-plantas-potabilizadoras/>>. Acesso: 12 de mai. 2021.

Figura 13. Parte da água da Baía de Portobelo contaminada



Fonte: Onell Aneldo Duran Godo, 2019. Nota: Adaptada pela autora, 2019. Toda a parte que está tracejada em vermelho, está contaminada.

Conforme podemos observar, a falta de políticas públicas adequadas faz com que a maioria da população da cidade de Portobelo precise depender de formas irregulares e muitas vezes inadequadas de abastecimento de água potável, comprometendo a sua qualidade de vida. A Tabela 8 mostra as formas de abastecimento de água na cidade de Portobelo no ano de 2010.

Tabela 8. Formas de abastecimento de água na cidade de Portobelo: Censo de 2010

ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Casos	Porcentagem (%)
Aqueduto público IDAAN	9	0.78%
Aqueduto público comunitário	1.004	87.46%
Aqueduto particular	39	3.40%
Poço sanitário	32	2.79%
Poço meio-fio desprotegido	11	0.96%
Água da Chuva	2	0.17%
Poço superficial	12	1.05%
Rio, riacho ou lago	35	3.05%
Água engarrafada	3	0.26%
Outra	1	0.09%
Total	1.148	100.00%

Fonte: Adaptada de INEC (2010). Disponível em:
<<https://www.inec.gob.pa/panbin/RpWebEngine.exe/Portal?BASE=LP2010>>

Outro problema visto em campo foi o esgotamento sanitário. Embora os dados sugerissem que apenas 47 casas não teriam acesso, ao percorrer toda a cidade durante visita de campo, foi possível observar a falta de infraestrutura para esse tipo de serviço. Casas com encanação improvisada (figura 13), esgoto a céu aberto (figura 14) e resíduos sendo despejados às margens da Baía da Cidade. As demais casas, segundo o censo de 2010, possuem algum tipo de serviço sanitário: 305 dispõem de buraco ou latrina, 787 estão conectadas à fossa séptica e apenas 9 estão conectadas diretamente ao esgoto.

A Figura 14 traz a realidade de dois bairros da cidade. A imagem A mostra casas em áreas irregulares, próximas ao forte de San Jerónimo. A imagem B expõe habitações com localização privilegiada, no centro, próxima a Igreja de San Felipe.

Figura 14. Casas com encanação improvisada



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 14. Esgoto a céu aberto



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Embora os dados apresentem balanços positivos em relação às questões básicas que os moradores da cidade de Portobelo deveriam ter o direito ao acesso, existe uma lacuna visível no tocante às políticas públicas direcionadas a serviços como: abastecimento de água potável, esgotamento sanitário, drenagem urbana, entre outros. Os dados não dizem por si só, mas a cidade carece de saneamento básico adequado.

Sobre o perfil da população, o INEC traz uma análise partindo dos habitantes com 10 anos ou mais. Na tabela a seguir (tabela 9), é possível visualizar dois dados importantes referentes à Educação e População Economicamente Ativa (população ocupada e população desocupada).

Tabela 9. Perfil da população com 10 anos ou mais: Censo de 2010

Corregimiento	Perfil da população com 10 anos ou mais						
	Total	Com menos do terceiro ano do ensino fundamental aprovado	Ocupados		Desempregados	Não economicamente ativa	Analfabeta
			Total	Em atividades agropecuárias			
Portobelo (Cabecera)	3.701	268	1.726	178	152	1.735	146
Cacique	207	7	97	20	14	95	6
Puerto Lindo o Garrote	712	76	301	75	27	379	43
Isla Grande	845	60	374	43	46	389	35
María Chiquita	1.927	121	908	52	109	907	60

Fonte: Adaptada de INEC (2010). Disponível em: <
https://www.inec.gob.pa/publicaciones/Default3.aspx?ID_PUBLICACION=358&ID_CATEGORIA=13&ID_SUBCATEGORIA=59>

Partindo primeiramente dos dados que dizem respeito à educação, uma das dimensões básicas para definição do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), nota-se que um total de 268 pessoas não completou o terceiro ano do ensino fundamental, enquanto 146 são analfabetas (Tabela 9).

Em visita de campo no ano de 2019, observou-se que, apesar de problemas relacionados ao saneamento básico, a cidade oferece uma boa estrutura educacional.

Atualmente a cidade conta com duas escolas, uma de nível pré-escolar e primário e outra para secundário que oferece também extensão universitária. Nas palavras da Secretária Geral da cidade: “[...] contamos com duas escolas em cada corregimento. O colégio no corregimento de Portobelo conta com horários noturnos para as pessoas maiores de idade que não puderam terminar sua educação e também com uma extensão universitária [...]” (Secretária Geral, 2019, tradução nossa).

O Vice-Diretor das escolas também entrevistado¹⁹ relatou que: “[...] o Centro Educativo Jacoba Urriola Solis em Portobelo possui duas estruturas: a primária que atende crianças de 6 a 11 anos, [...] o pré-médio e médio [...]. Estamos divididos por estruturas, com aproximadamente 500 metros de distância [...]” (Vice-Diretor, 2019, tradução nossa).

A estrutura mencionada pelo vice-diretor que atende alunos do pré-medio e médio oferta também extensão universitária em três cursos: Bacharelado em Turismo, Informática e Agropecuária.

Apesar dos esforços para uma boa qualidade na educação, visíveis na infraestrutura das escolas e no próprio formato do sistema educacional, com oferta de extensões universitárias, 301 pessoas não possuem nenhum grau de instrução (Tabela 10). Essa informação pode refletir no número de desempregados, por exemplo, uma vez que o grau escolaridade é muito utilizado para ingressar no mercado do trabalho, apesar de não ser regra para todas as profissões.

¹⁹ Entrevista realizada no dia 25 de outubro de 2019.

Tabela 10. Nível de escolaridade da população da cidade de Portobelo, Panamá: Censo de 2010

Nível de escolaridade	Casos	Porcentagem (%)
Ningún grado	301	7.35%
Pre-escolar	110	2.68%
Primaria incompleta	762	18.59%
Primaria completa	909	22.18%
Secundaria incompleta	923	22.52%
Secundaria completa	673	16.42%
Universitaria hasta 3	108	2.64%
Universitaria 4 y más	181	4.42%
Especialidad (post-grado)	10	0.24%
Maestria	19	0.46%
Doctorado	4	0.10%
Superior no universitaria	33	0.81%
Vocacional	59	1.44%
Enseñanza especial	5	0.12%
No declarado	1	0.02%
Total	4 098	100.00%

Fonte: Adaptada de INEC (2010). Disponível em: <<https://www.inec.gob.pa/panbin/RpWebEngine.exe/Portal?BASE=LP2010>>

Conforme observado em visita à cidade, foi evidente a falta de oferta de empregos. O comércio é uma das atividades econômicas que se destaca, porém os 3 supermercados visitados na cidade, denominados de “Mini super”, pertencem a famílias chinesas, a única lavanderia também pertence a Chineses, a única Padaria, a Colombianos, a lanchonete a Espanhóis. Dos estabelecimentos visitados, dois restaurantes pertenciam a famílias de Portobelo, além de pequenas mercearias em bairros visitados (localizados em áreas periféricas) para atender os habitantes que residem no entorno (Figura 15).

Figura 15. Mercearia em bairro periférico na cidade de Portobelo, Panamá



Acervo Pessoal, 2019.

Na Tabela 9, os dados também trazem resultados referentes à População Economicamente Ativa. Dentre os 1.726 residentes com algum tipo de ocupação, 178 estão envolvidos com atividades agropecuárias. No total, 152 encontravam-se desempregados, conforme o censo de 2010. Os habitantes contabilizados como não economicamente ativos somam 1.735; provavelmente são aqueles que não possuem idade ou não estão à procura de trabalho.

Durante visita de campo, ouvi alguns relatos de pessoas que saíam do corregimento de Portobelo para trabalhar em cidades vizinhas, pois a oferta de emprego naquela localidade era difícil. Dados oficiais a respeito dessa problemática chamam atenção.

A tabela 10 mostra a população com 10 anos ou mais empregada por tipo de atividade econômica no corregimento de Portobelo. Segundo os dados, a maior parte da população ocupada trabalha no comércio, 406 pessoas no total, cerca de 22.36%. Outras atividades que se destacaram foram a construção civil, com 325 moradores e agricultura, pecuária, caça, silvicultura, pesca e atividades de serviços relacionadas com 183, o que equivale a 17.90% e 10.08% dos residentes que estão no mercado de trabalho respectivamente (Tabela 11).

Tabela 11. População de 10 anos ou mais empregada no corregimento de Portobelo, segundo atividade econômica: Censo de 2010

Atividade econômica de Ocupação	Casos	Porcentagem (%)
Agricultura, pecuária, caça, silvicultura, pesca e atividades de serviços relacionadas	183	10.08%
Mineração e pedreiras	3	0.17%
Indústrias de manufatura	58	3.19%
Fornecimento de eletricidade, gás, vapor e ar condicionado	3	0.17%
Abastecimento de água; esgoto, gestão de resíduos e atividades de saneamento	2	0.11%
Construção	325	17.90%
Comércio atacadista e varejista (inclui zonas francas); conserto de veículos motorizados e motocicletas	406	22.36%
Transporte, armazenamento e correio	150	8.26%
Hotéis e restaurantes	128	7.05%
Informação e comunicação	3	0.17%
Atividades financeiras e de seguros	12	0.66%
Atividades imobiliárias	21	1.16%
Atividades profissionais, científicas e técnicas	14	0.77%
Atividades administrativas e serviços de apoio	83	4.57%
Administração pública e defesa; planos de previdência social obrigatórios	144	7.93%
Ensino	86	4.74%
Serviços de saúde social e humana	28	1.54%
Artes, entretenimento e criatividade	14	0.77%

Outras atividades de serviço	26	1.43%
Atividades das famílias como empregadores, atividades indiferenciadas de produção de bens e serviços das famílias para uso próprio	89	4.90%
Atividades de organizações e órgãos extraterritoriais	38	2.09%
Total	1 816	100.00%

Fonte: Adaptada de INEC (2010). Disponível em: <<https://www.inec.gob.pa/panbin/RpWebEngine.exe/Portal?BASE=LP2010>>

Chama atenção que mais da metade da população empregada da cidade de Portobelo (57,47%) possuem uma renda menor que 100 dólares²⁰. Apenas 11.24% tinham uma renda que equivalia ao salário mínimo da época (Tabela 12). Percebe-se, com essas estatísticas, que Portobelo é uma cidade que pouco capta recursos e, partindo desse pressuposto, não deve receber incentivo governamental relevante. A renda da população evidencia a pobreza e a falta de valorização do local, pois constata-se que boa parte possui poder aquisitivo baixo, limitando-se ao básico.

Tabela 12. Renda da população do corregimiento de Portobelo: Censo de 2010

Renda da população	Casos	Porcentagem (%)
Menos de 100	2.567	57.47%
100-124	216	4.84%
125-174	145	3.25%
175-249	267	5.98%
250-399	502	11.24%
400-599	377	8.44%
600-799	133	2.98%
800-999	61	1.37%
1000-1499	45	1.01%
1500-1999	21	0.47%
2000-2499	11	0.25%
2500-2999	9	0.20%
3000-3999	7	0.16%
4000-4999	2	0.04%
5000 y más	1	0.02%
Não declarado	103	2.31%
Total	4.467	100.00%
Ignorado	92	-

Fonte: Adaptada de INEC (2010). Disponível em: <<https://www.inec.gob.pa/panbin/RpWebEngine.exe/Portal?BASE=LP2010>>

Em busca de informações sobre o Produto Interno Bruto (PIB) e as principais atividades econômicas oficializadas pelo INEC, observamos uma lacuna. Os dados são apresentados por Província, ou seja, são dados contabilizados de forma regional, não separando por Distrito e/ou Corregimiento²¹. Apesar da lacuna, julgamos necessária a apresentação desses dados para

²⁰ Em 2009 o salário mínimo do país era de 325 dólares.

²¹ Informação confirmada via e-mail no dia 10 de junho de 2021 pelo INEC (2021) "[...] a la información que requiere del Producto Interno Bruto a nivel de Distrito y Corregimiento, la misma solo se lleva a nivel Provincial".

melhor entendimento da dinâmica econômica da Província de Colón, na qual a cidade de Portobelo está situada.

A Tabela 13 apresenta dos dados do PIB das Províncias da República do Panamá dos anos de 2014 a 2017. Com base no ano de 2017, podemos observar que a Província de Colón apresenta o segundo maior PIB regional, atrás apenas do Panamá.

Segundo o INEC (2017a, n.p., tradução nossa), “em 2017, a província do Panamá manteve a maior participação do PIB nacional com 63,3%, seguida pelas províncias de Colón com 18,3% e Chiriquí com 5,4%. Essas 3 regiões concentram 86,9% da produção nacional anual²²”.

O que chama atenção nos dados apresentados é que a Província de Colón tem tido um crescimento considerável na soma de todos os bens e serviços produzidos, o que dá a entender que se trata de uma região com grande potencial de crescimento. Porém, por se tratar de um PIB a nível regional, não se sabe ao certo se a (%) desses bens e serviços advém também da cidade de Portobelo.

Conforme o INEC (2017a, n.p., tradução nossa), Colón “[...]obteve um crescimento de 30,5%, sendo uma das Províncias que registraram o maior crescimento nos períodos analisados, isso se atribui principalmente ao crescimento das atividades relacionadas a construção, mineração, serviços imobiliários, negócios e aluguel, transporte e comércio”.

Tabela 13. Produto Interno Bruto na República do Panamá, segundo Província: anos 2014-2017

Província	Produto Interno Bruto (em milhões de balboa)			
	2014	2015	2016 (P)	2017 (E)
Bocas del Toro	436,2	481,1	497,9	514,6
Coclé	936,3	941,3	928,8	945,0
Colón	3.498,0	4.371,9	5.625,8	7.343,0
Chiriquí	1.863,6	2.073,9	2.169,7	2.183,4
Darién	96,5	95,4	99,8	103,1
Herrera	511,3	492,9	511,3	522,5
Los Santos	359,9	362,4	376,3	391,9
Panamá	24.136,6	24.443,0	24.856,2	25.436,4
Panamá Oeste	1.831,2	2.532,9	2.527,1	2.113,1

²²Disponível em: <

https://www.inec.gob.pa/publicaciones/Default3.aspx?ID_PUBLICACION=903&ID_CATEGORIA=4&ID_SUCATEGORIA=26> Acesso: 10 de mai. 2021.

Veraguas	726,6	765,5	801,0	809,5
----------	-------	-------	-------	-------

(P) Cifras Preliminares; (E) Cifras Estimadas.

Fonte: Adaptada de INEC (2017). Disponível em: <
https://www.inec.gob.pa/publicaciones/Default3.aspx?ID_PUBLICACION=903&ID_CATEGORIA=4&ID_SUCATEGORIA=26>

Outro dado que chama atenção é o do percentual do PIB por categoria de atividade econômica (Tabela 14). Na Província de Colón, entre os períodos analisados (2014-2017), as atividades que foram destaques e contribuíram de forma positiva estão relacionadas ao comércio (31,7%), construção (25%) e transporte, armazenamento e comunicações (21,6%). Essas atividades foram responsáveis por gerar e movimentar a economia da região.

Tabela 14. Composição do percentual anual do PIB na Província de Colón, segundo categoria de atividade econômica: anos 2014-2017

Atividade econômica	Percentual anual do Produto Interno Bruto				Média (%)
	2014	2015	2016 (P)	2017 (E)	
Agricultura, pecuária, caça e silvicultura	0,3	0,2	0,2	0,1	0,2
Pesca	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Exploração de minas e pedreiras	1,1	1,1	2,5	2,4	1,8
Indústrias manufatureiras	1,1	0,9	0,8	0,6	0,8
Abastecimento de eletricidade, gás e água	4,6	3,4	3,2	2,2	3,3
Construção	2,1	21,7	34,6	41,6	25,0
Comércio	45,8	32,9	26,0	21,9	31,7
Hotéis e restaurantes	0,6	0,6	0,4	0,3	0,5
Transporte, armazenamento e comunicações	29,1	24,1	17,4	16,0	21,6
Intermediação financeira (bancária, seguros e finanças)	2,6	2,2	1,8	1,4	2,0
Atividades imobiliárias, comerciais e de aluguel (contabilidade, jurídica e imobiliária)	3,6	2,9	2,2	2,2	2,7
Serviço de educação	0,3	0,2	0,2	0,2	0,2
Atividades de serviços sociais e saúde privada	0,2	0,2	0,1	0,1	0,1
Outras atividades de serviço comunitário, sociais e pessoal (cassinos, loteria, outros)	0,2	0,2	0,1	0,1	0,1
Casas particulares com serviços domésticos	0,2	0,2	0,1	0,1	0,1

(P) Cifras Preliminares; (E) Cifras Estimadas.

Fonte: Adaptada de INEC (2017). Disponível em: <
https://www.inec.gob.pa/publicaciones/Default3.aspx?ID_PUBLICACION=903&ID_CATEGORIA=4&ID_SUCATEGORIA=26>

As três as atividades econômicas que se destacaram, segundo os dados do PIB, coincidentemente são aquelas em que a maior parte população ocupada da cidade de Portobelo está envolvida. Com exceção da Agricultura, o comércio, a construção e o transporte, armazenamento e comunicações são, portanto, as áreas que mais abrem oportunidade de emprego na região.

Considerando que os dados relacionados ao PIB são somados e apresentados regionalmente (Províncias), não há como dizer ao certo a soma das riquezas produzidas no corregimento de Portobelo.

Os dados analisados mostram que a cidade de Portobelo encontra-se estagnada no que diz respeito às questões básicas e necessárias para uma qualidade de vida aceitável à população. O corregimento está em estado de abandono por parte do poder público, visível na falta de investimento, infraestrutura, saneamento básico, emprego, além de políticas públicas (e o não gerenciamento por parte da gestão pública municipal daquelas que já existem).

Diante disso, levantamos essa problemática como um dos principais desafios de se pensar e colocar em prática o tema da tese: Como pensar na preservação do patrimônio cultural da cidade (o forte de San Jerónimo) se faltam serviços básicos, mas que fundamentais, para uma boa qualidade de vida?

SEÇÃO 3. METODOLOGIA: ABORDAGENS, PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DE DADOS

A base teórica-metodológica para construção da proposta deste trabalho foram os estudos realizados em anos subsequentes realizados por Costa no ano de 2011, 2017 e 2018, sendo eles: *Totalidade urbana e totalidade-mundo. As cidades coloniais barrocas face à patrimonialização global*; *Ativação popular do patrimônio-territorial na América Latina: teoria e metodologia*; *Riesgos y potenciales de preservación patrimonial en América Latina el Caribe*, respectivamente.

Assim, este trabalho segue a premissa proposta nos artigos citados de que o processo de patrimonialização contemporânea sofre intercorrências devido à deturpação dos ideais de preservação, devido ao interesse mercantil que distorce as reais intenções do processo. Partindo deste pressuposto, se analisa o potencial de ativação do patrimônio não declarado através da *conexão territorial afetiva* com o patrimônio declarado.

3.1. Procedimentos metodológicos

A pesquisa proposta foi realizada através da abordagem qualitativa. No que diz respeito ao planejamento para o levantamento de dados, adotamos a pesquisa bibliográfica, documental e de campo:

Pesquisa Bibliográfica: Segundo Severino (2013, p.95), essa pesquisa “[...] é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos [...]”. No desenvolvimento de uma pesquisa científica, é fundamental portanto a revisão e análise bibliográfica, pois, através das contribuições de outros autores, é possível ampliar nossa visão sobre o tema proposto para pesquisa.

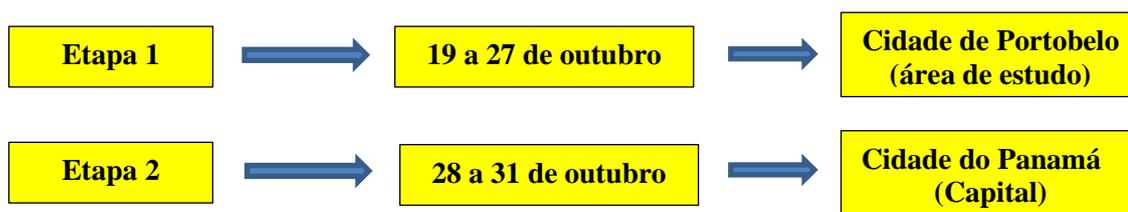
Desta forma, realizamos o levantamento de informações via fontes secundárias, ou seja, materiais já elaborados e tornados públicos. Assim, buscamos informações em livros, teses, dissertações, artigos, meios de comunicação orais (documentários), entre outros.

Pesquisa Documental: Essa pesquisa trata-se da busca por informações em documentos. Severino (2013, p.95) destaca que “[...] tem-se como fonte de documentos no sentido amplo, ou seja, não só documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima [...]”.

Partindo das colocações do autor, fizemos o levantamento de informações, portanto, a partir de fontes primárias, ou seja, documentos disponíveis em arquivos públicos (documentos oficiais como: leis e relatórios, publicações parlamentares como: atas, documentos, projetos de lei, etc., todos referentes às políticas de preservação patrimonial existentes na cidade do Panamá e Portobelo) e arquivos particulares disponíveis em instituições de ordem privada (Marconi; Lakatos, 2006)

Pesquisa de Campo: Severino (2013, p.95) descreve que nessa etapa da pesquisa “o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intensão de manuseio por parte do pesquisador”. Nesse sentido, consideramos esse momento crucial da pesquisa. No estudo proposto ele teve como objetivo a coleta de informações e com intuito de obter respostas a respeito do problema de pesquisa.

A pesquisa de campo ocorreu entre os dias 19 e 31 de outubro de 2019, sendo dividida em duas etapas para melhor organização, aproveitamento e obtenção de informações:



Na primeira etapa, fizemos a observação dos fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente (Marconi; Lakatos, 2006). Durante esse período, partimos para o acompanhamento da festa do Cristo Negro, visita ao forte de San Jerónimo, entrevistas, aplicação de questionários, contato com os moradores da cidade de Portobelo e participantes da festa além de coleta de depoimentos pessoais.

A segunda etapa foi marcada pela busca de fontes bibliográficas e documentais, além de visitas às instituições responsáveis pela preservação patrimonial do país e da cidade de Portobelo, tais como: Instituto Nacional de Cultura (INAC), atual Ministério da Cultura e o escritório do Patronato Portobelo e San Lorenzo. Continuamos com a realização de entrevistas aos agentes responsáveis pela preservação patrimonial e visita ao Casco Antiguo (centro histórico da Cidade do Panamá, capital).

Para pesquisa empírica, foi necessário definirmos as técnicas/instrumentos a serem empregados na coleta de dados. Severino (2013) afirma que esses procedimentos operacionais são fundamentais para mediação prática para realização da pesquisa científica. Assim sendo, utilizamos:

- **Observação Sistemática:** A utilização dessa técnica de pesquisa justifica-se pela importância de um planejamento prévio de atividades realizadas. Desta forma, foram pré-estabelecidos o roteiro de campo, entrevistas e questionários. Essa foi fundamental para o alinhamento das ideias e como seria a coleta dos dados do estudo que está sendo desenvolvido.
- **Diário de Campo:** O objetivo de utilizar essa técnica se deu pela importância de registrar percepções pessoais durante a visita de campo. Assim, durante todo o período de pesquisa empírica, foi registrado aquilo que foi observado e vivenciado em campo.
- **Entrevistas:** Com essa técnica tivemos o objetivo de coletar informações a respeito da cidade de Portobelo, da festa do Cristo Negro e do forte de San Jerónimo. O tipo de entrevista utilizada foi a *semiestruturada*. Já a técnica metodológica utilizada para definição dos entrevistados foi a “Bola de Neve”, em que os participantes iniciais foram indicando novos participantes que, por sua vez, indicaram novos participantes e assim seguimos até que o objetivo proposto fosse atingido (Baldin; Munhoz, 2011). Assim, o público-alvo definido foi:

Agentes responsáveis pela manutenção e preservação do forte de San Jerónimo: são os agentes públicos e privados que trabalham diretamente com a preservação, conservação e restauração dos bens culturais declarados na cidade de Portobelo, ou seja, que estão lotados na Alcaldia (Prefeitura), Patronato Portobelo e San Lorenzo e na Dirección Nacional de Patrimônio, no antigo INAC. As perguntas foram relacionadas à manutenção e à preservação do forte de San Jerónimo. Deste modo, entrevistamos 4 agentes sendo 2 públicos e 2 privados (Apêndice A).

Moradores da cidade: são aqueles que vivem e habitam na cidade de Portobelo. Por se tratar de uma pesquisa propositiva, entrevistar os moradores foi essencial para entender sua relação com o forte de San Jerónimo e a festa do Cristo Negro. Neste sentido, foram 26 entrevistados (Apêndice B).

Organizadores da festa: são aqueles responsáveis pelo planejamento e organização da festividade. Foram entrevistados 8 organizadores, sendo possível adquirir informações sobre a festa do Cristo Negro (Apêndice C).

Professores das instituições de ensino: o público em questão foi fundamental para entendermos até que ponto a preservação patrimonial é importante e necessária para a população da cidade. As perguntas (Apêndice D) foram direcionadas ao ensino e educação patrimonial nas escolas. Assim, entrevistamos 5 professores no total.

- **Questionários:** utilizamos essa técnica para coletar informações dos participantes no momento da festa do Cristo Negro. Os questionários foram aplicados no dia 21 de outubro de 2021, durante o acontecimento da festa. O público-alvo definido não só deveria ser participante, como também morador da cidade. Ressalta-se que esse foi um dos momentos mais complicados da pesquisa de campo, isso porque, por se tratar de uma festa religiosa, muitas pessoas, no momento de abordagem para aplicação dos questionários, se sentiam incomodadas e acabavam não aceitando participar da pesquisa. Deste modo, foram 36 questionários aplicados.

Ressalta-se que a pandemia da Covid-19, aliada à falta de recursos financeiros consequência deste período, impossibilitou outra visita de campo subsequente à área da pesquisa, inviabilizando a aplicação de novos questionários. Além disso, a festa do Cristo Negro ficou suspensa por dois anos (2020 e 2021), retomando suas atividades presenciais apenas em outubro de 2022.

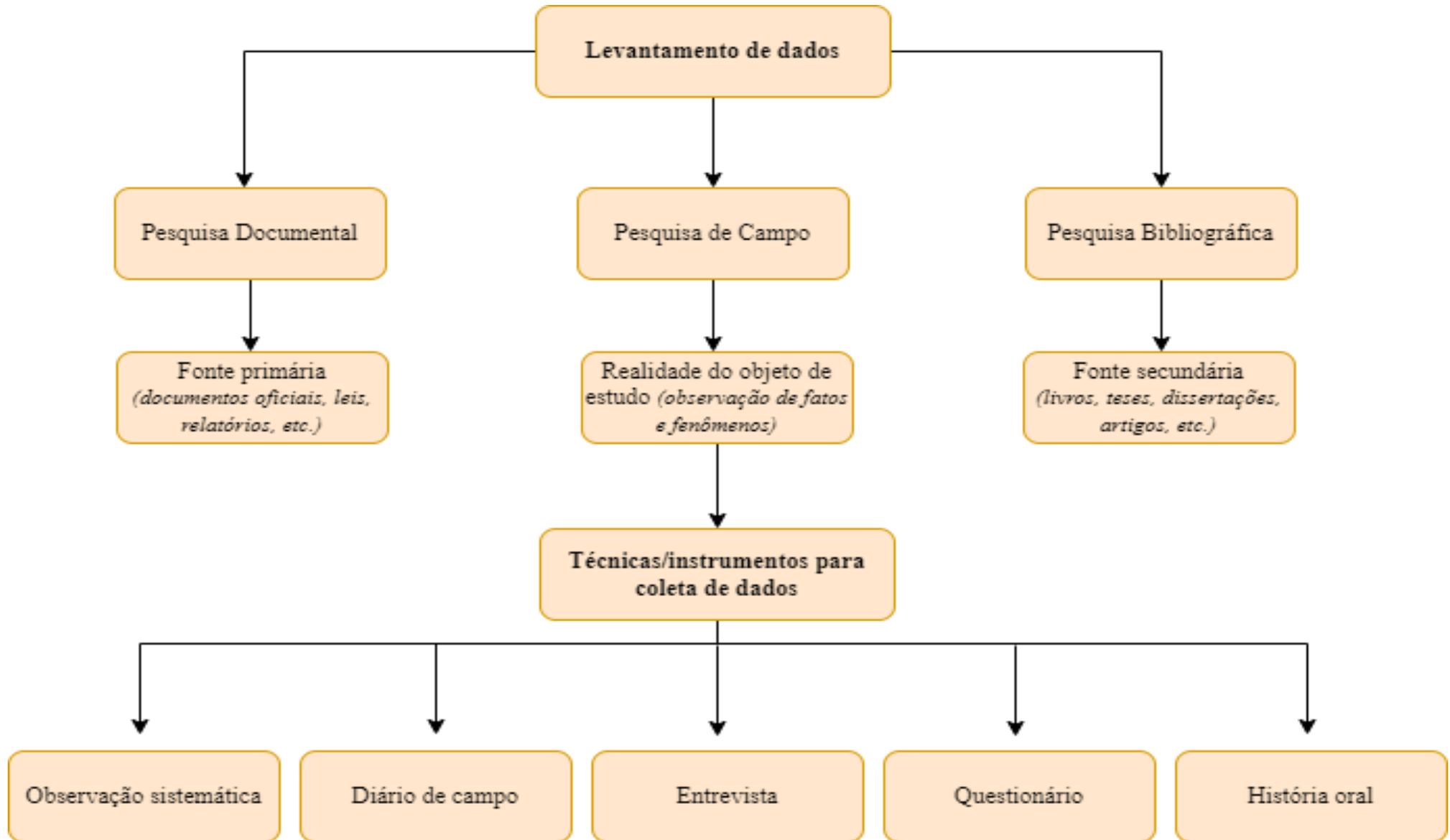
- **História Oral:** a utilização desta técnica justifica-se pela busca de informações baseadas em depoimentos pessoais e na memória que muitas vezes não se encontram em documentos, mas sim na fala do sujeito. Durante a pesquisa empírica, foram realizadas entrevistas orais gravadas para adquirir informações sobre o surgimento da imagem e a festa do Cristo Negro na cidade de Portobelo e sobre fatos históricos da cidade e do forte de San Jerónimo.

Construção da metodologia geográfica de ativação do potencial de preservação da festa do Cristo Negro: a metodologia está alicerçada na pesquisa bibliográfica, documental e de campo com verificação *in loco* através das observações do patrimônio declarado (forte de San Jerónimo) e não declarado (festa do Cristo Negro).

Desta forma, consideramos a metodologia desenvolvida pelo geógrafo e pesquisador Everaldo Batista da Costa (2017) “*Ativação popular do patrimônio territorial na América Latina: teoria e metodologia*”, como base para operacionalização da proposta. Assim, utilizamos a abordagem e adaptamos para a nossa pesquisa.

Para melhor visualização dos procedimentos metodológicos adotados para a pesquisa proposta, observa-se a Figura 16 a seguir:

Figura 16. Esquema/resumo sobre o procedimento metodológico da pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora, 2021

3.2. Sistematização da Pesquisa de Campo

Para uma boa execução da pesquisa de campo são necessários o planejamento e a organização, que vão, desde a escolha das técnicas/instrumentos para coleta de dados, até a elaboração do roteiro de campo. Mesmo que o pesquisador não siga à risca por imprevistos que ocorram durante esse período, é importante uma prévia do que se pretende fazer para que se tenha um bom aproveitamento do tempo destinado a esta etapa da pesquisa.

Por se tratar de uma área de pesquisa em outro país, consideramos o roteiro de campo fundamental para coleta de dados, um dos motivos é não saber em qual momento poderíamos retornar, seja por motivos financeiros ou qualquer outro que poderia ocorrer, é o caso da Pandemia do novo Coronavírus, que nos impediu de realizar outra pesquisa de campo.

Por estar cursando as disciplinas do doutorado e em carga horária de trabalho, a pesquisa de campo foi planejada para acontecer entre os dias 19 e 31 de outubro de 2019, totalizando 13 dias. O roteiro foi elaborado com as datas e a descrição das atividades que foram desenvolvidas em cada dia que estaria na Cidade do Panamá e na cidade de Portobelo (Quadro 5).

Quadro 5. Roteiro de Campo²³

DIA	DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES
DIA 01 (19/10/2019)	<ul style="list-style-type: none">- Reconhecimento do recorte espacial da pesquisa: a cidade de Portobelo;- Conversar com os peregrinos a caminho da cidade de Portobelo para participar da festa do Cristo Negro;- Conversar com os moradores locais a respeito da festa do Cristo Negro e do forte de San Jerónimo;- Visita à Igreja de San Felipe;- Visita à Casa de Cultura Congo;- Primeiros registros fotográficos da pesquisa de campo.
DIA 02 (20/10/2019)	<ul style="list-style-type: none">- Visita ao forte de San Jerónimo;- Visita ao forte de Santiago;- Visita à Igreja de San Felipe;- Observar os preparativos para o acontecimento da festa do Cristo Negro;- Entrevistar os organizadores da festa do Cristo Negro;- Conversar com os moradores e comerciantes;- Registros fotográficos
Dia 03 (21/10/2019)	<ul style="list-style-type: none">- Acompanhar a festa do Cristo Negro;- Continuação das entrevistas com os organizadores da festa do Cristo Negro;- Aplicar questionário aos participantes da festa do Cristo Negro;- Registros fotográficos da festa do Cristo Negro.

²³ Ressalta-se que no decorrer dos dias, o roteiro de campo foi sofrendo alterações. A versão apresentada encontra-se atualizada.

Dia 04 (22/10/2019)	<ul style="list-style-type: none"> - Visita ao forte de San Jerónimo; - Visita à Igreja de San Felipe; - Caminhada pela cidade; - Registros fotográficos; - Visita a Casa de Cultura Congo.
Dia 05 (23/10/2019)	<ul style="list-style-type: none"> - Buscar informações sobre os órgãos locais responsáveis pela preservação patrimonial; - Visita ao Centro de Interpretación y Facilidades Turísticas (CEFATI); - Entrevistar os agentes públicos responsáveis pela preservação patrimonial; - Entrevista com profissionais da educação; - Entrevista com moradores da cidade.
Dia 06 (24/10/2019)	<ul style="list-style-type: none"> - Entrevista com profissionais da educação; - Visita ao forte de San Jerónimo; - Entrevistar os moradores da cidade; - Registros fotográficos.
Dia 07 (25/10/2019)	<ul style="list-style-type: none"> - Entrevista com a Secretária-Geral da cidade; - Entrevista com os moradores da cidade; - Visita ao Museu do Cristo Negro; - Visita ao Museu da Aduana; - Conversa com arquiteto da cidade responsável pelo Planejamento e Ordenamento Territorial e coleta de informações cartográficas e imagens; - Registros fotográficos da cidade.
Dia 08 (26/10/2019)	<ul style="list-style-type: none"> - Registros fotográficos do forte de San Jerónimo; - Análise do estado de conservação do forte de San Jerónimo; - Mapeamento manual dos usos e apropriações em torno do forte de San Jerónimo; - Entrevista com moradores.
Dia 09 (27/10/2019)	<ul style="list-style-type: none"> - Visita ao forte de San Jerónimo; - Assistir Missa Afro; - Ida para a Cidade do Panamá; - Busca de informações sobre os órgãos nacionais responsáveis pela proteção patrimonial.
Dia 10 (28/10/2019)	<ul style="list-style-type: none"> - Participação no IX Congresso Nacional e Internacional de Geografia; - Visita ao escritório do Patronato Portobelo y San Lorenzo; - Entrevistas com os agentes públicos responsáveis pela preservação patrimonial.
Dia 11 (29/10/2019)	<ul style="list-style-type: none"> - Visita ao Casco Antiguo (centro histórico da cidade do Panamá); - Visita ao Instituto Nacional de Cultura (INAC); - Entrevistas com os agentes públicos responsáveis pela preservação patrimonial; - Registros fotográficos da Cidade do Panamá;
Dia 12 (30/10/2019)	<ul style="list-style-type: none"> - Participação no IX Congresso Nacional e Internacional de Geografia (Conferencista); - Visita ao Casco Antiguo; - Visita ao INAC; - Registros fotográficos do Casco Antiguo;
Dia 13 (31/10/2019)	<ul style="list-style-type: none"> - Conversa com o arquiteto responsável pela elaboração do Plano de Intervenção do forte de San Jerónimo; - Visita à biblioteca da Universidade do Panamá; - Retorno ao Brasil.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

3.3. Diário de Campo

DIA 1

19 de outubro de 2019 (Sábado)

Resumo: Reconhecimento da área de estudo e visita à Igreja de San Felipe

Material: Câmera fotográfica, diário de campo e gravador

Dados coletados: Fotografias, observações pessoais e uma entrevista (organizadora da festa)

O dia 19 foi marcado pela minha chegada à República do Panamá. A primeira vez em um lugar diferente daquele que somos habituados (língua, comida, cultura, costumes, etc.) nos causa uma mistura de pensamentos e sentimentos, principalmente por ser a primeira vez que saio do meu país de origem.

No momento que chego ao aeroporto, começo a me recordar de todos os obstáculos que passei para chegar até aqui e principalmente por que estou aqui. Berço de escola e universidade pública, vejo-me em um lugar em que poucos tiveram a oportunidade de estar, nesse momento, nos corredores do aeroporto, caminhando ao encontro da professora Maria Adamés de Newbill²⁴, que me receberia naquele primeiro momento, vejo que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, sou privilegiada.

Continuo minha caminhada, que me traz várias recordações, principalmente dos primeiros meses de doutorado, em que passei por situações que ameaçaram a minha permanência e, conseqüentemente, minha viagem a campo ao Panamá.

Ainda no aeroporto, percebi que o país recebe pessoas de vários lugares, não só da América Latina, mas do mundo inteiro, parece algo óbvio de se ver em um aeroporto internacional, mas, diferente de vários aeroportos internacionais do Brasil, observei que no Panamá a entrada de estrangeiros é algo frequente.

Ao encontrar a professora Maria Adamés, seguimos para o terminal rodoviário, já que o meu destino final não era a Cidade do Panamá (Capital), onde desembarquei de avião, mas Portobelo, cidade localizada na Província de Colón. Durante o caminho, tive as minhas primeiras impressões sobre esse país de extensão territorial pequena em km² (75.517), comparado ao meu país de origem, Brasil (8.511.000).

A primeira coisa que chama atenção é a paisagem. Seguindo pelo Corredor Norte (autoestrada que liga o centro/periferia na cidade do Panamá), foi possível observar, ao longo

²⁴ Professora do curso de graduação em Geografia da Universidade do Panamá.

de sua extensão, que as margens são formadas por encostas, onde vários pontos são ocupados por habitações. Nesse momento me pergunto se existe e/ou está em funcionamento alguma política habitacional no país, já que visivelmente é possível perceber que se trata de uma área de risco (Figura 17).

Figura 17. Ocupações habitacionais nas margens do Corredor Norte, Cidade do Panamá



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Chegando ao Terminal Nacional de Transporte para pegar um ônibus e seguir ao meu destino, observo que é um prédio com boas condições estruturais (Figura 18). Ao entrar, caminhando pelos corredores, reparo que há várias lojas de roupas, calçados e artesanatos locais, o que me faz pensar que a Cidade do Panamá concentra um grande mercado consumidor.

Figura 18. Terminal Nacional de Transporte da Cidade do Panamá



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

No Terminal de Transporte, encontramos a professora Vielka Brown, da Universidade do Panamá, que me acompanhará até Portobelo, em seguida, almoçamos. Sobre a comida, observei no restaurante que estávamos que a maior parte das pessoas estava consumindo o que

chamam de “Sopa de Pollo” e/ou “Sancocho”, comida típica do país, acompanhada geralmente com arroz branco.

Após almoçarmos, seguimos para a plataforma de embarque para tomar um ônibus até a cidade de Colón, pois o marido de sua sobrinha nos levaria de carro até o meu destino final. Para chegar à cidade de Portobelo, este é o principal meio de transporte público utilizado. Ao observar os ônibus, deparei-me com um tipo bem diferenciado chamado na República do Panamá de “Diablo rojo”. É um tipo de ônibus estilo colegial que os moradores adotaram para transportar as pessoas, há uma grande quantidade no terminal e parecem ser antigos.

Existem vários, alguns coloridos com diferentes desenhos e frases, além do som que é alto, algo bem pitoresco (Figura 19). Porém acabamos não embarcando nele, pois, segundo a professora Vielka, no passado, por imprudência dos motoristas, várias pessoas perderam suas vidas em acidentes. De fato falta segurança no transporte dos passageiros e, por isso, decidimos embarcar em outro ônibus de modelo comum. Não demorou muito para que conseguíssemos embarcar, pois, a todo momento, saía ônibus para Colón.

Figura 19. Diablo rojo



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Chegando à cidade de Colón, encontramos o marido de sua sobrinha, que nos levou de carro à Portobelo. O trânsito estava intenso. Segundo a professora, é comum nessa época do ano principalmente pela festa do Cristo Negro.

Ao longo do caminho, pouco mais de 25 quilômetros de distância de meu destino final, a paisagem começa a ser tomada pelos peregrinos, que, mesmo debaixo de sol e chuva, a pé, seguem movidos pela fé. Começo então a perceber a intensidade com que é comemorada a festa do Cristo Negro.

Logo avistamos um senhor que nos chama atenção, pois seguia sua caminhada com a vestimenta parecida com a do Cristo Negro. Peço rapidamente para conversar com ele, pergunto de onde vem, quantos anos em peregrinação e por que motivo segue nessa caminhada. O senhor, muito gentil, me responde que mora no corregimento de Sabanitas (35km de distância de Portobelo), na Província de Colón, hoje ele tem 62 anos e segue em peregrinação sem interrupções há exatos 42 anos. Segundo ele, sua caminhada se deve às promessas que são atendidas pelo Cristo. Em sua fala, em seu olhar, percebo que a fé é o seu motor, e o Cristo Negro, a engrenagem.

Após essa breve conversa, seguimos para a cidade de Portobelo. Ao longo do caminho, observo que é comum os peregrinos usarem a vestimenta parecida com a que a imagem utiliza, tanto na cor lilás, como na cor vinho. Alguns, além da vestimenta, carregam a imagem do Cristo Negro apoiada na cabeça e nos ombros. As pessoas que seguem de carro se solidarizam com aquelas que seguem a pé e doam garrafas de água e comida. As margens da estrada são tomadas por bombeiros, policiais e serviços de apoio à saúde com ambulâncias, tudo para dar apoio aos peregrinos que seguem fielmente ao seu objetivo.

Chegando ao meu destino, cidade de Portobelo, recorte espacial de minha pesquisa, vejo uma pequena cidade, um lugarejo, com uma imensidão de carros estacionados logo na entrada e pessoas chegando a todo o momento (a pé, de carro e de ônibus). Adentrando a cidade, começo a observar que as ruas são estreitas e, apesar dos seus 422 anos, as casas parecem construções mais recentes, algumas construídas próximas as encostas (Figura 20).

Figura 20. Casas construídas próximas as encostas na cidade de Portobelo



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Logo percebo uma cidade que carece de atenção daqueles que são responsáveis por sua gestão, principalmente no que diz respeito a questões básicas como, por exemplo, o saneamento básico, que inclui o esgotamento sanitário, drenagem e manejo das águas pluviais (existem poucas bocas de lobo para o escoamento da água) e a falta de lixeiras em locais públicos.

Seguimos para a Igreja de San Felipe, onde está a imagem do Cristo Negro e acontece a celebração, destino dos peregrinos que avistamos na estrada. Nota-se que a cidade está em festa antes mesmo de ela começar, o som alto, a movimentação das pessoas nas ruas, comércios e na porta de suas casas mostram o quão importante esta festividade é. Chama atenção várias barracas erguidas pelos peregrinos em diferentes espaços da cidade, que chegam de fora e não tem onde ficar.

Chegando à Igreja de San Felipe, notam-se várias barraquinhas, tanto dos moradores, quanto de pessoas de cidades vizinhas que comercializam artigos religiosos - a maioria representando a imagem do Cristo Negro (Figura 21).

Figura 21. Barracas com venda de artigos religiosos



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Adentrando a Igreja, deparo-me com a imagem do Cristo Negro, que fica ao lado do altar principal. Realmente é encantadora, os detalhes e o seu tamanho impressionam (figura 24). Imediatamente pergunto a um senhor que estava próximo à imagem e que fazia parte do comitê de organização da festa se é uma réplica ou a imagem verdadeira. Ele me responde que é a original.

A túnica que veste o Cristo possui muitas joias e algumas fotografias. As joias são dadas por aqueles que possuem uma condição financeira estável, uma forma de pagar suas promessas. As fotografias representam pessoas enfermas, para que possam ser abençoadas com a cura, são

colocadas a pedido dos familiares. O ato de devoção é tão intenso que as pessoas faziam filas para se aproximar, rezar e cumprir finalmente com sua promessa.

Ainda na Igreja, foi possível observar os preparativos que antecedem a festa. Um grupo de rapazes estava montando uma base de madeira onde a imagem do Cristo Negro é apoiada e carregada durante a procissão. O altar principal era preparado com todo cuidado por uma senhora, que, naquele momento, tive a oportunidade de entrevistar. Ela me conta que é devota ao Cristo Negro desde sua adolescência e que está diretamente envolvida com a organização da celebração, mais especificamente, com a parte litúrgica.

Para encerrar o primeiro dia, que foi bastante intenso, com muitas informações e encantamento por aquela pequena cidade, visitamos a Casa Cultura Congo, fundada no ano de 2013, onde conheço a senhora Lurdes, gentil e acolhedora. Observo uma exposição interessante sobre a cultura Congo: artesanatos, pinturas, acessórios e vestimentas. Logo percebo o quão importante foi a presença dos africanos, principalmente para formação sociocultural da cidade. Como já estava anoitecendo, esse primeiro contato foi apenas para que nos conhecêssemos.

Em seguida, seguimos para o hostel, onde me acomodei na cidade de Portobelo. Chegando lá, fui muito bem recepcionada pela dona, senhora Odalis. Posso definir o início da minha estadia em uma pequena e única frase: a simplicidade aconchega.

DIA 2

20 de outubro de 2019 (Domingo)

Resumo: Visita ao forte de San Jerónimo, forte de Santiago e Igreja de San Felipe

Material: Câmera fotográfica, diário de campo e gravador

Dados coletados: Fotografias observações pessoais e seis entrevistas (organizadores da festa)

Início o segundo dia de campo visitando o forte de San Jerónimo. Às 07h, as ruas estavam tomadas por pessoas que chegavam para a festividade do Cristo Negro, onde alguns, após visitarem a Igreja de San Felipe, seguiam para a fortificação.

Seguindo para o forte de San Jerónimo, acompanhada da sobrinha da dona do hostel, Oderay, que é acadêmica da Universidade do Panamá - Centro Regional Universitário de Colón, a primeira coisa que chama atenção são os banheiros químicos instalados logo na entrada (Figura 22).

Figura 22. Banheiros químicos instalados na entrada do forte de San Jerónimo



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Esses banheiros são contratados por particulares e instalados para atender aos visitantes e aos peregrinos que chegam de outras cidades e países para participarem da festa do Cristo Negro. Para utilizá-los é necessário pagar 50 centavos.

Sigo para conhecer a fortificação, noto que há um fluxo intenso de pessoas visitando e logo percebo que não são da cidade, algumas apenas sentadas conversando, outras tirando fotografias. Aos poucos vou me aproximando e começo a conversar com aqueles que estavam mais a vontade. Das cinco pessoas com quem consegui ter uma breve conversa, todas responderam serem de outras cidades vizinhas. Foram citadas Sabanitas, Colón, Maria Chiquita e Nombre de Dios.

Caminhando sobre o forte de San Jerónimo, é possível perceber o lixo jogado e espalhado pelos visitantes. Percebe-se que, apesar do fluxo intenso de pessoas nos dias que antecedem a festa, não há um planejamento prévio dos órgãos responsáveis pela limpeza e manutenção da fortificação para o recebimento de visitantes. Isso é possível perceber na falta de lixeiras e de instrumentos que conscientizam os visitantes a não jogar lixo em suas mediações.

Ainda no forte de San Jerónimo, foi possível observar o comércio ambulante. Algumas pessoas aproveitam o fluxo intenso de visitantes para comercializar produtos para consumo. Perguntei ao rapaz que estava vendendo água de coco se era morador da cidade de Portobelo, ele gentilmente respondeu que sim e que sempre costumava vender água de coco na fortificação. Chama atenção que utiliza um “Carrinho de mão” como recipiente para o descarte do produto após o consumo. Nota-se que há certa preocupação dele para manter a limpeza do local. Apesar de não ser algo regularizado, vejo que é uma das formas de conseguir renda na cidade, pois se percebe que são poucos os comércios que contratam alguém que não seja da família para trabalhar.

Segui para conversar com outro comerciante, pergunto de onde ele vem, ele me respondeu desconfortável que veio da Cidade do Panamá (Capital) para comercializar seus produtos (cerveja e refrigerante). Observo que, ao contrário do outro rapaz, ele não carrega nenhum recipiente para que as pessoas joguem as embalagens daquilo que foi consumido. As sacolas, que estavam ao seu lado, estão cheias de mercadorias ainda para venda. Chego à conclusão que o próprio fato de não ser do lugar faz com que ele não tenha esse cuidado.

Concluo minha primeira visita de reconhecimento do forte de San Jerónimo e sigo para a entrada da cidade a fim de observar o fluxo de pessoas que estão chegando. Chegando lá, avisto o forte de Santiago, que também faz parte do conjunto de fortificações declaradas Patrimônio da Humanidade pela Unesco e que atualmente encontra-se na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo.

Assim como o forte de San Jerónimo, essa fortificação também é um dos pontos mais visitados no dia que antecede a festa do Cristo Negro. Não muito diferente, nele também foi possível observar a instalação de banheiros químicos para receber os visitantes. Além disso, chama atenção as pessoas utilizando a frente de sua entrada como estacionamento (Figura 23).

Figura 23. Banheiros químicos e a utilização da entrada do forte de Santiago como estacionamento

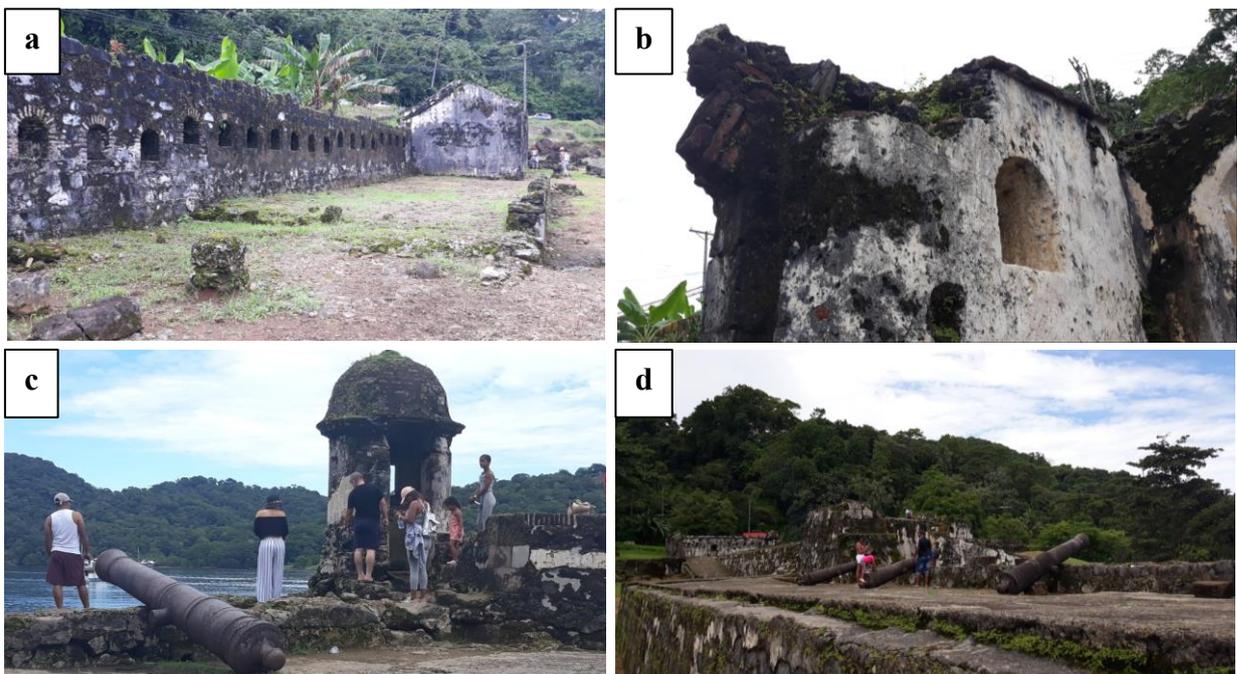


Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Adentrando a fortificação, observo também uma família vendendo seus produtos, são acessórios como: colares, tiaras e anéis. Pergunto a eles de onde são, o senhor me responde que vieram da Colômbia e que estavam ali para comercializar seus produtos.

Nota-se que a fortificação está sofrendo deterioração por causa do clima e o tempo de existência. O lodo, causado pelas ações climáticas, toma suas paredes. Além disso, os visitantes que chegam sobem nas paredes e nos canhões, o que acaba contribuindo para que este processo se acelere (Figura 24).

Figura 24. forte de Santiago e o processo de deterioração pelo clima e uso turístico



a - b) Processo de deterioração por ações climáticas e o tempo de existência; **c - d)** turistas subindo nas paredes e canhões da fortificação, contribuindo com este processo. Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Logo depois de visitar as fortificações de San Jerónimo e Santiago, fomos almoçar. No restaurante, observo que, em Portobelo, as pessoas também costumam consumir a sopa de pollo, mas o que me chama atenção é o que eles chamam de patacon (o principal ingrediente é a banana verde), iguaria deliciosa. Descubro que, para eles, a banana verde é como se fosse uma verdura, a madura, uma fruta.

Após o almoço, segui para a Igreja de San Felipe para entrevistar os organizadores da festa do Cristo Negro. Chegando lá, me surpreendo com a imagem já posicionada na base, que será carregada na procissão, com uma vestimenta de cor vinho.

Os organizadores, que cuidam de cada detalhe da festa, são pessoas que se voluntariam durante o ano. Apesar de a maioria viver em Portobelo, um deles relatou vir da Cidade do Panamá (Capital). Cada um possui uma função específica, dentre elas: coordenador(a), secretário(a) e ajudante.

Durante o período que permaneci na Igreja, uma cena me chamou atenção. Um dos organizadores ficou, em todo momento que estive por lá, em cima da base de madeira onde o Cristo Negro foi fixado. Os fiéis chegavam e lhe entregavam alguns acessórios: terços, cordões, pulseiras e anéis. Ele recebia e passava por toda a vestimenta do santo e, em seguida, devolvia. Pergunto para outro organizador, que havia acabado de entrevistar, se era um costume e por qual motivo as pessoas faziam. Ele me respondeu dizendo que é uma prática comum e que fazem para receber as bênçãos.

Ainda na Igreja, chama-me a atenção o painel de informativos. Observando todos os comunicados, vejo que a programação da festa está ali fixada. Assim como a maioria das festividades católicas de Santos padroeiros, a programação da festa do Cristo Negro inicia-se com as novenas. Cada dia é realizada uma missa com temas e convidados específicos.

Após finalizar as entrevistas com os organizadores da festa no final da tarde, vejo uma senhora chegando à Igreja de joelhos (Figura 25). Ela aparentava ter seus 70-75 anos. Mesmo na posição que estava, parecia estar bem e feliz por estar realizando seu objetivo. A fé que os fiéis carregam pelo Cristo é inexplicável. O olhar das pessoas para a imagem mostra o quão milagroso ele é (Figura 26).

Figura 25. Senhora chegando na Igreja de joelhos



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 26. A fé por “El Nazareno”



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

DIA 3

21 de outubro de 2019 (Segunda-Feira)

Resumo: Visita ao forte de San Jerónimo e Igreja de San Felipe; Acompanhar a festa do Cristo Negro

Material: Câmera fotográfica e diário de campo

Dados coletados: Fotografias, observações pessoais e trinta e sete questionários (moradores da cidade que participam da festa do Cristo Negro)

O dia tão esperado chega: o dia da festa do Cristo Negro. Sigo entusiasmada, pois vivenciarei e conhecerei sua dinâmica e intensidade. O ato de ver, ouvir e sentir está sendo fundamental nesses três dias em campo. Não chego apenas com a vontade de pesquisar, mas de viver intensamente esse dia, entender o verdadeiro significado desta celebração, que está aliada a uma cultura, uma tradição secular.

Início o dia preparada para visitar frequentemente o forte de San Jerónimo e acompanhar a festa do Cristo Negro. Pois bem, sigo para o forte. No caminho, observo o fluxo intenso de pessoas caminhando pelas ruas da cidade. Aquela pequena cidade se torna ainda menor.

Na primeira visita do dia ao forte, observo que há poucas pessoas (algumas fazendo fotografias). Os comerciantes que encontrei no dia anterior já estavam por lá. Sigo então para rua principal da cidade para acompanhar a chegada dos peregrinos.

Chegando por lá, deparo-me com cenas impressionantes. Alguns chegam se arrastando pelas ruas, outros de joelhos e muitos a pé do jeito comum geralmente acompanhados. Cada um a sua maneira de expressar a sua fé e gratidão ao santo milagroso. Durante esse momento, principalmente quando o peregrino se arrasta pelo chão ou segue sua caminhada de joelhos, uma pessoa vai à frente, balançando a imagem do Cristo Negro para direita e para esquerda, pois é uma forma de lembrá-lo do porquê de estar ali, para que então chegue ao seu objetivo final, cumprir sua promessa. É como se fosse um incentivo.

Chama atenção um peregrino chegando, acompanhado de outra pessoa, que, com uma vela acesa, pinga a cera derretida em seu corpo. A cena choca, porém, para ele, o sofrimento, a dor e o cansaço são uma forma de agradecimento pelas bênçãos e milagres cedidos pelo Cristo. É intenso, é marcante.

Depois de presenciar o ato de fé demonstrado pelos peregrinos, caminho novamente para o forte de San Jerónimo. Chegando à fortificação, observo as pessoas ali. Nota-se que a maioria é composta por visitantes que vieram participar da festa, muitos descansando após uma longa caminhada em peregrinação. Começo a observar as conexões entre a festa e o forte de San Jerónimo a partir deles. Converso com algumas pessoas para ter certeza se são ou não moradores da cidade. A maioria responde que não.

Novamente me deparo com embalagens espalhadas pela fortificação. Chego à conclusão de que, além da falta de conscientização entre essas pessoas que visitam não só o forte, mas a cidade como um todo, a falta de lixeira em determinados pontos faz total diferença. É impressionante vê-los deixando embalagens daquilo que consumiram nas paredes e no chão. Ainda me deparei com pessoas fazendo necessidades fisiológicas em determinados pontos da fortificação.

Após a segunda visita, sigo para Igreja para iniciar a aplicação de questionários para os participantes que vivem na cidade de Portobelo. Chegando lá, estava acontecendo a missa das 11h conforme programado. Enquanto a missa estava ocorrendo dentro da Igreja, fui ao lado de fora tentar conversar com os organizadores, porém não obtive muito sucesso. Por estarem envolvidos diretamente com a festa, nesse dia não me deram muita atenção.

Após o término da missa, volto a aplicar os questionários. Nesse momento, começo então a sentir uma angústia por ter poucos moradores presentes (a maioria eram pessoas de outras cidades) e ver que, dos poucos que estavam participando, muitos não queriam responder o questionário.

A senhora Odallis, dona do hostel em que eu estava hospedada, me conta que, pela manhã, muitas pessoas que moram na cidade e participam da festa ficam em suas casas repousando e aguardando o momento principal: a procissão. Ela também me conta que acha que neste ano, como a festa acontecerá no dia de semana, as pessoas chegarão mais tarde. Isso porque muitas pessoas trabalham durante o dia em outras cidades que não decretam feriado, fato que me chama atenção.

Em minha terceira visita ao forte de San Jerónimo, notei que a quantidade de pessoas que chegam só aumenta, começo novamente a conversar com algumas. Nesse momento, deparo-me com pessoas de quatro países diferentes: Suriname, Guatemala, Costa Rica e Colômbia. A fé pelo Cristo Negro ultrapassa fronteiras e barreiras culturais.

Continuo minha conversa com as pessoas no forte. A maioria sabe que ele é considerado Patrimônio da Humanidade, mas poucos sabiam que está na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo.

Sigo novamente para Igreja. Muito cheia, não consigo entrar. Como não cabiam todos, as pessoas repousavam em suas proximidades. Neste momento, o calor era insuportável. Continuo aplicando questionários, continuo com muita dificuldade, pois a maioria não quer responder.

Na quarta e última visita ao forte de San Jerónimo, ao final da tarde, ainda foi possível observar movimentação de pessoas.

Antes de seguir para a Igreja, passo na Casa Cultura Congo, pois um dos estagiários, que cursa Turismo, indicado pela senhora Lurdes (responsável pela fundação cultural), iria me acompanhar no período noturno. Daniel era o seu nome.

Seguimos para a Igreja. Chegando lá, tinha tanta gente que não conseguimos nos aproximar (Figura 27). Mesmo assim, continuei aplicando os questionários. Daniel, por ser da cidade de Portobelo, é conhecido por muitos moradores, o que acaba facilitando meu contato com os que estão participando da festa. Segui aplicando questionários até o final da festa.

Figura 27. Igreja de San Felipe no momento da festa do Cristo Negro



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

É chegado o momento da procissão, que é encantadora. Antes da procissão, é feita uma missa que se inicia às 19h e termina às 20h, horário que inicia a que perpassa as principais ruas da cidade. Ao som de instrumentos musicais, a multidão segue segurando suas velas e acompanhando a imagem. Esse momento é chamado pelos moradores de “A saída de Cristo”.

O santo é carregado pelas pessoas que se voluntariam (podendo ser morador ou não). Não há definição prévia de quem será. No momento da procissão, eles seguem carregando o santo com um ritual curioso: três passos para a frente e dois para trás.

Seguindo a aplicação do questionário, observei que toda a cidade acompanha a procissão que, de fato, é impressionante. À frente da imagem maior segue outra imagem menor do Cristo Negro. Durante a procissão, deparei-me com peregrinos ainda chegando à cidade, alguns a pé, outros de joelho. Ao final da procissão, que termina na Igreja às 00h (meia noite), foi possível observar peregrinos ainda chegando.

Finalizo esse dia de campo às 02h do dia seguinte. Ao mesmo tempo em que sinto um sentimento de felicidade por ter vivenciado todos esses momentos, me sinto angustiada, pois consigo apenas 36 questionários respondidos.

DIA 4

22 de outubro de 2019 (Terça-Feira)

Resumo: Visita ao forte de San Jerónimo, Igreja de San Felipe e Casa Congo

Material: Câmera Fotográfica e diário de campo

Dados coletados: Fotografias e observações pessoais

O dia amanheceu nublado, as pessoas que vieram de outras cidades começam a regressar. A cidade, que no encerramento da festa ficou completamente suja, começa a ser limpa, todo o lixo gerado na cidade durante a festa começa a ser coletado (Figura 28). Aos poucos a cidade começa a voltar a sua normalidade.

Figura 28. Lixo gerado durante a festa



a) fotografia tirada no dia da festa (21 de outubro) em um dos pontos da cidade após o encerramento, a imagem mostra a quantidade de lixo que foi gerado, resultado da falta de lixeiras em locais públicos da cidade e conscientização por parte dos participantes; **b)** fotografia tirada dia após a festa (22 de outubro), a imagem mostra parte do lixo gerado pela festa, coletado. Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Ainda pela manhã, visito o forte de San Jerónimo, sem nenhuma movimentação, mas ainda com alguns vestígios de lixo. Logo depois, fui à Igreja para tentar entrevistar o Padre, pois, nos dias anteriores, ele estava diretamente envolvido com a festa. Chegando lá, as pessoas que vieram de outras cidades seguiam se despedindo do Cristo, que se encontrava com outra vestimenta (Figura 29).

Na Igreja, os voluntários que trabalharam durante o período de festa como organizadores estavam realizando todo processo de limpeza. Conversando com dois rapazes que também estavam envolvidos, eles me informaram que o padre não estava lá e, assim que eles terminassem, seguiriam para suas casas para descansar e a Igreja seria fechada, reabrindo somente no dia seguinte.

Saindo da Igreja e caminhando pela cidade, observo pouco movimento. Todas as repartições públicas administrativas estavam fechadas, apenas alguns comércios abertos, os quatro mercados, que tem como nome em suas fachadas “Mini Super”, todos eles pertencem a

Chineses de diferentes famílias. Em dois dos estabelecimentos tento conversar, mas logo percebo que são mais fechados, apenas me respondem quantos anos estão vivendo em Portobelo: um 3 anos e outro 11 anos.

Figura 29. A imagem do Cristo Negro um dia após a festa



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Por causa de uma forte chuva, tive que regressar ao hostel, impedindo minhas atividades programadas para esse dia. Horas depois de a chuva passar, sigo para Casa Cultura Congo, onde encontro o livro intitulado “*Portobelo y el San Lorenzo delChagres. Perspectivas Imperiales-Siglos XVI-XIX*”, escrito por Alfredo Castillero Calvo²⁵, publicado em 2016, que trata da história de Portobelo, destacando vários acontecimentos que contribuíram para a formação da cidade, inclusive o sistema de fortificações. Fico o restante da tarde fazendo leitura de partes do livro que serão importantes para a minha pesquisa.

²⁵Professor aposentado do Departamento de Historia da Faculdade de Humanidades da Universidade do Panamá.

DIA 5

23 de outubro de 2019 (Quarta-Feira)

Resumo: Visita ao CEFATI, Patronato, as Ruínas de uma possível fortificação denominada San Cristobal e ao Colégio Jacoba Urriola Solis

Material: Câmera Fotográfica, diário de campo e gravador

Dados coletados: Fotografias, observações pessoais, planta urbana da cidade - 2001 (pdf), mapa do conjunto monumental e monumentos históricos, artigos, livros (pdf) e cinco entrevistas (um arquiteto do Patronato, uma professora do colégio e três moradores).

Logo pela manhã, sigo para o Patronato de Portobelo y San Lorenzo²⁶, instituição responsável pela manutenção, restauração e preservação do forte de San Jerónimo, localizado no mesmo prédio do Centro de Interpretación y Facilidades Turísticas (CEFATI).

Primeiro converso com o funcionário encarregado do CEFATI, Abel Díaz. Pergunto a ele se existe um Plano de Desenvolvimento Turístico local. Ele primeiro ressalta que a cidade de Portobelo possui um Conjunto Monumental, formado por 12 monumentos históricos e um Parque Nacional, área protegida a nível nacional. Respondendo minha pergunta, ele conta que o que existe atualmente e que está em vigor é o Plan Maestro de Turismo Sostenible de Panamá 2007-2020. Ainda segundo Abel, a cidade recebe muitos turistas durante o ano, principalmente em dias de festas, como a do Cristo Negro, que ocorre todos os anos no dia 21 de outubro, e o Festival de Congos e Diablos, que acontece a cada dois anos.

Após minha conversa com Abel Díaz, sigo para entrevistar o Arquiteto do Patronato indicado por ele, porém ele estava aguardando um professor da Universidade Tecnológica do Panamá, que vinha acompanhado de mais dois pesquisadores Franceses, para levá-los a um sítio arqueológico da cidade. Segundo o Arquiteto, eles estão interessados em realizar uma investigação baseada em um estudo já concretizado na cidade de Nombre de Dios²⁷, aproximadamente 25km de distância de Portobelo.

Enquanto os pesquisadores não chegavam, explico ao Arquiteto o objetivo de minha entrevista. Ele então me convida para seguir com eles para o sítio arqueológico, pois, segundo ele, existe uma estrutura incompleta do que seria uma possível fortificação chamada “San

²⁶ O Patronato de Portobelo y San Lorenzo, trata-se de uma Organização não governamental (ONG) sem fins lucrativos, responsável atualmente pela restauração, manutenção e preservação das fortificações de Portobelo e San Lorenzo.

²⁷ MOJICA, Alexis et al . Using the micro - resistivity method to detect hispanic ancient floors at Nombre de Dios, Panamá. *Earth Sci. Res. J.*, Bogotá , v. 14, n. 2, p. 127-134, Dez. 2010 . Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-61902010000200001>

Cristobal”, um forte não concretizado no período colonial. Com os pesquisadores, seguimos para lá.

Apesar de estar localizado próximo à área urbana de Portobelo, trata-se de um local de difícil acesso, mata densa, solo assemelhando com o pantanoso, em vários pontos, caminhávamos e nossos pés afundavam (Figura 30). Foi necessário que o arquiteto fosse à frente com um facão abrindo caminho, cortando os galhos que bloqueavam o acesso. Nesse momento, chovia muito no local, mas, ainda sim, seguimos.

Figura 30. Caminho de acesso ao sítio arqueológico



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Chegando ao sítio arqueológico, foi possível observar as estruturas do que seria uma fortificação no período colonial (Figura 31). De acordo com o Arquiteto, a sua não concretização se deve ao fato de a cidade ter passado por um período de decadência, no que diz respeito a comercialização de prata e ouro, no período colonial.

Chama atenção a quantidade de casas construídas muito próximas do sítio arqueológico, todas ocupadas por moradores (Figura 32). Chego à conclusão de que não há um plano que estabeleça um limite para construção em torno do sítio arqueológico e de monumentos históricos da cidade.

Figura 31. Estruturas de uma fortificação não concretizada no período colonial



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 32. Casas construídas próximo ao sítio arqueológico



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Após o término dessa visita, seguimos para o Patronato. Lá, inicio a entrevista com o Arquiteto a respeito da preservação das fortificações, especificamente o forte de San Jerónimo. Além da entrevista, ele me passou diversos materiais para consulta, além de indicar outro Arquiteto que também é funcionário do Patronato Portobelo y San Lorenzo, mas que está no

escritório localizado na Cidade do Panamá (Capital). Após a entrevista com ele, segui para o colégio da cidade, que se chama Instituto Profesional y Tecnico Jacoba Urriola Solis.

No colégio, peço para entrevistar a diretora ou o vice-diretor. Como ambos não estavam, comecei a entrevista com os professores. Primeiramente, entrevisto a professora de história. Antes de iniciarmos, comento para ela a minha pesquisa e o objetivo da entrevista. Ela então pede para ler o roteiro com as perguntas. Após essa breve leitura, a professora, que parecia estar desconfortável, diz que não trabalha especificamente o tema preservação, somente com os aspectos históricos. Ainda assim, me permite entrevistá-la.

Para continuar as entrevistas, ela chama a professora de Geografia. Ao chegar à sala, sigo o mesmo ritual. Quando menciono sobre a pesquisa e as perguntas da entrevista, ela diz que não poderia responder, pois, segundo ela, só ensina conteúdos relacionados à Geografia e que nada disso era ensinado ou comentado por ela em sala de aula. Explico que seria fundamental saber sua opinião sobre o tema, mesmo não trabalhando em classe. Mesmo assim ela se negou. Senti-me constrangida com a forma que ela reagiu, pois, enquanto profissional da educação, esperava o contrário.

À noite, acompanhada do estagiário da Casa Cultura Congo, que havia me acompanhado no dia da festa do Cristo Negro, consigo entrevistar 3 moradores da cidade.

DIA 6

24 de outubro de 2019 (Quinta-Feira)

Resumo: Entrevista com os professores da Escola e Colégio Jacoba Urriola Solis; Visita ao forte de San Jerónimo

Material: Câmera Fotográfica, diário de campo e gravador

Dados coletados: Fotografias, observações pessoais e onze entrevistas (vice-diretor, três professores e sete moradores)

Sexto dia de campo, segui para outra escola para dar continuidade às entrevistas. Ao perguntar pela diretora, informaram que ela não se encontrava, somente o vice-diretor. Pelo nome, percebo que é a mesma do colégio Jacoba Urriola Solis, que estive no dia anterior.

Conversando com o vice-diretor, peço para explicar como funciona o sistema de ensino na cidade de Portobelo e porque a mesma diretora e vice-diretor para as duas escolas. O primeiro ponto que ele destaca é que na verdade trata-se de apenas um centro educativo chamado Jacoba Urriola Solis, se dividindo em duas estruturas²⁸: uma de nível pré-escolar (4 e 5 anos) e primário (6 e 12 anos) com total de 420 estudantes, e a outra para secundário (12 e 15 anos) e média²⁹(15 e 18 anos) com aproximadamente 600.

Sobre o tema preservação patrimonial, o vice-diretor comenta que existe um programa de estudos para cada disciplina (conteúdos a serem trabalhados em sala de aula), estabelecido pelo Ministério da Educação para os docentes, e nele não há um ponto específico que trate do assunto, mas que deveria ter.

Ainda no período da manhã, entrevistei uma professora do nível primário³⁰. Ela conta que é difícil trabalhar o tema, pois eles têm que seguir um conteúdo programado anualmente pelo Ministério da Educação, assim como disse o vice-diretor. Mesmo assim, continuamos com a entrevista.

Entrevisto também outro professor, que leciona no nível secundário. Logo no início, o professor desabafa sobre sua preocupação com o que ele chama de “mentalidade cultural” dos alunos. Segundo ele, os alunos estão se perdendo, que hoje em dia não valoram sua história e cultura e que, lamentavelmente, trabalhar com o tema sobre preservação patrimonial em sala

²⁸ Segundo o vice-diretor, são 500 metros de distância entre elas. A Diretora permanece integralmente na de nível secundário e média e ele na de pré-escolar e primário.

²⁹ Trata-se do último ciclo escolar com duração de três anos, o aluno tem a opção de escolher para cursar um dos três cursos que o colégio oferta: bacharelado em informática, agropecuária e turismo.

³⁰ Em nossa conversa inicial, a professora explicou que no primário, são ensinadas as disciplinas de: espanhol, matemática, ciências sociais e ciências, educação física e inglês. Sendo que, para as duas últimas, são professores com formação específica.

de aula vai de cada professor. Ele ressalta que, enquanto professor da disciplina de história, por ética, estando em um povo como Portobelo, tem que ensinar para os estudantes sobre a importância de preservar o patrimônio histórico.

Após entrevista com o professor, segui para uma visita ao forte de San Jerónimo, onde encontro vários alunos de uma escola de outra cidade chamada Torti. Conversei rapidamente com a professora. Ela me conta que a escola se chama Centro Educacional de Torti e que estava acompanhando quatro turmas, realizando atividades das disciplinas de História e Geografia (Figura 33). Para chegar até Portobelo, foram 4 horas de viagem. Naquele momento, chama-me atenção, pois não encontrei nenhuma turma do Centro Educativo de Portobelo visitando o forte.

Figura 33. Alunos do Centro Educacional de Torti visitando o forte de San Jerónimo



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

A professora ainda relata que o motivo de estarem realizando a visita é especificamente pelos seus aspectos históricos e geográficos. Observo então a movimentação dos alunos e a euforia de fazer uma fotografia no forte. Tenho a impressão de que não foi comentado pelos professores, durante essa visita, a importância da preservação patrimonial, já que muitos deles, mesmo com a presença da professora, sobem nas paredes da fortificação, arriscando inclusive se machucarem (Figura 34).

Figura 34. Alunos em cima das paredes do forte de San Jerónimo



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

No período da tarde, retorno à escola de nível primário para dar continuidade às entrevistas. Novamente uma professora se nega, pois não trabalhava em sala de aula sobre a questão da preservação patrimonial. Respeitei sua decisão, porém ela pediu a outro professor, este não muito disposto também, mas depois mudou de ideia e aceitou ser entrevistado.

Pedi para que o professor me explicasse primeiramente como funcionava o concurso para docente, pois percebi que a maioria que leciona em Portobelo, em todos os níveis de ensino, não reside na cidade. Ele conta que o concurso tem nível nacional, portanto, quando se abre um edital, não é possível escolher uma região específica. Eles concorrem às vagas e, quando aprovados, são enviados para o lugar que possui a carência. O professor expõe sua realidade, contando que mora a 6 horas de distância, no Distrito de Veraguas, sendo impossível ir e voltar todos os dias, ficando durante a semana em Portobelo e, no final do expediente de sexta-feira, segue para sua cidade, retornando novamente na madrugada de segunda-feira.

Fico surpresa com o que o professor me conta, pois não acontece somente na área da educação, mas em todas. Pelo que percebo, é algo comum no país, pois não foi relatado somente pelos professores que consegui entrevistar, mas também pelo próprio Arquiteto da cidade, que havia me contado que vive na periferia da Cidade do Panamá (Capital), fazendo o mesmo que relatou o último docente entrevistado. Saindo da escola, segui para entrevistar os moradores da cidade.

DIA 7

25 de outubro de 2019 (Sexta-Feira)

Resumo: Entrevista com a Secretária-Geral e uma das moradoras mais antigas da cidade; Visita ao Museu da Aduana e do Cristo Negro

Material: Câmera fotográfica, diário de campo e gravador

Dados coletados: Fotografias, observações pessoais, fotografias aéreas da cidade de Portobelo e seis entrevistas (Secretária-Geral e cinco moradores)

Logo pela manhã, sigo para a Alcaldía³¹ de Portobelo para entrevistar o Alcaldé³² (responsável por administrar a cidade), porém, ao chegar, informam que ele estava na cidade de Colón e que só retornaria no final de semana, mas que a Secretária-Geral, que substitui ele em sua ausência, estava. Peço então para entrevistá-la.

Inicialmente a Secretária-Geral comenta informações gerais sobre o Distrito de Portobelo. Ela explica que é formado por cinco corregimientos: Maria Chiquita, Cacique, Puerto Lindo, Isla Grande e Portobelo. Em cada um há um representante da comunidade que, juntamente com o Alcaldé, formam o Conselho Municipal de Portobelo. Cada um possui um posto de saúde. Alguns funcionando e outros fechados por falta de equipe médica.

Pergunto sobre um assunto que, assim que cheguei a Portobelo, me deixou perplexa: o fato de a cidade não possuir água potável. Ela conta que, lamentavelmente, contam com a água da Bacia de Nuevo Tonosi, que abastece a cidade através de um aqueduto rural e que ainda não existe um sistema de tratamento.

No que diz respeito à questão cultural, segundo a Secretária-Geral, Portobelo é uma terra de histórias, culturas e tradições. A cidade conta com várias atividades culturais, como o festival “La Pollera Congo”, o de “Congos y Diablos”, que são realizados a cada dois anos, e também a festa do Cristo Negro, que ocorre todo ano, no dia 21 de outubro. De acordo com ela, estão trabalhando através do Conselho de Cultura, em parceria com várias entidades em conjunto com a Alcaldía, para realizar o “La Pollera Congo” a nível internacional, assim como o de “Congos y Diablos”.

Sobre a festa do Cristo Negro, ela relata que, neste ano, trabalharam com um mês de antecedência, para planejar a segurança necessária aos visitantes e que foi difícil, pois vieram muitos carros. Normalmente se pede uma colaboração de \$2 (dólares ou balboa) para quem chega, contribuição essa para a contratação de serviço de limpeza da cidade. São essas

³¹ Prefeitura da cidade.

³² Prefeito da cidade.

arrecadações, no momento da festividade, que suprem as despesas necessárias, pois o município não recebe subsídios do governo para tal investimento.

Ainda no período da manhã, acompanhada do funcionário responsável pelo CEFATI, Abel Díaz, entrevistei uma das moradoras mais antigas da cidade. Por ser evangélica, ela comenta que não pode falar sobre a festa do Cristo Negro, pois, caso a Igreja que ela frequenta visse seu nome relacionado a um trabalho que trata de uma festividade católica, ela poderia ser questionada por membros da comunidade, por isso, avisa que só pode falar de sua vivência desde o período de seu nascimento na cidade de Portobelo.

Não seguimos o roteiro de entrevista previsto, ficamos em uma conversa agradável, em que ela me conta um pouco de sua experiência vivida nos 80 anos em que reside na cidade. Primeiro ela conta que foi a primeira moradora a nascer em Portobelo. Segundo ela, naquele período, não havia hospital na cidade. Como era longe e sua mãe estava prestes a dar a luz, tiveram que improvisar o parto em sua casa. No período de seu nascimento, em 1939, todas as casas que existiam eram de madeira, inclusive a dela. Na década de 1970, ela conta que foi Alcade da cidade.

A moradora ainda relata outro fato importante em sua vida, que foi trabalhar por muitos anos na Aduana, outro monumento histórico da cidade que, de acordo com ela, atualmente não está funcionando como deveria por negligência.

Sobre o forte de San Jerónimo, a moradora diz que costumava brincar entre os canhões, mas que foi proibido. A respeito da gestão da fortificação, ela demonstra sua insatisfação, afirmando que o governo municipal tem culpa da atual situação, pois o Patronato deveria assessorar e capacitar os moradores da cidade de Portobelo para que eles aprendam e não as pessoas que vêm de fora.

Sua fala remete ao dilema da valorização do sujeito enquanto responsável pela manutenção e preservação do patrimônio; o que se entende é que o poder público deveria investir na capacitação dos moradores da cidade de Portobelo, pois são eles os detentores da mudança, não os que vêm de fora, que, geralmente, valorizam apenas o superficial. Isso entra na questão do despertar do sujeito quanto às suas raízes e à ligação afetiva para com o patrimônio mundial em perigo; é com conhecimento que se faz um povo preparado para proteger e manter seu legado histórico.

Após nossa conversa, segui com o funcionário da CEFATI, para conhecer a Aduana citada pela moradora e outros entrevistados em dias anteriores (Figura 35). O prédio faz parte do conjunto monumental histórico da cidade e é possível observar que está em péssimas

condições de preservação. Atualmente, parte de sua estrutura está passando por um processo de restauração. Nele também funciona um museu, que possui peças que representam todos os momentos históricos da cidade. Pergunto se as peças são as originais, o funcionário responde que algumas são réplicas.

Figura 35. Prédio da Antiga Aduana da cidade de Portobelo



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Terminando minha visita no prédio da Antiga Aduana, visitei o Museu do Cristo Negro, apesar de precisar pagar para entrar, como estava acompanhada do funcionário da CEFATI, não foi necessário. Adentrando o Museu, foi possível visualizar alguns acessórios e vestimentas utilizados na imagem do Nazareno durante festividades importantes como a Semana Santa e a festa do Cristo Negro (Figura 36).

Após a visita ao Museu do Cristo Negro, paramos para almoçar. Logo depois da pausa do almoço, segui entrevistando os moradores da cidade.

Para encerrar o dia, na tentativa de conseguir materiais cartográficos de Portobelo, vou ao prédio da Alcadia, para conversar com o arquiteto da cidade que, apesar de não trabalhar diretamente com a questão da preservação patrimonial, me explica uma situação complexa que Portobelo está passando a respeito de seu ordenamento territorial, dentre outras coisas.

Figura 36. Peças expostas no Museu do Cristo Negro



a-b) Vestimentas utilizadas na imagem do Cristo Negro em dia de festividades importantes; **c)** A imagem mostra “La Potencia” usada na cabeça do Cristo Negro, representando a figura de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo; **d)** Joias que são doadas pelos fiéis como forma de pagar suas promessas. Fonte: Acervo pessoal, 2019.

O arquiteto explica que Portobelo está passando por um problema, no que diz respeito ao crescimento urbano, pois a cidade está inserida no Parque Nacional Portobelo, que é uma área protegida a nível nacional. Segundo ele, o planejamento atual é para que a cidade cresça no sentido leste, pois, na parte Norte e Sul, encontra-se a maior parte da vegetação. Ele relata que, apesar do crescimento ter que acontecer para leste, existe outro problema: essa parte é constituída de lavouras utilizadas para a agricultura.

Outro ponto destacado pelo arquiteto é, além do grave problema de não possuir água potável, a contaminação da Baía de Portobelo. De acordo com ele, as lavouras utilizam muitos agrotóxicos e, como chove muito na região, toda água contaminada escoar diretamente para Baía. Nesse momento, ele mostra uma fotografia aérea tirada em julho deste ano. É possível ver claramente o estado atual em que a Baía de Portobelo se encontra.

Chego à conclusão de que a cidade possui vários problemas relacionados a sua própria gestão. Não há um planejamento urbano bem definido para que possa suprir as necessidades da população, principalmente a respeito do saneamento básico (abastecimento de água potável, esgotamento sanitário, manejo das águas pluviais urbanas). Ver que, em 422 anos de existência, questões básicas ainda não foram resolvidas. Pergunto-me: para onde vai o dinheiro arrecadado pela administração?

DIA 8

26 de outubro de 2019 (Sábado)

Resumo: Fotografias da estrutura do forte de San Jerónimo e Mapeamento manual do uso e ocupação do solo no seu entorno.

Material: Câmera fotográfica, diário de campo, marca texto, planta urbana da cidade (impressa) e gravador

Dados coletados: Fotografias, observações pessoais e três entrevistas com moradores da cidade.

O dia amanhece nublado. Observo uma grande movimentação na cidade, principalmente nas proximidades da Igreja de San Felipe. Decido seguir o fluxo de pessoas. No caminho, vejo na casa do Alcade muita gente em volta, pergunto o que estava acontecendo, me respondem com uma triste notícia: a irmã dele havia falecido.

No velório, muita comida, refrigerante e água para as pessoas que utilizavam uma camiseta de cor rosa e azul com a imagem da irmã do Alcade. Na Igreja, estava acontecendo uma missa para sua alma. Após o término, seguiriam para o enterro. Como toda cidade pequena, a morte de uma pessoa muito conhecida gera grande movimentação e assim estava em Portobelo.

Sigo para as atividades programadas para o dia. Primeiro visito o forte de San Jerónimo, onde encontro uma turma de alunos da Universidade do Panamá. Estavam em uma aula a campo (Figura 37). Além dos alunos, encontro várias pessoas visitando, tirando fotografias e observando a paisagem.

Figura 37. Turma de alunos da Universidade do Panamá visitando o forte de San Jerónimo



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

No forte, mesmo com o tempo instável, chovendo a todo o momento, começo a fazer algumas fotografias e anotações sobre seu estado de conservação. Assim como o de Santiago (visitado no segundo dia de campo), San Jerónimo sofre um processo de deterioração, causado pelas ações climáticas e tempo de existência. São visíveis os danos na estrutura da fortificação causados pela formação de lodo. Com o dia chuvoso, pude observar várias poças de água que se formavam em determinados pontos da fortificação, o que também acelera o processo de deterioração.

Outro fator que contribui para deterioração do forte é a existência de um Canal em suas mediações. O fato de cortar toda a cidade no sentido sul-norte, toda a água que desce e é descartada na Baía de Portobelo é suja. Em dias anteriores, caminhando pela cidade, presenciei dois moradores descartando baldes de água visivelmente suja e misturada com produtos de limpeza, que, dependendo do tipo, pode danificar a estrutura do forte, pois essa água passa ao lado.

Observo também muitas casas construídas em seu entorno. Acredito que não mais que 2 metros de distância. Uma das casas possui sua frente diretamente para o forte, seus moradores fizeram inclusive uma ponte para passagem.

Após essa breve análise, sigo para almoçar, mas antes sento ao lado do prédio da antiga Aduana e começo a elencar todos os fatores e motivos observados durante os oito dias que estou na cidade e que contribuem e/ou podem contribuir com a deterioração do forte (quadro 6).

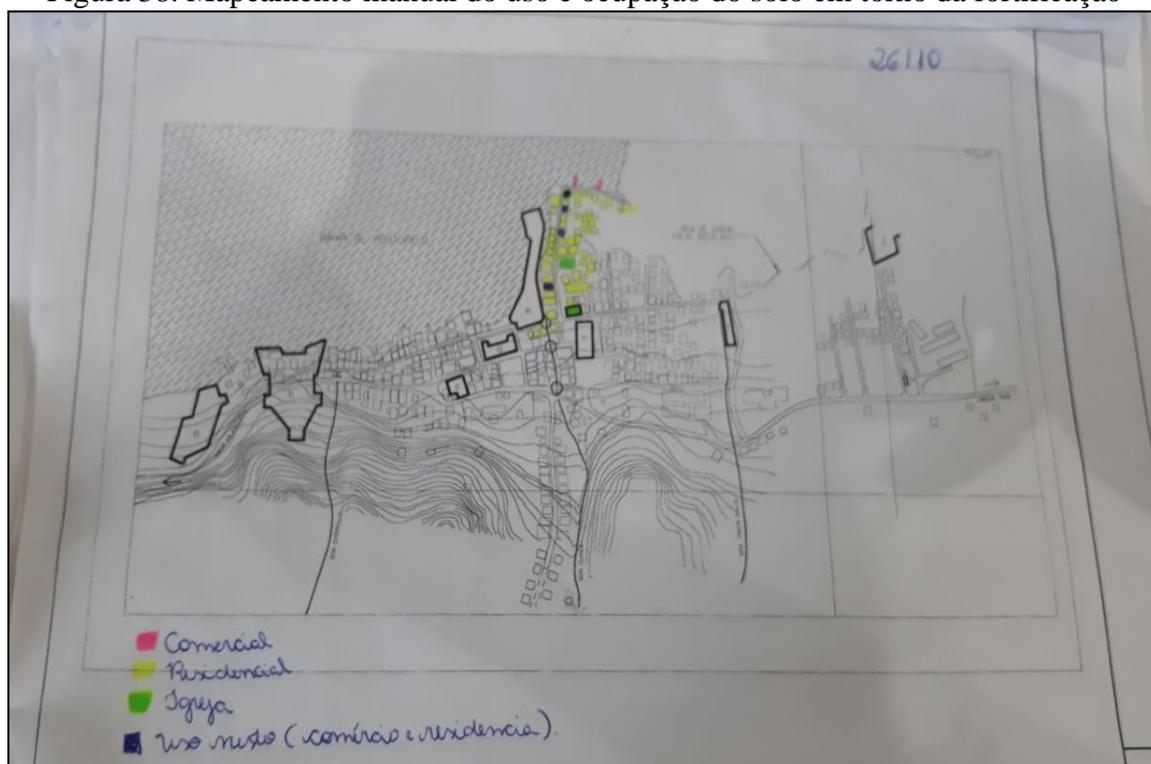
Quadro 6. Fatores com seus respectivos motivos que contribuem e/ou podem contribuir com a deterioração do forte de San Jerónimo

Fatores	Motivos
Ações climáticas e tempo de existência	Formação de lodo/limo
Visitação turística	Pessoas subindo nas paredes; Pessoas fazendo necessidades fisiológicas nas mediações; Lixo jogado no chão ou deixado nas paredes da fortificação.
Existência de um Canal ao lado da Fortificação que corta toda a cidade sentido sul-norte	Moradores jogam água suja (misturada com produtos); Moradores que vivem nas casas ao lado do forte ligaram algumas encanações onde toda a água suja é descartada no Canal.
Casas construídas nas mediações do forte	Descarte de lixo; Construções
Comércio ambulante	Descarte de lixo
Má gestão	Falta de manutenção adequada; Ausência de planejamento para o recebimento de visitantes.

Fonte: Dados coletados em trabalho de campo, 2019.

Logo após o almoço, começa a chover. Com guarda-chuva, sigo para as ruas das casas que estão nas mediações do forte de San Jerónimo. Com uma planta da cidade que consegui com o arquiteto do Patronato e marca-textos (rosa, verde e amarelo), começo a realizar um mapeamento manual do uso e ocupação do solo em torno da fortificação (Figura 38). As pessoas que vivem lá começam a me observar, alguns rapazes tentam chamar atenção. Sinto medo, mas continuo.

Figura 38. Mapeamento manual do uso e ocupação do solo em torno da fortificação



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

No caminho, encontro três moradores, percebo que desconfiam da minha presença. Pergunto a eles se moram lá há muito tempo, apenas dois respondem: um há três e outro há onze anos. Apresento-me e começo a conversar, pergunto com que eles trabalham, dois são pescadores e um responde que trabalha na cidade de Colón, mas não fala a profissão. Peço para entrevistá-los, apenas um aceita. Terminando o mapeamento, passei rapidamente na Igreja de San Felipe, entrevistei mais alguns moradores e encerrei o meu penúltimo dia.

DIA 9

27 de outubro de 2019 (Domingo)

Resumo: Visita ao Forte de San Jerónimo e assistir a Missa Afro

Material: Câmera fotográfica, diário de campo e gravador

Dados coletados: Fotografias, observações pessoais e quatro entrevistas (padre e três moradores da cidade)

Último dia em Portobelo, logo pela manhã o sol colore a cidade. Após o café da manhã, vou até o forte de San Jerónimo para fazer fotografias. No caminho, entrevistei alguns moradores. Chegando à fortificação, observo a presença de visitantes (Figura 39) e novamente encontro o vendedor de água de coco aproveitando o dia ensolarado para sua venda.

Desde que cheguei e fiz a minha primeira visita ao forte de San Jerónimo, observo uma estrutura de ferro, parecendo que estava sendo utilizada para fazer alguma restauração. Durante esses 9 dias com várias visitas à fortificação, não presenciei funcionários da Alcaldia ou Patronato trabalhando nela (Figura 40). Ao contrário, os poucos que avistei em frente ao forte estavam sentados mexendo no celular.

Figura 39. Presença de visitantes no forte de San Jerónimo



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 40. Estrutura montada na parede da fortificação



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Após minha última visita ao forte de San Jerónimo, caminho para Igreja de San Felipe para entrevistar o Padre (não consegui entrevistá-lo durante a semana) e assistir à Missa Afro, que acontece sempre no último domingo do mês, às 11h.

Em entrevista com o padre sobre a Missa Afro, ele me conta que a cidade de Portobelo foi fundada pelos espanhóis, que trouxeram muitos escravos da África. De acordo com ele, esses escravos, na luta pela liberdade, escaparam e foram se estabelecendo nas comunidades com seus costumes e tradições trazidas de sua região e, também, sua forma de expressar fé, que, ao ser cristianizada, não pode desaparecer, pois faz parte de sua identidade, tratando-se de um povo em sua maioria formado por populações negras.

O Padre explica que a missa afro é a enculturação do evangelho. A cultura não o destrói. Segundo ele, é uma expressão que, através dos cantos da região, enriquece o evangelho. Ele relata que a missa é normal, porém enriquecida com elementos culturais, como dança, canto, tambor, a oferenda e a alegria que é efervescente.

Minutos antes do início da missa, a Igreja de San Felipe fica lotada de fiéis. As mulheres do coral estão usando vestidos coloridos e muitas joias feitas de semente e miçangas. Pergunto a uma delas o que significa, ela me conta que é para representar as mulheres na escravidão. No centro da Igreja, é colocada uma mesa com frutas e elementos típicos da cidade.

A Missa se inicia com a entrada dos padres, como todas as outras, porém com dois elementos característicos da cultura afro: o cântico acompanhado do toque de tambor e a

dança. Duas mulheres (ambas usando vestido colorido), um homem e quatro crianças, dançando, acompanham os padres até o altar principal. Os detalhes e a riqueza cultural impressionam.

A liturgia é a mesma das outras missas, porém, após o primeiro momento, que é o Ato Penitencial, novamente as mulheres do Coral cantam um cântico ao som de tambor e outras duas dançam em frente ao altar. No momento da oferenda, as frutas que ficam em cima da mesa no centro da Igreja são levadas como oferenda até o altar por mulheres dançando.

Não consigo assistir toda a missa, pois já é dada a hora de seguir para a Cidade do Panamá com a professora Vielka Brow, da Universidade do Panamá, que veio até Portobelo com o esposo de sua sobrinha me buscar. Antes de partirmos, me despeço da senhora Odallis, dona do hostel que fiquei hospedada, e de sua irmã.

Da cidade de Portobelo levo o conhecimento e experiência adquirida e os sinceros sentimentos e memórias construídas ao longo desses nove dias. Deixo o meu até breve!

Sigo para a Cidade do Panamá (Capital), com a professora Vielka e o esposo de sua sobrinha, que nos leva de carro até a rodoviária da cidade de Colón onde pegamos um ônibus e seguimos.

Na Cidade do Panamá, pegamos um metrô até a casa da professora Olga, da Universidade do Panamá, onde ficarei até o dia 31 de outubro. A recepção é algo indescritível.

DIA 10

28 de outubro de 2019 (Segunda-Feira)

Resumo: Participação no IX Congresso Nacional e Internacional de Geografia e Entrevista com o Diretor executivo do Patronato.

Material: Diário de campo e gravador

Dados coletados: Observações pessoais, Livro: "Portobelo - San Lorenzo: Una aproximación a la conservación integrada de recursos culturales y naturales en peligro" e uma entrevista (Diretor executivo do Patronato)

A visita de campo continua, porém na Cidade do Panamá (Capital). Como coincidiu de nesses mesmos dias acontecer o IX Congresso Nacional e Internacional de Geografia da Universidade do Panamá, estava com o dia atarefado. Durante todo o período da manhã, participei da abertura do evento.

No período da tarde, acompanhada da professora Vielka Brown, da Universidade do Panamá, seguimos para o escritório do Patronato de Portobelo y San Lorenzo, conforme indicado pelo arquiteto da cidade de Portobelo, para realizar uma entrevista com o Diretor Executivo da entidade. No caminho, observo uma cidade em pleno desenvolvimento. A estrutura da parte central chama atenção. São prédios altos, estações de metrô bem equipadas com escada rolante, elevadores, sistema de catraca e trens com ar condicionado funcionando, além de diversos shoppings espalhados pela cidade.

Em entrevista, o arquiteto conta que as Fortificações de Portobelo e San Lorenzo foram inscritas na Lista do Patrimônio Mundial no ano de 1980. Trinta anos após serem declaradas, em 2010, a Unesco, em uma Missão do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), informou que as fortificações deveriam ser inseridas na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo. De acordo com ele, em 2012, o governo se comprometeu, junto à Unesco, a executar um plano de emergência que tinha duração de três anos, 2013, 2014 e 2015, a fim de tirar da Lista do Patrimônio Mundial em Perigo.

Ele relata que, no ano de 2014, com a troca de governo na República do Panamá, as novas autoridades se reúnem com a Unesco e, novamente, são informados de que há um plano de emergência que deveria se cumprir em 2015, porém já havia se passado dois anos e nada teria sido feito. Com base nisso, novamente o governo negociou, para que se apresentasse resultados, um período de mais três anos, 2015, 2016 e 2017.

Segundo o arquiteto, em 2014, o Patronato Portobelo e San Lorenzo, quando o governo já sabia que não ia conseguir arrecadar fundos, foi em busca de entidades financeiras

internacionais como: Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e vários outros internacionais. Ao final, o BID se interessou no projeto, cedendo um empréstimo ao Panamá para executar o plano de emergência aprovado desde 2016, porém não se efetivou, dada a grande burocracia.

De acordo com ele, a Unesco deu o prazo até 2021 para que todos os problemas, tais como: deslizamentos de terras, a pressão do turismo e a construção de habitações próximas fossem resolvidos. Sobre as habitações em volta do forte, as pessoas que vivem ali deverão ser remanejadas e indenizadas, mas essa função cabe exclusivamente ao Ministério de Habitações. Ele afirma que não se sabe para onde irão, pois há um problema na cidade que é o fato de estar inserida no Parque Nacional de Portobelo.

Ele relata que outro problema é que essas pessoas que vivem em torno do forte possui uma cultura especial e uma das preocupações é que essas pessoas não consigam uma habitação na área que envolve a cidade e migrem para a Cidade do Panamá ou para Colón, fazendo com que a cultura se dissipe e desapareça.

O arquiteto afirma que está se buscando uma solução, primeiro para que modifique os limites dos normativos do Parque, para que permita que a cidade possa ir crescendo, porém é um risco muito grande. Para fazer essa modificação, é necessário alterar a lei e não se sabe que pressão há, pois pode ser que pessoas com muito poder econômico aproveitem dessa situação para construir na costa um hotel de cinco pisos. Por isso o Ministério do Meio Ambiente não quer se submeter à mudança. Caso parte das demandas não sejam resolvidas, a cidade poderá perder o título de Patrimônio da Humanidade, mas que algumas medidas já estão sendo atendidas.

DIA 11

29 de outubro de 2019 (Terça-Feira)

Resumo: Entrevista com a Arquiteta restauradora do Instituto Nacional de Cultura (INAC) e Visita ao Casco Antigo.

Material: Câmera fotográfica, diário de campo e gravador

Dados coletados: Fotografias, observações pessoais, Lei n. 91 de 1976 que regulamenta os Conjunto Monumental Histórico de Portobelo e uma entrevista (Arquiteta restauradora)

Nas primeiras horas da manhã, acompanhada da professora Vielka Brown, continuo as entrevistas com os agentes responsáveis pela preservação, conservação e restauração dos bens culturais declarados, especificamente com aqueles que trabalham diretamente na Direção Nacional de Patrimônio, unidade de gestão responsável por esta temática, no Instituto Nacional de Cultura (INAC), atual Ministério da Cultura.

Tomamos um ônibus e seguimos para Casco Antigo, centro histórico da Cidade do Panamá, onde se encontra o INAC. Como o ônibus só passa nas proximidades, descemos e fizemos parte do percurso a pé. A maior parte da área que abrange o sítio histórico está tomada por restaurantes sofisticados, lojas de artesanatos, museus e repartições públicas, que funcionam nos antigos casarões e edifícios.

Apesar de ser um sítio histórico que mantém suas fachadas preservadas, é possível notar diversos estabelecimentos adaptados. A maioria possui um ar-condicionado instalado e câmeras. As três igrejas que tive a oportunidade de visitar possuem portas automáticas. Em cada rua que caminho, vejo um imóvel sendo restaurado. É impressionante.

Nas ruas, muitos turistas tirando fotografias, visitando as lojas de artesanato, consumindo nos sofisticados restaurantes. Pergunto à professora onde estão os moradores. Ela me responde dizendo que a maioria foram se mudando, pois muitos não tinham mais condições de viver nesse espaço, que hoje é visto como um local elitizado.

Percebo que não foi um “mudar” voluntário, trata-se na verdade de uma expulsão, movimento involuntário causado pela pressão imobiliária. A professora ainda me conta que, por causa disso, hoje só duas igrejas ainda realizam missas no centro histórico, pois, como se tornou uma área comercial e elitizada, poucas são as pessoas que moram neste local.

No INAC, a atual Diretora da Direção Nacional de Patrimônio Histórico, Katia Osório, não pôde nos receber por estar em outros compromissos. Muito gentil e prestativa, quem nos recebe e concede entrevista é a arquiteta da área de restauração. Para iniciar nossa entrevista,

peço para que ela fale sobre a atuação do INAC, especificamente a Direção Nacional de Patrimônio.

A arquiteta conta que a Direção Nacional de Patrimônio tem a responsabilidade de zelar por todos os sítios que são declarados Patrimônio Nacional. Eles não executam projetos, mas fazem a supervisão e aprovação de todos os planos que se realizam dentro do conjunto monumental. Ela relata que existe uma entidade assessora, que é a Comissão Nacional de Monumentos Históricos e Arqueologia, que, a cada 15 dias, revisam os projetos e anteprojetos.

De acordo com a arquiteta, o Conjunto Monumental da cidade de Portobelo, que inclui todos os fortes, está declarado bens culturais por lei desde 1976. Ela ressalta que, no caso de San Jerónimo, há um projeto criado desde 2017, específico para sua conservação, que foi avaliado pela Direção Nacional de Patrimônio Histórico em conjunto com a Comissão Nacional de Monumentos Históricos.

A comissão é formada por representantes de outras instituições como: Faculdade de Humanidades do Panamá, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Panamá, Universidade de Arquitetura da Universidade Santa Maria la Antigua, Ministério da Economia e Finanças Patrimoniais, Ministério da Educação e Universidade Tecnológica do Panamá. Eles formam a comissão e fazem a aprovação de projeto, dão sua opinião favorável ou não favorável.

A arquiteta afirma que o INAC sempre foi o órgão responsável pela questão da preservação patrimonial, mas que, por lei, atualmente o Patronato, que tem parte de seu conselho administrativo formado pelo Ministério da Cultura, é a entidade que age diretamente na supervisão dos bens declarados da cidade de Portobelo. Ademais, todas as ações passam por avaliação do INAC.

Ela relata que o que Patronato faz todos os anos são manutenções preventivas, como remoção de macro flora, algumas consolidações, porém vários desses fortes necessitam de um pouco mais de intervenções a nível de engenharia. Pergunto se, antes do surgimento do Patronato, alguma entidade fazia esse papel de manutenção preventiva. Ela responde que os responsáveis eram os próprios arquitetos do INAC e não existia um plano de gestão específico. O único projeto de revitalização de que tem conhecimento anterior a 2010, ano de surgimento do Patronato, é o do Arquiteto Carlos Flores Marini.

Sobre o forte de San Jerónimo, o mais recente é o Plano de Intervenção, aprovado no ano de 2018, intitulado: “Levantamiento, Diagnostico y Conservación de la Bateria de San Jerónimo”, elaborado pelo arquiteto Félix Durán da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Panamá.

DIA 12

30 de outubro de 2019 (Quarta-Feira)

Resumo: Participação no IX Congresso Nacional e Internacional de Geografia e Visita ao Casco Antiguo.

Material: Câmera fotográfica e diário de campo

Dados coletados: Fotografias, observações pessoais e o Plano de Intervenção intitulado: " Levantamiento, Diagnostico y Conservación de la Batería de San Jerónimo"

Último dia na Cidade do Panamá. O período da manhã foi destinado para assistir a programação do IX Congresso Nacional e Internacional de Geografia da Universidade do Panamá. Nesse dia, tive a oportunidade de realizar minha primeira Conferência intitulada “fora de meu país de origem”. Uma oportunidade única e que não podia naquele momento ser desperdiçada. São momentos como este que enriquecem o nosso conhecimento. Sou grata por ter tido essa oportunidade.

No período da tarde, retornei ao INAC com a professora Vielka e Yasmim para buscar as cópias do atual plano de intervenção do forte de San Jerónimo citado pela arquiteta no dia anterior. Novamente passamos pelo Casco Antiguo.

Uma das coisas que chamam atenção é um estacionamento subterrâneo existente no centro histórico (Figura 41). É pago. Parece ser uma alternativa para atender a demanda de fluxo de carros de trabalhadores e visitantes. Porém, por ter um valor cobrado por minuto, as pessoas preferem continuar estacionando entre as ruas.

Figura 41. Estacionamento subterrâneo no Casco Antiguo, Panamá



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

O comércio ambulante é algo comum de se ver no sítio histórico. São pessoas que tentam driblar sua situação financeira vendendo artesanatos locais, acessórios, cartões postais, comidas, entre outros. Dentre elas, chama atenção as mulheres indígenas, que não são poucas. As professoras me explicam que em toda cidade é possível vê-las vendendo seus artesanatos.

Caminhando nas ruas do Casco Antigo, é possível observar o contraste entre o “velho” e o “novo” (Figura 42). Em suas extremidades, os grandes edifícios com arquitetura moderna tomam de conta da paisagem. Aos poucos, essa modernidade imposta pelo governo e agentes imobiliários vai se aproximando do sítio histórico.

Figura 42. Paisagem vista de uma das ruas do centro histórico. Contraste entre o “velho” e o “novo”



Fonte: Acervo pessoal, 2019

O dia termina com um passeio pela cidade, organizado pelas professoras da Universidade do Panamá. Nesse momento tive a oportunidade de conhecer a cidade no período noturno. Ao olhar para cima, avistamos a beleza dos prédios iluminados, ao olhar para o horizonte, enxergamos a realidade: fluxo intenso de pessoas chegando do trabalho e trânsito caótico.

DIA 13

31 de outubro de 2019 (Quarta-Feira)

Resumo: Conversa com o Arquiteto responsável pela elaboração do Plano de Intervenção do Forte de San Jerónimo

Material: Diário de campo

Dados coletados: Anotações pessoais e nome de autores que escreveram sobre a história e preservação patrimonial na cidade de Portobelo.

No período da manhã, acompanhada da professora Vielka, fomos conhecer o Arquiteto Félix Duran, responsável por elaborar o Plano de Intervenção do forte de San Jerónimo.

Segundo o arquiteto Duran, a Unesco deu um prazo até 2021 para que as autoridades responsáveis pela manutenção, conservação e preservação do conjunto de fortificações declaradas Patrimônio da Humanidade e que estão inseridas na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo apresentassem alguma mudança referente ao estado de conservação.

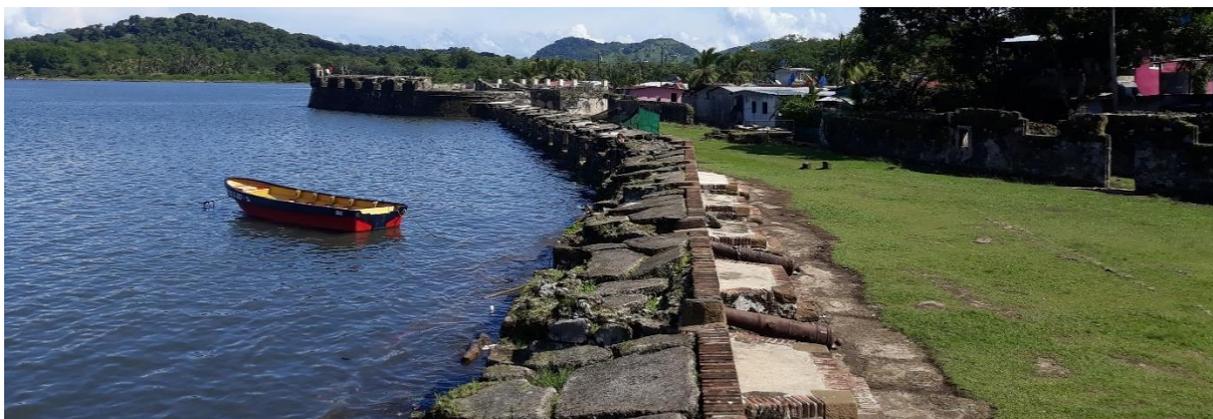
Ele relata que o plano foi elaborado em 2017 e nele consta um levantamento completo da estrutura do forte de San Jerónimo e seu estado de conservação. Seu papel foi apenas o de confeccionar o Plano de Intervenção, a execução é responsabilidade única e exclusivamente das Instituições responsáveis.

O Arquiteto ainda indicou nome de alguns autores que escreveram sobre a história da cidade de Portobelo e das fortificações e preservação patrimonial. Entre eles: Alfredo Castellero Calvo e Carlos Flores Marini.

Após nossa breve conversa, fomos até a biblioteca da Universidade do Panamá, na tentativa de conseguir fotografar o livro “Portobelo y el San Lorenzo Del Chagres, porém não encontramos nas estantes.

No período da tarde, sigo para o aeroporto. O sentimento é de gratidão e alegria por ter sido tão bem recepcionada em ambas as cidades. Levo comigo uma bagagem de conhecimentos, informações e memória de um lugarejo simples, pacato e de uma cidade de vida intensa, em pleno desenvolvimento com seus enormes arranha-céus.

SEÇÃO 4. A PATRIMONIALIZAÇÃO NA CIDADE DE PORTOBELLO: DO LOCAL AO GLOBAL



Nota: Forte de San Jerónimo de Portobelo, Panamá.
Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

4.1. O processo de patrimonialização local na cidade de Portobelo

A Constituição da República do Panamá de 1972, através do artigo 85, reconhece como patrimônio histórico os sítios e objetos arqueológicos, os documentos, os monumentos históricos e outros bens culturais e imateriais que são testemunhos da história e do passado panamenho. A Constituição ainda prevê a expropriação, caso os bens citados estejam em mãos de pessoas particulares, e a tomada de medidas necessárias para conciliar a visibilidade comercial, turística, industrial e tecnológica (Panamá, 1972).

O processo de patrimonialização a nível nacional na cidade de Portobelo ocorreu no ano de 1941 pela lei nº 68. O forte de San Jerónimo, em conjunto com outras edificações do Distrito de Portobelo, foi declarado Monumento Histórico Nacional. O artigo 1 da lei afirma que:

São Monumentos Históricos Nacionais: a Catedral Metropolitana, toda a área e as ruínas da Antiga Cidade do Panamá, o Castelo de San Lorenzo, de Chagres, o Arco Chato da Igreja de Santo Domingo da Cidade do Panamá, a Igreja Paroquial de Natá, a Igreja Paroquial de Parita, o Forte de San Jerónimo, a Igreja de San Felipe, o Edifício da Aduana e demais ruínas históricas do Distrito de Portobelo [...] (Panamá, 1941, p.4).

O artigo 2 versa sobre a conservação patrimonial, que estabelece que a alienação, destruição ou modificação dos Monumentos Históricos Nacionais são estritamente proibidas, exceto nos casos em que o Estado adquira os monumentos pertencentes a um indivíduo particular. Além disso, são adotadas pelo Executivo medidas destinadas à preservação ou revitalização desses monumentos.

Ainda a lei n° 68 dispõe sobre a conservação patrimonial, apontando sobre a competência do Órgão Governamental em garantir inicialmente que os bens culturais reconhecidos sejam conservados:

Artigo 3. Todos os monumentos históricos nacionais e todos aqueles que, em diante, considere como tal estarão sob dependência direta do departamento de Bellas Artes do Ministério de Educação, que garantirá a conservação e para que não sofram qualquer deterioração por ação dos homens, e procurará mantê-los na medida do possível, no seu estado atual, sem permitir que sejam objeto de especulação privada (Panamá, 1941, p. 4).

No artigo 3, é possível observar que a preservação patrimonial do Panamá primeiramente passou a ser de responsabilidade do Ministério da Educação. Porém, ao longo dos anos desde a criação desta lei, essa atribuição passou a ser do Instituto Nacional de Cultura (INAC), extinto e atualmente chamado de Ministério da Cultura.

O artigo 4 destina uma parte da proposta de gastos do biênio à conservação e reparação dos monumentos. Já os artigos 5 e 6, respectivamente, citam a obrigação do poder executivo sobre a aquisição de bens que estejam em posse de particulares, prevendo a tomada de medidas jurídicas para que eventuais tentativas de posse dos monumentos por parte de particulares não possam seguir adiante.

Segundo Cid e Cassini (2017), na década de 1970, com a criação do antigo INAC, o governo do Panamá priorizou o desenvolvimento de uma legislação inicialmente alinhada ao reconhecimento, proteção e preservação de seu patrimônio histórico nacional, além de estabelecer um processo inicial de sistematização e regulamentação, juntamente com incentivos, para a restauração e valorização dos primeiros bens nacionais identificados como tais.

No ano de 1976, foi criada a lei n° 91, que regulamenta os *Conjuntos Monumentais Históricos* do Panamá Viejo, Portobelo e o Bairro Histórico do Panamá. A lei determina que são “[...] Conjuntos Monumentais Históricos as cidades e todo grupo de construções e espaço cuja concessão e valor desde o ponto de vista ecológico, arqueológico, arquitetônico, histórico, estético, socio-cultural, constituem testemunho do passado da nação panamenha”. (Panamá, 1976, p.1).

Em 1976, é criado o Conjunto Monumental Histórico da cidade de Portobelo, conforme Cid e Cassini (2017), abrangendo não apenas as fortificações dos séculos XVI e XVIII, como é o caso do forte de San Jerónimo, mas também o reconhecimento de sua área central histórica,

seus elementos arquitetônicos e seu patrimônio sociocultural. De acordo com a lei nº 91, artigo 22, o Conjunto Monumental Histórico de Portobelo compreende:

[...] a área da antiga cidade de Portobelo, as ruínas dos castelos de Santiago de la Gloria, o castelo de San Felipe, **o forte bateria de San Jerónimo**, o forte bateria e a casa forte de Santigado, as baterias alta e baixa e casa de San Fernando, as ruínas do forte trincheira do primitivo Santiago, a bateria de Buenaventura, as ruínas do forte Farnesio da trincheira, da casa da pólvora, a aduana, os baluartes do recinto San Cristobal e as demais ruínas que circulam dentro e aos arredores da cidade (Panamá, 1976, p.3, tradução nossa, grifo nosso).

No mapa 2, é possível visualizar que o Conjunto Monumental Histórico de Portobelo é formado por 12 Monumentos Históricos Nacionais, sendo que o forte de San Jerónimo se encontra em conjunto com a Aduana (Mapa 6).

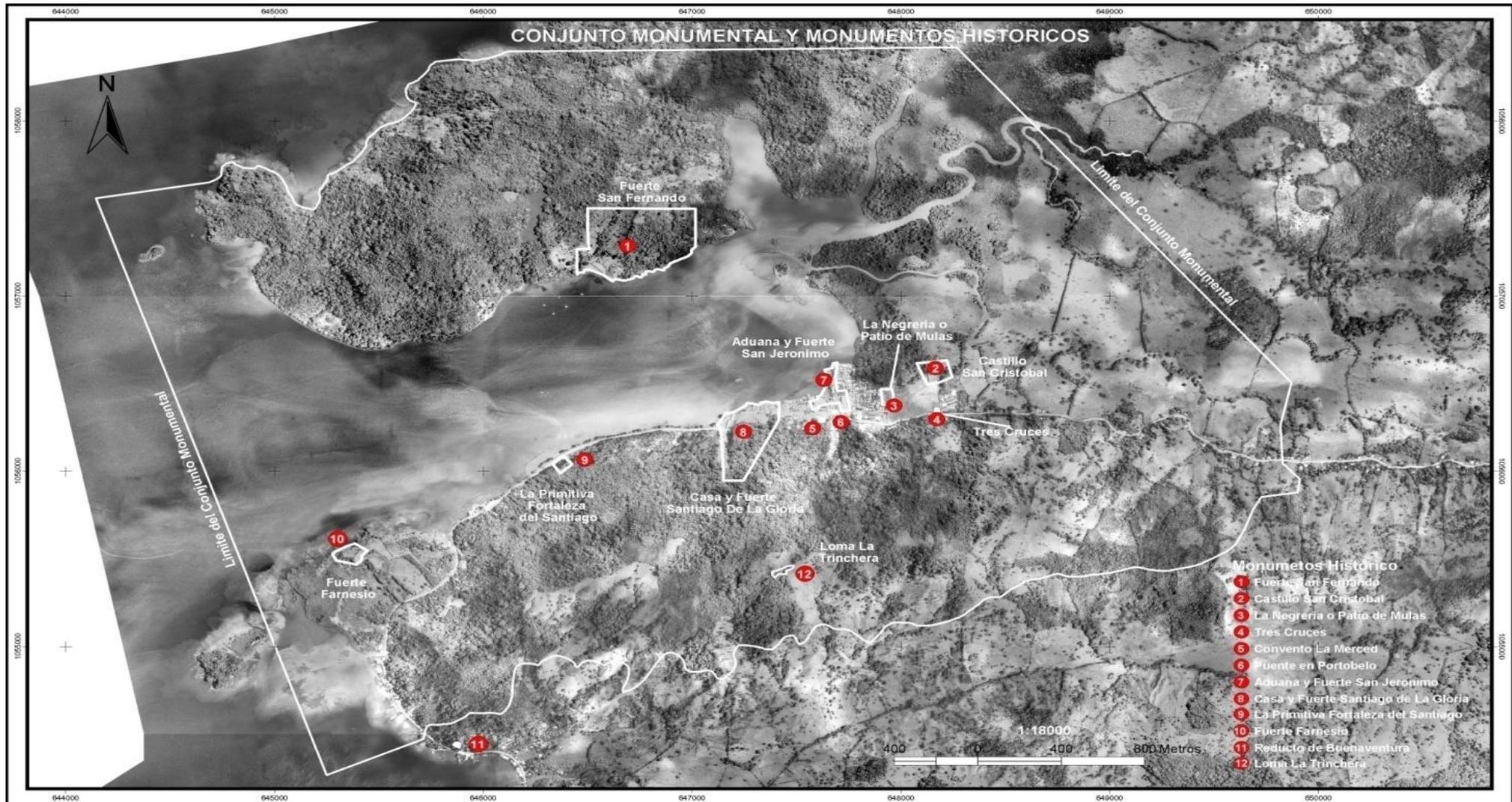
Cabe ressaltar que, no momento que a lei nº 91 foi criada, a responsabilidade técnica desse conjunto é do Instituto Panamenho de Turismo. Para proteção do espaço, o artigo 28 cita a proibição das ocupações dos monumentos históricos, exceto para fins de administração, conservação e vigilância.

É evidente que a legislação panamenha apresenta pontos importantes que compreendem a proteção e a manutenção de seus bens patrimoniais, apresentando não só a descrição do que é compreendido como área protegida como também descrevendo o que é permitido e o que está à margem destas leis, no entanto, a realidade é diferente nos arredores do forte de San Jerónimo a tal ponto que aparentemente o rigor não é devidamente aplicado.

Por outro lado, a atual situação representa um problema muito maior, pois não se trata apenas da aplicação das leis de proteção, como também da problemática social que permeia os cidadãos ali residentes, representantes de uma parcela da população à margem do que é aceitável no que se refere à qualidade de vida, com as quais a legislação pouco se importa, diante da problemática de suas vidas.

Sendo assim, não só há a necessidade urgente de se aplicar devidamente o que é regido por lei, como também é necessária a cautela no processo, uma vez que não há de fato um plano definitivo para resolução dos problemas sociais, que precisam da devida atenção do poder público para que o processo de restabelecimento do patrimônio também possa seguir adiante.

Mapa 6. Conjunto Monumental Histórico da cidade de Portobelo, Panamá



Fonte: Patronato Portobelo e San Lorenzo, 2011.

4.2. A patrimonialização global na cidade de Portobelo

A patrimonialização é marcada na contemporaneidade como um ato de reconhecimento e valorização dos bens culturais de um determinado país, região, estado e/ou município. Embora tenha sua importância, pois se trata de uma forma de “representar simbolicamente as cidades”, conforme aponta Jeudy (2005), há uma problemática no que diz respeito a como essa ação tem sido aplicada na prática, já que se trata de institucionalizar parte daquilo que representa a cultura de um lugar.

A patrimonialização da Unesco envolve alguns mecanismos específicos para reconhecer e proteger os bens culturais ou naturais, tais como: a Convenção do Patrimônio Mundial, o Comitê do Patrimônio Mundial, além da Lista do Patrimônio Mundial e a Lista do Patrimônio Mundial em Perigo. A concessão do status de Patrimônio Mundial pela Unesco é obtida através de um processo de reconhecimento e inserção na Lista do Patrimônio Mundial.

O processo de patrimonialização a nível global é resultado da Convenção do Patrimônio Mundial adotada em 1972, quando os Estados-membros da Unesco, com o objetivo de identificar, proteger, conservar e valorizar o patrimônio, firmaram esse acordo internacional. De acordo com Scifoni (2006), por meio dessa Convenção, não só foram estabelecidos critérios, diretrizes e valores, mas também uma generalização para o mundo no que diz respeito à compreensão e entendimento do patrimônio.

Jeudy (2005) destaca que esse modelo de patrimonialização internacional imposto na atualidade faz com que os bens culturais e naturais que pertencem a culturas distintas se tornem cada vez mais parecidos, resultando, portanto, em um processo homogeneizador.

Para Costa (2011), a normatização universal representa na prática a padronização e normalização das diferenças culturais, ou seja, faz com que as diferenças que legitimam a cultura daquele patrimônio se percam na padronização imposta. Esta normatização não leva em consideração as nuances de cada patrimônio, ou seja, deixa de fora a identidade e o que o torna especial. A métrica utilizada pela convenção acaba deixando de fora toda a história que constrói aquele bem, bem como todos os detalhes que o tornam particular, impactando principalmente aqueles cujo território se encontra em países subalternizados; a ferramenta cultural perde força, sendo esta a mais importante para a manutenção do bem.

A partir da Convenção do Patrimônio Mundial, foi definido o conceito de patrimônio cultural³³, com destaque para os monumentos, os conjuntos que envolvem grupos de construção e os sítios:

Os monumentos – Obras arquitetônicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; *Os conjuntos* – Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; *Os sítios* – Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico (Unesco, 1972, p.2).

Segundo a Unesco (2017), com a Convenção do Patrimônio Mundial, foram criados o Comitê do Patrimônio Mundial e o Fundo do Patrimônio Mundial. Ambos estão operando desde o ano de 1976 e estão profundamente interligados, uma vez que o Comitê tem a responsabilidade de implementar a Convenção do Patrimônio Mundial, sendo uma de suas funções a de determinar a utilização do Fundo do Patrimônio Mundial e conceder assistência financeira mediante autorização dos Estados partes³⁴. Além das funções citadas, o Comitê possui autoridade final para decidir se um bem deve ser incluído na Lista do Patrimônio Mundial, revisa o relatório sobre o estado de conservação dos bens já incluídos, solicita que os Estados partes tomem medidas corretivas quando a gestão dos bens não estiver adequada, além de tomar decisões sobre a inclusão ou exclusão de bens na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo (Unesco, 2017).

Com o objetivo de assessorar as decisões do Comitê do Patrimônio Mundial, a Convenção do Patrimônio Mundial designou três órgãos consultivos, cada um com funções específicas (Quadro 7). De acordo com Lanari Bo (2003, p.104), essas organizações “[...] são encarregadas de auxiliar na preparação de candidaturas, elaboração de relatórios e coordenação de apoio técnico”.

³³ Ressalta-se que ao longo deste capítulo, embora a Unesco através da Convenção do Patrimônio Mundial aborde os bens culturais e naturais, daremos ênfase ao patrimônio cultural que é o objeto de interesse desta pesquisa.

³⁴ Os Estados partes são os países que aderiram à Convenção do Patrimônio Mundial. Assim, concordam em identificar e nomear bens no seu território nacional a serem considerados para inscrição na Lista do Patrimônio Mundial. Quando um Estado Parte indica um bem, ele fornece detalhes de como esse bem é protegido e fornece um plano de gestão para sua manutenção. Espera-se também que os Estados Partes protejam os valores do Patrimônio Mundial das propriedades inscritas e são encorajados a relatar periodicamente suas condições.

Quadro 7. Órgãos Consultivos do Comitê do Patrimônio Mundial

Órgão Consultivo	Funções
Centro Internacional para Estudo da Preservação e Restauro de Bens Culturais (ICCROM)	ser o parceiro prioritário na formação em patrimônio cultural, monitorar o estado de conservação dos bens do Patrimônio Mundial com valor cultural, analisar os pedidos de Assistência Internacional apresentados pelos Estados Parte e dar o seu contributo e apoio às atividades de reforço das competências.
Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios (ICOMOS)	avaliar os bens propostos para inscrição na Lista do Patrimônio Mundial, monitorar o estado de conservação dos bens culturais do Patrimônio Mundial, analisar os pedidos de Assistência Internacional apresentados pelos Estados Parte e dar o seu contributo e apoio às atividades de reforço das competências.
União Internacional para Conservação da Natureza (UICN)	Tem por missão encorajar e apoiar as sociedades de todo o mundo a conservar a integridade e a diversidade da natureza e a certificar-se que qualquer uso dos recursos naturais é equitativo e ecologicamente sustentável.

Fonte: Unesco (2017, p.7-8). Nota: organizado pela autora, 2023.

A Lista do Patrimônio Mundial é um dos principais instrumentos da patrimonialização global. Nela estão inscritos os bens culturais e naturais considerados de valor universal excepcional, ou seja, aqueles que possuem características únicas e significativas para a humanidade.

O caminho para a inclusão de um bem cultural na Lista do Patrimônio Mundial começa quando um país interessado em candidatar submete uma proposta à Unesco, devendo fornecer informações detalhadas sobre o bem em questão e demonstrar claramente como ele atende aos critérios estabelecidos pela instituição (Quadro 8).

Quadro 8. Critérios estabelecidos pela Unesco para inclusão dos bens culturais na Lista do Patrimônio Mundial

Critério	Descrição
I	representar uma obra-prima do génio criador humano;
II	exibir um intercâmbio importante de valores humanos, durante um dado período ou numa determinada área cultural do mundo, sobre o desenvolvimento da arquitetura ou da tecnologia, das artes monumentais, do planeamento urbano ou da criação de paisagens;
III	constituir um testemunho único ou pelo menos excepcional de uma tradição cultural ou de uma civilização viva ou desaparecida;
IV	representar um exemplo excepcional de um tipo de construção ou de conjunto arquitetónico ou tecnológico, ou de paisagem que ilustre um ou mais períodos significativos da história humana;
V	ser um exemplo excepcional de povoamento humano tradicional, da utilização tradicional do território ou do mar, que seja representativo de uma cultura (ou culturas), ou da interação humana com o meio ambiente, especialmente quando este último se tornou vulnerável sob o impacto de alterações irreversíveis;

VI	estar direta ou materialmente associado a acontecimentos ou a tradições vivas, a ideias, ou a crenças, a obras artísticas e literárias de significado universal excepcional (o Comitê considera que este critério deve de preferência ser utilizado conjuntamente com outros critérios);
VII	conter fenômenos naturais notáveis ou áreas de beleza natural e de importância estética excepcionais;
VIII	ser exemplos excepcionais representativos dos grandes estágios da história da Terra, nomeadamente testemunhos da vida, de processos geológicos significativos em curso no desenvolvimento de formas terrestres ou de elementos geomórficos ou fisiográficos de grande significado;
IX	ser exemplos excepcionais representativos de processos ecológicos e biológicos significativos em curso, na evolução e desenvolvimento de ecossistemas terrestres, de água doce, costeiros e marinhos e de comunidades de plantas e de animais;
X	conter os habitats naturais mais importantes e significativos para a conservação in situ da diversidade biológica, nomeadamente aqueles em que sobrevivem espécies ameaçadas que tenham um Valor Universal Excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação.

Fonte: Unesco (2017, p.17). Nota: organizado pela autora, 2022.

Os critérios de I a VI correspondem aos bens culturais, já os de VII a X, aos bens naturais. São esses critérios juntamente às questões de integridade e autenticidade que irão definir se um bem possui valor universal excepcional. Conforme a Unesco (2017), para se chegar a esse status, é necessário que o patrimônio se encaixe em pelo menos um dos critérios anteriores, tenha um sistema de proteção adequado para sua preservação, além disso, que corresponda às condições de integridade e/ou autenticidade. Esses dois últimos requisitos estão conectados aos critérios estabelecidos. Desta forma, todos os bens inscritos na lista devem cumprir os critérios de autenticidade, enquanto apenas os critérios I a VI devem corresponder às condições de autenticidade (Unesco, 2017).

Desta forma, após a submissão da proposta, especialistas da Unesco e de organizações consultivas, como o ICOMOS para bens culturais ou a IUCN para bens naturais, conduzem uma avaliação minuciosa. Eles analisam cuidadosamente a proposta e emitem recomendações ao Comitê do Patrimônio Mundial, que é composto por representantes de diferentes países.

O Comitê do Patrimônio Mundial, com base nas recomendações dos especialistas, toma a decisão final sobre a inclusão do bem na Lista do Patrimônio Mundial. Essa chancela é concedida quando o Comitê aprova a inscrição por consenso ou maioria de votos. A inclusão na lista confere reconhecimento internacional ao bem cultural e implica na responsabilidade de protegê-lo como patrimônio da humanidade.

Outro instrumento utilizado pela Unesco é a Lista do Patrimônio Mundial em Perigo, criada para acrescentar os bens que possuem algum tipo de ameaça que comprometa a integridade ou o valor universal excepcional. Estes critérios são variados, porém podem ser identificados por vários aspectos específicos. Ameaças à integridade física, à degradação da natureza ocorrida por intervenção humana, à falta ou pouco investimento financeiro para

manutenção do bem, problemas com guerras e depredação civil, a liberação inadequada do patrimônio e relação à turistificação e a perda de identidade cultural. Estes são fatores de risco relevantes ao se identificar um patrimônio mundial em perigo.

Ressalta-se que a ideia de se patrimonializar um bem cultural remete ao propósito de proteger e manter para a posteridade, isto é, garantir a segurança e a manutenção com o propósito de perpetuar historicamente seu legado. No entanto, existe um favorecimento velado aos bens históricos de países desenvolvidos, no sentido de que as políticas adotadas são meramente paliativas e\ou teóricas em países subdesenvolvidos.

A Lista do Patrimônio Mundial distribui os bens em cinco regiões, sendo elas: Europa e América do Norte, África, Ásia e Pacífico, Estados Árabes e América Latina e Caribe. Costa (2009) destaca que essa distribuição é desigual e tendenciosa, principalmente pela Europa e América do Norte estarem juntas.

Em sua tese de doutorado, Costa (2011) destacou dados do ano de 2009 que mostram a distribuição dos bens por região (Quadro 9). É possível observar que a Europa e América do Norte acumularam juntas 440 bens inscritos na Lista do Patrimônio Mundial, seguidas da Ásia e Pacífico com 186 bens, América Latina e Caribe com 121, África com 78 e Estados Árabes somando 65, totalizando 890 bens (culturais, naturais e mistos). Comparando aos dados do ano de 2023, 14 anos depois, observa-se que, embora haja um pequeno crescimento de bens inscritos nas regiões da África com 20 a mais, Estados Árabes 25, Ásia e Pacífico 91, América Latina e Caribe 25, na Europa e América do Norte o crescimento foi maior com 106 bens a mais (Quadro 10).

Costa (2009) afirma que essa forma de regionalizar adotada pela Unesco apresenta clara disparidade dos países europeus e da América do Norte em relação ao objetivo da inclusão dos bens patrimoniais; a intenção demonstrada é a de atrair maior visibilidade mercadológica para seus territórios, o que é visivelmente facilitada pela forma com que os padrões desenhados pela Unesco são alinhados, contrapondo a real necessidade da manutenção e manutenção dos bens patrimoniais localizados nos países que perpetuamente foram vítimas da colonização.

Quadro 9. Bens inscritos na Lista do Patrimônio Mundial por região geográfica pela Unesco (2009)

Regiões	Cultural	Natural	Misto	Total	Estados Partes com propriedades inscritas
África	42	33	3	78	29
Estados Árabes	60	4	1	65	16
Ásia e Pacífico	129	48	9	186	28
Europa e América do Norte	375	56	9	440	49
América Latina e Caribe	83	35	3	121	25
Total	689	176	25	890	148

Fonte: Costa (2011, p.202). Nota: Adaptado pela autora, 2023.

Quadro 10. Bens inscritos na Lista do Patrimônio Mundial por região geográfica pela Unesco (2023)

Regiões	Cultural	Natural	Misto	Total	Estados Partes com propriedades inscritas
África	54	39	5	98	35
Estados Árabes	82	5	3	90	18
Ásia e Pacífico	195	70	12	277	36
Europa e América do Norte	469	66	11	546	50
América Latina e Caribe	100	38	8	146	28
Total	900	218	39	1157	167

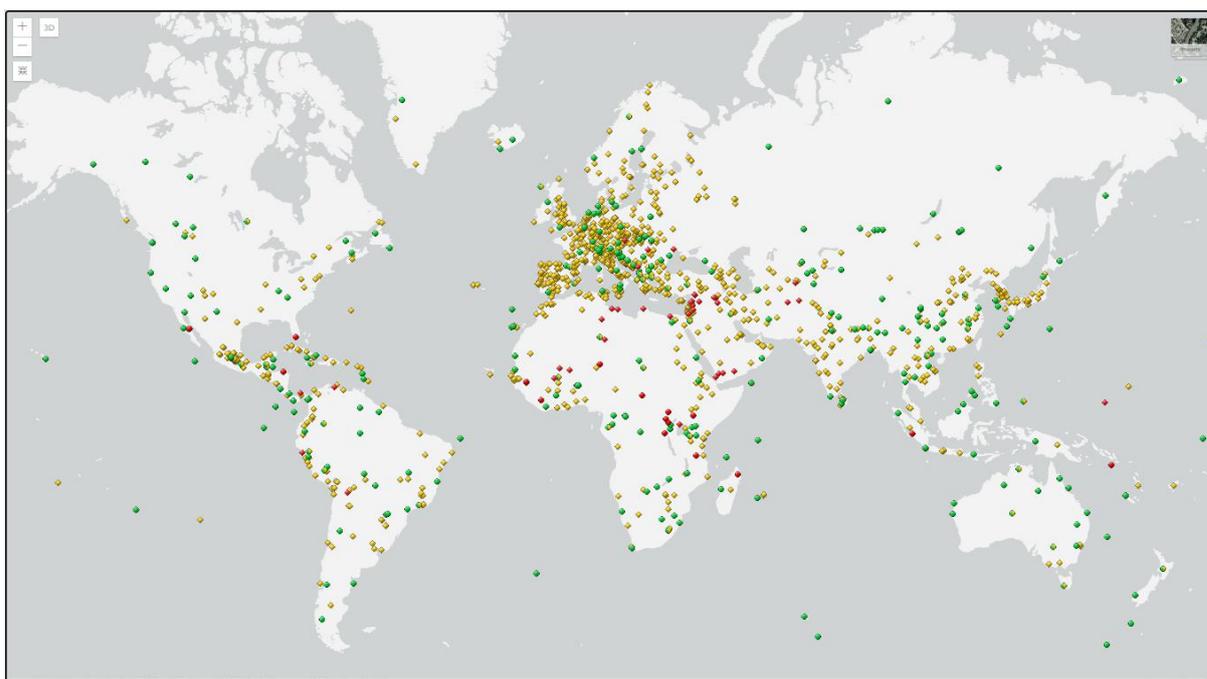
Fonte: Unesco, 2023. Nota: Adaptado pela autora, 2013. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/list/stat>>. Acesso: 10 jun. de 2023.

É possível identificar um padrão bastante similar no crescimento dos bens incluídos na lista de patrimonialização global, baseando-se na quantidade e distribuições destes bens entre os continentes; é evidente a permanência hegemônica dos países europeus e da América do Norte, com alterações pouco relevantes durante os períodos avaliados, o que se mostra uma clara representação da prevalência dos mesmos sujeitos desde a criação da lista, estes que, por coincidência, são os representantes de maior relevância na cúpula da Unesco e que claramente se beneficiam significativamente em relação ao uso turístico destes locais, que acabam por acrescentar maior visibilidade globalmente quando relacionados à lista do patrimônio mundial.

Analisando a proposta da Unesco, a percepção é de que o processo de patrimonialização global seguiu um padrão voltado ao estado em que foi concebido a sua época; um período pós-guerra que beneficiaria as potências europeias. Isso é evidenciado na predominância desproporcional de bens patrimoniais europeus se comparados aos demais países e regiões globais (Figura 43). Além do mais, apresenta-se um tratamento diferenciado no que diz respeito

ao cuidado com estes bens em relação aos que estão fora das regiões dos países mais abastados (Scifoni, 2006). Uma herança eurocêntrica encrustada nas políticas de preservação, que excluem indiretamente os países fora do eixo vitorioso e priorizam o interesse alegórico, voltado ao vislumbre mercadológico do patrimônio e menos propriamente à manutenção e proteção.

Figura 43. Distribuição dos bens inseridos na Lista do Patrimônio Mundial



Fonte: Unesco (2023). Disponível em: <[https://whc.unesco.org/en/interactive-map/?search=>](https://whc.unesco.org/en/interactive-map/?search=)>.

A colonização é o ponto focal de toda a cadeia da problemática relacionada a seleção dos patrimônios globais selecionados, pois é partir dela que se destrincha as raízes precursoras dos problemas sociais. Os países subalternizados têm em seu histórico as antecedências, muitas vezes atuais, das marcas da colonização, em sua maioria causadas por países europeus.

O problema social inicia-se com a força imposta pelos países opressores, que, com o tempo, mesmo após a eminente libertação dos que são subjugados, deixa marcas de deturpação, sejam elas econômicas ou culturais, e, conseqüentemente, reflete diretamente na patrimonialização e principalmente na preservação do patrimônio. Não se trata somente das políticas públicas precárias e não aplicadas, mas também de toda uma problemática que envolve a falta de disseminação do conhecimento em relação a história do patrimônio, as dificuldades financeiras das regiões que a constituem que diretamente afetam a aplicação de recursos em

questões que se tornam banalizadas como é o caso da preservação, pois estes locais em geral apresentam problemas que são julgados mais relevantes para o desenvolvimento social.

O modelo de patrimonialização global, desta forma, acaba sendo imposto apenas por uma parcela dominante de pessoas que representa os países europeus, visa a alegorização do patrimônio como ponto principal, não havendo brechas para questionamentos dos povos subalternizados.

Essa ideia é evidenciada ao visualizarmos o estado em que se encontra o patrimônio cultural e como é de fato levada em consideração sua preservação, vide exemplo do forte de San Jerónimo, que aos poucos se define com a falta de ações governamentais e descaso da população.

Assim sendo, podemos citar a questão da banalização do patrimônio como um tema secundário a ser discutido em sociedade, devido aos problemas sociais mais relevantes que surgem de um passado subjugado e submetido à violência dos povos mais abastados. A problemática vai além quando se identifica um problema de conhecimento e pertencimento da população em relação ao meio e sua história, que por sua vez remete ao problema da educação, em que muitas vezes o passado não tem a devida importância, levando à desvalorização também dos povos originários perante o que seus antepassados construíram, o que acaba sendo o contrário nos países subjugadores, na medida que priorizam o nacionalismo, trazendo um fator crucial para aplicar valor e relevância ao patrimônio.

4.2.1. A inserção do forte de San Jerónimo na lista do patrimônio mundial

As fortificações do lado caribenho: Portobelo e San Lorenzo são uma série de estruturas declaradas pela Unesco como Patrimônio Mundial da Humanidade. O lado caribenho do Panamá, localizado na província de Cólón, possui uma série de fortificações históricas que são divididas em duas áreas: Portobelo e San Lorenzo:

Em Portobelo, as estruturas inscritas na Lista do Patrimônio Mundial são: San Fernando Fortificações: Bateria inferior, bateria superior e fortaleza no topo da colina; **forte de San Jerónimo**; Fortificações de Santiago: Castelo de Santiago de la Gloria, Bateria e fortaleza no topo da colina; a antiga fortaleza de Santiago; Ruínas do forte Farnese; Trinchera; o local de San Cristóbal. A quarenta e três quilômetros de distância, na foz do rio Chagres, está o Castelo de San Lorenzo (originalmente "San Lorenzo el Real del Chagre") com sua Bateria Superior como uma estrutura separada. (Panamá, 2014, p.2, tradução nossa, grifo nosso).

Conforme podemos observar, o forte de San Jerónimo compõe o conjunto de fortificações do lado caribenho. De acordo com Cid e Cassini (2017), seu processo de reconhecimento universal se iniciou no ano de 1979, quando o Panamá solicitou junto a Unesco a inscrição das fortificações do lado caribenho do Panamá: Portobelo e San Lorenzo na Lista do Patrimônio Mundial. No ano de 1980, essas fortificações foram reconhecidas e passaram a ter o status de Patrimônio Mundial da Humanidade.

A justificativa utilizada pelo ICOMOS (1980) para inserção das fortificações do lado caribenho do Panamá: Portobelo e San Lorenzo na Lista do Patrimônio Mundial é de que possuem relevância no que diz respeito à arquitetura militar colonial espanhola, representando um período histórico de grandes conflitos naquele local. Assim, nota-se que o ponto crucial para inclusão desses bens na lista foi o fato de que todo seu paralelo histórico é ligado à história da América, o que justifica analisando o contexto colonial imposto na maior parte do território:

Conjunto de fortificações do século XII e XIII, os sítios históricos de Portobelo e San Lorenzo são exemplos notáveis de arquitetura militar colonial espanhola deste período. O conjunto de fortes, castelos, quartéis e baterias de Portobelo formava uma linha de defesa em torno da baía e protegia o porto; as obras de San Lorenzo guardavam a foz do rio Chagres. Conquistadas por Henry Morgan em 1668 e pelo almirante Edward Vernon em 1739, estas fortificações foram incansavelmente remontadas, uma vez que comandavam o acesso ao Istmo do Panamá, que sempre teve uma importância fundamental para o comércio da Europa com as suas colônias. [...] Já considerados de valor universal por várias organizações internacionais, incluindo o Instituto Pan-Americano de Geografia e História, os sítios de Portobelo e San Lorenzo El Real são elo indispensável para a compreensão da história da América. Magníficos exemplos de arquitetura militar espanhola e situadas num local natural de grande beleza, estas fortificações estão impregnadas de história e merecem ser inscritas na Lista do Patrimônio Mundial, de acordo com os critérios 1 e 4 da Convenção (ICOMOS, 1980, p.1-2).

Conforme podemos observar, os critérios utilizados para a inclusão das fortificações Portobelo e San Lorenzo na Lista do Patrimônio Mundial foram o “(i) representar uma obra-prima do gênio criador humano e o (iv) representar um exemplo excepcional de um tipo de construção ou de conjunto arquitetônico ou tecnológico, ou de paisagem, que ilustre um ou mais períodos significativos da história humana” (Unesco, 2017, p.17). Para os critérios escolhidos o ICOMOS (1980) descreve:

Critério (i): As fortificações do lado caribenho do Panamá: Portobelo-San Lorenzo são uma obra-prima do gênio criativo humano. Portobelo é um exemplo notável de cidade fortificada aberta, destruída e reconstruída várias vezes. San Lorenzo passou pelo mesmo processo de reformas ao longo da

época colonial. **Critério (iv):** As fortificações do lado caribenho do Panamá: Portobelo-San Lorenzo, um grupo de fortificações do final dos séculos XVI, XVII e XVIII, estão entre as adaptações mais características da arquitetura militar espanhola ao clima tropical e às características da paisagem, e representam o desenvolvimento estrutural e tecnológico das estruturas militares do Caribe³⁵ (ICOMOS, 1980, grifo do autor).

Em termos de Integridade, a Unesco ([s.d.])³⁶ afirma que o forte ainda mantém as principais características que representam a justificativa pela qual possui um valor universal-excepcional, sobretudo a visibilidade da estrutura e do significado histórico. No entanto, vale ressaltar que a intervenção humana comprometeu significativamente o espaço onde se encontra o forte, com a constante invasão urbana:

Os elementos-chave que transmitem o Valor Universal Excepcional do bem estão localizados dentro dos limites originais. Essas características ainda ilustram a evolução da arquitetura militar desenvolvida pelo império colonial espanhol para proteger a rota comercial que ligava a América do Sul à Espanha através do istmo do Panamá. Os principais componentes do sistema fortificado ainda são visíveis em Portobelo, onde a maioria das fortalezas coloniais continua a ser uma semelhança com o original; o mesmo se aplica à baía, onde se situam os fortes. Da mesma forma, em San Lorenzo, o forte e a foz do rio Chagres foram mantidos (Unesco, [s.d.]).

Em relação à autenticidade, a Unesco ([s.d.])³⁷ afirma que os elementos que compõem a arquitetura militar do período colonial permanecem evidentes, apesar da degradação do tempo e da intervenção humana, também é notável a pouca alteração no aspecto geral do forte, o que o mantém imponente, mesmo com todos os problemas.

No mesmo documento em que o ICOMOS (1980, p.2) recomenda a inscrição das fortificações de Portobelo e San Lorenzo, há uma observação a respeito do estado de conservação desses bens, afirmando que “os fortes se encontram em mau estado de conservação” e destaca que a “[...] sua conservação, restauração e desenvolvimento dependem da autoridade do Patrimônio Histórico do Panamá”.

Conforme podemos observar, um dos fatores que levam um bem a ser incluído na lista, importância histórica, representa a justificativa ideal para se trabalhar na ideia de preservação, no entanto, o que deveria ser regra não representa a realidade neste caso; a deterioração do forte de San Jerónimo é evidente e o agravante da ação do homem acelera o processo, que culmina no desaparecimento dos vestígios históricos. A tentativa ou a falta de manutenção do local só

³⁵ Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/list/135/>>. Acesso: 09 março de 2023.

³⁶ Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/list/135/>>. Acesso: 09 de março de 2023.

³⁷ Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/list/135/>>. Acesso: 09 de março de 2023.

confirma que não há uma política efetiva de preservação, bem como enfatiza que não há condições para que aquele bem possa ter alguma relevância mercadológica na atual situação.

4.2.2. A inserção do forte de San Jerónimo na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo

A Convenção do Patrimônio Mundial estabeleceu no artigo 11, parágrafo 4, a Lista do Patrimônio Mundial em Perigo, que é um instrumento direcionado aos bens culturais e naturais que se encontram em situação de degradação, ameaças e em situação de vulnerabilidade. Segundo a Unesco (1972), é responsabilidade do Comitê do Patrimônio Mundial inscrever os bens culturais e/ou naturais sempre que houver urgência e que as condições exijam:

O Comitê deverá estabelecer, atualizar e difundir, sempre que as circunstâncias o exijam, sob o nome de «lista do patrimônio mundial em perigo», uma lista dos bens que figurem na lista do patrimônio mundial para a salvaguarda dos quais sejam necessários grandes trabalhos e para os quais tenha sido pedida assistência, nos termos da presente Convenção. Tal lista deverá conter uma estimativa do custo das operações. Apenas poderão figurar nesta lista os bens do patrimônio cultural e natural ameaçados de desaparecimento devido a uma degradação acelerada, projetos de grandes trabalhos públicos ou privados, rápido desenvolvimentos urbano e turístico, destruição devida a mudança de utilização ou de propriedade da terra, alterações profundas devidas a uma causa desconhecida, abandono por um qualquer motivo, conflito armado surgido ou ameaçando surgir, calamidades e cataclismos, grandes incêndios, sismos, deslocamentos de terras, erupções vulcânicas, modificações do nível das águas, inundações e maremotos (Unesco, 1972, p.6)

O documento que traz as Orientações Técnicas para Aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial, atualizado em 2012, descreve que para que um bem cultural³⁸ seja incluído na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo é necessário corresponder a pelo menos um dos seguintes critérios (Quadro 11).

³⁸ Ressalta-se que o documento também traz os critérios para os bens naturais, porém trouxemos aqueles que do interesse da pesquisa que são os bens culturais.

Quadro 11. Critérios para inscrição de bens na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo

PERIGO COMPROVADO (O bem está ameaçado por um perigo comprovado, específico e iminente)	PERIGO POTENCIAL (O bem está confrontado com ameaças graves que poderão ter efeitos nocivos sobre as suas características essenciais)
alteração grave dos materiais;	modificação do estatuto jurídico do bem, suscetível de reduzir o grau de proteção;
alteração grave das estruturas e/ou da decoração;	carência de uma política de conservação;
alteração grave da coerência arquitetônica e urbanística;	ameaças decorrentes de projetos de planeamento do território;
alteração grave do espaço urbano ou rural, ou do ambiente natural;	ameaças decorrentes de planos de urbanização;
perda significativa de autenticidade histórica;	conflito armado que eclodiu ou está em vias de eclodir;
desvirtuamento grave do significado cultural.	ameaças de impactos decorrentes de fatores climáticos, geológicos ou ambientais.

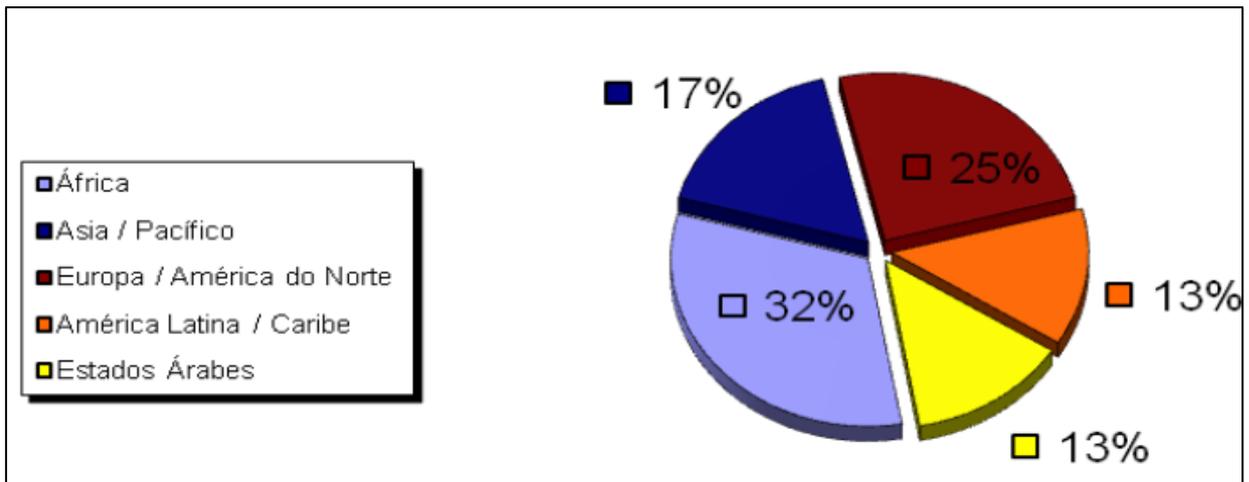
Fonte: Unesco (2012a, p. 39. Adaptado pela autora). Nota: Organizado pela autora, 2023.

Segundo Costa (2011), o perigo para a Unesco implica na possibilidade de perder as características que fundamentam sua inclusão na Lista do Patrimônio Mundial, isto é, sua importância excepcional universal, autenticidade e integridade.

Ao analisar a Lista do Patrimônio Mundial em Perigo, Costa (2015) afirma que há uma dinâmica que leva a inscrição dos bens na lista, favorecida pelos fluxos financeiro, pessoal e mercantil, em que permeia uma diferença desproporcional em relação aos bens inscritos de países de primeiro e terceiro mundo, levando em consideração a má aplicação de políticas e má gestão econômica no que diz respeito a gestão do patrimônio. Assim sendo, é evidente a disparidade entre a manutenção do bem e seu uso desvirtuado para fins mercantis, diretamente influenciando no valor real ao se aplicar na lista de patrimônio mundial em perigo, uma clara alusão ao interesse capitalista e mercadológico (Costa, 2015).

Conforme Costa (2011) no ano de 2009, a maior parte dos países inseridos na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo, pertencia às regiões da África (32%), seguido da Europa e América do Norte (25%) e Ásia/Pacífico (17%). As regiões com menor número de bens na lista foram América Latina e Caribe e Estados Árabes, ambos com 13% (Gráfico 1). O autor destaca que, no ano de 2013, houve uma alteração dos dados, mostrando que a África apresentava 42% dos bens inscritos na lista, e as regiões da Europa e América do Norte tiveram uma queda para 13% no número de bens com alguma ameaça, a América Latina e Caribe para 18%, a Ásia para 11% e os Estados Árabes para 16% (Costa, 2015).

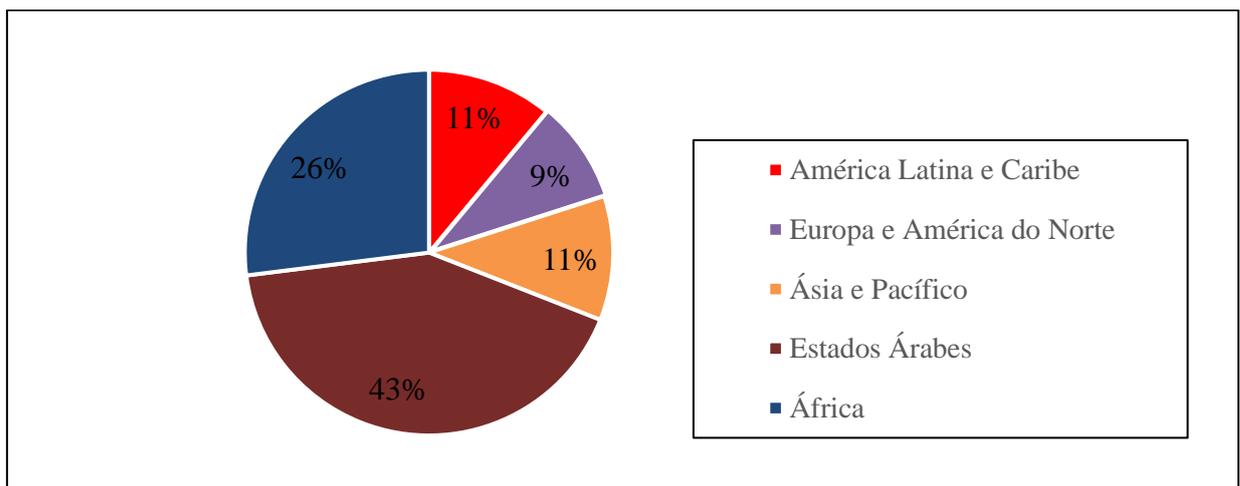
Gráfico 1: Lista do Patrimônio Mundial em Perigo, ano 2009



Fonte: Everaldo Costa (2011, p.234).

Ao compararmos os dados anteriores do ano de 2009 com os dados atuais de 2023 (Gráfico 2), podemos observar que os países com maior número de bens inseridos na lista pertencem à região dos Estados Árabes (43%), seguido da África (26%) e América Latina e Caribe juntamente com Ásia/Pacífico (11%). A região com menor número de bens inseridos na lista é a Europa e América do Norte com apenas 9%.

Gráfico 2: Lista do Patrimônio Mundial em Perigo, ano 2023



Fonte: Unesco (2023, adaptado).

É possível identificar um aumento exponencial na quantidade de bens atribuídos aos Estados Árabes em relação aos demais continentes. Este aumento se deve pelos conflitos armados e problemas políticos na região, que ocasionaram enormes perdas históricas de bens

que anteriormente não faziam parte de patrimônios em perigo. As guerras e as motivações políticas e religiosas alavancaram uma série de ataques intencionais contra monumentos históricos e locais.

Considerando os dados de 2023, observamos que, na América Latina e Caribe, são 11% no total se comparada a outras regiões. Em números reais, isso representa 2 bens naturais e 4 bens culturais, sendo, nessa última categoria, que as fortificações do lado caribenho, Portobelo e San Lorenzo, estão inseridas.

Desde o ano de 1980, quando as fortificações do lado caribenho, Portobelo e San Lorenzo, foram inseridas na Lista do Patrimônio Mundial, que inclui o forte de San Jerónimo, observa-se o estado de má conservação. O ICOMOS indicou na década citada que elementos constitutivos da propriedade se encontravam em condição de conservação precária (ICOMOS, 2014). Ressalta-se que, embora o estado de conservação das fortificações tenha sido destacado desde o ano em questão, somente no ano de 2012 foram inseridas na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo.

Na 36ª sessão do Comitê do Patrimônio Mundial em São Petersburgo, na Rússia, no ano de 2012, foram destacados vários pontos em relação ao estado de conservação e a manutenção do patrimônio, sobretudo citando o Estado Parte, tecnicamente responsável pelo manutenção do bem; o Comitê avaliou que não houve significativa implementação das políticas de manutenção e implementação das diretivas de proteção, o que não freou o processo de degradação do tecido histórico, tornando cada vez mais difícil a recuperação e manutenção, sendo assim, reiteram a preocupação em relação à fragilidade do bem, cujo processo de inclusão na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo foi realizado justamente com o intuito de se preparar um plano de contingenciamento no que se refere à proteção, mas que, por fim, não houve êxito por parte do Estado Parte (Unesco, 2012b).

A decisão da 36ª sessão do Comitê do Patrimônio Mundial, foi de inscrever as fortificações do lado caribenho do Panamá: Portobelo e San Lorenzo na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo. O Comitê ainda citou alguns requisitos para futura retirada dos bens em questão da lista citada (Quadro 12).

Quadro 12. Requisitos para retirada das Fortificações do lado caribenho do Panamá: Portobelo e San Lorenzo da Lista do Patrimônio Mundial em Perigo

a) A aprovação e implementação integral de um plano de emergência, uma avaliação global dos riscos estruturais e mecânicos, estratégia de conservação preventiva e medidas de manutenção em San Lorenzo e Portobelo.
b) Leis e políticas nacionais para a conservação do patrimônio construído em San Lorenzo e Portobelo definidas e em vigor.
c) Consolidação e conservação a longo prazo através dos planos anuais para os componentes da propriedade inscrita assegurada.
d) O sistema operacional e de gestão participativa, incluindo seus planos de uso público, aprovado e implementado.
e) O Plano de Gestão plenamente integrado no desenvolvimento territorial e urbano.
f) Invasões e pressão urbana adequadamente controladas.
g) Os limites e a zona tampão de todas as partes componentes do Patrimônio Mundial.
h) Orçamentos para a preparação, execução e acompanhamento da gestão e medidas de conservação asseguradas.

Fonte: Unesco (2012b, p.141).

Para alcançar os requisitos solicitados, o Comitê do Patrimônio Mundial apresentou algumas medidas corretivas com prazos determinados para que o Estado Parte, no caso o Panamá, implemente como uma possível forma de conter a degradação e promover a conservação e preservação das fortificações do lado caribenho do Panamá (Quadro 13).

Quadro 13: Medidas corretivas propostas pelo Comitê para retirada das fortificações do lado caribenho do Panamá da Lista do Patrimônio Mundial em Perigo

Prazos	Medidas
Realizar de imediato (até setembro de 2012 a março de 2013)	(i) Avaliação de risco concluída para todas as estruturas e materiais construídos e um Plano de emergência para todos os componentes da propriedade em coerência com as recomendações da missão de monitoramento reativo e cronograma definido e faseamento para sua implementação finalizada. (ii) Arranjos de gestão operacional e orçamentos para sua implementação. (iii) Orçamentos para a implementação do Plano de Emergência (primeira fase). (iv) Invasões e pressões urbanas adequadamente controladas e reflorestamento. (v) Gabinete Técnico em Portobelo para assegurar a implementação das medidas de conservação e regimes de gestão instalado e funcionando.
A realizar no prazo de um ano (até setembro de 2013)	<u>Primeira fase do Plano de Emergência implementada:</u> <i>Proteção:</i> (i) Limites e zonas tampão para cada uma das partes componentes da propriedade definida.

	<p>(ii) Medidas regulatórias para as zonas tampão estabelecidas para controlar o desenvolvimento e lidar com as ameaças existentes finalizadas e aprovadas.</p> <p>(iii) Indicadores de monitorização como instrumento de avaliação do estado de conservação do património edificado implantado.</p> <p><i>Gestão de Planeamento</i></p> <p>(iv) Desenvolvimento de um Plano de Gestão iniciado.</p> <p>(v) Atividades de sensibilização junto das comunidades locais para identificar oportunidades de turismo ecológico e cultural para contribuir para a melhoria das condições de vida das comunidades envolventes em total coerência com as medidas de conservação para a propriedade.</p>
<p>A realizar no prazo de dois anos (até setembro de 2014)</p>	<p><u>Segunda fase do Plano de Emergência implementado</u></p> <p><i>Proteção</i></p> <p>(i) Leis e políticas nacionais para a conservação do património construído em San Lorenzo e Portobelo.</p> <p><i>Gestão e planeamento</i></p> <p>(ii) Plano de Gestão para a propriedade, incluindo provisões programadas e custeadas para conservação preventiva e manutenção do património construído, uso público e gestão de risco finalizada, aprovada e adotada.</p> <p>(iii) Planos integrados de gestão, desenvolvimento territorial urbano.</p> <p>(iv) Planos anuais de conservação de cada uma das componentes do parque inscrito propriedade desenvolvida e no local.</p>
<p>A realizar no prazo de dois a três anos (até setembro de 2015)</p>	<p><u>Implementação do Plano de Emergência concluída</u></p> <p>(i) Arranjos de gestão operacional e orçamentos para a implementação continuada do Plano de Manejo aprovado garantido.</p>

Fonte: Unesco (2012b, p.141-142, tradução nossa). Organizado pela autora, 2023.

O Quadro 13 apresentado mostra um Plano de Gestão Emergencial a médio prazo apresentado pelo Comitê do Patrimônio Mundial, visando alcançar os requisitos para que o patrimônio pudesse eventualmente ser retirado da Lista de Patrimônio Mundial em Perigo; foi dividido quatro períodos, iniciando em setembro de 2012 a setembro de 2015, para que o Estado Parte pudesse, em tempo hábil, apresentar políticas de contingenciamento e manutenção, com um ciclo de apresentação de relatórios periódicos para conhecimento do andamento das fases do projeto, que, a julgar pelo atual estado de conservação, não foi seguido como planejado.

No ano de 2014, o ICOMOS, em uma missão consultiva, constatou que o Plano de Gestão do Patrimônio Mundial da Unesco no Panamá havia sido implementado apenas parcialmente ao longo do ano de 2013. O Plano de Emergência foi concluído e enviado para

apreciação do Comitê do Patrimônio Mundial, porém, até o ano em que a missão havia sido realizada, não tinha sido aprovado internamente (ICOMOS, 2014).

Podemos analisar, a julgar pelo recente histórico, que a falta de implementação dessas medidas agravou seguidamente o estado de conservação; é inegável a falta de empenho político na preservação do bem, porém, para entender melhor o contexto atual, precisou-se analisar diretamente o lado social, levando em consideração todo o contexto de problemáticas do país, que segue com diversos pontos que devem ser foco mais relevante e que, por ventura, poderiam trazer benefícios indiretamente à conservação do forte.

A educação da população com a manutenção e preservação é um dos pontos cruciais a ser notado, uma vez que o bem, a julgar pelo estado atual, é constantemente prejudicado pelo despejo de lixo e dejetos dos próprios moradores, apesar do esforço em vão de profissionais que limpam o local. Além disso, a invasão do local precariza ainda mais a situação, reafirmando o quão frágil é o elo social com sua história.

Durante a visita de campo realizada no ano de 2019, foram entrevistados os agentes públicos e privados responsáveis pela preservação do patrimônio. Uma das perguntas diz respeito *ao que o governo do Panamá tem feito para eliminar o forte de San Jerónimo, que compõe as fortificações do lado caribenho do Panamá, da Lista do Patrimônio Mundial em Perigo*. O agente 1, ligado a prefeitura da cidade de Portobelo, respondeu que não podem fazer muita coisa porque o Patronato não permite:

O Governo praticamente, quando falo Governo, não vou falar apenas do Governo Nacional, vou falar de autoridades governamentais que nesse caso não contém o prefeito como autoridade máxima. **Nós, lamentavelmente, como município e como autoridades aqui, não podemos fazer muita coisa, porque o Patronato não nos permite nos inserir para reformar ou cuidar dos bens dos fortes** (Agente Público 1, 2019, tradução nossa, grifo nosso).

Analisando essa informação, pode-se dizer que o Patronato individualiza os cuidados dos bens culturais, está sendo uma organização sem fins lucrativos que foi contratada para aplicar medidas de manutenção nas fortificações, no entanto, aparenta-se que estas medidas são meramente superficiais, uma vez que a problemática vai muito além do “cuidado”, aproximando-se mais de um problema social em si, que, levando em consideração todo o contexto, carece de uma responsabilidade conjunta entre governo, população e a própria ONG.

Não muito diferente do Agente 1, o Agente 2 também cita a figura do Patronato, afirmando que uma das ações tomadas pelo governo foi sua criação, que, conforme citado anteriormente, trata-se de uma ONG que tem como objetivo e responsabilidade a preservação e a proteção do patrimônio cultural:

Bom, San Jerónimo encontra-se dentro do Conjunto Monumental Histórico de Portobelo, e é reconhecido como local de interesse patrimonial da humanidade por parte da Unesco. **O que fez o Governo Nacional? Criou e chamou de Patronato de Portobelo e San Lorenzo cuja missão é resguardar e dar brilho, digamos, aos monumentos que estão em todos os lugares, tanto em San Lorenzo como aqui em Portobelo** (Agente Privado 1, 2019, tradução nossa, grifo nosso).

O Agente 3 retrata algumas ações próximas ao quadro 12 apresentado com as medidas corretivas propostas pelo Comitê do Patrimônio Mundial para retirada das fortificações do lado caribenho, incluindo o forte de San Jerónimo, da Lista do Patrimônio Mundial em Perigo.

Uma das ações que foi acertada pelo governo do Panamá junto à Unesco e **é uma das principais ações que é está sendo apresentada, bom o que se apresentou e tem que ir para avaliação é uma nova proposta de novos limites para os lugares considerados patrimônio mundial. Então tem que definir novamente os limites de Casco Antigo, Panamá Velho, Portobelo e São Lourenço iam ser um local seriado.** [...] É um algo que se acertou como política do Governo Nacional e a Unesco. **Outra coisa que foi feita neste último ano, é um empréstimo com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), onde está em conjunto com outros trabalhos na cidade, como o Museu de Arte, [...] a Diretoria Nacional aqui em Casco Antigo, no Panamá. Está incluída a restauração dos fortes, da Alfândega também em Portobelo, de San Lorenzo e outras coisas que têm que ver com a parte do patrimônio natural, mas uma das primeiras atividades é o forte San Jerónimo,** são as preparações dos planos, dos estudos, da memória histórica e sua reconstrução, portanto é de San Jerónimo, de San Fernando em Portobelo e por agora o de San Lorenzo também (Agente Público 2, 2019, tradução nossa, grifo nosso).

4.3. A patrimonialização *versus* a atual conjuntura de Portobelo

Um patrimônio mundial recebe este título quando alcança uma importância inestimável para uma parcela global, podendo representar um elemento cultural, religioso, natural ou social, no entanto, sua relevância só se mantém em constância se os indivíduos que se sentem representados possam continuar alimentando o sentimento de pertencimento e consequentemente passando à frente seu legado.

Para que o legado se mantenha vivo, é necessário que a população tenha conhecimento do que isso significa, não só isso, mas como os indivíduos enxergam o patrimônio que o representa e o que consideram pertinente para que sua história se mantenha erguida, sendo assim, é válido levantar que a opinião pública é uma das forças motrizes para que exista uma real preocupação para com a preservação do patrimônio.

Neste sentido, em entrevista com os moradores de Portobelo, fizemos o seguinte questionamento: *“Você sabia que o forte de San Jerónimo é declarado Patrimônio Mundial pela Unesco? Qual a sua opinião sobre este fato?”* Dos vinte e seis entrevistados, vinte e quatro responderam que sim.

O Morador 1, expõe sua opinião dizendo que *“É um fato muito importante que dá um valor primordial já que não é só nosso, mas do mundo. Quer dizer que é de grande importância a nível mundial”* (Morador 1, 2019, tradução nossa). Já o Morador 21 conta que *“É importante para que tomem conta do patrimônio histórico”* (Morador 21, 2019, tradução nossa). No mesmo sentido, o Morador 7 diz que *“Por todo histórico deveriam declará-lo Patrimônio da Humanidade para conservá-lo e para cuidá-lo e para ter manutenção”* (Morador 7, 2019, tradução nossa).

Alguns moradores, embora saibam que o forte é declarado Patrimônio da Humanidade, destacaram a falta de conservação e cuidado. O Morador 2 descreve que *“Falta mais cuidado, falta mais atenção a ele”* (Morador 2, 2019, tradução nossa). No mesmo sentido, o Morador 18 responde que *“Como patrimônio da humanidade, as autoridades pertinentes devem buscar solução para os problemas estruturais e buscar a conservação do edifício para que não continue deteriorando”* (Morador 18, 2019, tradução nossa).

Embora a maioria dos entrevistados tenham conhecimento do forte ter sido declarado Patrimônio Mundial na década de 1980, dois entrevistados disseram que não sabiam e não quiseram opinar a respeito.

O outro questionamento feito aos moradores está relacionado ao forte na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo: *“Você sabia que o forte de San Jerónimo foi inserido na lista do Patrimônio Mundial em Perigo no ano de 2012? Qual a sua opinião sobre tal fato?”* Dos vinte e seis moradores, dezenove responderam que sim e sete que não.

Algumas das opiniões explanadas pelos moradores, mostram descontentamento com a situação e apontam a falta de comprometimento por parte das autoridades responsáveis e a falta de políticas públicas locais. O Morador 2, por exemplo, alega que *“O que posso te dizer? Como te disse antes, é o descuido das autoridades”* (Morador 2, 2019, tradução nossa). Da mesma forma, o Morador 11, aponta que *“Está em perigo há alguns anos, os governos entram, saem, todos prometem, mas nunca fazem nada”* (Morador 11, 2019, tradução nossa). Já o Morador 1, narra que tem conhecimento do fato em questão e diz que o problema pode ter sido causado pela *“[...] deterioração e talvez a falta de políticas locais para a preservação do forte. Por isso é possível que esse patrimônio esteja sendo descuidado”* (Morador 1, 2019, tradução nossa).

A patrimonialização global traz a ideia de representar um bem como algo universalizado, a ponto de tratar este como algo de valor coletivo e de extrema relevância para uma grande parcela da população. A ideia de se incluir este bem na lista é fortalecida com o objetivo de seguir diretivas de proteção e manutenção, pois seu valor deve ser preservado para a posteridade.

Levando em consideração estes dados, é visível que os planos de preservação do forte de San Jerónimo apresentados não surtiram o real efeito desejado, uma vez que a deterioração do bem só aumentou com o passar dos anos. Pelas informações anuais retiradas dos relatórios periódicos da Unesco, o forte possui inúmeros problemas de manutenção, que, inicialmente, se estenderam pela falta de ações públicas e civis para manutenção do bem, muito pela falta de interesse público. No decorrer dos anos, houve uma série de deslizamentos de terra em decorrência da natureza que agravaram a estrutura, assim como um movimento de invasão do espaço do forte por várias famílias que não possuíam local para morar. A erosão e os movimentos humanos se prolongaram até os dias de hoje, sucedendo na constante ameaça para com o monumento.

Analisando diretamente os problemas citados, fica claro que o envolvimento humano agravou consideravelmente os problemas estruturais do forte, mas o que leva a sociedade e o poder público ignorar ou, no mínimo, deixar de lado um monumento tão importante? Podemos identificar, analisando o contexto atual, que o poder público não cumpre seu dever de aplicar devidamente políticas de proteção, não só isso, são necessárias a conscientização e a valorização do local pela sociedade, que também é papel do poder público, utilizando-se de projetos culturais para fortalecer esse quase inexistente vínculo com os cidadãos.

No entanto, qual o sentido de se preservar o patrimônio quando existem problemas sociais de níveis essenciais que ainda precisam ser solucionados para a subsistência básica? A resposta é mais clara do que parece; o investimento correto dos recursos e a devida implementação de projetos que focam nas melhorias do “pacote básico” de subsistência acaba influenciando na conscientização humana sobre o meio em que vive, bem como naturalmente aprimora o elo histórico, que se deteriora cada dia mais. Uma população bem-informada e com um assistencialismo relevante foca seus esforços no meio em que vive, sendo um dos pontos cruciais para o sucesso das políticas públicas de proteção.

É inegável que o Colonialismo firmou uma herança profunda na sociedade panamenha, trazendo consigo um conjunto de problemas sociais herdados das seguidas mudanças políticas e conflitos históricos que, apesar da independência, trouxe consigo problemas econômicos e

sociais e de cunho identitário (leia-se uma deturpação da cultura), normalizando uma realidade de deficiência social perante a miscigenação das culturas dos países que fizeram parte da história da separação e eventual criação do Estado Parte do Panamá. Não só isso, mas partindo para uma visão mais ampla, as lacunas sociais são um obstáculo substancial no desenvolvimento, aprisionando o sujeito num estado aquém do desejável para uma situação razoável e que não favorece uma perspectiva futura de mudança, seja ela de segurança, saúde, educacional ou qualquer outro ponto essencial para o bem-estar individual ou coletivo, favorecendo somente a constante precarização da vida.

Por fim, partindo do pressuposto de que os problemas já foram constantemente debatidos e mapeados, é necessária a ação imediata dos agentes públicos para a contenção, mas existem obstáculos que devem ser analisados com cautela, como o déficit financeiro e principalmente o interesse público, que freia consideravelmente as possíveis ações e desacelera o engajamento como um todo. É necessário um trabalho conjunto entre os sujeitos que constroem o cenário atual para a real mudança, não postergando mais o que foi planejado e colocando em fluxo as melhores práticas para manutenção, não só do patrimônio mundial, mas de todo o país.

SEÇÃO 5. A FESTA DO CRISTO NEGRO NA CIDADE DE PORTOBELO: UMA PRÁTICA SOCIOCULTURAL



Nota: Igreja de San Felipe no momento da festa do Cristo Negro.
Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

5.1. O território simbólico da festa do Cristo Negro

O território abrange simultaneamente uma dimensão simbólica e cultural, representando uma identidade territorial conferida por comunidades, como uma maneira de praticar um 'controle simbólico' sobre o ambiente que habitam – uma expressão de apropriação (Haesbaert, 1997). Apropriação essa que resulta da cultura e da história daqueles que se sentem pertencidos, assim, podemos definir que o território é o espaço vivido (Almeida, 2011).

A cultura atribui significados ao território que é composto de símbolos e representações (HALL, 2006). Inserida no contexto da festa do Cristo Negro, a cultura representa a identidade daqueles que dela participam, seja o organizador, o peregrino ou o visitante, todos têm sua parcela na construção e fortalecimento da identidade territorial. É a cultura quem dita o conceito fundamental do intuito da festa; a representação da herança afro, uma junção de tradições católicas e ancestrais africanas que constroem a identidade do povo panamenho.

A união das tradições resultou em uma celebração única, com detalhes que representam ambas as vertentes religiosas de forma perceptível, músicas, coreografias e vestimentas, como a dos peregrinos, que remetem ao Cristo, são alguns dos símbolos que, somados, constroem um cenário de festividade e devoção. Os símbolos citados possuem significados e compõem a identidade territorial.

Segundo Almeida (2011), as festas são uma forma de os grupos sociais construírem uma identidade territorial. Para a autora, elas delimitam um espaço social e realçam a existência de

uma singularidade entre os grupos sociais que territorializam os lugares, mediante o uso, sendo elas uma forma de expressar essa territorialização.

Durante o período da festa, o que se vê é a presença dos devotos do Cristo Negro em toda a região, uma verdadeira representação da fé de seus participantes; desde os que realizam a peregrinação aos que vivem no local, a reverência ao santo e o respeito por parte de todos se apresentam nos atos e no compartilhamento de um mesmo objetivo dentre todos: fazer mostrar sua devoção. Para Rosendahl (2005, p.12930)

Reconhecer o homem religioso significa dizer que ele é motivado pela fé em sua experiência, que é ao mesmo tempo individual e coletiva. Ela tem um significado original para cada devoto, uma relação direta entre uma só divindade e o crente. A experiência coletiva é normalmente organizada pelas igrejas, templos, sinagogas e mesquitas que assumem uma dimensão simbólica na qual se enraízam seus valores e através dos quais se afirma a comunidade religiosa.

Para Almeida (2011), as festas participam plenamente do processo de construção simbólica do território de uma localidade, elas são uma forma de os grupos sociais expressarem sua identidade, transmitirem suas tradições e promoverem a interação social, podendo também serem usadas para atrair turistas e visitantes que, ao participarem desse processo de construção simbólica, acabam compondo o ciclo de valorização do território.

Portanto, a dimensão territorial da festa do Cristo Negro é marcada pela representação da unificação de diferentes culturas, pois a festa é uma forma de lembrar das raízes do passado, da história de luta e superação do povo panamenho, a ressignificação da identidade e a percepção de que a união de diversas representações pode unir diferentes identidades.

5.2. Organização da festa do Cristo Negro

Os preparativos para a festa do Cristo Negro antecedem o dia 21 de outubro, dia de realização da festa. As pessoas que cuidam da organização da festa são aquelas que se voluntariam durante o ano, elas compõem o Comitê Paroquial. A maioria vive na cidade de Portobelo. Cada uma possui uma função específica: coordenador(a), secretário(a) e ajudante.

De acordo com organizadores que fazem parte do Comitê Paroquial, as primeiras reuniões acontecem a partir do mês de maio, logo após a passagem da Semana Santa: “Bom, nós nos reunimos por mês, a partir de maio, nós nos encontramos um sábado por mês para irmos

preparando e vendo para que quando chegue a festa, pelo menos que seja mais bonita, [...]” (Organizador 1, 2019, tradução nossa).

Ressalta-se que a Semana Santa também é considerada uma manifestação religiosa importante para a população portobelenha. Tanto que o manto sagrado utilizado pelo Cristo Negro é mudado apenas duas vezes por ano: na Semana Santa (cor roxa) e durante a festa do Cristo Negro (cor vinho tinto). O Organizador 4 narra que: “Apenas esperamos passar a Semana Santa, porque o Cristo sai para a Semana Santa [...] nós nos reunimos, os que organizam a festa, tanto com o município de Portobelo, as entidades governamentais, o grupo que representa a comunidade e preparamos a festa do Cristo”. (Organizador 4, 2019, tradução nossa)

Assim como o Organizador 4, o Organizador 2 menciona que as reuniões realizadas durante o ano, além de tratarem de questões específicas da festa, reúnem também autoridades responsáveis pela segurança dos participantes no momento de acontecimento da festa:

Bom, a festa, durante o ano, se prepara para ser um evento e quando vem chegando outubro [...], estamos sempre fazendo reuniões, estamos reunindo pessoas, a polícia, os bombeiros, a cruz vermelha, estamos reunindo para que façamos essa festa, esse é o papel das pessoas do comitê (Organizador 2, 2019, tradução nossa).

As festas são carregadas de valores e significados para os que dela participam. Na festa do Cristo Negro, é nítido o envolvimento dos organizadores que compõem o Comitê Paroquial. Vários motivos e/ou razões os levaram a se tornarem voluntários a participarem dos preparativos. O Organizador 1 narra que a razão que o leva a participar da festa está relacionada à melhoria anual da celebração, à alegria, à satisfação, à realização, aos pedidos e à devoção dos participantes:

Bom, o que nos leva é que a celebração a cada ano seja melhor e que os que vem visitar tenha uma festa que os encha de alegria e que saiam com essa satisfação de que o Nazareno cumpra os seus desejos e seus pedidos que tenham trazido a ele (Organizador 1, 2019, tradução nossa).

O Organizador 2 alega que o principal motivo de ser assíduo na organização da festa é pessoal - por querer “carregar a procissão” - e familiar, pois faz menção ao irmão que faleceu e que também era membro do Comitê Paroquial: “Estou na organização porque eu sempre quis carregar a procissão [...], tenho um irmão que morreu que era parte do Comitê, então me perguntaram se eu queria participar, queria fazer parte do grupo. Eu disse que sim que eu estava disposto a trabalhar com eles” (Organizador 2, 2019, tradução nossa).

Já o Organizador 3, que cuida das questões técnicas da festa (resolve pendências e cuida da vestimenta da imagem do Cristo Negro), explica que a “devoção” é uma das causas. O Organizador 6 destaca que seu motivo é por estar envolvido com o “Nazareno”. A “fé pelo Cristo” foi indicada como razão por qual o Organizador 8 participa dos preparativos da festa.

O Organizador 4 descreve em sua fala um histórico de envolvimento com a festa, citando que desde a infância começou como coroinha, participando das atividades religiosas desde cedo e que hoje se tornou presidente do Comitê Paroquial de organização:

[...] desde criança, fui coroinha e depois quando estive no santuário, estive no coro e na paróquia também e esse tempo sempre participo e quando as pessoas mais velhas me convidaram a participar do comitê santuário eu era um dos mais jovens [...], e agora fui mais do que coordenador, fui presidente do Comitê e agora teremos um afilhado meu, mas sim, sigo trabalhando para o Senhor aqui no santuário (Organizador 4, 2019, tradução nossa).

Conforme podemos analisar, a imagem do Cristo Negro possui uma representatividade simbólica na vida dos organizadores da festa, é possível perceber que para todos eles há um laço de afetividade relacionada a suas vidas pessoal e familiar.

A imagem do Cristo Negro fica ao lado do altar principal da Igreja de San Felipe (Figura 44). O Organizador 8 mencionou que, durante a festa, a que fica exposta tanto no altar quanto na procissão não se trata de uma réplica, mas sim a original.

A túnica que veste o Cristo possui muitas joias e algumas fotografias. As joias são dadas por aqueles que possuem uma condição financeira estável, uma forma de pagar suas promessas. As fotografias representam pessoas enfermas, para que possam ser abençoadas com a cura, sendo colocadas a pedido dos familiares (Figura 45). O ato de devoção é tão intenso que as pessoas fazem filas para se aproximar, rezar e cumprir finalmente com sua promessa.

Figura 44. Imagem do Cristo Negro



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 45. Detalhes da túnica que veste a Imagem do Cristo Negro



a) Joias oferecidas pelos devotos para pagar sua promessa. b) Fotografias de pessoas que estão enfermas, colocadas a pedido de seus familiares. Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Dois dias antes da festa, em visita de campo, foi possível observar na Igreja os preparativos. O preparo da imagem para a procissão começa pela montagem de uma base de madeira onde ela é apoiada e carregada (Figura 46). O altar principal é preparado com todo cuidado por uma senhora que faz parte do Comitê Paroquial, devota ao Cristo Negro desde sua adolescência, e que está diretamente envolvida com a organização da celebração, mais especificamente com a parte litúrgica.

Figura 46. Base de madeira sendo preparada para apoiar a imagem do Cristo Negro



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

No dia que antecede a festa, a imagem é posicionada na base de madeira, que será carregada na procissão, com uma vestimenta de cor vinho (Figura 47). Um dos organizadores da festa fica disponível em cima da base de madeira onde o Cristo Negro é fixado. Durante observação de campo, os fiéis chegavam e lhe entregavam alguns acessórios: terços, cordões, pulseiras e anéis. Ele recebia, passava por toda a vestimenta do santo e, em seguida, devolvia. Trata-se de uma prática comum para receber as bênçãos (Figura 48).

Figura 47. Imagem do Cristo Negro posicionada para o dia da Festa com a vestimenta de cor vinho



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 48. Fiéis entregando um acessório de uso pessoal para um dos organizadores da festa passar na vestimenta da imagem de Cristo Negro para receber as bênçãos.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

No que diz respeito à programação da festa, assim como a maioria das festividades católicas de Santos padroeiros, a programação da festa do Cristo Negro inicia-se com as novenas, entre os dias 13 a 21 de outubro. Cada dia é realizada uma missa com temas e convidados específicos (Figura 48). De acordo com o Organizador 3: “As novenas são missas onde se celebram a eucaristia e logo ao final da eucaristia se faz a novena, culminando com o canto do hino ao santo, que é um hino feito em homenagem ao Cristo Negro de Portobelo” (ORGANIZADOR 3, 2019, tradução nossa).

Figura 48. Programação da festa do Cristo Negro, 2019

Santuario Jesús Nazareno de Portobelo, Programación 2019.		
<p>Domingo 13 de Octubre, (Día Típico) Presb. Ramon Buriticá Giraldo (Profesor del Semanario Mayor San José Panamá). Ministerio de música Melodía de amor. Invitados: Comité de Jesús Nazareno.</p> <p>Lunes 14 de Octubre (por los enfermos) Presb. Teófilo Rodríguez Ministerio de Música Ave María Invitados: Centro de Salud</p> <p>Martes 15 de Octubre (Catequesis de Niños) Presb. José Ortega (Santuario Nuestra Señora del Carmen Colón) Coro de Portobelo Invitados: Catequesis de Niños</p> <p>Miércoles 16 de Octubre (Educación) Presb. Antonio Pérez, (Vicario Sagrada Familia Pilón) Coro de María Chiquita Invitados Escuelas y colegios del Municipio de Portobelo.</p>	<p>Jueves 17 de Octubre (Juventud) Presb. Gaspar Medina (Párroco, Santa Rita de Casia) Ministerio de Música de la Divina Misericordia. Invitados: Jóvenes, grupo de Confirmación.</p> <p>Viernes 18 de Octubre (Familia, bodas comunitarias) Presb. Ángel Pinilla (Párroco, Cristo de Esquipulas, Coclesito) Ministerio de Música Voces de lo Alto. Invitados: Comunidades de la Costa Arriba.</p> <p>Sábado 19 de Octubre (Día Afro) Presb. José Brutua, (Parroquia San Juan Evangelista). Coro de la Pastoral Afro de Colón. Invitados:</p> <p>Domingo 20 de Octubre (Autoridades) Presb. Fernando Fontane (Parroquia Espíritu Santo) Ministerio de Música Brotes de Misericordia Invitados: Autoridades Publicas</p>	<p>Lunes 21 de octubre (Peregrinos) Misa de 11 am. Mons. José Domingo Ulloa, Arzobispo de Panamá. Ministerio de Música Melodía de Amor Misa 6:00 pm. Monseñor Manuel Ochagavía Coro de Portobelo</p> <p>Todos los días desde el 13 al 21 de octubre la novena es transmitida por Radio María Panamá a las 7:00 am.</p> <p>Horario de Misa del 19 al 21</p> <p>Sábado 19: 7:00 am; 11:00; 6:00 pm. Domingo 20: 7:00 am; 9:00; 11:00; 1:00 pm; 3:00 pm; 6:00 pm. Lunes 21: 5:00 am; 7:00; 9:00; 11:00; 1:00 pm; 3:00 pm; 6:00 pm.</p> <p>Vigilia de oración el 20 desde las 10:30 pm. hasta las 5:00 am. del día 21 de octubre. Ministerio de Música Shekina</p>

Fonte: Acervo pessoal, 2019.

5.3. Caracterização da festa do Cristo Negro

5.3.1. Os peregrinos

Antes da construção da rodovia atual que integra Portobelo a outras cidades como Sabanitas e Maria Chiquita, as peregrinações eram realizadas por vias marítimas. Segundo Maure e Nieto (2000), as peregrinações se tornavam perigosas por serem realizadas pelo Oceano Atlântico, já que havia uma forte influência de ventos, produzindo grandes ondas. Além disso, os autores destacam que os barcos utilizados para essa atividade religiosa carregavam mais pessoas do que a sua capacidade, não havendo nenhum tipo de segurança (salva-vidas para

todas as pessoas, comunicação por rádio ou manutenção da embarcação), resultando em muitos naufrágios.

A partir da construção da rodovia Sabanitas-Portobelo, concluída no ano de 1969, com extensão de aproximadamente 34km, as peregrinações passaram a acontecer via terrestre, porém uma parte da população da Costa Arriba panamenha continuava fazendo por via marítima até a construção das estradas de Guaira a Portobelo e Cuango a Portobelo (Maure; Nieto, 2000).

Rosendahl (2018) define a peregrinação como uma manifestação de crença que assume uma dimensão espacial clara, uma vez que inclui a movimentação de um local para outro, esse movimento, em diversas situações, é caracterizado por uma frequência regular. Conforme a autora, ela “envolve espaço e tempos fixos – os lugares sagrados – e fluxos – a peregrinação. As peregrinações constituem um fenômeno notável, comum à maioria das religiões, inserindo-se assim em diferentes contextos culturais”. (Rosendahl, 2018, p.25). Em outras palavras, podemos dizer que se trata de um dos atos religiosos que melhor representa o que é fé e devoção.

A festa do Cristo Negro reúne peregrinos de várias localidades do Panamá. Conforme Ríos (2008), algumas pessoas vão de cidades remotas a pé para agradecer ao Nazareno pelos milagres concedidos, outros vão de joelhos ou carregando pesadas cruzes em penitência.

Nos dias da semana que antecedem a festa, é possível observar que a paisagem da estrada que liga o corregimento de Sabanitas a Portobelo se modifica devido à presença de vários fiéis que, mesmo debaixo de sol e chuva, a pé, seguem movidos pela fé a fim de cumprir com a sua promessa. Barrera (1986, p.18, tradução nossa) descreve que:

Durante a semana que marca o dia 21 de outubro, Portobelo se enche de entusiasmo e de grande espírito de religiosidade devido a peregrinação de um incontável número de devotos, procedentes de todas as regiões da república do Panamá, que vêm a festa do Cristo Negro de Portobelo cheios de fé, com o propósito de pagar suas promessas e dar graças por algum favor recebido a este milagroso santo. Homens, mulheres e crianças de diferentes idades e condições sociais, vestidos com túnicas de cor violeta escura imitam o hábito que usa o Nazareno, caminham largas distâncias para assistir a procissão, que acontece no dia acima indicado. O lugar preferido dos devotos para iniciar sua peregrinação, é a entrada para a aldeia de Sabanitas, de lá eles percorrem vários quilômetros para chegar a Portobelo a cerca de 34 quilômetros

Ao longo do caminho, é comum os peregrinos usarem a vestimenta parecida com a que a imagem utiliza, tanto na cor lilás, como na cor vinho (Figura 49 e 50). Alguns, além da vestimenta, carregam a imagem do Cristo Negro apoiada na cabeça e nos ombros. As pessoas

que seguem de carro se solidarizam com aquelas que seguem a pé e doam garrafas de água e comida.

Figura 49. Peregrino seguindo para a cidade de Portobelo³⁹



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 50. Peregrinos a caminho da cidade de Portobelo para participação da festa do Cristo Negro



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

³⁹ Em visita de campo realizada no ano de 2019, o senhor da imagem nos chamou atenção, pois seguia sua caminhada com a vestimenta parecida com a do Cristo Negro. Pedi rapidamente para conversar com ele, perguntei de onde vem, quantos anos em peregrinação e por que motivo segue nessa caminhada. O senhor, muito gentil, me respondeu que mora no corregimiento de Sabanitas (35km de distância de Portobelo), na Província de Colón, hoje ele tem 62 anos e segue em peregrinação sem interrupções há exatos 42 anos. Segundo ele, sua caminhada se deve às promessas que são atendidas pelo Cristo.

As margens da estrada são tomadas por bombeiros, policiais e serviços de apoio à saúde com ambulâncias, tudo para dar apoio aos peregrinos que seguem fielmente ao seu objetivo (Figura 51). O destino final dos peregrinos é a Igreja de San Felipe, que abriga a imagem do Cristo Negro.

Figura 51. Serviços de apoio aos peregrinos as margens da estrada



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

A entrada da cidade durante o período da festa do Cristo Negro é tomada pelos peregrinos que chegam de outras localidades. Alguns chegam se arrastando pelas ruas, outros de joelhos e muitos a pé do jeito comum, geralmente acompanhados. Cada um à sua maneira de expressar a sua fé e gratidão ao santo milagroso.

Em visita de campo no ano de 2019, durante esse momento, nos deparamos com peregrinos se arrastando pelo chão ou seguindo sua caminhada de joelhos, uma pessoa indo à frente balançando a imagem do Cristo Negro para direita e para esquerda; uma forma de lembrá-lo do porquê de estar ali, para que então chegue ao seu objetivo final, cumprir sua promessa. É como se fosse um incentivo (Figura 52).

Chama atenção um peregrino chegando acompanhado de outra pessoa que, com uma vela acesa, pinga a cera derretida em seu corpo. A cena choca, porém, para ele, o sofrimento, a dor e o cansaço são uma forma de agradecimento pelas bênçãos e milagres cedidos pelo Cristo (Figura 53). É intenso, é marcante.

Figura 52. Chegada dos peregrinos na cidade de Portobelo no dia da festa do Cristo Negro



a) Peregrina se arrastando pelas ruas, a pessoa que acompanha e está a frente carrega a imagem do Cristo Negro, balançando para direita para esquerda, uma forma de incentivo para que ela possa chegar até o seu objetivo final, cumprir sua promessa; b) Peregrinos seguem em grupo de joelhos, assim como a primeira, a pessoa a frente carrega a imagem fazendo os mesmos movimentos; c) Peregrina seguindo de joelhos acompanhada; d) Peregrino seguindo de joelhos, também acompanhado. Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 53. Peregrino chegando acompanhado de outra pessoa pingando a cera derretida em seu corpo



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Durante a chegada dos peregrinos e fiéis, é possível notar a cidade em festa antes mesmo de ela começar. O som alto, a movimentação das pessoas nas ruas, comércio e na porta de suas

casas mostram o quão importante esta festividade é. Várias barracas são erguidas pelos peregrinos em diferentes espaços da cidade que chegam de fora e não tem onde ficar (Figura 54).

Figura 54. Acampamento próximo a Igreja de San Felipe



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

A peregrinação marca não só os dias que antecedem a festa, mas também seu início e fim. Em visita de campo, durante a procissão, avistamos os peregrinos ainda chegando à cidade, alguns a pé, outros de joelho. Ao final da procissão, é possível observar peregrinos ainda chegando (Figura 55).

Figura 55. Peregrinos chegando no início e ao final da procissão



a) Peregrinos chegando de joelhos no início da procissão; **b)** Peregrinos chegando de joelhos ao final da procissão.
Fonte: Acervo pessoal, 2019.

5.3.1. A procissão

A procissão é uma forma simbólica presente no espaço dotada de sentidos, valores e significados (Corrêa, 2007). Durante a realização da festa do Cristo Negro, esse é o momento mais aguardado.

Antes da procissão, é feita uma missa que se inicia às 18h. A partir das 19h30, os preparativos para dar início à procissão começam, enquanto a multidão se reúne tanto no interior, quanto nos arredores da igreja, a grande maioria das pessoas portam velas para carregar durante esse momento (Barrera, 1986). Às 20h é o horário marcado para iniciar a marcha, os sinos acompanhados das batidas de tambores marcam o momento (Maure; Nieto, 2000).

Ao som de instrumentos musicais, a multidão segue segurando suas velas e acompanhando a imagem. Esse momento é chamado pelos moradores de "A saída de Cristo" (Figura 56 e 57).

Figura 56. A saída de Cristo (A Procissão)



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 57. Fiéis seguindo a Procissão



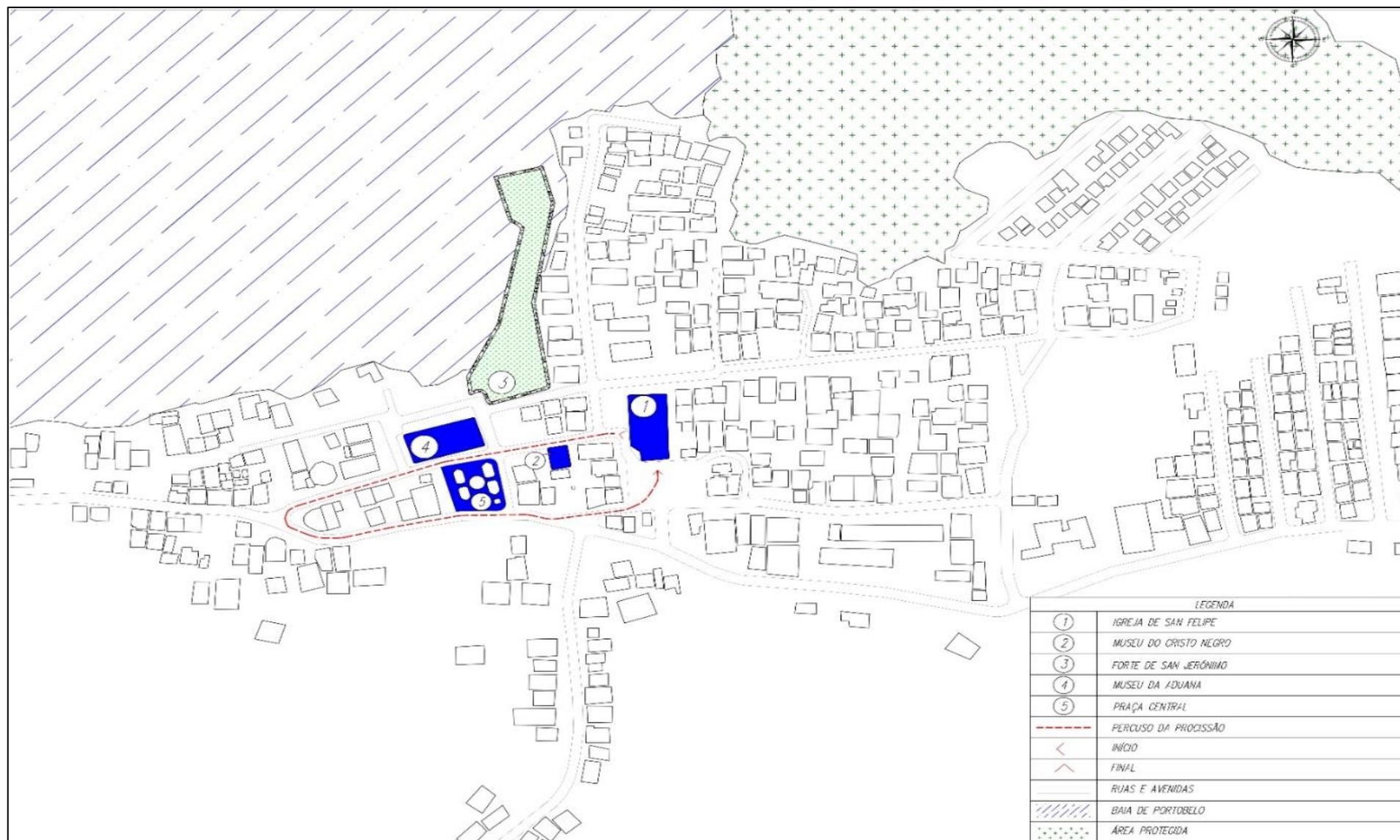
Fonte: Acervo pessoal, 2019.

O santo é carregado pelas pessoas que se voluntariam (podendo ser morador ou não). Não há definição prévia de quem será. No momento da procissão, eles seguem carregando o santo com um ritual curioso: três passos para a frente e dois para trás. De acordo com Maure e Nieto (2000, p.101), “é uma marcha típica (embora herdada da Espanha), da América Latina; é rápida ao ritmo da música em forma vigorosa. Eles movem os seus corpos de um lado para o outro e por isso o cabelo comprido do santo se move”.

A procissão perpassa as principais ruas da cidade, saindo da Igreja de San Felipe, passando pelo Museu do Cristo Negro, da Aduana e Praça Central (Figura 58). A maior parte da cidade acompanha esse momento. À frente da imagem maior segue outra imagem menor do Cristo Negro.

Durante a procissão, é possível visualizar peregrinos chegando à cidade, alguns a pé, outros de joelho. A marcha tem duração de quatro horas e termina no ponto final, que é a Igreja de San Felipe, às 00h (meia noite).

Figura 58. Percurso da Procissão



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

5.4. A Missa Afro

A Missa Afro acontece sempre no último domingo do mês, às 11h. É uma combinação de tradições católicas e afro que representa a identidade do povo que há muito foi escravizado pelos espanhóis.

Em entrevista com o Organizador 7 (da festa do Cristo Negro) da Igreja de San Felipe sobre a Missa Afro, ele conta que a cidade de Portobelo foi fundada pelos espanhóis, que trouxeram muitos escravos da África. De acordo com ele:

Esses escravos, na luta pela liberdade, escaparam e foram se estabelecendo nas comunidades com seus costumes e tradições trazidas de sua região e, também, sua forma de expressar fé, que, ao ser cristianizada, não pode desaparecer, pois faz parte de sua identidade, tratando-se de um povo em sua maioria formado por populações negras (Organizador 7, 2019, tradução nossa).

O Organizador 7 explica que a missa afro é a enculturação do evangelho. A cultura não o destrói, é uma expressão que, através dos cantos da região, enriquece o evangelho. Ele relata que a missa é normal, porém enriquecida com elementos culturais como a dança, o canto, o tambor, a oferenda e a alegria, efervescentes.

Minutos antes do início da missa, a Igreja de San Felipe lota de fiéis (Figura 59). As mulheres do coral usam vestidos coloridos e muitas joias feitas de semente e miçangas que representam as mulheres na escravidão (Figura 60). No centro da Igreja, é colocada uma mesa com frutas e elementos típicos da cidade (Figura 61).

Figura 59. Igreja lotada de fiéis aguardando a Missa Afro



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 60. Mulheres do Coral usando vestidos coloridos que representam a mulher escrava no período colonial



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 61. Mesa de com frutas e elementos típicos da cidade



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

A Missa se inicia com a entrada dos padres, como todas as outras, porém com dois elementos característicos da cultura afro: o cântico acompanhado do toque de tambor e da dança. Duas mulheres (ambas usando vestido colorido), um homem e quatro crianças dançando acompanham os padres ao altar principal. Os detalhes e a riqueza cultural impressionam (Figura 62).

Figura 62. Entrada dos Padres acompanhados de fiéis dançando ao som de cânticos e tambores, característicos da cultura afro



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

A liturgia é a mesma das outras missas, porém, após o primeiro momento, que é o Ato Penitencial, novamente as mulheres do Coral cantam um cântico ao som de tambor, e outras duas dançam em frente ao altar. No momento da oferenda, as frutas que ficam em cima da mesa no centro da Igreja são levadas como oferenda ao altar por mulheres dançando.

É relevante citar a miscigenação das culturas, um elemento que também é identificado na festa do Cristo Negro, mas que muitas vezes é visto como um ponto negativo, visto que representa de certa forma uma herança europeia, uma vez que entramos na evangelização dos povos originários.

Por outro lado, podemos analisar, com a ótica da perseverança e luta dos povos escravizados, a representação da tomada do poder pelo povo contra um regime autoritário e, como consequência, o surgimento de uma sociedade livre e que representa o melhor de vários mundos, colocando a fé como um pilar da representação do povo panamenho, que tem, na celebração, a oportunidade de mostrar sua verdadeira identidade.

SEÇÃO 6. POLÍTICAS E PROJETOS DE PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL EM PORTOBELO



Nota: Sinais de deterioração do forte de San Jerónimo em Portobelo, Panamá.
Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

6.1. As instituições públicas e privadas responsáveis pela preservação do patrimônio na cidade de Portobelo

6.1.1. Ministério da Cultura, antigo Instituto Nacional de Cultura (INAC)

O INAC foi criado pela lei nº 63 de junho de 1974 com o objetivo de orientar, promover, coordenar e direcionar as atividades culturais no território nacional do Panamá (Panamá, 1974).

Desde a sua criação, foi determinado que seria o órgão que cuidaria das questões relacionadas ao patrimônio cultural do país. O artigo 3 da referida lei detalha as funções exercidas pelo órgão, algumas englobando a responsabilidade para com o patrimônio cultural do país:

8. Contratar empréstimos internos ou externos e emitir títulos de crédito com prévia autorização do Poder Executivo a garantia solidária da Nação podendo para o efeito dar em garantia os seus bens que não sejam Patrimônio Histórico da Nação;
9. Proceder ao reconhecimento, estudo, guarda, conservação, restauro, enriquecimento e administração do Patrimônio Histórico da Nação;
10. Programar e desenvolver as pesquisas históricas e científicas necessárias para atender os objetivos de estudo, conservação e enriquecimento do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural da Nação (Panamá, 1974, p. 1).

No ano de 2019, o INAC foi extinto e suas atribuições passaram a ser do Ministério da Cultura, criado pela lei nº 90 de agosto do mesmo ano. Esse organismo, portanto, passou a ser responsável pela proteção do patrimônio cultural do Panamá. O artigo 2 da lei em questão

detalha suas funções. Dentre elas duas estão diretamente relacionadas ao patrimônio cultural do país:

16. Contratar empréstimos internos e externos e emitir títulos de crédito com autorização prévia do Órgão Executivo e a garantia solidária da nação e para isso, poderá dar como garantia aqueles bens que não são patrimônio cultural panamenho; 17. Programar e desenvolver o reconhecimento, estudo, pesquisa histórica e científica, custódia, conservação, restauração, enriquecimento, salvaguarda e administração do patrimônio cultural e imaterial panamenho, bem como suas categorias e classificações, como patrimônio arqueológico, paleontológico, subaquático e industrial, de acordo com as disposições legais em vigor (Panamá, 2019, p.2).

Além do Ministério da Cultura, existe um órgão que é responsável também pela gestão do patrimônio, este que, por sinal, é fiscalizado e mantido pelo governo; O Patronato de Portobelo e San Lorenzo.

6.1.2. Patronato Portobelo e San Lorenzo

O Patronato de Portobelo e San Lorenzo é uma organização sem fins lucrativos fundada no ano de 2007. Responsável pela manutenção, proteção e restauração do Conjunto Monumental Histórico de Portobelo juntamente ao atual Ministério da Cultura, o Patronato foi reconhecido pelo Governo Panamenho pela lei n° 30 de novembro de 2014.

O Patronato encarrega-se de gerir, em coordenação com o Ministério da Cultura, a valorização, manutenção, conservação, promoção, proteção e restauro dos Monumentos Históricos de Portobelo e do Castillo de San Lorenzo El Real de Chagre, situados na Província de Colón, patrimônio histórico de nossa nação e declarado Patrimônio da Humanidade pela Unesco (Patronato, 2023⁴⁰, tradução nossa).

Os objetivos do Patronato estão relacionados a conservação e preservação do Conjunto Monumental Histórico de Portobelo (Quadro 14).

⁴⁰ Disponível em: <<https://ppysl.org/sanlorenzo/footer-corporate.html>>. Acesso: 16 maio de 2023.

Quadro 14. Objetivos do Patronato Portobelo e San Lorenzo

1. Colaborar na valorização, manutenção, conservação, promoção, proteção e restauro do Conjunto Monumental Histórico de Portobelo.
2. Estabelecer vínculos com organismos nacionais e internacionais com o objetivo de promover uma ação conjunta em benefício da exaltação turística e da conservação histórico-cultural do Conjunto Monumental Histórico de Portobelo.
3. Gerir a criação de uma rede de apoio técnico e financeiro, nacional e internacional, à valorização, manutenção, conservação, promoção, proteção e restauro dos Monumentos Históricos de Portobelo.
4. Promover a realização de atividades de exaltação turística, cultural e ambiental para a captação de recursos destinados à conservação dos monumentos.
5. Criar, gerir, explorar e manter abertos ao público museus, locais de exposição, salas de realidade virtual e quaisquer outros espaços expositivos que contribuam para o conhecimento e compreensão da evolução dos monumentos.
6. Gerir e aplicar fundos públicos e privados para atingir as suas metas e objetivos.
7. Zelar pela proteção e manutenção dos edifícios e bens móveis e imóveis que fazem parte do Conjunto Monumental Histórico de Portobelo e do Castillo de San Lorenzo de Chagres.
8. Assegurar a proteção e manutenção dos edifícios e bens móveis e imóveis que integram o Conjunto Monumental Histórico de Portobelo e o Castelo de São Lourenço de Chagres.
9. Desenvolver projetos e atividades que promovam o turismo sustentável e, especialmente, o turismo sustentável patrimonial, de acordo com as diretrizes das autoridades competentes e no estrito cumprimento das leis e regulamentos nacionais e internacionais em vigor.
10. Gerir a incorporação dos monumentos aos planos nacionais de desenvolvimento social, cultural, ecológico, educativo e turístico do país.
11. Promover e realizar, dentro das comunidades locais, programas e eventos educacionais, culturais e sociais, voltados para a compreensão, respeito e conservação do nosso patrimônio cultural.
12. Aconselhar os Municípios sobre os projetos a desenvolver no âmbito dos monumentos, os quais devem enquadrar-se no estabelecido na legislação para a Proteção do Patrimônio Histórico da Nação.
13. Promover e realizar junto das populações do sector, programas e eventos educativos, culturais e sociais, centrados na compreensão, respeito e conservação do nosso patrimônio cultural.
14. Promover e dinamizar programas de restauro de monumentos e/ou de uma ou mais das suas componentes.
15. Executar o Plano de Manejo de Portobelo e San Lorenzo.
16. Participar de outros projetos de conservação na Província de Colón.
17. Exercer qualquer outra atividade relacionada com os objetivos aqui descritos.

Fonte: Patronato Portobelo e San Lorenzo, 2023. Disponível em <<https://ppysl.org/sanlorenzo/footer-modern.html>>.

Segundo a lei nº 30 de 18 de novembro de 2014, o antigo INAC (atual Ministério de Cultura) é responsável pela fiscalização do Patronato desde sua resolução inicial, auxiliando em quaisquer necessidades e mantendo um aporte anual financeiro exclusivamente para a preservação dos monumentos:

O Instituto Nacional de Cultura será o órgão de comunicação entre a Câmara Municipal de Portobelo e San Lorenzo e o Estado e será responsável por apresentar, para aprovação, o orçamento anual de despesas administrativas,

6.2. O estado de conservação do forte de San Jerónimo

Desde o início do século XX, o estado de conservação das fortificações do lado caribenho: Portobelo e San Lorenzo, o que inclui o forte de San Jerónimo, é observado em fotografias e documentos relacionados aos monumentos históricos do Panamá.

Alba (2003) afirma que antes da década de 1970, as fotografias foram documentos essenciais para que se pudesse observar e avaliar o estado de conservação das fortificações. Segundo a autora, as primeiras descrições foram feitas por um viajante e publicadas na revista *Nuevos Ritos*⁴¹ ainda no ano de 1910 e numa série de fotografias que foram tiradas para compor o projeto documental da empresa responsável pelo Canal do Panamá - Autoridade do Canal do Panamá -, em 1911 (Alba, 2003). Especificamente sobre o forte de San Jerónimo, no início do século XX, os dados a respeito do seu estado de conservação mostram uma preocupação com as ações da natureza sobre a fortaleza:

A Bateria de San Jerónimo aparece levemente atacada pela vegetação nos parapeitos do reduto e no topo dos muros da bateria. Também há vegetação média na área do depósito de pólvora e uma abundante microflora por todos os muros do edifício. Como detalhe importante, observa-se que parte do muro leste do abrigo de artilharia está desabado, coincidindo com a seção faltante que caiu em 1996. A condição dos fechamentos das ameias, atualmente deteriorados, era boa naquele momento. O forte era usado como um porto de barcos e tinha três instalações temporárias, aparentemente banheiros, construídos no perímetro de suas muralhas (Alba, 2003, p.49, tradução nossa).

No ano de 1934, a partir de fotografias publicadas na obra “Monastério”, já era possível observar o estado de deterioração do forte de San Jerónimo causado não só pela vegetação, mas também pela microflora, e a muralha leste (local onde havia artilharia) parecia estar em ruínas. Além disso, os fechamentos das ameias demonstravam estar ligeiramente danificados, havendo uma grande rachadura entre o reduto e a bateria (Alba, 2003).

O Quadro 15 traz fotografias registradas entre os anos de 1911-1913, 1934, 1950-1954 e 1970 do forte de San Jerónimo, publicadas em “Portobelo-San Lorenzo: una aproximación a la conservación integrada de recursos culturales y naturales em peligro” de Almyr Alba. As imagens mostram a fortificação com sinais de deterioração, principalmente pelas ações do clima

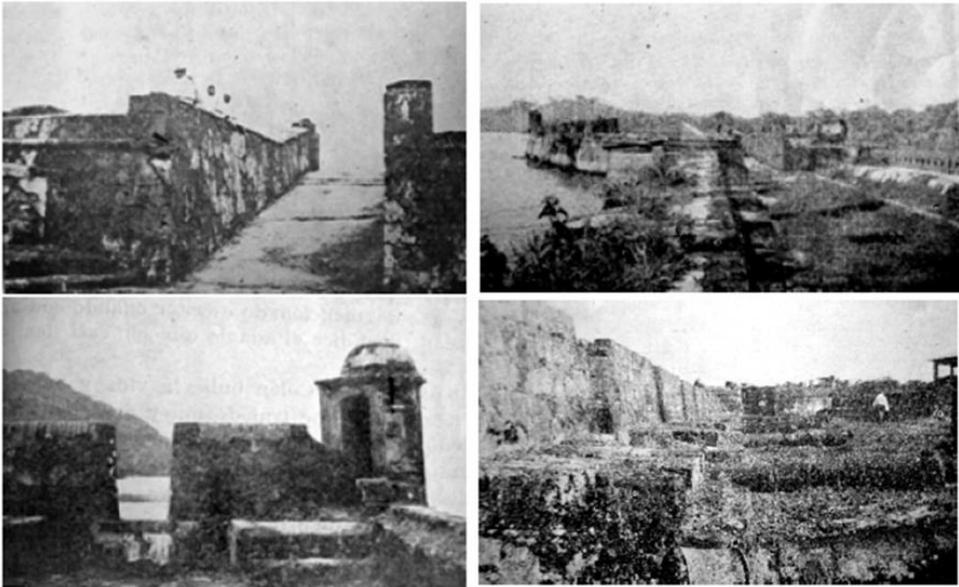
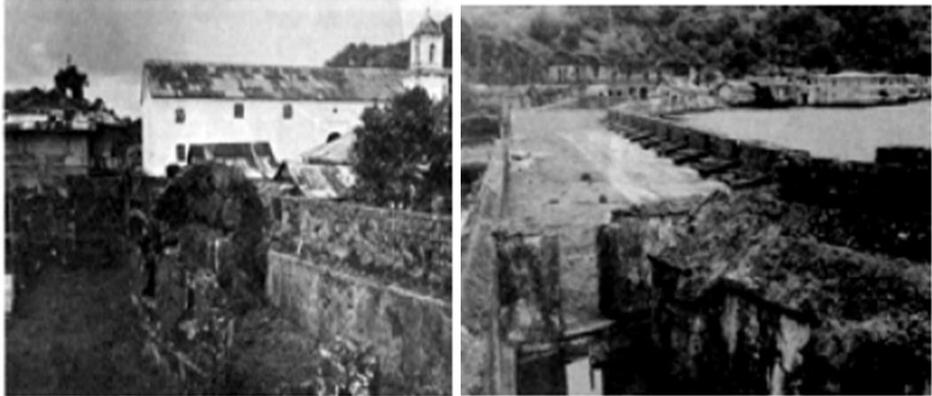
⁴¹ Revista Quinzenal.

e da natureza, a falta de manutenção e a expansão urbana, problemas que persistem até os dias atuais.

No entanto, é importante destacar que, por mais que a degradação tenha efeito deste período aos dias atuais, existe uma diferença crucial no contexto da sociedade à época: o significado histórico do forte, que, com o passar dos anos, se torna cada vez mais valioso no ponto de vista cultural e, a depender da forma com que é devidamente tratado pelas partes responsáveis, tem maior ou menor relevância no cotidiano do indivíduo, pois o sentimento de pertencimento é alimentado pela significação do lugar e o aprendizado do que é e já foi àquele espaço.

Quadro 15. Fotografias do forte de San Jerónimo entre os anos de 1911-1913, 1934, 1950-1954 e 1970

Ano	Fotografias
1911-1913	

<p>1934</p>	
<p>1950-1954</p>	
<p>1970</p>	

Fonte: Alba (2003, p.58-59). Organizado pela autora, 2023.

Ao analisar os relatórios de conservação das fortificações do lado caribenho disponíveis pela Unesco, é possível observar que, ao longo de 30 anos, vários fatores influenciaram na degradação dos bens culturais em questão. O Quadro 16 mostra que, nos anos de 1993 e 2000, as causas que apresentavam riscos ao patrimônio seriam a identidade, coesão social e mudanças na população local, além de uma maior atenção à conservação de pedras que compõem as estruturas.

Segundo o Quadro 16, entre os anos de 2001 e 2010, observa-se que, além dos fatores citados, novas ameaças surgiram, como é o caso dos impactos do turismo/visitante/lazer, avalanche/deslizamento de terra, enfraquecimento das fundações pela vegetação, sistemas de gestão/plano de gestão, erosão e assoreamento/deposição, habitação, poluição das águas marinhas e falta de manutenção.

No ano de 2011 ao ano de 2021, além das influências citadas que afetam a conservação das fortificações, as tempestades, o estado frágil da propriedade e a degradação acelerada por fatores ambientais, conversão de terreno, enquadramento jurídico, o planejamento de conservação limitado e a falta de limites estabelecidos e zonas de tampão, foram fatores que contribuíram para a deterioração dos bens em questão (Quadro 16).

Quadro 16. Fatores que afetaram o estado de conservação das fortificações do lado caribenho entre 1993-2021.

Ano	Fatores que afetaram a propriedade
1993	Identidade, coesão social, mudanças na população local e na comunidade. Outras Ameaças: Mais atenção a ser dada à conservação de pedras.
2000	Identidade, coesão social, mudanças na população local e na comunidade. Outras Ameaças: Mais atenção a ser dada à conservação de pedras.
2001	Identidade, coesão social, mudanças na população local e na comunidade; Impactos do turismo/visitante/lazer.
2003	Avalanche / deslizamento de terra; Identidade, coesão social, mudanças na população local e na comunidade; Impactos do turismo/visitante/lazer. Outras Ameaças: Enfraquecimento das fundações pela vegetação.
2004	Avalanche / deslizamento de terra; Sistemas de gestão / plano de gestão; Outras Ameaças: Perda parcial do tecido original.
2005	Erosão e assoreamento/deposição; Habitação; Impactos do turismo/visitante/lazer; Sistemas de gestão / plano de gestão. Outras Ameaças: Deterioração e destruição do tecido por fatores ambientais.
2007	Erosão e assoreamento/deposição; Habitação; Impactos do turismo/visitante/lazer; Sistemas de gestão / plano de gestão; Poluição das águas marinhas; Outras Ameaças: a) Deterioração e destruição do tecido dos sítios por fatores ambientais; b) Falta de manutenção.
2008	Erosão e assoreamento/deposição; Habitação; Impactos do turismo/visitante/lazer; Sistemas de gestão / plano de gestão; Outras Ameaças: Deterioração e destruição do tecido da propriedade por fatores ambientais, falta de manutenção, bem como água poluída.
2009	Erosão e assoreamento/deposição; Habitação; Impactos do turismo/visitante/lazer; Sistemas de gestão / plano de gestão. Outras Ameaças: Deterioração e destruição do tecido da propriedade por fatores ambientais, falta de manutenção, bem como água poluída.
2010	Erosão e assoreamento/deposição; Habitação; Impactos do turismo/visitante/lazer; Principais acomodações para visitantes e infraestrutura associada; Sistemas de gestão / plano de gestão. Outras

	Ameaças: a) Deterioração e destruição do tecido do imóvel por fatores ambientais, falta de programa de manutenção, bem como águas poluídas
2011	Erosão e assoreamento/deposição; Habitação; Impactos do turismo/visitante/lazer; Sistemas de gestão / plano de gestão; Poluição das águas marinhas; Tempestades. Outras Ameaças: a) Deterioração e destruição do tecido do imóvel por fatores ambientais.
2012	Erosão e assoreamento/deposição; inundações; Habitação; Impactos do turismo/visitante/lazer; Sistemas de gestão / plano de gestão. Outras Ameaças: Deterioração e destruição do tecido do imóvel por fatores ambientais, falta de programa de manutenção, águas poluídas.
2013	Erosão e assoreamento/deposição; Habitação; Impactos do turismo/visitante/lazer; Conversão de terreno; Enquadramento jurídico; Sistemas de gestão / plano de gestão; Outras Ameaças: Estado frágil da propriedade e degradação acelerada por fatores ambientais e falta de manutenção.
2014	Erosão e assoreamento/deposição; Habitação; Impactos do turismo/visitante/lazer; Conversão de terreno; Enquadramento jurídico; Sistemas de gestão / plano de gestão; Outras Ameaças: Estado frágil da propriedade e degradação acelerada por fatores ambientais e falta de manutenção.
2015	Erosão e assoreamento/deposição; Habitação; Impactos do turismo/visitante/lazer; Conversão de terreno; Enquadramento jurídico; Sistemas de gestão / plano de gestão. Outras Ameaças: Estado frágil da propriedade e degradação acelerada por fatores ambientais e falta de manutenção.
2016	Erosão e assoreamento/deposição; Habitação; Impactos do turismo/visitante/lazer; Conversão de terreno; Enquadramento jurídico; Sistemas de gestão / plano de gestão. Outras Ameaças: Estado frágil da propriedade e degradação acelerada por fatores ambientais, falta de manutenção e planejamento de conservação limitado.
2017	Erosão e assoreamento/deposição; Habitação; Impactos do turismo/visitante/lazer; Conversão de terreno; Enquadramento jurídico; Sistemas de gestão / plano de gestão. Outras Ameaças: Estado frágil da propriedade e degradação acelerada por fatores ambientais, falta de manutenção e planejamento de conservação limitado.
2018	Erosão e assoreamento/deposição; Habitação; Impactos do turismo/visitante/lazer; Conversão de terreno; Enquadramento jurídico; Sistemas de gestão / plano de gestão; Outras Ameaças: Estado frágil da propriedade e degradação acelerada por fatores ambientais, falta de manutenção e planejamento de conservação limitado.
2019	Erosão e assoreamento/deposição; Habitação; Impactos do turismo/visitante/lazer; Conversão de terreno; Sistemas de gestão / plano de gestão; Outras Ameaças: Estado frágil da propriedade e degradação acelerada por fatores ambientais, falta de manutenção e planejamento de conservação limitado.
2021	Erosão e assoreamento/deposição; Habitação; Impactos do turismo/visitante/lazer; Conversão de terreno; Enquadramento jurídico; Sistemas de gestão / plano de gestão. Outras Ameaças: Falta de limites estabelecidos e zonas tampão.

Fonte: Unesco. Nota: Organizado pela autora, 2023. Disponível em: <
<https://whc.unesco.org/en/list/135/documents/>>

O problema de deterioração do forte de San Jerónimo tem se intensificado cada vez mais. Na publicação do seu estudo a respeito das fortificações do caribe no ano de 2003, Alba fez uma avaliação dos problemas que estão causando deterioração no forte de San Jerónimo, frisando, principalmente, a ação das águas do riacho e da Baía de Portobelo, rachaduras e fissuras, infiltração nas paredes:

Os resultados da avaliação confirmam que as correntes de água, tanto da baía como da ribeira Guínea, afetam as paredes perimetrais do forte. As áreas danificadas pela água do mar são as fachadas leste e oeste do reduto. Enquanto a corrente da ribeira Guínea incide sobre a parede leste da bateria baixa, no trecho entre o depósito de pólvora e o quarto de mantimentos, onde a ribeira muda de direção. Devido à pressão da água, surgiu um problema de assentamento diferencial na região norte da bateria baixa, entre o início da rampa e a parte central da bateria baixa. Como consequência desse

afundamento, ocorreu o rachamento de uma extremidade a outra na união do reduto e da bateria baixa (união da primeira e segunda etapa de construção da fortaleza). Outros danos menores incluem rachaduras diagonais nos vãos associadas à perda das vergas de portas e janelas, bem como rachaduras nas paredes derivadas da perda da ligação dos tetos em áreas de quartel, casa dos oficiais e quarto do oficial de guarda. Também há infiltração de água nas paredes devido à falta de acabamento no topo, além de fissuras nos pavimentos das rampas, plataformas do reduto, da bateria alta e da parte superior dos merlões (que apresentam fissuras de dimensões consideráveis devido ao assentamento dos aterros). O aljibe, localizado no reduto, está obstruído por sedimentos e necessita da restauração de todos os seus componentes: canais de drenagem, rosca e cisterna de água (ALBA, 2003, p. 79, tradução nossa).

Durante a visita de campo realizada no ano de 2019 na cidade de Portobelo, foram elencados todos os fatores e motivos (Quadro 17) observados que contribuem e/ou podem contribuir para a deterioração do forte, que se assemelham às informações documentais da Unesco e às publicações destacadas neste tópico (Quadro 18).

Quadro 17. Fatores com seus respectivos motivos que contribuem e/ou podem contribuir com a deterioração do forte de San Jerónimo

Fatores	Motivos
Ações climáticas e tempo de existência	Formação de lodo/limo
Visitação turística	Pessoas subindo nas paredes; Pessoas fazendo necessidades fisiológicas nas mediações; Lixo jogado no chão ou deixado nas paredes da fortificação.
Existência de um Canal ao lado da Fortificação que corta toda a cidade sentido sul-norte	Moradores jogam água suja (misturada com produtos); Moradores que vivem nas casas ao lado do forte ligaram algumas encanações onde toda a água suja é descartada no Canal.
Casas construídas nas mediações do forte	Descarte de lixo; Construções
Comércio ambulante	Descarte de lixo
Má gestão	Falta de manutenção adequada; Ausência de planejamento para o recebimento de visitantes.

Fonte: Dados coletados em trabalho de campo, 2019.

Desta forma, observou-se que o forte San Jerónimo está sofrendo um processo de deterioração acelerado, causado pelas ações climáticas e da natureza, tempo de existência, falta de um plano de conservação eficiente e expansão urbana. São visíveis os danos na estrutura da fortificação causados, por exemplo, pela formação de lodo (Figura 63). Com o período chuvoso, as poças de água vão se formando em determinados pontos da fortificação, o que também acelera o processo de deterioração.

Figura 63. Formação de lodo na estrutura da Fortificação



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Um dos fatores mais difíceis de controlar é o climático. Porém, sabemos que ações a respeito podem ser feitas para conter e/ou desacelerar o processo de deterioração por esta causa. Questionamos ao Agente Público 2, sobre o que tem sido feito pelas autoridades responsáveis pela manutenção do forte para o controle das ações advindas do fator em questão:

Creio que esse deve ser um elemento que não se pode controlar. Por exemplo, a parte da deterioração, as chuvas, os deslizamentos, há um projeto que será trabalhado com o meio ambiente, com o tema da estabilização das ladeiras. Essa é uma coisa, outra coisa é prever o crescimento, por exemplo, da alga que está aqui que é um tipo de alga que [...] afeta o forte. [...] Você me perguntou especificamente pelo tema do clima que é um fator que não se pode controlar a hora que vai cair uma chuva (Agente Público 2, 2019, tradução nossa).

O Agente Público 2 destaca que é necessário realizar também uma limpeza periódica no forte para remover colônias biológicas e a macro flora:

Então é uma limpeza da macro flora e todo mês tem que fazer de novo, porque é inevitável que ela cresça [...] fazem periodicamente para uma questão de manutenção e de conservação. É periódica, tem que repetir, devido ao clima que temos no Panamá, especificamente, em Colón, na província de Colón, é uma situação que vai se repetir constantemente, quando chega a época de chuva volta a ter todos esses problemas (Agente Público 2, 2019, tradução).

Conforme o Quadro 17, a visitação turística também é um dos motivos que contribuem para a degradação da fortificação. Um dos maiores impactos causados por essa atividade econômica é o lixo que é gerado. Em visita de campo, foi possível observar na fortificação de San Jerónimo os visitantes deixando embalagens e outros objetos que consumiram nas imediações. Parece uma observação simples, mas, se pararmos para analisar, esses detritos podem danificar a estrutura do bem cultural citado. Ao questionar o Agente Privado 2 sobre as ações relacionadas ao recolhimento do lixo, ele enfatiza que o lixo é recolhido diariamente e ainda destaca a falta de educação das pessoas com relação ao tema abordado:

O lixo é recolhido diariamente. Nós não temos um funcionário recolhendo o lixo 24 horas por dia. Atualmente nós temos oito funcionários, oito trabalhadores em Portobelo, é o que se consegue com os fundos que recebemos das doações da empresa privada e do governo. Às oito da manhã, o primeiro trabalho deles é recolher o lixo, se não tiver alguém atrás do pessoal catando o lixo, esse lixo fica lá até à tarde. **Com certeza esse é um problema sério de Portobelo, as pessoas não têm uma cultura de limpeza.** Nós já fizemos o teste, recolheram o lixo pela manhã e quando eles passaram, duas horas depois, é como se não tivessem recolhido. E não só isso, as pessoas entram no forte para urinar e fazer suas necessidades (Agente Privado 2, 2019, tradução nossa, grifo nosso).

Outro fator que contribui para deterioração do forte é a existência de um canal fluvial em suas mediações (Figura 64). O fato de cortar toda a cidade no sentido sul-norte, toda a água que desce e é descartada na Baía de Portobelo é suja. Durante visita de campo, presenciamos moradores descartando baldes de água visivelmente suja e misturada com produtos de limpeza, que, dependendo do tipo, pode danificar a estrutura do forte, pois essa água passa ao lado da estrutura.

A expansão urbana também é um fator preocupante no que diz respeito à preservação do forte de San Jerónimo. Em campo, observamos que a cidade está passando por um sério problema de crescimento urbano, pois está inserida no Parque Nacional Portobelo, uma área protegida a nível nacional. Existem muitas casas construídas no entorno do forte, a menos de dois metros de distância. Uma delas possui a frente diretamente para o forte, seus moradores fizeram inclusive uma ponte para passagem (Figura 65). A falta de planejamento urbano traz impactos significativos ao patrimônio. Um dos problemas decorrentes é a degradação e sua destruição.

Em conversa com o Arquiteto da prefeitura da cidade, para obtenção de informações sobre a questão urbana de Portobelo, ele relata que o planejamento atual é para que a cidade cresça no sentido Leste, pois, na parte Norte e Sul, encontra-se a maior parte da vegetação. Ele

conta que, apesar do crescimento ter que acontecer para leste, existe outro problema: essa parte é constituída de lavouras utilizadas para a agricultura.

Figura 64. Canal passando ao lado do forte de San Jerónimo



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 65. Casas construídas nas mediações do forte de San Jerónimo



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

À medida que as cidades se expandem sem o devido planejamento, a paisagem urbana se transforma e cria uma série de desafios para a preservação do patrimônio. No caso de

Portobelo, se analisarmos imagens aéreas do ano de 1923 (Figura 66) e compararmos com as do ano de 2019 (Figura 67), veremos que a falta de planejamento urbano e gestão patrimonial são fatores que estão piorando cada vez mais a situação degradante em que o forte se encontra.

A imagem do ano de 1923 mostra a cidade ainda em crescimento, na parte que fica localizado o forte de San Jerónimo, observamos seu entorno com poucas casas, apenas com o aumento de vegetação entorno da fortaleza. Na imagem de 2019, quase na segunda década do século XXI, visualiza-se o entorno do forte com várias habitações construídas.

Figura 66. Imagem aérea da cidade de Portobelo, ano 1923



Fonte: Patronato Portobelo e San Lorenzo. Adaptado pela autora, 2023.

Figura 67. Imagem aérea da cidade de Portobelo, ano 2019



Fonte: OnellAneldo Duran Godo, 2019. Adaptado pela autora, 2023.

As imagens anteriores mostram a necessidade de um plano de gestão que apresente um planejamento prático das zonas limites/zonas de tampão no forte (como destacado no quadro 16 dos relatórios de conservação da Unesco). Porém, para se pensar em um plano direcionado ao problema atual, no caso de Portobelo, deve-se levar em consideração as questões sociais, visto que as pessoas que foram se instalando nos limites da fortificação ao longo dos anos construíram suas vidas inteiras ali. O problema em questão foi questionado aos agentes públicos e privados responsáveis pela manutenção e preservação do forte de San Jerónimo. Foi perguntado se há uma proposta de estabelecer esses limites/zonas de tampão na fortificação estudada e para onde as pessoas que vivem ali seriam levadas. O Agente Público 2 comenta que há uma proposta de novos limites para o entorno da fortificação:

Sim. Não se pretende levar as pessoas. As pessoas que vivem, haverá um conjunto habitacional em um setor que será muito bom, como será o Panamá Viejo, onde as pessoas vivem fora do local. Aqui sempre se considera que as pessoas que vivem aqui, continuarão vivendo. Trata-se de controlar o crescimento não planejado, por exemplo, as casas que são de um pavimento se mantenham com um pavimento, o máximo é de dois pavimentos, onde puder e que não continuem construindo próximo aos limites, só estabelecer como uma motivação de que é uma propriedade que não se construam casas, porque há casas construídas em cima das ruínas. É isso que se necessita evitar, mas não a mudança dos moradores. Então, a ideia é não continuar afetando o forte. Apenas não passar os limites, não abusar, não o utilizar como base para sua construção e não fazer um edifício de 5 pavimentos próximo à ruína. Se não mantiver, eu te digo que desde antes que qualquer pessoa, comercial, pessoal, o projeto que tenha, que queira fazer modificações ou que queiram construir dentro do conjunto, têm que trazer o projeto aqui e aqui nós vamos receber o projeto [...] (Agente Público 2, 2019, tradução nossa).

Sobre a fala do Agente Público 2, encontramos dois documentos que regem a respeito da delimitação da área limite do Conjunto Monumental Histórico que a fortificação de San Jerónimo se encontra inserida: o decreto nº 1366 de dezembro de 2012 e a resolução nº 164 de maio de 2018.

No decreto nº 1366 de dezembro de 2012, que modifica o decreto nº 43 de junho de 1999 e estabelece o Ordenamento Territorial do Parque Nacional de Portobelo, constam atualizações nos artigos sobre a preservação do Conjunto Monumental Histórico, sendo o artigo 5 de 2012 uma atualização do artigo 18 de 1999, que cita os usos, atividades e aspectos técnicos das construções na zona de patrimônio monumental histórico de Portobelo e San Lorenzo, bem como a restrição nas modificações, construções e reparos no espaço (Quadro 18). Neste mesmo artigo, são citadas as delimitações das zonas do patrimônio e o uso exclusivo para âmbito educacional e de pesquisa, ainda com aval direto dos órgãos responsáveis pela preservação.

Quadro 18. Usos, atividades, restrições e aspectos técnicos das construções na zona de patrimônio monumental histórico de Portobelo e San Lorenzo

a) O acesso aos sítios do patrimônio histórico monumental estará sujeito às condições que a Direção Nacional do Patrimônio Histórico do Instituto Nacional da Cultura considere necessárias à sua conservação e estudo.
b) O traçado das servidões, vias (pedestres e onduladas) e cais que permitem o acesso a essas áreas será determinado pela Direção Nacional de Patrimônio Histórico do Instituto Nacional de Cultura, com prévia aprovação da Comissão Nacional de Arqueologia e Monumentos Históricos (CONAMOH), e em consulta com a Autoridade de Turismo do Panamá, a Autoridade Nacional do Meio Ambiente e a Prefeitura de Portobelo; nos aspectos específicos de sua competência.
c) Não será permitida a remoção de qualquer elemento cultural (pedra, tijolo, restos de cerâmica, etc.) dentro dessas áreas, para manter a integridade do local.
d) A mobilização de qualquer elemento, incluindo elementos naturais (terrenos, recifes, vegetação, etc.) só pode ser efetuada para fins de conservação, estudo ou interpretação, vistoria prévia e autorização da Direção Nacional do Patrimônio Histórico (DNPH) do Instituto Nacional da Cultura e da Autoridade Nacional do Ambiente.
e) Não será permitida a instalação, construção ou reconstrução ou manutenção de qualquer uso não permitido nestas áreas. Caso existam edificações ou usos não permitidos nesta área no momento da promulgação deste Regulamento, o Município de Portobelo, juntamente com o Ministério da Habitação, a Direção Nacional do Patrimônio Histórico do Instituto Nacional de Cultura, a Autoridade de Turismo do Panamá e outros órgãos estatais competentes na matéria, buscarão sua mobilização ou realocação no menor tempo possível.
f) Só serão permitidas obras de reconstrução e/ou reparação diretamente relacionadas com a conservação, interpretação e manutenção de elementos patrimoniais, mediante autorização da Direção Nacional de Patrimônio Histórico do Instituto Nacional de Cultura, prévio parecer favorável da Comissão Nacional de Arqueologia e Monumentos Históricos (CONAMOH) e em consulta com a Autoridade Turística do Panamá e a Autoridade Ambiental Nacional, nos aspectos específicos de sua competência.
g) A área compreendida nos limites desta zona não pode ser cedida ou alienada a particulares a qualquer título.
h) Todo projeto de edificação, construção, ampliação, remodelação ou demolição serão previamente submetidos à apreciação da Direção Nacional do Patrimônio Histórico do Instituto Nacional da Cultura para consideração detalhada de seus aspectos técnicos e aprovação sobre a execução do projeto, em que a proteção do patrimônio histórico se refere. A aprovação deverá estar fundamentada e haver o parecer favorável da Comissão Nacional de Arqueologia e Monumentos Históricos (CONAMOH).
l) Os limites dos monumentos históricos serão fixados pela Direção Nacional do Patrimônio Histórico do Instituto Nacional de Cultura. Não se permitirá dentro desses limites nenhum uso, exceto aqueles de educação, interpretação e apoio ao sítio patrimonial.

Fonte: Panamá (2012, p.10-11, tradução nossa). Nota: Organizado pela autora, 2023.

O decreto n° 1366 cita, em resumo, a proibição do uso das zonas delimitadas para práticas não autorizadas em lei, somente se tratando da utilização para fins educativos e de pesquisa com aval dos órgãos responsáveis. No entanto, é questionável ao analisar a atual situação das invasões, que já tomaram conta de toda a zona limite e trespassaram a mesma, muito porque não há mais espaço para crescimento urbano e, novamente, há uma grave falha ao não terem sido realizadas uma análise e uma projeção deste crescimento posteriormente.

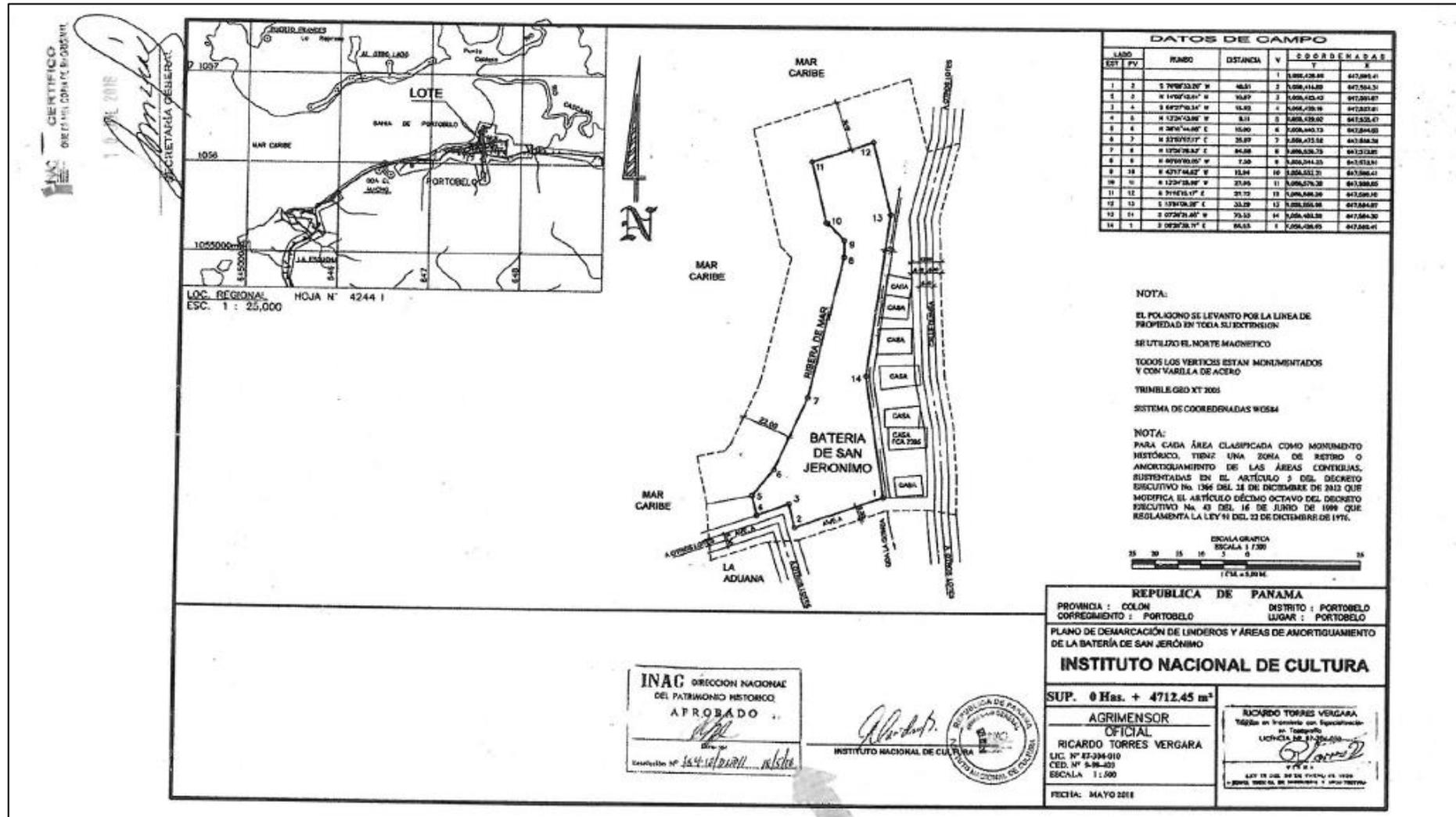
Em maio de 2018, foi criada a resolução n° 164 pelo INAC, através da Direção Nacional

do Patrimônio Histórico, que dispõe sobre a delimitação e zonas de tampão das ruínas e do Conjunto Monumental Histórico de Portobelo. Ela estabelece a demarcação da zona tampão dos monumentos que compõe o Conjunto Histórico Monumental de Portobelo. Na Figura 68, é possível visualizar os limites do forte de San Jerónimo.

Entretanto, com as observações em campo, notou-se a ausência de um planejamento urbano eficaz em relação ao crescimento populacional, uma vez que as invasões ao patrimônio crescem ano após ano e não parecem representar significativa relevância para a política local, pois, por mais que existam leis de proteção ambiental, não aparenta haver ações reais para solucionar o problema.

As imagens anteriores (Figuras 66 e 67) reforçam que o avanço da ocupação é um problema que está longe de acabar, ainda mais levando em consideração que não há um “planejamento humanizado” para solucioná-lo; a ideia inicial do governo local é a de retirar as famílias que ocupam as zonas limites do forte para outro local, o que vai na contramão de uma solução efetiva. Essa ação pode trazer efeitos reversos para a preservação, retirando pessoas que pertencem àquele local e que sequer foram ensinadas ou informadas da importância da região. De que maneira haverá um fortalecimento da identidade cultural destes cidadãos se eles não farão mais parte daquele local? É necessária uma análise crítica levando em consideração também as ponderações da população, e não as excluir do seu local de pertencimento.

Figura 68. limites do Forte de San Jerónimo



Fonte: Panamá (2018, p.34)

O jornal “ElCapital” traz uma notícia de 6 de outubro de 2021 sobre as alternativas de reassentamento da população que se encontra no Complexo Histórico Monumental de Portobelo e San Lorenzo. De acordo com o jornal ElCapital, o Ministério da Habitação e Ordenamento do Território (Miviot) apresentou três alternativas para o reassentamento (Quadro 19):

Quadro 19: Alternativas apresentadas pelo Miviot para o reassentamento para a população que reside no Complexo Histórico Monumental de Portobelo

1. Playa La Angosta, a 13 quilômetros da localidade, com 6,1 hectares de terreno no valor de 1,8 milhões de balboas e um investimento de desenvolvimento na ordem dos 3,1 milhões de balboas.
2. María Chiquita, a 16,2 quilômetros da cidade, com 2,8 hectares ao custo de 840.000 balboas e cuja urbanização contemplaria um investimento de 1,4 milhão de balboas.
3. El Cruce, a 8 quilômetros de distância, consiste em 6 hectares avaliados em 1,8 milhões de balboas e sua urbanização teria um investimento de 3,1 milhões de balboas.

Fonte: ElCapital (2021⁴², tradução nossa). Organizado pela autora, 2023.

O ElCapital (2021) cita que, após a aprovação de uma das propostas, a Miviot planejará o desenvolvimento de um conjunto habitacional com a construção de casas. É importante destacar que, embora seja uma proposta que visa a proteção e conservação do Conjunto Monumental Histórico, alguns pontos devem ser considerados.

Primeiro, é importante notar que o reassentamento da população do Complexo Histórico Monumental de Portobelo e San Lorenzo é uma medida necessária para proteger o patrimônio cultural da área. As fortificações existentes em Portobelo são um importante legado da história do Panamá e estão em risco de degradação, devido às atividades humanas e às mudanças climáticas. O reassentamento da população permitirá que os sejam restaurados e preservados para as gerações futuras.

Segundo, é importante considerar o impacto social do reassentamento. A população que vive no Complexo Histórico Monumental de Portobelo e San Lorenzo está há séculos na área e tem uma forte ligação com o local. O reassentamento será uma mudança significativa para essas pessoas, e é importante que o governo garanta que elas sejam devidamente apoiadas durante esse processo.

⁴² Disponível em: <<https://elcapitalfinanciero.com/presentan-alternativas-de-reasentamiento-para-portobelo-con-viviendas-del-plan-progreso/>>. Acesso: 13 de fevereiro 2022.

Terceiro, é importante considerar o custo financeiro do reassentamento. O governo do Panamá terá que investir uma grande quantia para construir as casas novas, fornecer os serviços públicos e apoiar a população durante o processo de reassentamento.

Conforme podemos observar, as ações tomadas pelo Governo a respeito da preservação e manutenção podem levar a consequências positivas ou negativas. Em visita de campo, uma das questões que chamou atenção é o forte de San Jerónimo parecer estar em abandono, carecendo de ações efetivas e imediatas para a resolução do problema relacionado à deterioração. Uma das perguntas realizadas para os agentes públicos e privados foi: *“Que ações o Governo está fazendo para manter e preservar o forte de San Jerónimo?”*

O Agente Público 1 enfatiza que, por se tratar de uma função do Patronato, são impedidos de tomar providências, ponto que nos chama atenção, pois, embora as atribuições sejam do organismo citado, sabemos da importância de haver uma parceria entre Governo local (Prefeitura), nacional (Ministério da Cultura) e o Patronato, três figuras essenciais para agir em prol do patrimônio em risco.

Volto e reitero, o Patronato nos mantém de mãos atadas, não podemos executar ações, quando queremos opinar ou desenvolvê-las no Conjunto Monumental Histórico, o Patronato não nos permite avançar porque supõe-se que são eles que têm que cuidar, desenvolver e prevalecer diante de todos os fortes, em sua totalidade (Agente Público 1, 2019, tradução nossa).

O Agente Privado 1 destaca a criação do Patronato, colocando como uma das ações efetivas para com o patrimônio, no entanto sugere que o governo não está fornecendo recursos suficientes para o Patronato atuar na manutenção e restauração da fortificação:

Bom, além da criação do Patronato de Portobelo e San Lorenzo, o Governo Nacional, em 2017, se não me engano, criou uma lei especial que garantisse ao Patronato uma entrada anual de 250 mil dólares para operar nos monumentos. O que então quer dizer que com 250 mil dólares, talvez fazendo um pouco de milagre, acelerar a manutenção e acelerar a restauração e consolidação dos fortes, tanto de San Lorenzo quanto do forte de Portobelo. Não é uma tarefa fácil, é uma área muito grande, mas bem, se querem fazer será como nós faremos (Agente Privado 1, 2019, tradução nossa).

O Agente Público 2 narra que uma das ações do Governo foi fazer um empréstimo com o Banco Internacional de Desenvolvimento (BID), para um projeto de intervenção nas fortificações, que inclui a estabilização do terreno. Além disso, cita o trabalho de manutenção preventiva realizado pelo Patronato:

Especificamente o de San Jerónimo, está incluído no empréstimo do BID, Banco Interamericano de Desenvolvimento [...]. A aprovação foi 13 de setembro de 2018. Há um ano e pouco, conta com o plano para a intervenção em todos os sentidos, incluindo a estabilização do terreno para que não continuem os deslizamentos. O projeto completo de conservação inclui San Jerónimo e San Fernando, então esses seriam os dois primeiros e estão identificados como os que têm maior urgência de intervenção. Fora isso, o Patronato continua seu trabalho de manutenção preventiva que ele faz atualmente nos fortes. Tudo o que faz é de acordo com a necessidade, com base em inspeções [...] (Agente Público 2, 2019, tradução nossa).

O Agente Privado 2 expõe ações relacionadas aos fundos para a manutenção do forte. Ele afirma que o financiamento é insuficiente para realização dos trabalhos de responsabilidade do Patronato, como a limpeza e outras ações pontuais: “Bom, atualmente o Patronato de Portobelo recebe fundos, recebe 200 mil dólares por ano do Ministério de Cultura para trabalhos de manutenção, mas os fundos são muito poucos para limpeza e algumas ações pontuais, que estão sendo feitas agora” (Agente Privado 2, 2019, tradução nossa).

No relato dos quatro agentes, podemos observar a atuação do Patronato de Portobelo e San Lorenzo, instituição encarregada da conservação e preservação das fortificações do lado caribenho, o que inclui o forte de San Jerónimo. Alguns pontos chamaram atenção ao analisar os relatos dos agentes: as restrições impostas pelo Patronato no que diz respeito às ações dos interessados em opinar ou desenvolver projetos no forte de San Jerónimo; os recursos financeiros destinados para as ações do Patronato para a manutenção e restauração das fortificações, em contrapartida as limitações financeiras e as intervenções nos terrenos realizadas com empréstimo do BID. Em resumo, as falas apresentam uma dinâmica complexa entre o Patronato, o Governo Nacional e os desafios financeiros na conservação das fortificações.

Os moradores da cidade de Portobelo foram questionados se “*Consideram que o forte de San Jerónimo é devidamente preservado pelo poder público?*” Dos vinte e seis entrevistados, quinze responderam que não e onze que sim.

Dentre os que citaram que o forte de San Jerónimo não é devidamente preservado, as principais queixas são: falta de atenção, falta de manutenção e conservação, falta de investimento e abandono por parte do governo.

O Morador 2 (2019, tradução nossa) comenta que: “Falta mais atenção, deveria dar mais atenção”. Já o Morador 3 diz que não está sendo bem preservado, trazendo um exemplo da infância sobre a deterioração da estrutura da fortificação apontando que nada foi feito a respeito: “Não. Porque há uma parede que quando eu era criança, uma ela caiu e nunca vieram, não

marcaram, não avaliaram e deixaram essa parede caída aí, mas o que eu sinto é que o Governo não faz nada porque essa parede devia ter sido reconstruída” (Morador 3, 2019, tradução nossa). Da mesma forma, o Morador 11 também afirma que não está sendo preservado e exemplifica com a atual situação do forte: “Bom, há muitos anos vendo o forte, vemos que está bastante em perigo, tem muros ruídos, tem muros prestes a ruir e os merlões estão corroídos pelo mar, as ameias sujas, estão corroendo os muros, está bastante perigoso” (Morador 11, 2019, tradução nossa).

O Morador 14 (2019, tradução nossa), com tom de indignação com a situação, conta que: “Definitivamente não. Porque está se deteriorando, dizem que não tem dinheiro [...]”. Já os Moradores 17, 20 e 24 asseguraram que não está conservado e que necessita de mais atenção por parte do Governo.

Os moradores que confirmaram que o Governo tem feito a sua parte no que diz respeito à preservação do forte de San Jerónimo não deram detalhes sobre a sua opinião.

Por fim, podemos analisar que existe uma problemática na gestão do forte. Por mais que exista um órgão responsável para tal (Patronato), não há uma aplicação eficaz nos planos de conservação, mas não podemos somente analisar por este lado, uma vez que o financiamento aparenta não ser suficiente para que esse planejamento seja seguido em sua completude. Além disso, o que se nota é a falta de integração das ações para com a sociedade, afinal de contas como podemos manter um patrimônio sem que seu povo, ao qual ele pertence, tenha sua parcela de participação, uma vez que o pertencimento é essencial?

6.3. Políticas de preservação patrimonial na cidade de Portobelo

Devido à importância dos bens patrimoniais, é necessária a adoção de políticas de preservação que compreendem a totalidade de sua extensão. Para isso, a implementação de projetos e atividades que possam manter e realizar a manutenção dos patrimônios se faz necessária. No entanto, para que estas contribuições surtam efeito e sejam legalizadas, faz-se necessário o uso de leis que caracterizem essas ações e imponham regras para sua adoção e completude, estas que já existem na atual conjuntura de Portobelo e do Panamá.

Conforme Santos (2010, p.156): “A preservação do patrimônio pode ocorrer por meio de uma série de ações, que abrangem desde atos administrativos até a tutela da obra pelo poder público, regimentados por atos legislativos, normalmente impondo critérios e restrições para o uso dos bens”.

Atualmente, duas leis regem a proteção dos bens culturais na cidade de Portobelo: a lei nº 68 de junho de 1941, que traz disposições relacionadas aos monumentos históricos, e a lei nº 91 de 1976, que regulamenta o Conjunto Monumental Histórico da cidade, conforme destacado no primeiro tópico deste capítulo.

As leis são instrumentos/ferramentas de base legal para a preservação do patrimônio, elas auxiliam na implementação de políticas públicas para conservação dos bens patrimoniais, pois apresentam parâmetros que regularizam os processos e atividades, que possuem o fim de realizar a manutenção destes locais. Os agentes públicos e privados que atuam nessa área foram questionados se *“Existem políticas públicas para a proteção e manutenção do forte de San Jerónimo”*.

O Agente Público 1 enfatiza que, embora o Ministério de Cultura seja responsável pela preservação do patrimônio histórico, não há políticas públicas específicas para o forte de San Jerónimo:

Bom, deveria ter. Políticas públicas não existem, mas o que é Patrimônio Histórico é o Ministério de Cultura que deve se encarregar. Cada Ministério tem um rol e uma função e cada Ministério tem que executar suas funções, nós como escritório da prefeitura ou como município não podemos executar o que já está planejado dentro da política de governo (Agente Público 1, 2019, tradução nossa).

Entretanto, em sua fala, é possível identificar que não há um real esforço por parte da prefeitura para que as políticas sejam aplicadas, apesar de sua total responsabilidade.

O Agente Privado 1 também afirma que não, porém têm sido realizados trabalhos de manutenção e restauração. O Agente ressalta em seu relato a falta de conscientização histórica e cultural, tanto por parte do município, quanto da população local sobre o forte:

Diretamente, não. Realmente o que nós estamos fazendo é nos dedicar a fazer trabalhos de manutenção e trabalhos de restauração. Falta então que haja uma conscientização por parte das autoridades municipais e dos habitantes sobre o que significou, o que significa San Jerónimo até hoje. E não somente San Jerónimo, mas o resto das fortificações (Agente Privado 1, 2019, tradução nossa).

O Agente Público 2 não deixa claro se há de fato a implementação de políticas, apenas afirmando que existe uma proteção por parte da constituição, realçando a necessidade da preservação: *“O forte de San Jerónimo, como está dentro do conjunto monumental, está protegido ao nível da constituição, é patrimônio histórico deve ser preservado pela conservação do local, está protegido por lei nacional, digamos”* (Agente Público 2, 2019, tradução nossa).

Já o Agente Privado 2 destaca que existem políticas públicas, mas apenas cita que o forte está protegido por lei: “Existe. Agora mesmo, o forte está protegido por lei. Há uma lei que protege o Castelo e o forte de Portobelo. [...] Por lei, está protegido. Por lei indica que o Estado deve dar os fundos necessários para sua conservação” (Agente Privado 2, 2019, tradução nossa).

É possível observar que existem vários problemas no que se refere à implementação de políticas públicas direcionadas à preservação do patrimônio, desde a questão financeira, à falta de interesse dos agentes públicos responsáveis pelo patrimônio. Ressalta-se que as políticas públicas são orientações criadas e destinadas a enfrentar problemas que afetam a sociedade como um todo (Secchi, 2013).

As consequências dessa problemática refletem principalmente na população local. Os moradores foram questionados se possuem informações sobre as políticas públicas e/ou ações por parte de instituições para com o forte: “*Você tem conhecimento de alguma política pública ou interferência de órgãos governamentais e não governamentais para preservação do forte de San Jerónimo? Se sim, poderia falar sobre?*” De modo geral, dos vinte e seis entrevistados, observou-se que quinze tem conhecimento e onze não.

O Morador 1 narra que há um plano de restauração realizado pelo Patronato Portobelo e San Lorenzo, mas não explanou muitos detalhes: “Bom, sei do trabalho de restauração que realiza o Patronato Portobelo e San Lorenzo, eles têm um plano de restauração que não sei se estão aplicando, mas sei que estão trabalhando nisso” (Morador 1, 2019, tradução nossa). Da mesma forma, o Morador 6 responde: “Bom, aqui há o Patronato que devem se encarregar agora mesmo de dar manutenção” (Morador 6, 2019, tradução nossa). O Morador 19 também aponta o Patronato como fundação que cuida da manutenção da fortificação: “Sim, há uma fundação que se chama de Portobelo e San Lorenzo. Eles se encargam de tudo, mais que tudo, de limpeza e renovar certas coisas que se destroem” (Morador 19, 2019, tradução nossa).

Assim como os moradores anteriores, o Morador 12 (2019, tradução nossa) discorre que: “Sim, há um Patronato Portobelo e San Lorenzo e a partir do empréstimo do Banco de Desenvolvimento Interamericano, o BID para que se conserte o forte”. O Morador 11 descreve sua resposta, apontando a lei de reconhecimento do Patronato pelo Governo panamenho como instituição responsável pela manutenção e proteção dos bens patrimoniais, porém não traz muitos detalhes em sua fala.

Bom, eles fizeram uma lei na qual eles deram reconhecimento ao Patronato de Portobelo e San Lorenzo, mas com o passar do tempo, como isso passa por

muitas mãos, do Governo, os fundos para o Patronato nunca chega, não saiu porque tem que passar pela Procuradoria Geral e todas essas coisas, são tantas que não chega o dinheiro (MORADOR 11, 2019, tradução nossa).

Analisando as entrevistas com os moradores de Portobelo, podemos identificar que há uma carência de informação a respeito de políticas de proteção do patrimônio e, quando há o conhecimento, a fala dos entrevistados demonstra que não há aparente movimentação da parte do poder público para que essas medidas sejam tomadas, apontando apenas a criação do Patronato Portobelo e San Lorenzo.

Ainda em análise às entrevistas supramencionadas, principalmente dos agentes públicos e privados, pode-se compreender que, por mais que existam leis para proteção dos bens, muitas vezes não existem agentes fiscalizadores para que estas sejam devidamente aplicadas no âmbito de sua existência, ou seja, isso leva a crer que falta um interesse genuíno na aplicação de políticas de preservação para o patrimônio cultural em perigo. É necessária a intervenção destes agentes, uma vez que só por meio de normas podemos alcançar êxito na preservação de toda a extensão do patrimônio.

6.3.1. Planos/Projetos de preservação patrimonial do forte de San Jerónimo: existência ou inexistência?

A ideia de se preservar o patrimônio histórico nos leva a procurar potenciais soluções para os problemas estruturais. Dessa forma, é natural que surjam, no decorrer da análise da situação dos bens patrimonializados, planos e projetos com atividades que possam corroborar com a finalidade proposta.

Sem que haja uma organização, não há como progredir com a proteção do patrimônio, pois se considera necessária a adoção de um planejamento para que, de forma gradual, os ideais de uma eventual solução possam se concretizar. É nesse planejamento que se deve discutir a relevância de cada indivíduo no processo, levando em consideração que cada um é responsável pela mudança, seja ele o governo, a população local ou até mesmo o visitante, todos têm um papel fundamental na aplicação de um planejamento de proteção, podendo assim propiciar o avanço ou a regressão nas melhorias propostas.

Pelo estado atual de conservação que o forte de San Jerónimo se encontra, buscamos informações sobre os planos e/ou projetos direcionados à sua preservação com os agentes públicos e privados responsáveis por essa área. Neste sentido, fizemos o seguinte

questionamento: “*Existe algum plano e/ou projeto que visa a proteção do forte de San Jerónimo?*”

O Agente Público 1 não deu muitas informações a respeito, apenas comentou que solicitou uma cópia para o Patronato dos planos que a instituição tem para o forte: “[...] quero enfatizar que, até a data, nós como município, pedimos ao Patronato de Portobelo e San Lorenzo que nos forneça uma cópia do que supostamente eles vão estruturar no forte. Até a data, não posso falar muito sobre isso porque não tenho nada nas mãos” (Agente Público 1, 2019, tradução nossa).

O Agente Público 2 mencionou que há um plano para intervenção que se trata especificamente de um projeto de conservação para o forte de San Jerónimo:

Conta com um plano para intervenção em todos os sentidos [...], foi aprovado em 2018 é o mais recente e que existe uma proposta integral de conservação. É o mais recente e mais completo, que foi apresentado aqui [INAC] acredito que começaram a apresentá-lo desde o início de 2018 e a aprovação final foi em setembro de 2018.

Durante visita ao antigo INAC, no ano de 2019, tivemos acesso ao anteprojeto do plano mencionado pelo Agente Público 2 e à resolução que o aprovou. Consta na resolução nº 292-18/DNPH de 13 de setembro de 2018 que o plano intitulado “*Levantamento Diagnóstico e conservação da Bateria de San Jerónimo*” foi elaborado pelo arquiteto Félix Durán Ardilla e que, antes de realizar as intervenções propostas nas estruturas da fortificação, o responsável deverá realizar estudos arqueológicos, sendo necessária a aprovação pela Direção Nacional do Patrimônio Histórico (DNPH).

O plano em questão se trata de um projeto de intervenção no forte de San Jerónimo. Ele propõe oito objetivos a serem alcançados, que visam especificamente o melhoramento da estrutura do forte (Quadro 20).

Quadro 20. Objetivos do projeto de intervenção do forte de San Jerónimo

Objetivos do projeto
1) Proteger a Bateria de São Jerónimo do impacto das ondas
2) Interromper os assentamentos causados pela capacidade de suporte deficiente do solo da Bateria de San Jerónimo.
3) Consolidar e proteger a parede leste, adjacente ao desfiladeiro da Guiné
4) Recuperar a leitura dos elementos que compõem a fortaleza, principalmente aqueles que lhe conferem o caráter de arquitetura militar.
5) Consolidar as paredes e estruturas de alvenaria que integram o edifício.
6) Eliminar os elementos discordantes que afetam a interpretação do edifício.
7) Melhorar o comportamento do sistema de drenagem de águas pluviais da fortaleza.
8) Restaurar a pavimentação original da rampa de acesso ao reduto e consolidar a estrutura da mesma.

Fonte: Ardilla (2017, p.12) Nota: Organizado pela autora, 2019.

O projeto propõe tarefas a serem realizadas no forte de San Jerónimo: “Ações que contribuem para a interpretação dos diferentes espaços que bateria dispunha; Sustentação de paredes e fundações, consistindo em trabalhos destinados a melhorar a capacidade de suporte do solo, interromper assentamentos diferenciais e consolidar as paredes; Consolidação e conservação das estruturas de alvenaria” (Ardilla, 2017, p.12, tradução nossa).

O Agente Privado 2 também cita o projeto arquitetônico de intervenção anterior: “Há um projeto de intervenção. “[...] é um plano arquitetônico dos trabalhos de consolidação que devem ser feitos no forte. A consolidação dos muros, as linhas, as novas portas para poder fechar o local à noite para que não entrem [...]” (Agente Privado 2, 2019, tradução nossa).

Na sede do antigo INAC, tivemos acesso à resolução n° 201-15/DNPH de 28 de setembro de 2015, no qual descreve outro plano de ação, também relacionado à estrutura do Forte de San Jerónimo. A resolução descreve que se trata de um plano de canal pluvial aberto, injeção de resina, quebra-mar de proteção e dreno francês do forte (Panamá, 2015).

A proteção do patrimônio cultural é uma política que deve ser pensada e realizada de forma coletiva, envolvendo a comunidade e os diversos atores sociais. No entanto, muitas vezes, essa política é realizada de forma discricionária, por uma pequena parcela da sociedade, que impõe seus próprios critérios técnicos (Scifoni, 2016). Neste sentido, perguntamos aos agentes públicos se *“Dentro das instituições de ensino, existe alguma conscientização a respeito da preservação do forte de San Jerónimo? Se sim, como é feito? Se não, existe algum projeto para implantação?”*

Na fala do Agente público 1, é possível perceber que não há planos e/ou projetos, porém declara a vontade de implementar uma disciplina em parceria com o MEDUCA que contemple cultura e história para que os estudantes possam aprender a história e o valor das fortificações, além do potencial que Portobelo possui:

Bom, na parte educativa queremos explorar, através do MEDUCA, que é o Ministério da Educação, queremos que possa implementar uma matéria que inclua cultura ou história, para que os estudantes, as crianças que vêm de baixo possam executar e possam ir aprendendo o valor que tem cada forte, a história que tem, o potencial que tem Portobelo e assim mesmo, não esperar que deixem isso passar [...]. Não podemos perder a oportunidade que temos, que nos está dando a Unesco, [...] e o que queremos é preservar o que é a cultura e a história (Agente Público 1, 2019, tradução nossa).

Já o Agente Público 2 alega que antes existiam planos específicos para trabalhar a conscientização nas instituições de ensino de nível primário, mas que não houve um programa para isso. Além disso, cita que o Patronato poderia trazer algum tipo de proposta de inclusão nas escolas, o que não ocorria até então.

Há, o Instituto Nacional de Cultura, seu conselho eletivo anterior porque agora como está, é um mistério. Anteriormente o conselho eletivo era presidido pelo Ministério da Educação, que tinham planos específicos para trabalhar com as instituições de ensino a nível da escola primária, secundária, não. [...] um programa específico, não. Creio que pode ser proposto pelo Patronato, fazer como uma jornada de educação dentro das escolas do distrito ou algo assim, mas atualmente em andamento, não. Atualmente em andamento, não. Podia ser uma iniciativa também (Agente Público 2, 2019, tradução nossa).

O Agente Privado 1 cita que houve uma iniciativa privada em uma das escolas, onde foram realizadas palestras que apresentavam a história dos fortes e a importância do patrimônio, em que uma boa quantidade de jovens havia se interessado, mas ressalta que não existe um programa, devendo-se criar algum para realização de aulas na estrutura dos bens culturais para que todos pudessem conhecer diretamente a história. Algo que, segundo ele, nunca foi aplicado, mas que seria de grande importância para trazer conhecimento aos alunos:

Não diretamente. Há aproximadamente 3 anos, houve uma iniciativa de nossa parte [...] e está ocorrendo na Escola Jacoba, foram feitas 2 ou 3 palestras relacionadas à história dos fortes e também foi colocado que era patrimônio. Explicou o sentido do que era patrimônio humano, o que era patrimônio, como se chama, [...] qual era patrimônio material da humanidade, esses tipos de conceitos, então alcançou uma boa quantidade de jovens durante esse momento, porém não existe um programa que convide ou que faça com que, por exemplo, tanto os professores quanto os alunos, por exemplo, deem aula em um castelo, em um forte. Isso seria o ideal, que o professor de História ou o grupo de professores permitisse ao Patronato ou alguma pessoa que tenha conhecimento que os ensine as partes do forte, o que é merlão, o que é uma troneira, o que é um baluarte, coisas desse tipo, ou seja, se você não conhece, não quer. Para se apaixonar por alguém, você tem que conhecer esse alguém,

para se apaixonar por San Jerónimo, tem que conhecer o San Jerónimo e vê-lo no tempo e no espaço [...] (Agente Privado 1, 2019, tradução nossa).

O Agente Privado 2 afirma a existência de um programa educacional destinado a levar crianças para visitar a fortificação. No entanto, a principal razão pela qual não estão sendo realizadas mais atividades em Portobelo não é por falta de vontade, mas devido à limitação de recursos financeiros:

Nós temos um programa educativo para levar as crianças. Veja, o assunto principal, porque não se faz nada em Portobelo, não é porque não se queira. É porque para fazer coisas, precisa de dinheiro. [...] o programa educativo para levar crianças, precisa de dinheiro. Nós levamos crianças, mas não podemos levar todas as crianças. Em vez disso, pegamos crianças de diferentes escolas, de escolas menos favorecidas. Não estou falando de Portobelo, estou falando de crianças de toda a província (Agente Privado 2, 2019, tradução nossa).

Observa-se que os atuais projetos citados pelos agentes públicos e privados são focados na manutenção e conservação do bem, o que, à primeira vista, parece representar uma solução paliativa. É necessário que os esforços sejam direcionados à resolução definitiva dos problemas, pois, analisando o histórico, podemos visualizar que não houve significativas melhorias com o passar dos anos.

Outra questão importante é a adesão da população ao planejamento, pois o que se vê é que, por mais que os projetos tenham uma boa representação do que é necessário, pouco incluem população e visitantes; é necessário que estes sejam incluídos, tamanha a importância de sua representação no âmbito da preservação e reconstrução da história local. Entrando nesta questão histórica, é também relevante citar a demanda de projetos educacionais estruturados, estes que devem fazer parte da formação das novas gerações que, com o ensino sobre suas raízes e conhecimento de sua história, podem acrescentar força à preservação do patrimônio.

6.4. O papel das instituições de ensino na preservação do patrimônio da cidade de Portobelo

Um dos pontos a serem destacados é a relevância do patrimônio no contexto histórico não só da cidade de Portobelo, mas de todo o Panamá; o conjunto de fortificações faz parte da essência da independência e de um ciclo de luta pela (re)conquista do território. Mas, para quem vive em Portobelo e convive diariamente ao lado do forte de San Jerónimo, a importância da educação na preservação desse patrimônio histórico se torna ainda mais evidente.

Conforme citado na primeira seção desse trabalho, Portobelo possui duas escolas: uma de nível pré-escolar e primário e outra para secundário (com extensão universitária). As escolas são espaços de fundamental importância para a construção de debates a respeito do valor patrimonial. Pensando nisso, buscamos informações com os educadores locais para entender como ambas as instituições têm tratado sobre o tema no ambiente de ensino. Primeiramente, perguntamos: *“Na escola é ensinado sobre a importância da preservação patrimonial?”*.

O Professor 1 da escola relata que as escolas seguem o cronograma de conteúdos que são enviados pelo Ministério da Educação (MEDUCA). Dessa forma, eles não tratam sobre o assunto abordado, porém os educadores trabalham como tema transversal, ou seja, integrado às disciplinas ofertadas:

Bem, diretamente no programa de estudos, é colocado aos docentes que manda o Ministério da Educação, não há um ponto específico onde se trate sobre o ensino da importância da preservação do patrimônio, mas aqui os professores colocam como transversais, como informação do momento, mas não como sistema educativo, não se maneja (Professor 1, 2019, transcrição nossa).

O Professor 2 afirma que o cronograma de conteúdo do MEDUCA engloba a importância de Portobelo no período colonial. Embora o assunto se relacione com a importância da preservação do patrimônio, o perguntado não deixou claro de que forma esse assunto é abordado: *“Sim, ensina já que o programa do MEDUCA tem temas sobre o que é a importância de Portobelo no período colonial”* (Professor 2, 2019, tradução nossa).

A narrativa de ambos os professores reforça a ideia de que o sistema de ensino precisa de melhorias. Há uma padronização de conteúdos que desconsidera assuntos importantes de serem trabalhados com a comunidade escolar, como é o caso da preservação patrimonial, que poderia ser inserida nos ensinamentos de geografia e/ou história, mas para isso é necessária uma reformulação que considere não só o que as autoridades da área de ensino impõem como relevante, mas também a comunidade local.

Seguindo a mesma linha de pensamento, o Professor 3 narra que a abordagem sobre o tema questionado depende de cada professor. Ele menciona que, por ética profissional e por ser da área de história, ensina aos estudantes sobre a preservação patrimonial, mas que a sociedade não dá valor:

[...] Sou professor de História do Panamá na Centro Educativo Jacoba Urriola Soles, nível primeiro, de 12 a 15 anos. A pergunta sobre se ensina na escola sobre a importância da preservação do Patrimônio, lamentavelmente bem, isso vai de cada professor, eu sou professor de História e por ética, estando em um

povoado como Portobelo, que tem muita história, produto do que foram os fortes coloniais como o da Alfândega e a história do Cristo Negro é por regra de três que tenho que falar aos estudantes sobre a importância de preservar o Patrimônio Histórico, mas, lamentavelmente, há um problema de cultura, de sociedade, porque sem dúvida se não se cultiva [...] sobre o que representa toda essa história para o povo, por mais que um faça um trabalho na escola, o estudante só está 6 a 7 horas no colégio, mas quando vai para casa e seus pais não o incentivam nessa parte também, sem dúvida que o reforço que dará está aí (Professor 3, 2019, tradução nossa).

O professor 3 reforça que atualmente a responsabilidade de ensinar os alunos sobre a importância da preservação do patrimônio recai sobre os professores, mas que poderia ser papel também dos pais que não incentivam os filhos a aprenderem sobre a história e sobre o patrimônio do país.

Os professores 4 e 5 esclarecem que, por serem professores de séries iniciais, o tema não é ensinado para as crianças: “Bem, na escola onde trabalho não damos essa importância à preservação do Patrimônio já que nesta fase do primário não enfatizamos essa parte [...] porque nosso sistema de ensino não possui esses conteúdos” (Professor 4, 2019, tradução nossa).

Professor 5:

Bom, depende do nível em que se encontra o estudante. As crianças que estão entre o primeiro e segundo grau, segundo o programa, não têm até esse nível de estudo, então isto, nós, pelo menos no nível destas crianças, que é o primeiro grau, no meu caso, ensinamos sobre tudo o que é a comunidade, o distrito, como foi sua fundação, quem fundou [...], mas em si, o que é preservação de Patrimônio neste nível de ensino, não (Professor 2, 2019, tradução nossa).

Analisando as falas de educadores locais, importa destacar que não há um planejamento a respeito da transmissão do conhecimento sobre o forte; apesar do ensino sobre a história e a sua importância, não há um processo de inserção gradual do conhecimento para as diversas faixas etárias, assim como cada educador apresenta o patrimônio de uma forma distinta, muitas vezes não levando em consideração que ele está listado na Lista de Patrimônio Mundial em Perigo, conforme podemos visualizar na fala dos sujeitos em questão quando questionamos se “*É ensinado que a cidade de Portobelo possui um Patrimônio Mundial da Humanidade declarado pela Unesco e que está em Perigo? Se sim, como isso acontece?*”.

Dos cinco educadores entrevistados, dois responderam que não. O Professor 1 afirma que não é ensinado, apenas são feitos comentários: “Não. Pode-se fazer comentários, abordando de forma transversal, em dado momento em que surgir o tema no momento da conversa, mas não como uma aula não [...]”. O professor 5, enfatiza que falta atenção das autoridades locais

responsáveis pela conservação e proteção dos bens culturais, e reforça que a própria comunidade não dá a devida importância:

Não. Há bens que estão em perigo que se deveria conservar, mas nossos governos não dão muita importância nesta parte desses patrimônios que se deveria conservar para que a História não se perca e isto acontece porque, mais que tudo, a mesma comunidade não dá ênfase a esta parte do patrimônio para mantê-lo e declará-lo a nível mundial e que os demais o reconheçam. Se escuta o nome de Portobelo, mas na realidade só pela festa do Cristo Negro de Portobelo, mas os patrimônios, as estruturas, desde muitas décadas atrás, não estão sendo conservados como deveriam conservar (Professor 5, 2019, tradução nossa).

Os professores 2,3 e 4 declararam que ensinam que a cidade possui um bem declarado Patrimônio Mundial e ressaltam que não é dado o devido valor. De acordo com o Professor 2: “Sim, se ensina que em Portobelo há um Patrimônio declarado pela Unesco, mas que não se dá o valor que deve ter”.

O Professor 3 alega que é ensinado, mas que, para as séries para que ele ministra aulas, não, porém são feitos comentários sobre o tema em sala de aula:

Sim, [...] no terceiro em diante terceiro, quarto, quinto. Aqui que é um nível baixo não, aqui no nível há pelo menos comentários quando damos comentários do tema do que é minha comunidade, do que é Portobelo, meu distrito que é Portobelo também se dá a explicação que Portobelo é um Patrimônio da Humanidade, mas não dizemos que está em perigo ou não está em perigo (Professor 3, 2019, tradução nossa).

O Professor 4 expõe que, enquanto discente da disciplina de História, precisa trabalhar o tema com seus alunos. Traz uma reflexão sobre a importância da história de Portobelo e a necessidade de os professores de história discutirem isso com seus alunos. O professor argumenta que Portobelo é um lugar importante na história do Panamá e que seus alunos devem ser conscientizados de sua importância, já que a mentalidade da sociedade de Portobelo é um problema e que os cidadãos de Portobelo precisam ser mais cuidadosos com o que têm:

Sem dúvida nós professores de História temos que conversar sobre isso com os estudantes. Na História do Panamá se ensina os quatro períodos da história e um tem que ver como cada um desses quatro períodos, relacioná-los a importância de Portobelo está praticamente na época colonial e é bastante material para cobrir, por isso que é difícil, é um problema que há no sistema educativo panamenho, mas sem dúvida alguma, tem que comentar essa parte com os estudantes, mas como comentei, tudo está em si, na mentalidade da sociedade que há em Portobelo, porque lamentavelmente o cidadão de

Portobelo não cuida do que tem e se não há essa parte de cultivar em toda a população, em geral, tudo será em vão (Professor 4, 2019, tradução nossa).

A educação desempenha um papel fundamental na conscientização da população local e dos visitantes sobre a significância cultural e histórica do forte de San Jerónimo. Ao promover programas educacionais que incluam informações sobre a construção do forte, sua função estratégica durante os séculos passados e seu papel na defesa do território, os indivíduos passam a entender que aquele local não é apenas uma estrutura antiga, mas um testemunho vivo de momentos cruciais da história do Panamá. Neste sentido, questionamos os professores: *“Sobre a proteção e preservação, é feita essa conscientização? Como?”*

O relato do Professor 1 remete à ideia da importância da educação ambiental para a conservação do patrimônio, expondo que é trabalhado o manejo de lixo para além da escola:

Aqui na escola trabalhamos muito o que é, com os alunos, o manejo do lixo na escola, na sala de aula, nas suas casas, na cidade inteira, como devem manejar o lixo, não ter lixo no corredor, nas ruas e com isso, creio que também estejamos abordando o que é a conservação de todo o patrimônio, certo? (Professor 1, 2019, tradução nossa).

O Professor 2 assegura que é feita a conscientização, mas que falta ação por parte dos estudantes e da própria população: *“Sim. é como se fizéssemos uma tomada de consciência, mas que não fosse seguida [...]. Não sei por que, mas parece que os estudantes e a população não exigem seus direitos ao Governo [...]. Elas simplesmente aceitam as coisas como estão”* (Professor 2, 2019, tradução nossa). No mesmo sentido da resposta do Professor 2, o 3 responde que às vezes os visitantes são mais conscientes sobre a proteção e preservação do patrimônio que a própria população local:

Bom, muitas vezes o povo não toma consciência, às vezes os visitantes sim tomam consciência. Eles mantêm a área limpa, tiram foto, então vemos que as pessoas estão percebendo isso e como que ressalta à comunidade o que é Patrimônio através das pessoas se são os visitantes que sempre fazem (Professor 3, 2014, tradução nossa).

O Professor 4 e 5 respondem que não é feita essa conscientização, o primeiro justifica com base nas autoridades, que não dão a devida importância na preservação e proteção ao patrimônio, o segundo ressalta que não se trabalha a questão da conscientização por conta do cronograma que deve ser seguido do MEDUCA.

Lamentavelmente não há tomada de consciência nem das autoridades nem dos indivíduos, o governo tentou preservar o Patrimônio, mas isso deve ser constante. Se restaura, mas não há manutenção, lamentavelmente essa é a realidade, não há manutenção realizada por parte das autoridades e os Governos não prestam atenção e mesmo o indivíduo não dá importância, é verdade que não haverá consciência e essa é a realidade atual de Portobelo, não há consciência a respeito do que é proteção e preservação do Patrimônio Histórico e Cultural (Professor 4, 2019, tradução nossa).

Creio que não se faz essa parte, não se toma consciência do que temos [...]. Não temos aqui na escola por motivos, já te disse, pelo sistema. O sistema tem que seguir o programa que do nosso Ministério da Educação (Professor 5, 2019, tradução nossa).

Sabe-se que a educação permite que as gerações mais jovens desenvolvam um senso de identidade cultural e uma *conexão afetiva* com o patrimônio histórico de sua região. Ao incluir a importância dos bens culturais, como é o caso do forte de San Jerónimo, nos currículos escolares, as escolas incentivam os estudantes a se interessarem pela história local e se tornarem defensores da preservação, valorizando o legado deixado por seus antepassados.

Outro aspecto relevante é que a educação desencadeia a curiosidade intelectual e estimula o pensamento crítico. Ao aprender sobre a história do forte e sobre o contexto em que foi construído, os indivíduos começam a fazer perguntas, a investigar e a buscar informações adicionais. Esse processo intelectual leva à valorização do patrimônio histórico, pois quanto mais se conhece e se compreende a importância do forte de San Jerónimo, mais se deseja protegê-lo para as gerações futuras.

Analisando o contexto sob a ótica estudantil, é importante também citar que as novas gerações, conhecendo sua história e importância, podem transferir este conhecimento não só para a posteridade, mas aflorando o sentimento de pertencimento das gerações antigas, que, há muito, perderam ou deixaram de dar a devida relevância ao passado que está ali representado.

É necessária a atenção no ensino sobre suas raízes, pois o fortalecimento desse vínculo não só irá transmitir significado, mas trará para o patrimônio a identidade cultural que precisa ser resgatada. É a partir daí que a população pode despertar para a busca de soluções em conjunto com as autoridades locais. É aqui onde surgirá o devido respeito àquilo que hoje não é relevante para o indivíduo.

A educação também tem o poder de despertar o interesse pelo turismo cultural responsável. Visitantes bem-informados são mais propensos a apreciar a riqueza histórica do forte e a respeitar as medidas de conservação. Isso cria um círculo virtuoso, em que o turismo

se torna uma fonte de renda para a comunidade local e, por sua vez, incentiva a preservação do patrimônio, garantindo que as futuras gerações também possam desfrutar dessa herança.

Ainda sobre este ponto, é importante que o patrimônio seja cuidadosamente preparado para tal situação, não dependendo apenas da educação local, mas da participação de todos os responsáveis legais pela conservação atual do forte, criando de forma crítica um planejamento para a abertura total do espaço para o turismo. É fundamental, porém, seguir as leis já impostas para a preservação, analisando, por exemplo, casos de sucesso na implementação de projetos semelhantes. Nesse sentido, perguntamos aos professores em visita de campo: *“A escola promove debates a respeito do problema de políticas públicas de proteção ao patrimônio?”*.

Os professores 1, 2 e 4 responderam que não. Os três professores concordam que não há ênfase nos debates dentro do ambiente escolar sobre as políticas públicas que tratam da proteção do patrimônio:

Não. Na verdade, porque não temos esse espaço para fazer isso, mas seria bom [...] fazer mais essa abordagem com os políticos, os representantes e colocar também outras coisas que eles devem saber desde já (Professor 1, 2019, tradução nossa).

Não. Isto cheguei há dois anos ao colégio como professora e não vi até agora que tenha sido realizado (Professor 2, 2019, tradução nossa).

Não, lamentavelmente, isso não se dá, não se chega a este nível no colégio e deve ser fundamental, mas na verdade o nível intelectual e cultural das pessoas aqui, há um pouco que me importa com o que com o que têm e na verdade eu não posso fazer os comentários com os estudantes, mas na verdade sim, me importa um pouco a sociedade, é muito difícil isso, um por falta de tempo dos horários de aula dos professores, porque lamentavelmente os horários são muito pesados e isso acaba com o tempo para outros assuntos e o outro é porque na verdade, os estudantes, assim como o resto da sociedade de Portobelo, não dá importância a algo que deve ser primordial e que devem cuidar para que as futuras gerações sigam desfrutando (Professor 4, 2019, tradução nossa).

Já o Professor 5 disse que faz o comentário com os colegas de trabalho, porém com os estudantes não: *“Com os estudantes, não. Com os colegas fazemos comentários, podemos conversar, mas diretamente com os estudantes não tomamos conta dessas Políticas Públicas (Professor 5, 2019, tradução nossa). Diferente dos Professores anteriores (1, 2, 4 e 5), o 3 respondeu que, no colégio que abrange o nível secundário, sim, o debate é realizado com os alunos: “[...] aqui contamos com primário, no colégio são as crianças maiores, com eles se promovem esse tipo de atividade (Professor 3, 2019, tradução nossa).*

A análise dos discursos dos sujeitos entrevistados reafirma que a educação desempenha um papel crucial no desenvolvimento de uma consciência coletiva sobre a importância da preservação do patrimônio histórico. Através de campanhas de conscientização e programas educativos, as pessoas se unem para proteger o forte de San Jerónimo, percebendo que a preservação vai além de interesses individuais, refletindo o desejo de preservar a identidade cultural e histórica do Panamá como um todo.

Em suma, a educação é a base para a preservação do forte de San Jerónimo em Portobelo. Através do conhecimento, conscientização e valorização de sua história, a comunidade local e os visitantes se tornam protetores desse importante patrimônio, assegurando que as próximas gerações possam apreciar e aprender com essa parte vital da história panamenha. É imprescindível que a população seja devidamente informada sobre o patrimônio histórico, ensinada sobre suas raízes, e como ela pode fazer parte daquilo que foi escolhido para representar fisicamente o passado, pois, sem que este elo seja devidamente compreendido, a representação do patrimônio histórico perde seu valor real para o indivíduo, que não fez parte direta da decisão de escolha daquilo que de fato representa seu passado.

Portanto, investir em programas educacionais é essencial para garantir a proteção e a continuidade do forte de San Jerónimo como um tesouro cultural e histórico para o presente e para o futuro, uma vez que o valor real só se torna existente quando é acolhido e compartilhado pela coletividade, por aqueles que fazem parte do presente e dos que farão parte do futuro, que têm o direito de compreender suas raízes e ligações e, com isso, trazer consigo o sentimento de pertencimento. Conseqüentemente sua inserção na importante faceta de preservar seu legado histórico.

SEÇÃO 7. PROPOSTA METODOLÓGICA DE ATIVAÇÃO DO POTENCIAL DE PRESERVAÇÃO DA FESTA DO CRISTO NEGRO



Nota: Participantes da festa do Cristo Negro nas imediações do forte de San Jerónimo em Portobelo, Panamá.
Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

7.1. A representação social da festa do Cristo Negro

As representações sociais surgem da interação entre um mundo já estabelecido (o mundo objetivo) e um mundo em constante evolução (o subjetivo). O primeiro corresponde à realidade tangível e concreta (sua essência), enquanto o segundo refere-se à interpretação que atribuímos a essa realidade, podendo ser disseminada e compartilhada dentro do grupo social ao qual pertencemos (a visão coletiva que construímos sobre ela).

Para Moscovici (2015, p.16), “[...] as representações sociais são a forma de criação coletiva [...]”, que perpassa para a escala individual e se relacionam a partir das ações geradas pelos sujeitos. O senso comum torna-se uma cadeia que faz fluir a comunicação entre os sujeitos, é como se todos falassem a mesma língua sobre os significados atribuídos a determinados objetos (Moscovici, 2015).

A festa do Cristo Negro é uma das celebrações religiosas mais importantes e (re)conhecidas do Panamá. Ela acontece anualmente e atrai milhares de pessoas e devotos de todo o país. A festa é um momento de restauração da fé e de união entre os diferentes grupos étnicos que compõem a população panamenha. A imagem do Cristo Negro é uma representação do sincretismo religioso que existe no Panamá, uma fusão entre o catolicismo e os costumes africanos.

Quando se trata de representação social, os significados atribuídos à festa variam conforme a perspectiva de cada indivíduo ou coletivo que a interpreta. Durante esse período, uma diversidade de pessoas se reúne, incluindo residentes, organizadores e peregrinos, alguns vindos de outros países, o que mostra que a festa transcende, portanto, tanto o âmbito religioso quanto o cultural.

Jodelet (2015) afirma que as representações sociais são atividades cognitivas que envolvem a construção e expressão de significados sobre o mundo. Elas são produtos do pensamento social que são compartilhados por grupos de pessoas e podem influenciar o comportamento e as decisões individuais.

Conforme citado na primeira sessão deste trabalho, um dos pontos levantados por grande parte dos moradores e participantes da festa fala sobre a origem do Cristo Negro, que data de um período de exploração em que, segundo contam, a imagem foi encontrada às margens do litoral, sendo folcloricamente citados diversos fatores, desde uma doença que a imagem curou depois de encontrada, à tormenta dos mares, que só cessou após o navio, que citam estar de passagem, deixar a imagem na costa litorânea da região de Colón. Este conto permeia a festa e representa o imaginário que é passado por gerações e que pode ser tratado como um dos pilares da cultura que origina o Cristo Negro.

A festa do Cristo Negro estabelece uma conexão de identidade que se fortalece durante o período em que ocorre, especialmente para aqueles que participam regularmente. Esses indivíduos engajam-se em diversas manifestações de devoção, desempenhando um papel fundamental na formação e desenvolvimento da celebração.

A representação social reside na esfera religiosa, partindo da premissa de que os participantes buscam, sobretudo, reavivar sua fé e espiritualidade, transcendendo suas experiências individuais, e aproximando-se por meio de uma coletividade de crença. Este é o momento em que a devoção ao santo fortifica os laços de fé, materializa graças pessoais e efetiva proezas penitenciais, como as diversas formas de peregrinação. Tais elementos, somados ao contexto histórico da presença do Cristo Negro, erguem o vínculo espiritual que preserva a tradição viva até os dias atuais.

Neste sentido, “as representações sociais emergem, não apenas como um modo de compreender um objeto particular, mas também como uma forma em que o sujeito adquire uma capacidade de definição, uma função de identidade, que é uma das maneiras como as representações expressam um valor simbólico” (Moscovici, 2015, p.20-21). Elas são construídas a partir da história, das experiências e das práticas dos indivíduos e dos grupos sociais (Jodelet, 2015).

As Representações Sociais são construções subjetivas sobre um objeto e não como ele fisicamente é. A festa do Cristo Negro representa as crenças e valores enraizados na população portobelenha, afirmando sua identidade cultural e histórica. Como símbolo de fé, o Cristo Negro é repleto de significados, unindo culturas e tradições.

Em visita de campo no ano de 2019, no intuito de entender o significado e a representatividade da festa do Cristo Negro para os moradores de Portobelo, foi realizado o seguinte questionamento: *O que a festa do Cristo Negro significa para você?* A maior parte dos vinte e cinco moradores entrevistados relatou que a festa representa um ato de fé, devoção, crença e tradição. Apenas um respondeu que a festa não possui significado algum.

O Morador 1 descreve que “É uma devoção, um sacrifício e é de grande valor religioso” (Morador 1, 2019, tradução nossa). Já o Morador 2 responde: “Para mim, para minha mãe, meu pai, minha família, eu creio na festa, eu creio no Cristo. É uma crença que praticamente todos nós temos na mente [...]” (Morador 2, 2019, tradução nossa).

O Morador 3 cita que a festa possui múltiplos sentidos, incluindo aspecto religioso, e outros sentidos que variam dependendo da pessoa: “Bom, tem vários sentidos porque tem o sentido religioso, para outros tem outro sentido, mas, para mim, é uma festa religiosa que une os cristãos, que vêm pelas suas promessas, para cumprir suas promessas, muita gente que caminha e caminha ajoelhada e todos vêm cumprir sua promessa feita” (Morador 3, 2019, tradução nossa). No mesmo sentido, o Morador 6 (2019, tradução nossa) destaca que: “Para mim significa muitas coisas, como posso dizer? Na festividade do Cristo, aonde todo mundo vai lá, reza, pede por todos os seus pedidos. Assim, para mim, é algo grande”.

Podemos observar que a festa carrega um peso importante em termos de significado e emoção. A menção das respostas anteriores sobre o ato de participar da festividade, rezar e fazer pedidos ressalta a dimensão religiosa da celebração.

O Morador 9 expressa uma conexão entre a festa e os milagres, ele conta que: “A festa do Cristo Negro, para mim, é um dia em que celebra o tempo e os milagres” (Morador 9, 2019, tradução nossa). Para o Morador 10 (2019, tradução nossa): “Significa algo religioso”. No mesmo sentido, o Morador 11(2019, tradução nossa) relata que: “O Cristo Negro significa, para mim, como dizer, uma devoção [...]”. O Morador 14 (2019, tradução nossa) narra que: “A festa do Cristo Negro me diz muito de minha pessoa e minha família, sou crente fiel dele já que nasci e vivo, sou católica, vou sempre à igreja [...]”.

Esses diferentes relatos apresentados mostram como a festa do Cristo Negro é percebida sob várias lentes: como celebração histórica, expressão religiosa, símbolo de devoção e até mesmo como um elemento intrínseco à identidade pessoal e familiar. Essas perspectivas complementam a compreensão geral do significado e da importância da festividade.

A tradição é vista como um elo que conecta o passado, o presente e, possivelmente, o futuro da comunidade. Os Moradores 17, 21 e 23 citam que a festividade significa tradição:

“Para mim, a festa do Cristo Negro significa, como disse, tradição. Já temos há tanto tempo que estamos nisto, temos muitíssimo tempo de estar vivendo sempre o mesmo. Para mim, não apenas a tradição, como algo religioso, algo bom para o povo” (Morador 17, 2019, tradução nossa). O Morador 21 (2019, tradução nossa) narra: “Bem, esta festa, o que significa para mim, é que é como uma tradição”. O Morador 23 (2019, tradução nossa) diz que: “A festa do Cristo Negro para mim é tradição, história”. As respostas sugerem uma ligação estreita entre a festa, a história e a religiosidade, indicando que a celebração desempenha um papel cultural, religioso e social importante.

A mesma pergunta foi realizada aos organizadores da festa do Cristo Negro. O Organizador 1 (2019, tradução nossa) descreve que: “Para mim ele é meu patrono e patrono do povo e que, sem ele, creio que Portobelo não existiria no mapa porque as pessoas vêm a Portobelo por ele [...]. O Cristo Negro representa o que é Portobelo. A resposta mostra sua devoção e o papel simbólico do Cristo na vida do entrevistado e do povo que vive em Portobelo.

Para o Organizador 3, a festa desencadeia emoções, representa a fé e devoção: “Para mim, a festa do Cristo significa tudo. É muita adrenalina, muita emoção, muita fé, é um contágio que para o mundo podemos demonstrar o que é aprender a vivê-lo. Isso é algo que fazemos com muito amor e muita devoção. (Organizador 3, 2019, tradução nossa). Da mesma forma, o Organizador 4 (2019, tradução nossa) responde: “[...] significa cumprir com uma promessa dos antepassados é celebrar a Jesus, nosso Rei e Senhor é viver a fé, onde se vive a fé”.

O Organizador 5 enfatiza sua resposta expandindo o valor único e profundo da imagem do Cristo Negro para toda a comunidade à qual pertence: “Bom, tem um significado muito especial porque é a festa do Cristo da nossa comunidade, nós todos sabemos que é uma imagem, mas apesar de ser uma imagem, nós a veneramos porque nela vemos como se fosse o reflexo do Senhor quando esteve aqui, entre nós” (Organizador 5, 2019, tradução nossa).

Para os participantes da festa do Cristo Negro que moram na cidade de Portobelo, os significados estão associados à devoção e à religiosidade, à tradição e à herança cultural, a milagres e à gratidão, à emoção e à cura, conforme apresenta o Quadro 21.

Quadro 21. Significado da festa do Cristo Negro para os participantes que residem da cidade de Portobelo.

Participante	Tempo que participa	Significado
1	32 anos	A festa do Cristo Negro para mim significa paz, milagre e amor pela minha tradição, pelo meu povo.
3	5 anos	Para mim são muitas coisas. Eu sempre gostei disso. Desde pequeno eu vejo isso, eu vivo isso.
10	25 anos	Bem, é um ato religioso que eu respeito porque desde a minha infância se manteve e permanece. Permanece no legado de todos os nossos ancestrais e temos que continuar professando aquela religião.
12	45 anos	Justo e religioso.
13	58 anos	Bem, para mim é uma tradição. É algo de muita fé. Quando eu nasci, minha mãe diz que me ofereceu a Jesus Nazareno porque eu estava doente. Quase morro. E então, para isso, tomei uma fé direta. As vezes que eu pedi a ele, ele cumpriu.
19	70 anos	Tudo. Porque temos muita devoção e acreditamos muito no Santo.
21	30 anos	Crença familiar e cultura do povo.
22	30 anos	Para mim, significa, agradecer pelas bênçãos que nos dá ao longo do ano. Os milagres que nós recebemos, nós também recebemos milagres pela intercessão do Cristo.
23	28 anos	Significa muito para mim, porque ele é um santo milagroso.
24	14 anos	Uma celebração devocional.
25	21 anos	Devoção.
26	31 anos	Significa a tradição e a fé
27	15 anos	Mais do que tudo aquele fervor. Uma devoção ao santo, a fé.
30	21 anos	O festival do Cristo Negro é uma forma de agradecer por todos os milagres.
33	57 anos	Para mim é muito significativo porque [...] cresci com aquela tradição dos meus antepassados e segundo pela minha fé, desde o que tenho, o que peço e o que ele me concede. Mas também pelo amor e graça que ele me dá.
34	45 anos	Alegria pelos vários milagres que fez.

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo, 2019. Nota: Organizado pela autora, 2019.

Podemos analisar que a festa possui uma ampla expressão emocional, religiosa e cultural e interage com cada indivíduo que compõe o ciclo de celebrações, intensificando uma relação afetiva que aproxima a história, encurta a distância entre os participantes e suas raízes e proporciona um senso de propósito individual e coletivo, se tornando um espaço para reflexão espiritual e (re)conhecimento de sua identidade.

Quando questionados se “*Considera a festa do Cristo Negro um símbolo da história e memória da cidade de Portobelo*”, 97% responderam que sim, apenas 3% não (Gráfico 3).

Gráfico 3. Opinião dos participantes sobre a festa do Cristo Negro ser ou não símbolo da história e memória da cidade de Portobelo



Fonte: Dados coletados da pesquisa, 2019.

Assim, analisando o contexto coletivo e o individual, a festa do Cristo Negro representa um símbolo da história e memória da cidade de Portobelo, sendo um momento que traz afetividade, ao somar os elementos culturais e religiosos, que reforçam a identidade panamenha, mantendo viva uma tradição transmitida entre gerações e fortalecendo o elo entre o indivíduo e a sua história.

7.2. O forte de San Jerónimo: potencial geossímbolo

O geossímbolo está ligado ao território e à cultura de um povo. A formação do território está intrinsecamente ligada à presença de uma cultura, e essa relação se manifesta na medida em que o território reforça e expressa os laços simbólicos entre cultura e espaço (BONNEMAISON, 1981).

Numa perspectiva cultural, território é enraizamento cultural, no qual símbolos desempenham um papel fundamental na formação da identidade do indivíduo. Deste modo, território assume o papel de um geossímbolo, representando um local, trajetória ou área que ganha importância cultural para um determinado grupo social, incorporando a dimensão na qual seus valores são profundamente arraigados e por meio do qual afirmam sua identidade (Bonnemaison, 1981).

O geossímbolo é uma representação simbólica do espaço que é criada por um processo de significados. A construção de significados dessas formas simbólicas se dá através das experiências que são vivenciadas no espaço (Corrêa, 2007). O forte de San Jerónimo é um potencial geossímbolo repleto de significados para o povo portobelenho, uma vez que representa sua trajetória histórica e cultural.

O Morador 1 explica que para ele o forte tem um significado histórico, um monumento que desempenhou um papel importante na proteção das riquezas ainda no tempo em que a cidade era colonizada pelos espanhóis: “Bom, para mim, são restos do quão grande foi Portobelo, já que uma estrutura dessa dimensão cuidava de muitas riquezas, significa que Portobelo foi muito importante, então é de muito valor histórico e arquitetônico também” (Morador 1, 2019, tradução nossa).

O Morador 3 traz uma resposta reflexiva sobre o significado do forte para ele: “Bom, como foi criada aqui pertinho, eu gostaria que o conservassem, que o restaurassem, porque faz parte da nossa história e é algo importante para nós” (Morador 3, 2019, tradução nossa). Percebe-se em sua fala uma conexão pessoal e emocional, pois compartilha sua experiência vivida com o monumento, demonstrando inclusive preocupação com a sua preservação.

Para o Morador 7, a fortificação traz lembranças históricas de um período de exploração de seus antepassados, remete ao período de escravidão, em que os exploradores espanhóis conduziam os povos subjugados à força, estes que foram responsáveis pela construção da sociedade atual. Em suas palavras: “O forte de San Jerónimo é um dos mais importantes já que é um forte histórico, porque nós somos descendentes dos escravizados que trouxeram para cá os espanhóis, essa coisa, então tem muita importância para nós como moradores”. (Morador 7, 2019, tradução nossa). No mesmo sentido, o Morador 23 descreve:

O forte para mim foi parte do meu crescimento e formação, porque nós jogávamos na infância, nós corríamos, ele foi parte da nossa vida. Aqui em Portobelo, nós temos uma história, a história da colonização da América, do Panamá. Não posso esquecer essa tradição de que meus ancestrais, meus avós e os que estiveram antes de mim, meus antepassados se estabeleceram neste porto, viviam aqui e foram parte de toda essa colonização, de toda essa fortaleza e essa história (Morador 23, 2019, tradução nossa).

No passado, o forte de San Jerónimo representava um símbolo bélico, uma proteção contra eventuais ataques. No entanto, com o passar dos séculos e após eventos históricos que culminaram na independência do país, foi se tornando um resquício do colonialismo, de um período em que o povo precisou se levantar contra a escravatura e a dominância espanhola,

estas que deixaram marcas que perduram até os dias atuais, um tempo em que a luta era pela liberdade.

O forte de San Jerónimo é um geossímbolo que representa a resistência, uma lembrança daqueles que morreram para garantir um futuro diferente às novas gerações, um pedaço da história que não é esquecido, pois faz parte do povo. Assim sendo, sua ressignificação inicia ao tomar consciência da herança colonial e de como essa influência afetou a formação do Panamá e de seu povo, uma distorção de valores que enfraquece o elo do indivíduo com sua história.

Bonnemaison (1981, p.262) afirma que “[...] a mensagem escrita nos geossímbolos reflete o peso dos sonhos, das crenças humanas e da busca por significado”. Portanto, a profundidade do simbolismo está ligada ao que cada indivíduo sente e percebe como uma representação interna, uma necessidade que vai além do pensamento, algo que evoca a inspiração. No caso do forte de San Jerónimo, isso pode influenciar a mudança na maneira como as pessoas reconhecem sua história, a superação do subjugado perante o explorador, reparando assim o elo do passado.

7.3. A percepção dos participantes da festa do Cristo Negro sobre o forte de San Jerónimo

A percepção abrange tanto a reação dos sentidos diante de estímulos externos, quanto a ação intencional, em que alguns fenômenos são nitidamente captados, enquanto outros são obstruídos. Deste modo, grande parte do que percebemos possui significado e proporciona prazeres intrínsecos enraizados na nossa cultura (Tuan, 1980).

Bacha e Srehlau (2006, p.11) definem a percepção como o “[...] processo pelo qual um indivíduo reconhece, seleciona, organiza e interpreta a informação que recebe do ambiente, através dos cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato)”.

Para Del Rio (1996, p.3) “[...] a percepção é um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente cognitivos”. Podemos observar que as percepções podem ser iguais ou diferentes. O autor afirma que “embora as percepções sejam subjetivas para cada indivíduo”, existem recorrências em comum, seja em relação as percepções e imagens, seja em relação às condutas possíveis (Del Rio, 1996, p.4). Neste sentido, a percepção de uma imagem, por exemplo, pode ser igual (com influência do tempo histórico - percepções em comum) ou diferentes (leitura que cada um faz).

Segundo Rocha (2003), nós enquanto seres humanos, temos duas visões de mundo: externa (mundo concebido) e interna (mundo percebido, subjetivo). São elas que mexem com as nossas sensações e sentidos e nos permitem “internalizarmos e projetarmos a realidade”, conforme observado em aulas anteriores. Desta forma, podemos concluir que a percepção está relacionada a cultura.

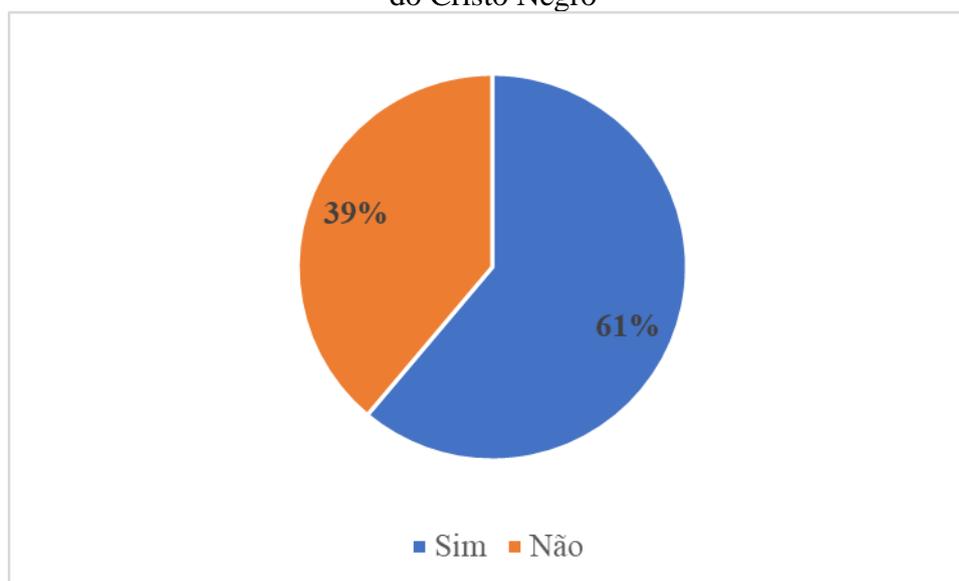
Augé (2013, p.21) ressalta que a cultura é “[...] a organização simbólica de um conjunto social”, ou seja, é um sistema de símbolos repletos de significados para um grupo social. Ela é uma criação coletiva, constituída de realidades, práticas, símbolos e signos, capaz de permitir a comunicação entre os indivíduos (Claval, 2007) que compartilham, através dos significados, os mesmos pensamentos sobre as coisas. Neste sentido, ela pode influenciar as nossas percepções sobre as coisas.

Conforme destacado no tópico anterior, o forte de San Jerónimo é um geossímbolo que compõe o território da cidade de Portobelo, possui um elo cultural e histórico com o passado e o presente do povo portobelenho. Durante o período de realização da festa do Cristo Negro, é comum a paisagem do forte se modificar com o aumento significativo de pessoas que participam da celebração.

Dado o contexto em que o forte de San Jerónimo emerge no território como um dos locais de maior afluência durante a festividade do Cristo Negro, a percepção dos participantes que residem na cidade de Portobelo torna-se importante para entender de que forma as relações de conectividade são estabelecidas entre eles (a festa e o forte).

Na edição da festa do Cristo Negro, que ocorreu em 2019, antes de enfrentarmos o período da pandemia da Covid-19, perguntamos aos participantes se eles conheciam o forte de San Jerónimo. Os trinta e seis disseram que sim. Procuramos saber também se eles costumam visitar o forte de San Jerónimo no momento da festa, 61% responderam que sim e 31% não (Gráfico 4).

Gráfico 4. Participantes que costumam visitar o forte de San Jerónimo no momento da festa do Cristo Negro



Fonte: Dados coletados da pesquisa, 2019.

Dentre os principais motivos elencados pelos participantes estão: sentar e observar a paisagem, passear com a família, descansando e se refrescando, recordar lembranças, andar e distrair a mente, ver pessoas, relembrar histórias da infância, para relaxar e olhar o mar e levar os amigos que vão visitar a cidade para que conheçam a fortificação.

Indagamos ainda a eles sobre a importância da fortificação para a cidade de Portobelo. Podemos observar algumas respostas nos trechos apresentados no quadro a seguir (Quadro 22).

Quadro 22. Percepção dos participantes da festa do Cristo Negro sobre a importância do forte de San Jerónimo para a população da cidade de Portobelo

Participante	Importância do forte de San Jerónimo para a cidade de Portobelo
1	Bem, o forte de São Jerónimo é importante porque é um patrimônio e muitas histórias estão contidas nele.
2	Muito importante. Porque é onde há história sobre os piratas, sobre os espanhóis que invadiram Portobelo. Nossa história.
3	É muito importante porque tem uma história muito antiga. De anos atrás.
4	É tão importante que muitos turistas venham. É uma área turística e é. E é importante porque há muita riqueza.
5	Bom, vejo muita importância porque isso traz turismo
6	Desde então, como falamos da história dos espanhóis, é algo do patrimônio da humanidade há muitos anos e está sendo protegido.
7	Muito importante porque o dinheiro entra. Quando os turistas vêm, eles nos deixam dinheiro. Quando cuidamos dos carros, fazemos dois, três eventos e participamos do Congo e eles nos deixam dinheiro.
10	Muito, porque é um valor histórico. Ou seja, temos que preservá-lo e temos que mantê-lo, mas ainda o abandonamos porque não temos recursos para tentar alcançá-lo. De repente a gente pode fazer algo limpando, mas não é só limpar, é mais coisa.

	É algo que deve ser mantido e precisamos dos serviços básicos que estes monumentos requerem para a sua preservação.
16	É muito importante porque mostra a cidade foi libertada dos espanhóis, que queriam apoderar-se de nós, da nossa economia, da nossa tradição, da nossa cultura, que mantemos até hoje através dos tempos e dos anos.
17	É muito importante porque, sinceramente, a gente tem que cuidar muito disso. E é um patrimônio histórico nosso.
18	Bem, é importante porque são patrimônio histórico.
19	É muito importante, porque é um monumento histórico e é quase uma relíquia para a cidade.
22	Eu acho muito importante porque é um ponto turístico da cidade.
24	História. Porque representa o que aconteceu anos atrás.
25	É por causa da história que emana. E nos ensina e ainda conta o que nossos antepassados passaram na época da escravidão espanhola.
29	Muito importante. Tem sua história e é também patrimônio histórico da humanidade.
30	É uma das atrações turísticas mais importantes da cidade.
32	O importante porque é de onde eu moro. Mostra como era a cultura do passado na colonização.
33	Bem, como eu disse, é um dos fortes principais. É muito visitado por pessoas e digamos, por turistas nacionais que fazem turismo interno e por turistas internacionais. É um dos fortes mais visitados [...].
35	Isso é muito importante, porque é uma relíquia, um monumento histórico aqui em Portobelo.
36	Bom, é importante porque atrai muito turista e com isso a cidade vem se beneficiando, negócios, todas essas coisas que o turismo nos traz.
Legenda:	
	Consideraram que é importante por ser um <i>monumento/patrimônio histórico da cidade</i> .
	Consideraram que é importante pois <i>representa a história do passado no período da colonização</i> .
	Consideraram que é importante para o <i>turismo da cidade</i> .

Fonte: Dados coletados na pesquisa, 2019. Nota: Elaborado pela autora, 2023.

Podemos analisar que existem opiniões diferentes em relação à importância do forte para a cidade de Portobelo. Muito se dá pela experiência individual, uma vez que foram coletadas as respostas de participantes da festa que residem na cidade. Isso leva a entender que, por mais que estejam no local com o mesmo intuito, os indivíduos não necessariamente possuem o mesmo conhecimento e/ou utilizam a mesma ótica para responder sobre o assunto.

Analisando a resposta dos participantes grifados em amarelo, podemos inferir que estes consideram que o forte representa um patrimônio que denota a história do passado, um monumento que traz um legado que deve ser protegido e preservado, independente do que ocorreu, é algo que precisa mantido para a posteridade.

Os participantes grifados em rosa, no entanto, analisam a história do passado. Para eles, por mais que o patrimônio represente vários acontecimentos, também remete ao período

colonial, às lutas pela independência e à busca por um futuro melhor, como os antepassados fizeram para alcançar a verdadeira liberdade.

Os destacados em verde analisam o forte como potencial turístico, trazendo uma relevância mercadológica, uma vez que sua história e arquitetura pode atrair o interesse de visitantes e/ou turistas para conhecê-lo, ou seja, o monumento possui uma série de representações importantes que podem trazer benefícios financeiros aos moradores, de forma a dar mais visibilidade para o país.

A prática turística no local possui seus pontos positivos e negativos, pois, da mesma forma que traz benefícios para o comércio local, também pode prejudicar a preservação do forte com a depredação e mau uso. Neste caso, são necessárias uma política de proteção eficiente e conscientização dos visitantes e/ou turistas para que haja uma visita harmoniosa e o respeito pelo patrimônio.

Exemplificando o que foi exposto, durante os dias de visita de campo, foi possível perceber o lixo jogado e espalhado pelos visitantes (Figuras 69 e 70). Percebeu-se que, apesar do fluxo intenso de pessoas nos dias que antecedem a festa, não há um planejamento prévio dos órgãos responsáveis pela limpeza e manutenção da fortificação para o recebimento de visitantes e/ou turistas. Perceptível na falta de lixeiras e de instrumentos que conscientizem eles a não jogar lixo em suas mediações.

Figura 69. Lixo jogado pelos visitantes e/ou turistas no forte de San Jerónimo



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 70. Embalagens deixadas no forte de San Jerónimo no dia da festa do Cristo Negro



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Ainda no forte de San Jerónimo, foi possível observar o comércio ambulante. Algumas pessoas aproveitam o fluxo intenso de visitantes e/ou turistas durante a festa do Cristo Negro para comercializar produtos para consumo. Nas imediações da fortificação, alguns vendedores ambulantes se instalam para angariar renda.

Duas situações chamaram atenção durante a coleta de dados para esta pesquisa: A primeira foi um rapaz que estava vendendo água de coco, morador da cidade de Portobelo, que sempre costuma vender o produto na fortificação. Chamou atenção que ele utilizava um "carrinho de mão" como recipiente para o descarte do produto após o consumo. Notou-se que há certa preocupação com o manutenção da limpeza do local. Apesar de não ser algo regularizado, é uma das formas de conseguir renda na cidade, pois percebeu-se que são poucos os comércios que contratam alguém que não seja da família para trabalhar.

A segunda situação é a de outro comerciante, que era da Cidade do Panamá (Capital), e estava comercializando seus produtos (cerveja e refrigerante) na fortificação. Ao contrário do outro rapaz, ele não carregava nenhum recipiente para que as pessoas jogassem as embalagens daquilo que era consumido. As sacolas, que estavam ao seu lado, estavam cheias de mercadorias ainda para venda. Chegamos à conclusão que o próprio fato de não ser do lugar faz com que ele não tenha esse cuidado.

O significado do forte de San Jerónimo é interpretado conforme o sentimento de cada participante, que revelou pensamentos em comum que vão desde a memória da infância, significado histórico, ao reconhecimento de que é preciso preservar (Quadro 23).

Quadro 23. Significado do forte de San Jerónimo para os participantes da festa do Cristo Negro na cidade do Panamá

Participante	Significado do forte de San Jerónimo
9	Minha infância. Quando eu era menina há muito para lembrar. É viver. E eu me lembro quando eu era pequeno sempre brincávamos lá. Pulamos merlão, brincamos. Então é como parte de nós. Nossa história, a história vivida.
10	Muito importante, porque como eu te disse, eu cresci com isso. É um nome. É uma identidade do povo. O forte de San Jerónimo, como todos os fortes, tem um valor histórico muito grande. E a gente quer preservar para a vida toda, para todas as gerações, para mim, para os nossos filhos, sabe, e é um valor que existe, que você tem que dar para não se perder.
12	Pelo menos quando éramos pequenos, esse foi o forte que jogamos. As latas, o espião, brincamos com tantas coisas. E nós jogamos tudo isso nele. Não tínhamos para onde ir, e lá no forte era onde a gente ia e brincava.
16	Significa algo que queremos manter, porque é algo que nossos ancestrais nos deixaram para manter porque eles lutaram por nós.
18	Para mim é muito importante porque são ruínas históricas.
20	Um monumento histórico muito valioso porque está no centro da cidade e tem vista para toda a entrada da baía. E isso foi importante para quando os espanhóis estavam na era colonial. Em guerra com os piratas que chegavam. O forte de San Jerónimo tem vista para todos os lados e foi muito, muito importante. Um lugar muito estratégico, um porto de guerra muito estratégico.
21	História, cultura e infância.
22	Para mim, significa história.
25	Bem, então, para mim, o mais importante é a história do nosso passado. O que nos ensina, o que nos representa.
33	O forte San Jerónimo é bastante significativo para mim, porque desde que cresci aqui, aquele era o espaço para as crianças brincarem naquela época. Então um foi chamado Nós o chamamos de “Altar Melone”. Então a gente ia lá brincar de pular merlão. Um saltou de um lugar para outro. Essa era uma das nossas brincadeiras infantis. Aquela época no forte de San Jerónimo, era onde jogamos bola, onde realizamos atividades. Então o forte de San Jerónimo sempre foi importante para nós nesse sentido.
35	Bem, para mim é algo importante. O forte de San Jerónimo tem sido história e muitas vezes devemos conhecê-lo porque é histórico e para mim é importante. É por isso que devemos mantê-lo sempre limpo e cuidar dele.

Legenda:

- Responderam que tem um *significado relacionado a infância*.
- Responderam que tem um *significado histórico e que é preciso preservar*.
- Responderam que *significa a história do passado*.

Fonte: Dados coletados na pesquisa, 2019. Nota: Elaborado pela autora, 2023.

As respostas inseridas na legenda de cor roxa citam o forte como uma memória afetiva de sua infância, pois o local era comumente utilizado para práticas recreativas por crianças, uma significação nostálgica para o indivíduo. Já a cor verde mostra um padrão onde são destacados o significado histórico, a importância do passado representado no forte. Além disso, destaca a necessidade da preservação do local. Embora as respostas que pertencem à cor azul se aproximem da cor roxa, ambas se diferenciam, pois enfatizam o significado histórico em conjunto à natureza da fortificação, seu papel estratégico no passado.

Em relação ao questionamento se os participantes da festa do Cristo Negro sabiam que o forte de San Jerónimo é declarado Patrimônio da Humanidade pela Unesco, 75% responderam que sim e 25% não (Gráfico 5).

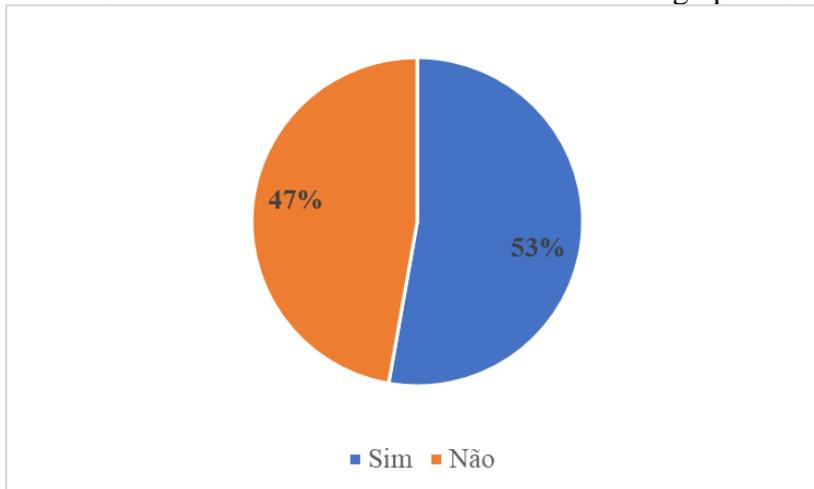
Gráfico 5. Participantes que tem conhecimento sobre o forte de San Jerónimo ser considerado Patrimônio Mundial pela Unesco



Fonte: Dados coletados da pesquisa, 2019.

Chama atenção que a maioria dos participantes sabiam que o forte de San Jerónimo é reconhecido como Patrimônio Mundial, porém, quando interrogados se sabiam que ele foi inserido na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo no ano de 2012, 47%, ou seja, quase metade dos que responderam ao questionário durante o acontecimento da festa respondeu que não, enquanto 53% disseram que sim (Gráfico 6).

Gráfico 6. Participantes que tem conhecimento do forte de San Jerónimo estar inserido desde o ano de 2012 na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo pela Unesco

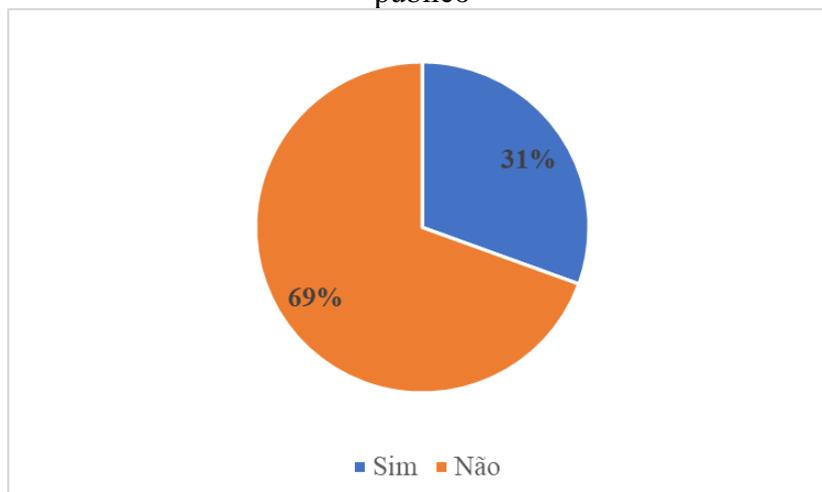


Fonte: Dados coletados da pesquisa, 2019.

Deste modo, observa-se que a falta de políticas públicas de conscientização afeta o conhecimento e o recebimento de informações importantes a respeito do patrimônio, que está em perigo, uma vez que esses participantes são potenciais ativadores no processo de manutenção do forte, contribuindo com projetos e com suas ações individuais para manutenção do local.

Sobre a preservação do forte de San Jerónimo, perguntamos se os participantes consideram que está devidamente preservado pelo poder público. Podemos observar no gráfico 7 que 69% consideram que não e 31% sim.

Gráfico 7. Opinião dos participantes sobre a preservação do forte de San Jerónimo pelo poder público



Fonte: Dados coletados da pesquisa, 2019.

É uma realidade que a preservação não deve ser apenas uma responsabilidade das autoridades competentes, mas também daqueles que fazem parte do território onde o patrimônio está situado. Desta forma, indagamos aos participantes o que eles têm feito para preservar o forte de San Jerónimo (Quadro 24).

Quadro 24. Ações realizadas pelos participantes da festa para preservar o forte de San Jerónimo

Participante	Ações realizadas para preservar o forte de San Jerónimo
1	Bem, cuidado para que não joguem lixo e não arranhem, não risque ou manche as paredes.
3	Mantenho-o limpo [...].
4	Mantenho-o limpo [...].
6	Bem, dando manutenção. Limpando-o. Já existe uma associação aqui na comunidade, uma empresa que se dedica a fazer trabalhos de limpeza.
9	Há um ditado que diz que quando você não suja, você também está limpando. Então o que nós como portobelenhos e habitantes do país temos que ajudar e não prejudicar, isso também faz parte da preservação.
12	[...] O que posso fazer é uma pequena limpeza. Além disso, não posso fazer nada porque são necessários recursos para mantê-lo.
16	Nós limpamos. A gente limpa e quando dá problema a gente vai e avisa a prefeitura.
17	Se eu vejo lixo, alguma coisa assim, eu pego e coloco no lugar.
18	Não, isso realmente precisa de mais ajuda. Deixe o governo assumir essa responsabilidade do forte nisso.
19	O que há é que é para preservar, cuidar, que por enquanto não há e tem que amar, porque todos nós portobelenhos nos orgulhamos dos monumentos históricos que são na cidade.
21	Quando eu visito, tento não deixar lixo.
27	Eu faço, eu trabalho na escola com as crianças. Eu digo a eles para não jogar lixo, para tentar não fazer bagunça. Essa seria a minha contribuição em relação a isso.
28	Procuo não danificar, evitando fazer coisas que danifiquem.
30	Não o danificar, ajudo a mantê-lo limpo [...].
31	Não podemos fazer nada, pois isso é patrimônio histórico e não podemos fazer nada sem permissão.
33	Bem, o que acontece é que tentamos evitar que as pessoas joguem lixo dentro do forte. Isso tenta mantê-lo limpo. As paredes são paredes de mais de 500 anos e você tem que tentar evitar que as pessoas não subam ou não tirem as pedras [...].
36	Bem, nos momentos que eu chego lá. Se, de qualquer forma, encontrarmos lixo, coisas jogadas por ele pelo caminho, procuro recolhê-las.

Fonte: Dados coletados da pesquisa. Elaborado pela autora, 2023.

Analisando as ações relacionadas à preservação por parte dos participantes, podemos identificar que garantem o zelo pela limpeza do forte, uma vez que é responsabilidade de todos. Além disso, existem os que coletam o lixo deixado e os que conscientizam, por meio de seu trabalho, as novas gerações, para que cuidem do patrimônio. Há também aqueles que responsabilizam o governo diretamente, ainda sugerindo que são proibidos de realizar algum

tipo de atividade de manutenção, um comentário que remete à falta de aplicação de políticas de preservação e conscientização vindas do governo.

A respeito do forte de San Jerónimo ser considerado um símbolo da história e memória da cidade de Portobelo, a maior parte dos participantes respondeu que sim, sendo 97% no total, apenas 3% afirmaram que não (Gráfico 7).

Gráfico 7. Opinião dos participantes se consideram ou não o forte de San Jerónimo um símbolo da história e memória da cidade de Portobelo



Fonte: Dados coletados da pesquisa, 2019.

O Participante 10 remete a infância e a formação da identitária para explicar o motivo de considerar o forte um símbolo da memória e história da cidade de Portobelo: “É um pouco uma memória a nível cultural da cidade, do país e de nós, das nossas infâncias que todos crescemos e brincamos lá e já é uma identidade para nós”. (Participante 10, 2019, tradução nossa).

Chama atenção o discurso do Participante 11. Ele destaca o papel dos indígenas e dos escravos na construção do forte, sendo, portanto, um resultado do esforço e da luta daqueles que o construiu: “Porque tem boas lembranças, que é uma memória que faz parte da história. Foi construído, não foi construído por espanhóis, foi construído por indígenas, foi construído por escravos africanos. É um emblema, é um dos emblemas da Espanha. Portanto, a história de todo o povo, a história do esforço dos nativos, dos africanos e dos espanhóis” (Participante 11, 2019, tradução nossa).

O Participante 12 relata que é um testemunho da história, pois conta a história dos antepassados: “Sim, é um símbolo da história, pois conta a história dos nossos antepassados

que aqui chegaram junto ao forte de San Jerónimo, foi aonde chegou o Cristo Negro. E como dizem, foi ao lado do forte aonde o Cristo chegou” (Participante 12, 2019, tradução nossa). No mesmo sentido, o Participante 25 descreve que: “[...] isso nos ensina a história e os antecedentes. O que passamos, o que nossos antepassados viveram e nos ensinaram [...]”. (Participante 25, 2019, tradução nossa).

Assim, podemos inferir que os participantes costumam frequentar o forte de San Jerónimo, no entanto, a falta de engajamento para sua proteção é uma problemática a ser destacada, uma vez que a informação, por exemplo, sobre a inclusão na Lista de Patrimônio Mundial em Perigo é um detalhe de que uma parte considerável deles não possui conhecimento a respeito. Deste modo, é perceptível a necessidade de maior investimento em formas de expressar em maior escala as informações sobre a fortificação, assim como apresentar seu legado de forma a interagir com a festa do Cristo Negro, comemoração que traz esses indivíduos ao local.

7.4. *Conexão territorial afetiva entre a festa do Cristo Negro e o forte de San Jerónimo*

O território é mais do que espaço físico; é um repositório de cultura, símbolos e emoções, nele se entrelaçam as vivências, a afetividade e a subjetividade, muitas vezes sendo o elo que conecta a experiência cultural e religiosa (Bonnemaison, 1981).

A festa do Cristo Negro e o forte (patrimônio não declarado) de San Jerónimo (patrimônio declarado) pertencem ao mesmo território e se entrelaçam de maneira física (pela proximidade) e simbólica (por representar diferentes capítulos da história do povo portobelenho).

A relação física se dá através da proximidade entre o forte de San Jerónimo e o local onde ocorre a festa do Cristo Negro, a Igreja de San Felipe, todos os anos. Essa conexão está vinculada às formas de apropriação pelos participantes da festividade, que é um processo contínuo. Durante todos os anos, a festa do Cristo Negro movimenta um fluxo considerável de pessoas que, além de participar da celebração, costuma visitar a fortificação (Figura 71).

Os participantes da festividade se apropriam do forte de San Jerónimo de diversas formas, principalmente como local de descanso após uma longa caminhada em peregrinação, comercialização de produtos, lugar de encontro e observação da paisagem. Muitos desses indivíduos, no dia em que antecede a festividade, passam horas na fortificação, esperando o momento principal da festa acontecer (a procissão) (Figura 72).

Figura 71. Fluxo intenso de pessoas que participam da festa do Cristo Negro e visitam o forte



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 72. Movimentação de pessoas no final da tarde, poucas horas antes do momento mais aguardado da festividade (A Procissão)



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

A festa do Cristo Negro e o forte de San Jerónimo são patrimônios que possuem origens singulares que retratam situações contrárias em relação ao colonialismo; a festa possui um folclore que potencializa a superação da identidade africana da população perante o

eurocentrismo. Por outro lado, o forte representa um espaço construído pelos espanhóis com a mão de obra escrava da época, o que remete a subjugação dos povos originários.

É neste ponto de divergência que reside o elo simbólico entre os patrimônios: o legado histórico e cultural. A festa do Cristo Negro possui uma representação da imagem da divindade, que traz uma identificação direta com seus devotos, os simbolismos da fé cristã fundida aos costumes afro remetem ao passado daqueles que fizeram parte da construção do imaginário em torno da imagem. Da mesma forma, o forte de San Jerónimo, nos tempos atuais, representa a imagem da derrocada do poderio espanhol no território panamenho; por mais que o monumento tenha sido construído para benefício ao colonialismo, sua fundação foi realizada por aqueles que deixaram suas raízes no território, são estes os primeiros representantes do patrimônio, aqueles que hora foram subjugados, mas que solidificaram sua cultura e seu legado em todo o Panamá.

Graças aos esforços de seus antepassados, o povo panamenho alcançou sua independência, é uma narrativa real de momentos que se correlacionam para criar a verdadeira história da nação panamenha.

A dimensão territorial da festa do Cristo Negro está atrelada aos significados culturais, históricos e emocionais, ou seja, aos vínculos criados pelos indivíduos e/ou grupos sociais que dela participam. Por se tratar de uma celebração de longas datas e com calendário definido pela comunidade, está enraizada na identidade cultural do povo portobelenho, representando tradições, crenças e valores transmitidos de geração em geração. Por isso, afirmamos, no estudo em questão, o seu potencial de preservação do forte de San Jerónimo, através de uma *conexão territorial afetiva*, proposta por Costa (2018).

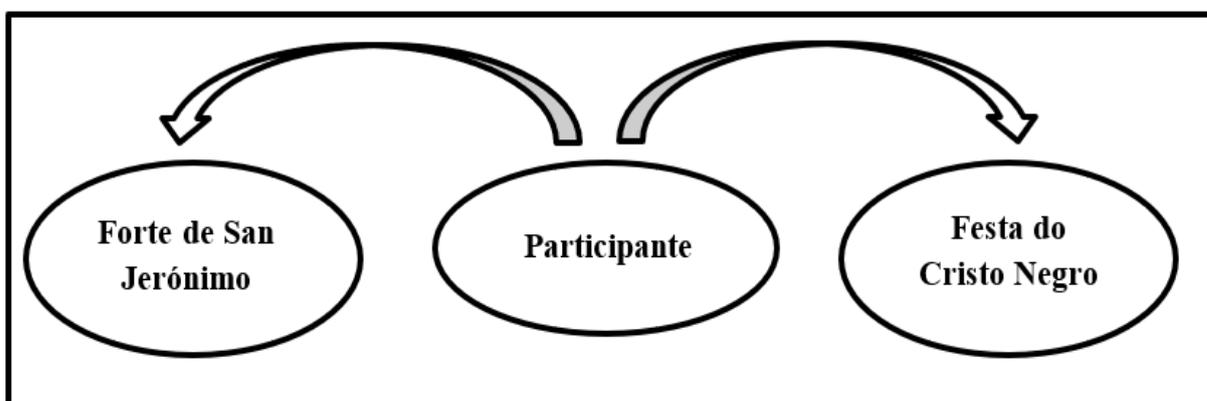
De acordo com Costa (2018), a *conexão territorial afetiva* leva os indivíduos e/ou grupos sociais a adquirirem consciência sobre como o patrimônio é utilizado e apropriado, o que, por sua vez, pode se tornar uma base para o desenvolvimento da cidadania, garantido para a redução dos impactos negativos e promoção da qualidade de vida.

É essencial compreender que os indivíduos e os grupos sociais que ocupam um espaço específico estão envolvidos em um processo constante de interação com o ambiente ao seu redor. Eles desempenham papéis, tanto como agentes de mudança, quanto como aqueles que são impactados pelas transformações globais, além de ocupar uma posição central na promoção das atividades relacionadas ao patrimônio, garantindo sua preservação e sendo os verdadeiros detentores, que se encontram tanto dentro quanto fora dos limites do território ao qual se sente pertencido (Costa, 2017).

Neste sentido, o principal responsável pela decisão de ativar ou não o potencial de preservação do patrimônio não declarado é a própria comunidade, uma vez que detém o poder de ampliar a importância do território no âmbito espacial, fortalecendo o seu significado perante a sociedade ou trazendo fim aquilo que não vê relevância (Costa, 2017).

Os participantes da festa do Cristo Negro que residem na cidade têm um papel importante no que diz respeito à preservação dos patrimônios em questão (festa e forte). São eles os responsáveis pela salvaguarda da cultura, da identidade, da memória e das tradições do sítio de pertencimento, sendo, portanto, sujeitos-patrimônio (Costa, 2016). A Figura 73 a seguir é um esboço simplificado da conexão entre a tríade citada.

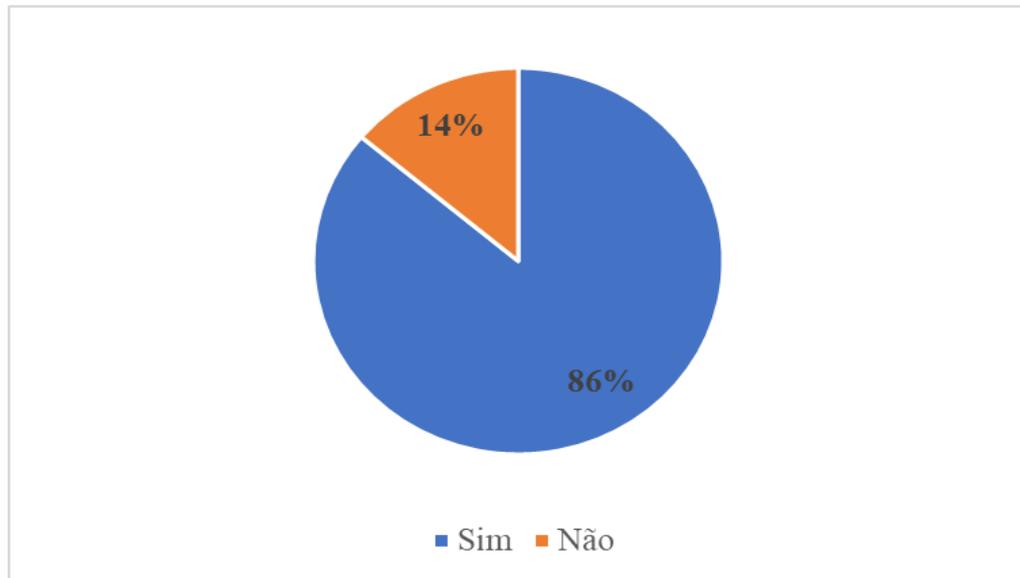
Figura 73. Conexão entre o forte de San Jerónimo, participante e festa do Cristo Negro



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Considerando que o sujeito responsável pela ativação do potencial de preservação da festa do Cristo Negro é o participante, foi questionada a possibilidade de estabelecer uma relação prática sobre a festa do Cristo Negro e o forte de San Jerónimo. A maioria, 86%, afirmou que sim, 14% citaram ser inviável (Gráfico 8).

Gráfico 8. Viabilidade de fazer uma conexão prática entre a festa do Cristo Negro e o forte de San Jerónimo



Fonte: Dados coletados da pesquisa, 2019.

Dentre as alternativas práticas citadas pelos participantes, favorecendo a preservação da fortificação a partir da festa, estão: a educação patrimonial, atividades culturais e/ou eventos efetivos com foco na história dos patrimônios, formação de guias de turismo da comunidade e o turismo. Ressalta-se que estes dois últimos mencionados estão ligados à atividade turística que, inserida no contexto do capitalismo, muitas vezes ilustra uma dualidade complexa. Embora traga benefícios econômicos, como geração de empregos e estímulo à economia local, também pode ser moldado por dinâmicas de exploração, perpetuando desigualdades sociais e econômicas.

Para Costa (2017) o turismo representa um fenômeno gerador de rendas, que, por mais que permeie as questões capitalistas, pode beneficiar grandemente comunidades e gerar renda de subsistência, no entanto, ainda em sua fala, ressalta a necessidade de se balancear a questão turística no âmbito do patrimônio, pois pressupõe-se uma contramão em relação à preservação caso adotado de forma descontrolada.

Desta forma, é importante reconhecer o sujeito e o grupo (subalternizados) como os detentores do poder da mudança, da transformação de si e do meio, são os principais atores da ativação da preservação dos patrimônios do território ao qual pertencem e/ou do qual possuem uma conexão (Costa, 2017).

Assim, baseado nas alternativas citadas pelos participantes da festa do Cristo Negro, elaboramos uma proposta metodológica geográfica de ativação do potencial de preservação da Festa do Cristo Negro para preservação do forte de San Jerónimo.

7.5. Metodologia geográfica de ativação do potencial de preservação da festa do Cristo Negro através de uma *conexão territorial afetiva* com o forte de San Jerónimo⁴³.

Para que se apresente uma proposta metodológica a respeito da preservação do forte de San Jerónimo através da festa do Cristo Negro, é necessário analisar a contexto territorial que se encontram ambos os patrimônios, isto é, em que sentido o território pode trazer legitimidade ao planejamento de atividades para preservação da fortificação em questão.

Segundo Rosendahl (2005), o território passa a ter significado a partir do momento de sua ocupação pela comunidade, onde, a partir daí, ganha reconhecimento, proteção e consagração, pois representa algo compartilhado com o indivíduo. Para a autora, o território passa a ser um instrumento que representa a existência e a reprodução daquele que o criou ou o controla, sendo assim, ele apresenta caracteres distintos, que variam conforme a identidade dos agentes sociais que o representam.

A festa do Cristo Negro e o forte de San Jerónimo possuem uma história e significado cultural importantes para o território. Ambos são marcos simbólicos que representam a identidade local. A conexão entre eles pode ser identificada ao analisar este simbolismo que possui como referência a identidade territorial ao qual se assemelham.

Partindo do pressuposto de que ambos os patrimônios representam momentos histórico-culturais marcantes na sociedade panamenha, podemos considerar que os representantes do território possuem uma ligação direta com os eventos do passado, o que justifica a ideia de que o território compreendido possui um legado afetivo que firma a importância dos patrimônios, festa e forte, no contexto da construção da identidade panamenha. Conforme Bauman (2012 p. 172):

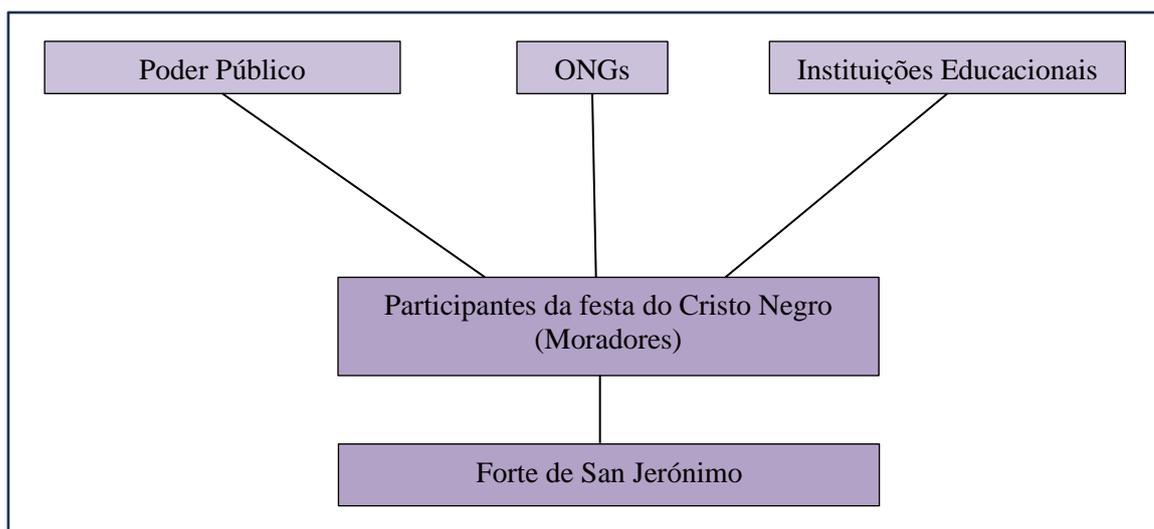
A identidade de uma sociedade tem raízes, em última instância, numa rede mais ou menos invariante de relações sociais; a natureza “societal” da sociedade consiste acima de tudo numa teia de interdependências desenvolvida e sustentada pela e na interação humana. As relações sociais são elas próprias o “núcleo duro” da interação concreta [...]. Elas são o esqueleto permanente, duradouro, pouco sujeito a mudanças, da prática societal.

⁴³ Metodologia adaptada de COSTA, Everaldo Batista da. Ativação popular do patrimônio-territorial na América Latina: teoria e metodologia. **Cuadernos de Geografía:** Revista Colombiana de Geografía, v.26, n.2, p.53-75, jul., 2017.

Deste modo, adotamos a ideia de uma metodologia geográfica que abrange a dimensão simbólica e afetiva, propondo atividades individuais e coletivas que possam compreender os atores que trazem para o território uma perspectiva representativa baseada em suas próprias experiências.

A proposta metodológica consiste em estabelecer uma relação prática voltada à preservação do forte de San Jerónimo, a partir da celebração da festa do Cristo Negro. O objetivo principal é engajar os participantes dessa festividade por meio de uma série de atividades projetadas que irão envolver diversos atores sociais, tais como: o Poder Público, as ONGs e as Instituições Educacionais (Figura 74).

Figura 74. Atores sociais envolvidos na ativação do potencial de preservação da festa do Cristo Negro



Fonte: Organizado pela autora, 2023.

O Poder Público refere-se ao conjunto de instituições, órgãos e autoridades responsáveis pela preservação do patrimônio (Ministério da Cultura e Prefeitura local) na cidade de Portobelo. Por meio do financiamento público, é possível adotar ações de alcance mais abrangente, compreendendo uma maior parcela de participantes.

Atividades antes da festa: instalação de placas e indicações a respeito do forte de San Jerónimo, disponibilização gratuita de cursos de formação para guia de turismo com respaldo na preservação patrimonial do forte para os moradores, promoção de projetos de educação patrimonial em conjunto com as instituições de ensino e órgãos não-governamentais e

organização de eventos culturais periódicos com foco na relação dos patrimônios (declarado e não declarado).

Atividades durante a festa: conscientização quanto ao uso do espaço do forte, implementação de compartimentos para despejo do lixo e promoção de palestras e apresentações a respeito do forte de San Jerónimo nos espaços públicos (Museu da Aduana e do Cristo Negro) com entrada livre.

Assim, o poder público pode contribuir para o desenvolvimento da noção de coletividade e proteção ambiental para com moradores, turistas e/ou visitantes durante a festa (placas informativas e lixeiras), no auxílio quanto à geração de renda consciente do morador, através dos cursos de guias de turismo que por sua vez trabalharão durante o período da festa, transmitindo seu conhecimento adquirido no atendimento aos participantes (visitantes), no processo de transmissão de conhecimento sobre o patrimônio declarado ao qual se dá a consciência do pertencimento para os participantes (eventos) e na conscientização e sensibilização do indivíduo residente no território (projetos de educação patrimonial), considerando que seu papel primordial é o de dar condições (financiamento) para que essas atividades sejam realizados.

As Organizações não governamentais (ONGs) são entidades privadas, que se dedicam a causas sociais, ambientais, humanitárias, culturais ou de defesa dos direitos. São agentes de mudança que possuem o papel de mobilizar a sociedade e captar recursos em prol de questões que afetam suas causas. O Patronato de Portobelo e San Lorenzo é a ONG responsável pela preservação, conservação e manutenção do forte de San Jerónimo.

Atividades antes da festa: campanhas de sensibilização da população local a respeito da importância do forte de San Jerónimo, produção de materiais educativos (folders, panfletos, infográficos e vídeos educativos) a respeito do forte, palestras e workshops a respeito da preservação do patrimônio e a importância da participação social e parceria com as escolas para incluir o estudo sobre o patrimônio dentro do currículo escolar.

Atividades durante a festa: preparação de equipes de voluntários para o fornecimento de informações para a conscientização dos participantes a respeito de educação patrimonial e importância do forte, distribuição de materiais educativos a respeito do patrimônio, organizar, junto aos órgãos públicos, exposições em espaços públicos a respeito do forte e sua história.

As ONGs, sobretudo o Patronato, podem trazer responsabilidade social com a tomada de medidas de conscientização, bem como auxiliar no despertar da noção de pertencimento territorial ao se adotar atividades educacionais junto às escolas e museus, esses processos visam

atingir os moradores, que, por sua vez, podem se tornar participantes da festividade. Além disso, possuem o poder de garantir que, durante a festa do Cristo Negro, a disseminação de informações sobre a importância do forte de San Jerónimo possa ser adotada em maior escala, utilizando seus colaboradores para tal ação.

As Instituições Educacionais (mais precisamente as escolas da cidade) têm o papel de transmitir o conhecimento, valores e conscientização às gerações atuais e às futuras, fortalecendo a questão da preservação patrimonial e a história do território. Por meio da escola, é possível trazer atividades educacionais que possam ser transmitidas entre os moradores, despertando a conscientização coletiva.

Atividades antes da festa: inserção da educação patrimonial como tema transversal, sobretudo a respeito dos patrimônios declarados e não declarados do território, utilizando-se das aulas, visitas a campo e projetos de pesquisa a respeito do assunto, incentivo a projetos educacionais com abordagem voltada ao patrimônio e conscientização sobre preservação, limpeza e manutenção do patrimônio para os alunos.

Atividades durante a festa: exposições educacionais a respeito do forte de San Jerónimo, amostras culturais, parceria com ONGs para a aplicação de atividades de conscientização conjunta, como a distribuição de materiais educativos e mutirão para orientações sobre educação patrimonial e história do forte.

As instituições de ensino, mais especificamente as escolas da cidade de Portobelo, têm o poder de desenvolver projetos nas escolas com atividades sobre educação patrimonial com enfoque no patrimônio declarado (forte) e não declarado (festa), utilizando-se das mais diversas metodologias ativas e outras ferramentas disponíveis para aprimorar o entendimento sobre o assunto, trazendo sensibilização e entendimento sobre o elo entre os patrimônios. Da mesma forma, podem trazer, durante o período da festa, exposições com foco no participante, com informações sobre a história do território e fortalecendo vínculos representativos para com os interessados.

As atividades propostas podem contribuir diretamente no potencial de preservação da festa do Cristo Negro, no sentido de apresentarem a *conexão territorial afetiva* utilizando o empoderamento social como força motriz no desenvolvimento das atividades, desde a conscientização sobre a importância de se manter a limpeza do patrimônio representado até a apresentação de projetos, exposições, stands e eventos culturais que possam contracenar com a relevância histórica de ambos os patrimônios, pois, por mais que suas diferenças sejam

evidentes, a semelhança representa o elo afetivo que compartilham e transmitem para o verdadeiro detentor da mudança; o indivíduo.

Portanto, tomando como verdade o cidadão como figura social responsável por tal decisão, deixa-se claro que a metodologia de ativação do patrimônio é uma representação utópica do ideal, pois, por mais que os atores representados possuam sua importância, é com a tomada de consciência do indivíduo que se justifica a efetividade das atividades, trazendo consigo a aptidão de decidir por si só o destino e futuro do patrimônio declarado (COSTA, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo correlacionou informações que legitimaram as problemáticas coloniais que corroboraram para que os problemas sociais de Portobelo inflassem no decorrer de sua história e fundação, é nítida a influência mercantil nas relações sociais e na estatística econômica da cidade, uma vez que a construção de seus costumes foi diretamente afetada pelos movimentos exploratórios e escravagistas no istmo do Panamá. A presença de países subjulgadores nos acontecimentos históricos referentes ao país pressionou uma mudança na trajetória dos povos originários, trazendo obstáculos sociais de povos subalternizados, revivendo situações que ocorrem em toda América Latina.

Podemos analisar que existe um ciclo interminável no que diz respeito à influência colonial causada pelos países subjulgadores no surgimento destes problemas sociais, que, por sua vez, impedem o subalternizado a prosseguir, pois este indivíduo passa a viver em prol de situações que são, na visão eurocêntrica, muitas vezes triviais (fome, miséria, saneamento básico, educação, saúde, geração de renda), e não tem oportunidade para estruturar soluções a respeito de seus bens culturais.

A proposta de patrimonialização contemporânea compreende a ideia de proteger o patrimônio através dos instrumentos políticos que garantiriam a salvaguarda destes bens culturais, no entanto, o que se vê é uma representação velada de intenções mercadológicas que propiciam benefícios relevantes para a parcela subjulgadora dos países existentes e não se encaixa na realidade dos subalternizados, uma vez que os problemas sociais destes países forçam os indivíduos residentes a seguir em prol da subsistência, não abrindo espaço para problemáticas patrimoniais.

Assim, o tema desta pesquisa, a festa do Cristo Negro como potencial de preservação do forte de San Jerónimo, declarado patrimônio mundial, na cidade de Portobelo, torna-se relevante, partindo da ideia de que há uma ligação afetiva entre os patrimônios declarado (festa do Cristo Negro) e não declarado (forte de San Jerónimo), sendo este elo uma quebra na colonialidade do poder e do saber imposta ao sujeito, trazendo racionalidade para solucionar os problemas de preservação dos bens através da ideia de centralizá-lo na perspectiva patrimonial.

Observamos que a festa do Cristo Negro é reverenciada de forma universal no âmbito cultural do país, é uma prática sociocultural secular que demonstra de forma física e espiritual a força que emana do sentimento de devoção do sujeito que, anualmente, participa e mantém

esta herança miscigenada de culturas, representadas nas diversas alegorias que compõem a celebração.

O forte de San Jerónimo, consolidado nesta pesquisa como potencial geossímbolo, possui uma história de surgimento que remete ao período colonial e que representa uma estrutura bélica deixada pelos exploradores espanhóis, porém, sua construção foi dada pelas mãos daqueles que firmaram suas raízes em Portobelo, estes que lutaram e conseguiram subtrair de sua dor o impulso para alcançar a liberdade, povoando o território e firmando os pilares da sociedade atual.

Ambos os patrimônios foram analisados durante a pesquisa *in loco*, sendo parte essencial da problemática, representando as facetas históricas e concedendo validação à proposta, permeando o sujeito e o tornando figura destaque na potencial mudança.

Quanto a metodologia empregada, a revisão de literatura desempenhou um papel crucial neste estudo, especialmente para a compreensão da origem dos objetos de análise (a gênese do patrimônio). A pesquisa documental revelou uma série de desafios a respeito da preservação do patrimônio não apenas na cidade de Portobelo, mas de todo o país. Os documentos mostraram a complexidade de equilibrar a necessidade de conservação com as demandas sociais do território relacionadas ao crescimento urbano.

A pesquisa de campo desempenhou um papel fundamental e singular no desenvolvimento desta tese, pois a partir dela foi possível realizar a coleta de dados que contribuíram significativamente para o resultado da pesquisa. Assim, esse momento permitiu realizar entrevistas com moradores, agentes públicos e privados inseridos no contexto da preservação patrimonial, professores das escolas e organizadores da festa do Cristo Negro. Além disso, no momento da festividade aplicamos questionários aos participantes que residem na cidade de Portobelo. Ambos os instrumentos (entrevista e questionário) deram voz aos sujeitos, permitindo acessar suas visões, opiniões, percepções e experiências vividas, visto que eles desempenham um papel central na compreensão da problemática desta pesquisa.

Partindo para os resultados deste trabalho, observou-se que o processo de patrimonialização local e global possui uma carência no que diz respeito a inserção do sujeito nas políticas de proteção aos bens culturais, uma vez que as leis existentes foram construídas com o intuito de se preservar de forma homogênea, sem inserir as questões sociais, por mais que o objetivo dessas diretrizes seja válido para a preservação. É perceptível que há um interesse de se preservar, porém, não houve nenhuma proposta eficiente que contemplasse uma visão do bem-estar público aplicada com êxito.

Durante a visita *in loco*, observou-se que o estado de conservação do forte de San Jerónimo está comprometido e em situação de abandono, e, levando em consideração o histórico do monumento, a percepção foi de uma progressão dos problemas estruturais, muito se devendo à influência humana, natural e temporal, o que confirma que os projetos aplicados na região não alcançaram seus reais objetivos.

Partindo da problemática da deterioração, o forte foi incluído na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo pela Unesco com o intuito de trazer maior visibilidade para o monumento, no sentido de propor soluções em prol da preservação, no entanto, isso trouxe um efeito reverso, intensificando a mercantilização e desencadeando aplicações incoerentes das possíveis propostas que surgem da inserção do bem cultural na lista. Isso é justificado devido à imparcialidade na imposição de propostas vindas da própria instituição (Unesco), que propõe regras que não condizem com a realidade do Panamá, trazendo uma ilusão de preservação dos bens que não se aplica aos moldes dos desafios sociais do país.

Em pesquisa de campo, constatou-se que ainda se encontra moradores que não têm conhecimento da inserção do forte na Lista de Patrimônio Mundial em Perigo, o que mostra que existem barreiras sociais que não foram vencidas, uma vez que para que o processo de preservação possa surtir o efeito desejado, é essencial que haja conhecimento integral da população local a respeito do patrimônio, pois é um meio de facilitar a implementação de propostas de preservação.

Desta forma, com a avaliação crítica das tentativas posteriores de preservação e, considerando a *conexão territorial afetiva* entre a festa do Cristo Negro e o forte de San Jerónimo, identificou-se uma possibilidade de se inserir o sujeito como foco central no potencial de preservação da festa para com o forte. Para isso, buscamos saber se os participantes da festa consideram viável uma relação prática entre a festa e o forte. A maioria foi afirmativa, além disso, apontaram possibilidades que vão desde a educação patrimonial, atividades culturais e eventos efetivos com foco na preservação, até mesmo fatores que possibilitem a geração de renda (formação de guias de turismo da comunidade).

Considerando a opinião dos sujeitos, propomos uma metodologia geográfica para práxis popular com o intuito de estabelecer a preservação consciente do patrimônio mundial em perigo, tendo em vista o período de ocorrência da festa do Cristo Negro. As atividades propostas levam a conscientização do sujeito através de ações individuais e coletivas que não necessariamente se iniciam durante a festa, mas que visam ser aplicadas durante o comprometimento da população local neste período.

O motivo pelo qual o momento da festa do Cristo Negro é essencial para essas atividades se dá pela questão afetiva que o sujeito possui internalizado com seu território; é uma ligação atemporal que remete às questões ideológicas dos participantes e representa um compartilhamento de anseios, promovendo o fortalecimento do imaginário e estendendo sua importância através de gerações. Essas questões representam uma mudança no modo de ver e sentir o patrimônio, o que nos leva a analisar esta mesma aplicação de sentimentos no forte de San Jerónimo.

Por mais que existem diferenças nas representações históricas de ambos os patrimônios, a *conexão territorial afetiva* pode ser apresentada por meio da compreensão do sujeito como detentor do poder de mudança e parte da construção do elo entre os bens culturais. A história é assertiva em trazer uma ressignificação da representação do forte, pois, nos tempos atuais, ele não é só uma mera representação do instrumento de guerra, mas sim um dos pilares de construção da cidade de Portobelo, pois representa, tal qual a festa do Cristo Negro, o fortalecimento das raízes do sujeito, posicionando o monumento como uma construção dos antepassados que propiciaram o desenvolvimento do território. Ainda sobre o sujeito, é ele quem detém a real força da mudança, pois surge dele a potencial afetividade para com o patrimônio declarado, e por isso é indispensável sua participação no processo de preservação.

Analisando o contexto territorial atual, a perpetuação de projetos de proteção territorial representa uma árdua caminhada, contudo, a responsabilidade da decisão sobre o futuro do patrimônio histórico cabe ao sujeito, uma vez que é ele quem convive com o território afetivo e é por ele que surgem as questões inerentes ao patrimônio.

Por fim, é importante enfatizar as contribuições acadêmicas que este estudo pode oferecer àqueles que se interessam por este campo de pesquisa: criação de um Dossiê para a festa do Cristo Negro; mapeamento das festas sagradas consideradas patrimônio imaterial pela Unesco na América Latina e Caribe; mapeamento das celebrações do Cristo Negro em escala mundial; estudo sobre a percepção dos moradores que vivem entorno do forte de San Jerónimo numa perspectiva humanística da geografia.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda de. Sentido das festas no território patrimonial e turístico. In: COSTA, Everaldo da; BRUSADIN, Leandro Benedini; PIRES, Maria do Carmo (Orgs.). **Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder**. São Paulo: Outras expressões, 2012.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Festas rurais e turismo em territórios emergentes. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, vol. xv, n.919, p.1-11, 2011.
- ALBA, Almyr M. R. **Portobelo – San Lorenzo**: Una aproximación a la conservación integrada de recursos culturales y naturales en peligro. Panamá: INAC, 2003.
- ARAÚZ, Celestino Andrés; PIZZURNO, Patricia. **El Panamá Hispano (1501-1821)**. Panamá: Diario La Prensa, 1997.
- ARDILA, Félix Durán. **Levantamiento, diagnóstico y Conservación de la Bateria de San Jerónimo**. Panamá: INAC, 2017.
- AUGÉ, Marc. Tempo. In: AUGÉ, Marc. **O antropólogo e o mundo global**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BACHA, Maria de Lourdes; STREHLAU, Ricardo Romano. "Percepção: termo frequente, usos inconsequentes em pesquisa?". In: ENANPAD 30., 2006, Salvador. **Anais...** Salvador: Hotel Pestana, 2006.
- BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: Congresso Nacional de Educação e I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação. 10., 329-34 nov. 2011, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Paraná: PUCPR, 2011. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf>. Acesso em: 18 de mai. 2022.
- BARRERA, Aida. **Análisis estructural del ciclo de leyendas, de ritos y himnos del Cristo Negro o Jesús Nazareno de Portobelo**. 1986. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidad de Panamá, Cólón, 1986.
- BARBATO, Luis Fernando Tosta; FONSECA, Gabriella Misael Silva. O Canal do Panamá, sua história e sua importância logística para o comércio internacional. **Revista Verde**, v.4, n.1, p.98-110, 2022.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. (Traduzido por Carlos Alberto Medeiros). Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. Perspectiva: São Paulo, 2019.
- BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

BONNEMAISON, Joël. Voyage autor du territoire. **L'Espace géographique**, n°4, p. 249-262, 1981.

CALVO, Alfredo Castellero. **Conquista, evangelización y resistência**. Panamá: Novo Art, 2017.

CALVO, Alfredo Castellero. El Movimiento Anseatista de 1826. La primera tentativa autonomista de los istmerños despues de la anexión a Colombia. **Revista Tareas**, n.4, p.3-25, 1961.

CALVO, Alfredo Castellero. Independencia de Panamá de Espanã. Para el Bicentenario: nuevas evidencias y reflexiones. **Revista Tareas**, n. 141, p.101-128, mai-ago., 2012. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=535055524007>. Acesso em: 30 de junho 2022.

CALVO, Alfredo Castellero. **Portobelo y el San Lorenzo Del Chagres**: perspectivas imperiales. Siglos XVI – XIX (tomo 1). Novo Art: Panamá, 2016.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio cultural**: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CID, Patrícia; CASSINI, Leonardo. Plan de Estrategias para la Protección y Conservación de los Fuertes de Portobelo y San Lorenzo. **Investigación y Pensamiento Crítico**, v.5, n.1, p.41-68, enero-abril, 2017.

CLAVAL, Paul. O território na transição da pós-modernidade. **Geographia**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 7-26, 1999.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

COSTA, Everaldo Batista. Ativação popular do patrimônio-territorial na América Latina: teoria e metodologia. **Cuadernos de Geografía**: Revista Colombiana de Geografía, v.26, n.2, p.53-75, jul., 2017.

COSTA, Everaldo Batista. **Cidades da patrimonialização global**: simultaneidade totalidade urbana - totalidade-mundo. São Paulo: FAPESP, 2015.

COSTA, Everaldo Batista. Fundamentos de uma emergente patrimonialização global. **Geografia, Rio Claro**, v. 39, n. 2, p. 241-256, ago., 2014.

COSTA, Everaldo Batista. O lugar da América Latina na geografia do Patrimônio Mundial. In: Encuentro de geógrafos de América Latina 12., 2009, Montevideo. **Anais...** Montevideo: Universidad de la Republica, 2009. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/67.pdf>> Acesso: 20 de mar. 2023.

COSTA, Everaldo Batista. Riesgos y potenciales de preservación patrimonial en América Latina y el Caribe. **Investigaciones Geográficas**, n. 96, p.1-26, ago., 2018.

COSTA, Everaldo Batista. **Totalidade urbana e totalidade - mundo:** as cidades coloniais barrocas face à patrimonialização global. São Paulo: USP, 2011. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, 2011.

COSTA, Everaldo Batista. **Utopismos patrimoniais pela América Latina, Resistências à colonialidade do poder.**In: XIV Coloquio Internacional de Geocrítica. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2016, p.1-32.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Formas simbólicas e espaço:** algumas considerações. *GEOgraphia*, ano IX, n.17, p.7-18, 2007.

DEL RIO, Vicente. Cidade da mente e Cidade Real: percepção e revitalização da área portuária do Rio de Janeiro. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Percepção ambiental:** a experiência brasileira. 2.ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. p.3-22.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural:** recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

DI MÉO, Guy. A geografia nas festas. (Traduzido por Elisa Bárbara Vieira D' Abadia). **Revista PLURAIS**, v.2, n.1, p.24-55, 2012.

EL CAPITAL. **Presentan alternativas de reasentamiento para Portobelo con viviendas del Plan Progreso (2021).** Disponível em: <<https://elcapitalfinanciero.com/presentan-alternativas-de-reasentamiento-para-portobelo-con-viviendas-del-plan-progreso/>>. Acesso: 13 de fevereiro 2022.

FRANCO, Lidia. **Festividad del Cristo Negro de Portobelo.** In: Coordinación Educativa y Cultural Centroamericana. Nuestra Cosmovisión: Creencias, Prácticas y Rituales. Costa Rica: CECC, 1999.

GRACIA, Guillermina-Itzel de. Tierra Firme. Sus primeros asentamientos (finales del siglo XV – inicios del siglo XVI). **Revista de estudios colombinos**, v.5, p.93-106, 2009. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/revista/12493/A/2009>>. Acesso em: 08 de junho 2022.

GUERRA, Teresa del Carmen Céspedes. **Propuesta metodologica para renovar el proceso institucional fortaleciendo la calidad de vida en el corregimiento de Portobelo cabecera distrito de Portobelo provincia de Colon.** Panamá: Universidade do Panamá, 2013. Dissertação (mestrado em geografia regional do Panamá), Faculdade de Humanidades, Universidade do Panamá, 2013.

GODINHO, Durval da Cunha. **História de Porto Nacional.** Goiânia, 1988.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade:** a rede “gaúcha” no Nordeste. Niterói: EDUFF, 1997.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 3 ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** (Traduzido por Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro). 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ICOMOS. **Report on the ICOMOS Advisory Mission to Fortifications on the Caribbean Side of Panama**: Portobelo-San Lorenzo. Paris: ICOMOS, 2014.

ICOMOS. **Advisory Body Evaluation (ICOMOS)**. Paris: ICOMOS, 1980.

IDAAN. **Portobelo y Costa Arriba de Colón contarán con nuevas plantas potabilizadoras**. Disponível em: < <https://www.idaan.gob.pa/portobelo-y-costa-arriba-de-colon-contaran-com-nuevas-plantas-potabilizadoras/>>. Acesso: 12 de mai. 2021.

INEC. **Aspectos geográficos generales (2021)**. Disponível em: <<https://www.inec.gob.pa/archivos/P7761ASPECTOS%20GEOGR%C3%81FICOS%20GENERALES.pdf>> Acesso: 19 de agosto 2022.

INEC. **Diagnóstico de la Población Afrodescendiente en Panamá (2014)**. Disponível em: <https://www.inec.gob.pa/archivos/P6541Afrodescendiente_Integrados.pdf> Acesso: 26 de maio 2021.

INEC. **Diagnóstico de la Población Indígena en Panamá (2010)**. Disponível em: <https://www.inec.gob.pa/archivos/P6571INDIGENA_FINAL_FINAL.pdf> Acesso: 26 de maio 2021.

INEC. **Volumen I: Lugares Poblados de la República:2010**. Disponível em: <https://www.inec.gob.pa/publicaciones/Default3.aspx?ID_PUBLICACION=355&ID_CATEGORIA=13&ID_SUBCATEGORIA=59> Acesso: 26 de maio 2021.

INEC. **Volumen II: Características Generales y Educativas: 2010**. Disponível em: <https://www.inec.gob.pa/publicaciones/Default3.aspx?ID_PUBLICACION=356&ID_CATEGORIA=13&ID_SUBCATEGORIA=59> Acesso: 26 de maio 2021.

INEC. **Volumen III: Características de las Viviendas y Hogares: 2010**. Disponível em: <https://www.inec.gob.pa/publicaciones/Default3.aspx?ID_PUBLICACION=357&ID_CATEGORIA=13&ID_SUBCATEGORIA=59> Acesso: 27 de maio 2021.

INEC. **Resultados Finales Básicos**. Disponível em: <https://www.inec.gob.pa/publicaciones/Default3.aspx?ID_PUBLICACION=360&ID_CATEGORIA=13&ID_SUBCATEGORIA=59> Acesso: 27 de maio 2021.

INEC. **Producto Interno Bruto Provincial, a precios corrientes y en medidas de volumen encadenadas, com año de referencia 2007: años 2014-17 (2017^a)**. Disponível em: <https://www.inec.gob.pa/publicaciones/Default3.aspx?ID_PUBLICACION=903&ID_CATEGORIA=4&ID_SUBCATEGORIA=26>.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades** (Traduzido por Rejane Janowitz). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

JODELET, Denise. **Loucura e representações sociais**. (Traduzido por Lucy Magalhães). 2.ed. Petrópolis, 2015.

LANARI BO, João Batista. **Proteção do Patrimônio na Unesco: ações e significados**. Brasília: Unesco, 2003.

LONDRES, Cecília. Patrimônio e performance: uma relação interessante. In: TEIXEIRA, João Gabriel Lima Cruz; GARCIA, Marcus Vinícius Carvalho; GUSMÃO, Rita. **Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização**. Brasília: ICS- UnB, 2004. p. 19-30.

LECUMBERRY, Michel. **Portobelo San Lorenzo**. Panamá: Txango, 2007.

MAURE, Jackeline; NIETO, Juan A. **Estudio histórico de la perigrinación al Cristo Negro de Portobelo**. Colón, 2000. Trabalho de Conclusão (Licenciatura em Geografia e História), Universidad de Panamá, Colón, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações da psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2015.

NARRATO, Deus. O Canal do Panamá: política e estratégia. **Universitas Relações Internacionais**, v. 13, n. 2, p. 99-106, jul./dez. 2015.

NEWBILL, María Adamés. Patrimonio, territorio y memoria: análisis desde el Distrito Histórico de Panamá. **PatryTer**, n.3, v.2, p.37-48, abr., 2019.

NIGRO, Cíntia. As dimensões culturais e simbólicas nos estudos geográficos: bases e especificidades da relação entre patrimônio cultural e geografia. In: PAES, Maria Tereza Duarte; OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva. (Orgs.). **Geografia, Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Annablume, 2010.

RIBEIRO, Darcy. “Prefácio”; “Primeira Parte. A civilização ocidental e nós”. In: **As Américas e a Civilização: Formação Histórica e Causas do Desenvolvimento Desigual dos Povos Americanos**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

MARTÍNEZ, Rodolfo Alejandro Suñé. **Manual para guias turísticos en el sitio monumental de Portobelo**. Portobelo: Patronato de Portobelo y San Lorenzo, 2019.

PANAMÁ. Controladoría General de la República. Instituto Nacional de Estadística y Censo. **Panamá en cifras: años 2012-16**. Panamá: INEC, 2017.

PANAMÁ. **Constitución Política de la República de Panamá**. Cidade do Panamá: Asamblea Nacional, 1972.

PANAMÁ. Lei nº 68, de 11 de junho de 1941. Dispõe sobre Monumentos Históricos Nacionales. **Panamá**, cidade do Panamá, 19 jun.1941.

PANAMÁ. Lei nº 91, de 22 de dezembro de 1976. Dispõe sobre por la cual se regulan los Conjuntos Monumentales Historicos de Panamá Viejo, Portobelo y el Casco Antiguo de la Ciudad de Panama, **Panamá**, cidade do Panamá, 12 de jan. 1977.

PANAMÁ. Decreto-lei nº 1366, de 28 de dezembro de 2012. Que modifica el decreto ejecutivo no. 43 de 16 de junio de 1999, por el cual se reglamentan los capitulos ii y iii de la ley 91 de 22 de diciembre de 1976 y se establece el Ordenamiento Territorial del parque nacional de Portobelo y el Conjunto Monumental Histórico de Portobelo. **Gaceta Oficial**, Panamá, año 2012, n.27197, p.3-14, 04 de janero de 2013.

PANAMÁ. Ley nº 63, de junio de 1974. Crea el Instituto Nacional de Cultura. **Gaceta Oficial, Panamá**, año 1974, n. 17622, p.4-6, 25 jun. 1974.

PANAMÁ. Ley nº 90, de 15 de agosto de 2019. Crea el Ministerio de Cultura y dieta otras disposiciones. **Gaceta Oficial**, Panamá, año 2019, n. 28840-A, p.1-15, 15 ago. 2019.

PANAMÁ. Resolución nº 164-18/DNPH, de 18 de mayo de 2018. Por la cual se dispone fijar los limites y zonas de amortiguamiento de las ruinas y monumentos del Conjunto Monumental Histórico de Portobelo. **Gaceta Oficial**, Panamá, año CXVII, n. 28574-A, p.13-37, 18 de may. 2018.

PANAMÁ. Resolución nº 201-15/DNPH, de 28 de septiembre de 2015. Aproba planos de Canal Plubial Abierto, Inyección de Resina, Escollera de Protección, Drenaje Francés, del Fuerte de San Jerónimo. **Instituto Nacional de Cultura**, Panamá, p.1-2, 28 de sep. 2015.

PANAMÁ. Resolución nº 292-18/DNPH, de 13 de septiembre de 2018. Aproba planos finales del proyecto denominado “Levantamiento, diagnostico y conservacion de la Bateria de San Jeronimo”. **Instituto Nacional de Cultura**, Panamá, p.1-2, 13 de sep. 2018.

PARRINELLO, Sandro. La documentación sobre las fortalezas de Portobelo en Panamá. Estudio para la protección de la imagen histórica. In: VII Encuentro Internacional Ciudad Imagen y Memoria. 7., 1-12. mai. 2011, Santiago de Cuba. **Anais eletrônicos...** Cuba: UPV, 2011. Disponível em: <
https://www.researchgate.net/publication/335985285_La_documentacion_sobre_las_fortalezas_de_Portobelo_en_Panama_Estudio_para_la_proteccion_de_la_imagen_historica_Las_investigaciones_para_el_conocimiento_y_recuperacion_del_Patrimonio>. Acesso em: 22 de ago. 2022.

PATRONATO. **Objetivos del Patronato**. Disponível em:
<<https://ppysl.org/sanlorenzo/footer-modern.html>>. Acesso: 16 mai. de 2023.

PATRONATO. **El Patronato y su historia**. Disponível em<
<https://ppysl.org/sanlorenzo/footer-corporate.html>>. Acesso: 16 mai. de 2023.

PATRONATO. **State of conservation reports**. Disponível em: <
<https://whc.unesco.org/em/list/135/documents/>>. Acesso: 25 mar. 2023.

PELLON, Nivio Lopez. **Portobelo**: Um tema universal. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2019.

RABELLO, Sonia. **O tombamento**. (2015). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Tombamento%20pdf.pdf>> Acesso em: 20 de maio 2016.

RÍOS, Denis Alfonso Couto. Leyendas del origen del Cristo Negro de Portobelo. **Revista La Gaiyota**, Panamá, ano 1, n.3, p.6, 2008.

ROCHA, Lurdes Bertol. Fenomenologia, semiótica e geografia da percepção: alternativas para analisar o espaço geográfico. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v.4, n.1, p.67-79, 2003.

ROSENDAHL, Zeny. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina 5, 12928-12942. mar. 2005, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2005. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/38.pdf>>. Acesso em: 11 de jan. 2023.

ROSENDAHL, Zeny. **Uma procissão na geografia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

SANTOS, Carlos Murilo Prado. Versões e contravenções: as contradições do tombamento e a refuncionalização do patrimônio cultural de São Luiz do Paraitinga/SP. In: PAES, Maria Tereza Duarte; OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva (Orgs.). **Geografia, Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Annablume, 2010, p.155-178.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. Preservar não é tomar, renovar não é pôr tudo abaixo. **Projeto**, n.86. p. 59-63, abr., 1986.

SCIFONI, Simone. **A construção do patrimônio natural**. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, 2006.

SCIFONI, Simone. **Práticas da preservação na França, México e Brasil: convergências de um debate**. Revista CPC, São Paulo, n.21 especial, p.49-66, 1.sem. 2016.

SECCHI, Leonardo. **Políticas Públicas: conceitos, esquemas de análise, casos práticos**. 2ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

SOSA, Juan B.; ARCE, Enrique. **Compendio de História de Panamá**. Panamá: Casa editorial del “Diário de Panamá, 1911.

TUAN, YI-FU. **Topifilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. (Traduzido por Livia de Oliveira). São Paulo: DIFEL, 1980.

UNESCO. **Authenticity**. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/list/135/>> Acesso: 09 de mar. 2023.

UNESCO. **Decisions adopted By the world heritage committee At its 36th session (2012b)**. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/archive/2012/whc12-36com-19e.pdf>> Acesso: 10 de mar. 2023.

UNESCO. **Fortifications on the Caribbean Side of Panama: Portobelo-San Lorenzo** (2012). Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/135>>. Acesso: 11 de abr. 2019.

UNESCO. **Convenção para a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural**. Paris: UNESCO, 1972.

UNESCO. **Integrity**. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/list/135/>> Acesso: 09 de mar. 2023.

UNESCO. **List of World Heritage in Danger**. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/danger/>> . Acesso: 10 de mar. 2023.

UNESCO. **Number of World Heritage Properties by region**. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/list/stat>>. Acesso: 10 jun. de 2023.

UNESCO. **Orientações técnicas para aplicação da Convenção do Património Mundial**. (Traduzido por Francisco Agarez). Lisboa: Unesco, 2012a.

UNESCO. **Orientações técnicas para aplicação da Convenção do Património Mundial**. (Traduzido por Francisco Agarez). Lisboa: Unesco, 2017.

UNESCO. **Outstanding Universal Value**. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/list/135/>>. Acesso: 09 de mar. 2023.

UNESCO. **World Heritage Interactive Map**. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/interactive-map/?search>>. Acesso: 10 jun. de 2023.

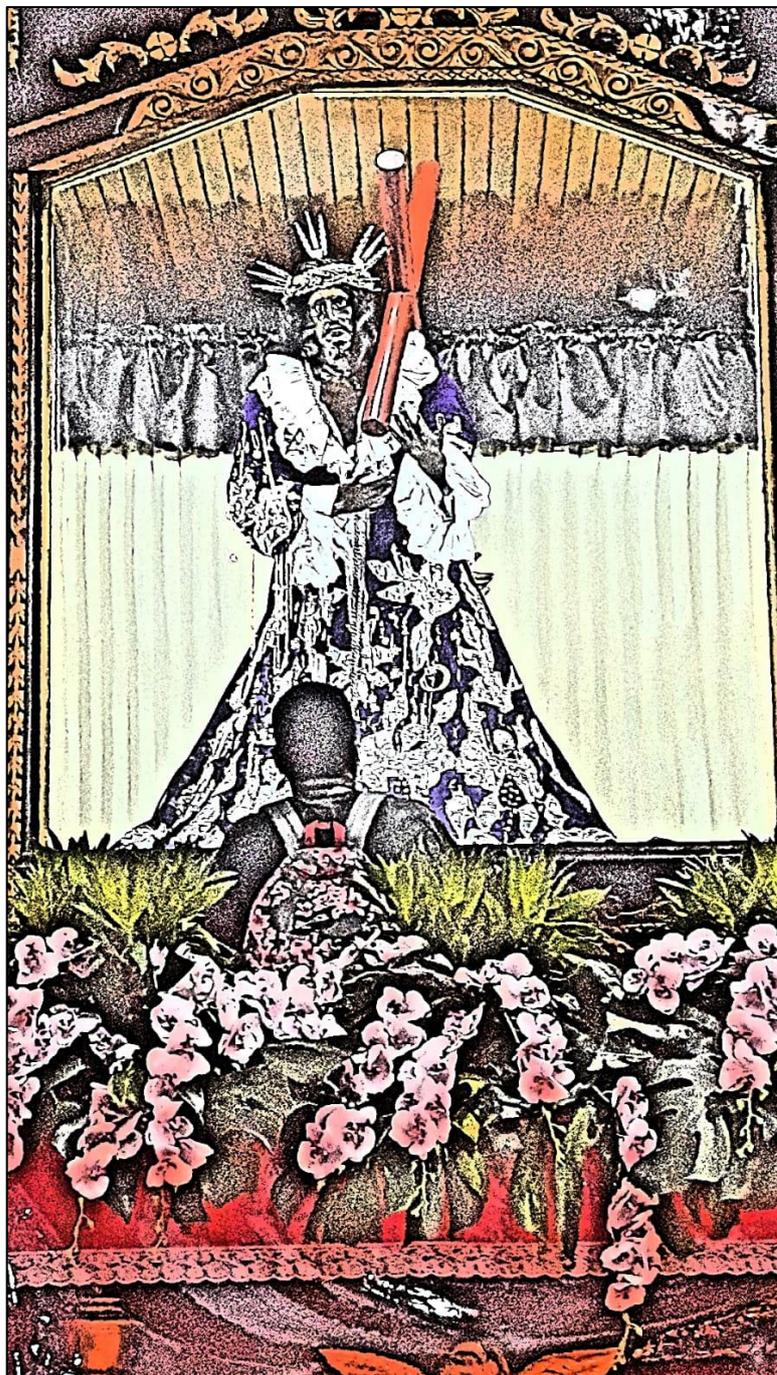
VÁSQUEZ, Abdiel V. Valdés; BARCIA, Jahmei F. Mikalunakus. **Marchas para la procesión del Cristo Negro de Portobelo**: transcripciones y arreglos musicales. 2009. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidad de Panamá, Cólón, 2009.

ZULUAGA, Patrícia Cordona. Panamá: el istmo de la discordia. Documentos relativos a la separación de Panamá y a la normalización de las relaciones entre Estados Unidos y Colombia. **Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades**, ano 17, n.33, p.281-3-5, 2015.

WELLS, Jeremy. Aspectos teóricos e aplicados da integração da fenomenologia à prática da conservação do patrimônio (Traduzido por Letícia Padua). **Geograficidade**, v.6, n.1, p. 4-17, verão 2016.

ANEXOS

ANEXO A - Ilustração da capa: Imagem do Cristo Negro



Fonte: Acervo Pessoal, 2019. Nota: Fotografia editada pela autora, 2023.



APÊNDICE

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Agentes públicos e privados responsáveis pela manutenção e preservação do forte de San Jerónimo

1. O que o poder público tem feito para que o forte de San Jerónimo seja retirado da Lista do Patrimônio Mundial em Perigo?

2. Quais as ações que o poder público tem feito para a manutenção e preservação do forte de San Jerónimo?

3. Existem políticas públicas para a proteção e manutenção do forte de San Jerónimo? Se sim, poderia falar sobre elas?

4. Existe algum projeto e/ou programa que visa a proteção do forte de San Jerónimo? Se sim, quais? Poderia falar sobre?

5. Dentro das instituições de ensino, existe alguma conscientização a respeito da preservação do forte de San Jerónimo? Se sim, como é feito? Se não, existe algum projeto para implantação?



APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Moradores da cidade de Portobelo, Panamá

1. Há quanto tempo você reside na cidade de Portobelo?

2. Você conhece a festa do Cristo Negro? Se sim, costuma participar?

3. Qual a importância da festa para a população de Portobelo?

4. O que a festa do Cristo Negro significa para você? Sabe a história de seu surgimento? Se sim, poderia contar? (Em caso de resposta afirmativa na 2ª pergunta)

5. Você conhece o forte de San Jerónimo? Se sim, poderia falar sobre ele?

6. Você sabia que o forte de San Jerónimo é declarado Patrimônio Mundial pela Unesco? Qual a sua opinião sobre este fato?

7. Você sabia que o forte de San Jerónimo foi inserido na lista do Patrimônio Mundial em Perigo no ano de 2012?

Qual a sua opinião sobre tal fato?

8. Qual a importância do forte de San Jerónimo para a população de Portobelo?

9. Você costuma visitar o forte de San Jerónimo? Se sim, por qual motivo?

10. Qual o significado do forte de San Jerónimo para você?

11. Você considera que o forte de San Jerónimo é devidamente preservado pelo poder público?

12. Você tem conhecimento de alguma política pública ou interferência de órgãos governamentais e não governamentais para preservação do forte de San Jerónimo? Se sim, poderia falar sobre?

13. Você considera viável fazer uma relação (conexão) prática entre a festa do Cristo Negro e o forte de San Jerónimo? Teria alguma alternativa ou prática a ser feita favorecendo a preservação do forte?

Sim Não

Se sim, como?



APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Organizadores da festa do Cristo Negro da cidade de Portobelo, Panamá

1. Há quanto tempo você reside na cidade de Portobelo?

2. Fale sobre a festa do Cristo Negro (como surgiu, características, momento festivo etc.)

4. Há quanto tempo você participa da organização da festa do Cristo Negro? Qual é a sua função na organização?

5. Qual o principal motivo que te levou a participar da organização dessa festa?

6. Como é a preparação da festa durante o ano?

7. Qual a importância da festa para a população de Portobelo?

8. O que a festa do Cristo Negro significa para você?

9. Existe algum apoio de instituições públicas ou privadas para a realização da festa? Se sim, quais?

10. Existe alguma política pública ou interferência de órgãos governamentais para realização da festa?



APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Instituições de ensino da cidade de Portobelo, Panamá

1. Na escola é ensinado sobre a importância da preservação patrimonial?

2. É ensinado que a cidade de Portobelo possui um Patrimônio da Humanidade declarado pela Unesco e que está em Perigo? Se sim, como isso acontece?

3. Sobre a proteção e preservação, é feita essa conscientização? Como?

4. A escola promove debates a respeito do problema de políticas públicas de proteção ao patrimônio?



APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO

Participantes da festa do Cristo Negro em Portobelo, Panamá

1. Você reside na cidade de Portobelo?

() Sim () Não

Se sim, há quanto tempo?

2. Há quanto tempo você participa da festa do Cristo Negro?

3. Qual a importância da festa para a cidade de Portobelo?

4. O que a festa do Cristo Negro significa para você? Sabe a história de seu surgimento? Se sim, poderia contar?

5. Você considera a festa do Cristo Negro um símbolo da história e memória da cidade de Portobelo?

() Sim () Não

Por quê?

6. Você conhece o forte de San Jerónimo?

() Sim () Não

Se sim, poderia falar um pouco sobre ele?

7. Você sabia que o forte de San Jerónimo é declarado Patrimônio da Humanidade pela Unesco?

() Sim () Não

Se sim, qual a sua opinião sobre tal fato?

8. Você sabia que o forte de San Jerónimo foi inserido na lista do Patrimônio Mundial em Perigo no ano de 2012?

() Sim () Não

Se sim, qual a sua opinião sobre tal fato?

9. No momento da festa costuma visitar o forte de San Jerónimo?

Sim Não

Se sim, por qual motivo?

10. Qual a importância do forte de San Jerónimo para a cidade de Portobelo?

11. Qual o significado do forte de San Jerónimo para você?

12. Você considera que o forte de San Jerónimo é devidamente preservado pelo poder público?

Sim Não

13. O que você faz para preservar as ruínas do forte?

14. Você considera o forte de San Jerónimo um símbolo da história e memória da cidade de Portobelo?

Sim Não

Por quê?

15. Você considera viável fazer uma relação (conexão) prática entre a festa do Cristo Negro e o forte de San Jerónimo? Teria alguma alternativa ou prática a ser feita favorecendo a preservação do forte?

Sim Não

Se sim, como?



Universidade de Brasília
Departamento de Geografia
Programa de Pós-graduação em Geografia

APÊNDICE F - AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM Y SONIDO DE VOZ PARA FINES DE INVESTIGAÇÃO

Yo, _____, autorizo el uso de mi imagen y / o voz como participante / entrevistado en un proyecto de investigación titulado "La fiesta del Cristo Negro como potencial para la preservación del Forte San Jerónimo", bajo la responsabilidad de Thalyta de Cássia da Silva Feitosa Musskoff, vinculada al Programa de Pós-graduação em Geografia de la Universidade de Brasília, Brasil. Mi imagen y / o voz solo pueden usarse para análisis en esta investigación, presentaciones en conferencias profesionales y / o académicas, actividades educativas, publicaciones científicas, etc.

Soy consciente de que no habrá difusión de mi imagen y / o sonido de voz por ningún medio de comunicación, ya sea televisión, radio o internet, excepto en las actividades relacionadas con la enseñanza y la investigación explicadas anteriormente. También soy consciente de que la vigilancia y otros procedimientos de seguridad relacionados con las imágenes y / o el sonido de la voz son responsabilidad del investigador.

Por la presente declaro que autorizo, libre y espontáneamente, el uso para fines de investigación, como se describió anteriormente, de mi imagen y / o sonido de voz.

Este documento fue elaborado en dos vias, una con el investigador responsable de la investigación y la otra con el participante.

Firma del participante

Firma del pesquisador (a)
Correo electrónico:
thalyta.feitosa@hotmail.com

_____, ____ de _____ de _____.